

**POR UMA
REVOLUÇÃO
ANTIRRACISTA:**



**UMA ANTOLOGIA DE TEXTOS
DOS PANTERAS NEGRAS
(1968-1971)**

**POR UMA
REVOLUÇÃO
ANTIIRACISTA:**

**UMA ANTOLOGIA DE TEXTOS
DOS PANTERAS NEGRAS
(1968-1971)**

**Organização, tradução, introdução
e notas por Henrique Marques Samyn**

Todos os artigos traduzidos nesta antologia e todas as imagens nela reproduzidas foram previamente divulgados em *The Black Panther*. Esta antologia foi produzida apenas para finalidade de estudo e pesquisa, não tendo quaisquer fins lucrativos.

Para contatar o organizador/tradutor, escreva para:
marquessamyn@gmail.com

Samyn, Henrique Marques (org.). *Por uma revolução antirracista: uma antologia de textos dos Panteras Negras (1968-1971)*. Organização, tradução, introdução e notas por Henrique Marques Samyn. Rio de Janeiro: edição do autor, 2018.

**ALL POWER
TO THE
PEOPLE**

Índice

9 | **Sobre esta antologia**

11 | **Por uma revolução antirracista:
síntese histórica e trajetória ideológica
do Partido Pantera Negra**
Henrique Marques Samyn

144 | **Antologia**

145 | **Nota sobre a tradução**

148 | **1. Aos policiais racistas**
Pantera Puranga

152 | **2. O que nós queremos agora!
Em que nós acreditamos**

161 | **3. Advogado de bolso de primeiros
socorros legais**

168 | **4. O manejo correto de uma revolução**
Huey P. Newton

181 | **5. Regras do Partido Pantera Negra**

186 | **6. A mulher preta**
Revolucionário preto

204 | **7. Réquiem preto**
Hosea Mills

214 | **8. A mulher preta revolucionária**
Linda Greene

- 218 | **9. Para todas as irmãs e irmãos
que têm armas**
Chryst deBecker
- 221 | **10. Revolução**
Virgil Morrell
- 226 | **11. Acorrentado à parede**
Melvin Whitaker
- 233 | **12. É chegada a hora**
Jazzie
- 236 | **13. Citações de Huey P. Newton**
- 242 | **14. O capitalismo preto
e o que ele significa**
Landon Williams
- 269 | **15. Verdadeiros revolucionários**
Bobby Seale
- 277 | **16. Fascismo é:**
- 280 | **17. Libertação significa liberdade**
- 285 | **18. Prisão, onde está a tua vitória?**
Huey P. Newton
- 293 | **19. A escola da libertação
do ponto de vista de uma mãe**
- 302 | **20. Sobre a cultura revolucionária**
Emory Douglas
- 307 | **21. Mensagem às mulheres revolucionárias**
Candi Robinson

310 | **22. A Plataforma e Programa de Dez Pontos
do Partido Pantera Negra**

Bobby Seale

321 | **23. Método, tempo e revolução**

Eldridge Cleaver

332 | **24. Sobre a ideologia do
Partido Pantera Negra**

Eldridge Cleaver

359 | **25. Uma carta de Huey para os irmãos e irmãs
revolucionárias sobre os movimentos de libertação
das mulheres e de libertação gay**

Huey P. Newton

367 | **26. Comunicado à imprensa, do Ministro da
Defesa, sobre a captura de Angela Davis**

Huey P. Newton

372 | **27. Arte revolucionária**

Brad Brewer

378 | **28. Comunicado à imprensa:
libertação das mulheres**

383 | **29. Rumo a uma nova constituição**

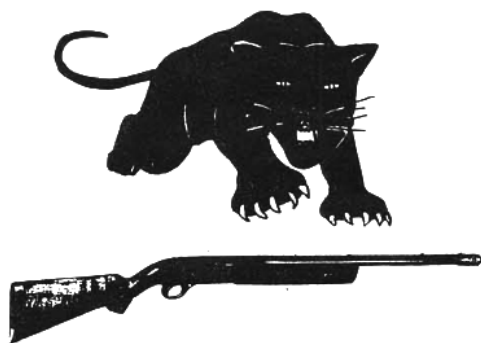
Huey P. Newton

398 | **30. A revolução em nosso tempo de vida**

Ericka Huggins

402 | **Referências bibliográficas**

406 | **Lista de imagens**



Sobre esta antologia

Concebi esta antologia como apenas um ponto de partida para pessoas interessadas no pensamento e nas estratégias políticas dos Panteras Negras, com ênfase no período entre 1968 e 1971 – o período que Ollie Johnson qualifica como os “anos de glória”, ao longo dos quais o grupo nascido na comunidade negra californiana chega a todas as grandes cidades dos Estados Unidos, antes das cisões internas e da “desradicalização” que levariam o Partido a concentrar investimentos no campo da política eleitoral.

Não defendo propriamente uma visão essencialista, nesse sentido – como se os Panteras Negras tivessem se afastado do que seria sua “natureza”; entendo, contudo, que a radicalidade das propostas políticas defendidas pelo Partido Pantera Negra nos anos iniciais foi determinante para que se tornasse uma poderosa força na luta revolucionária antirracista. A partir de 1972, a concentração de esforços para a construção da campanha eleitoral, a postura centralizadora de Huey P. Newton e as mudanças no discurso dos Panteras Negras dariam início a um processo de

assimilação e declínio que se estenderia até 1982.

Justifico o que pode parecer um número excessivo de notas de rodapé pelo propósito de tornar os textos mais acessíveis, facilitando sobretudo a identificação de pessoas e acontecimentos relacionados aos Panteras Negras e de figuras políticas relevantes na época.

POR UMA REVOLUÇÃO ANTIRRACISTA: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra

Henrique Marques Samyn

Em 21 de fevereiro de 1965, domingo, Malcolm X se dirigiu para ao Audubon Ballroom, em Manhattan, para um evento promovido pela Organização para a Unidade Afro-Americana (Organization of Afro-American Unity – OAAU), um dos grupos que fundara recentemente, após deixar a Nação do Islã (Nation of Islam – NOI). O rompimento fora hostil: ao descobrir o comportamento hipócrita do líder da NOI, Elijah Muhammad, que mantivera relações adúlteras com várias jovens mulheres da organização, Malcolm o confrontara; isso havia acentuado uma tensão que já se arrastava há tempos, devido ao comportamento cada vez mais independente de Malcolm. Desde que deixara a organização, ele admitira publicamente que vinha recebendo ameaças de morte. Uma semana antes do evento, sua casa fora atingida por bombas, no meio da noite.

O evento no Audubon Ballroom estava planejado para começar às duas da tarde, mas só havia cerca de 40 pessoas presentes nesse horário – inclusive um homem identificado como pertencente à NOI, sentado na primeira fila, que ostentava na lapela um *pin* da organização. Um dos seguranças da OAAU tentou persuadi-lo a ir para o fundo do salão; o homem reclamou e, após retirar o *pin*, sentou-se no mesmo lugar. Por insistência de Malcolm X, que não quisera incomodar o público, ninguém naquela noite seria revistado, e seus próprios seguranças não deveriam portar armas, à exceção do chefe da equipe.

Às duas e meia, o público estava impaciente. O ministro-assistente de Malcolm na Muslim Mosque, Inc. – o outro grupo fundado por ele após deixar a NOI, de orientação religiosa – fez uma fala introdutória; quando já havia mais de duzentas pessoas presentes, perto das 3 horas, Malcolm finalmente subiu ao palco. Ele apenas proferira a saudação islâmica – “*Assalamu alaikum*” –, prontamente respondida pela plateia, quando houve uma confusão na sexta ou sétima fileira de cadeiras: alguém gritou “Tire suas mãos dos meus bolsos!”, e dois homens começaram a brigar. A equipe de seguranças da OAAU

avançou para conter a briga, e o próprio Malcolm, deixado sozinho no palco, tentou restaurar a normalidade, gritando do palco. Nesse momento, o homem da primeira fileira se levantou, caminhou em direção ao palco, pegou uma escopeta de cano serrado escondida sob seu casaco e a descarregou na direção do líder negro¹.

Uma quantidade imensurável de pretos estadunidenses sentiu a morte de Malcolm X como uma perda pessoal. Entre eles, estava um jovem negro que nascera em uma família pobre, no Texas, filho de um carpinteiro e de uma dona de casa, que agora estudava no Merritt College; seu nome era Robert George Seale, alcunhado "Bobby". Para Bobby Seale, não havia dúvida: Malcolm fora assassinado pela CIA, por ordem do presidente Lyndon Johnson. Embora até hoje não haja provas nesse sentido, sabe-se que tanto a CIA quanto o FBI monitoraram por anos a vida de Malcolm X, estudando estratégias para prendê-lo e alimentando seus conflitos com a NOI; e há relatos segundo os quais Malcolm temia, de fato, que a CIA tentasse matá-lo.

1 Minha base para esse relato é a biografia de Manning Marable: *Malcolm X - uma vida de reinvenções*. Tradução de Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Revoltado, Seale reagiu da forma como era possível a um jovem preto em sua situação: saiu pelas ruas, arremessando tijolos em carros dirigidos por homens brancos. Todavia, não tardou a perceber que essa revolta solitária não passava de um gesto emocional, e se recolheu por uma semana, a fim de se recompor. Ao longo desse período, tomou uma decisão: embora também visse Martin Luther King Jr., líder na luta pelos Direitos Civis, como um herói, Seale faria de si mesmo um novo Malcolm X. Com isso em mente – e com uma cópia de *Os Condenados da Terra*, de Frantz Fanon, em mãos –, procurou um outro jovem negro, também estudante do Merritt College, que considerava articulado e conhecedor da história dos negros, a fim de fundar uma nova organização; seu nome era Huey Percy Newton.

Nascido em Monroe, Louisiana, Huey era o mais jovem dos sete filhos de um agricultor ligado à igreja Batista. Aos 3 anos, a família se mudara para Oakland, na Califórnia, onde Newton vivera uma infância conflituosa: fora expulso de diversas escolas públicas – às vezes, de propósito, para ocultar suas próprias dificuldades de aprendizado; segundo David

Hilliard, que o conheceu na adolescência, Huey conviveria com o estigma de ser considerado um analfabeto, com QI 79. Quando foi para o Merritt College, Huey finalmente começou a desenvolver confiança intelectual, tornando-se um ávido leitor de obras filosóficas e literárias – de W. E. B. DuBois a James Baldwin; de Frantz Fanon a Søren Kierkegaard. Huey também desenvolveria uma notável capacidade para decorar a localização de passagens em páginas e parágrafos de livros².

Bobby Seale encontrara Huey pela primeira vez no início dos anos 1960, em uma das manifestações de rua contra o embargo dos Estados Unidos a Cuba, e ficara impressionado com sua capacidade de argumentar a partir de questões básicas e práticas, não deixando ao interlocutor outra escolha que não encarar os fatos³. Nesse primeiro momento, contudo, Newton rejeitou a ideia de fundar uma nova organização; a seu ver, a tarefa seria impossibilitada pelo fato de que os pretos não conheciam suficientemente bem a sua própria história. Não se deixando abalar pela recusa, Bobby Seale decidiu agir por conta própria. Criou um grupo de estudos

2 Ver Hilliard, 2008, cap. 2.

3 Ver Seale, 1991, p. 14.

africanos e afro-americanos no Merritt College, inicialmente denominado Black History Fact Group, depois rebatizado Soul Students Advisory Council, que conseguiu incluir a história dos negros no currículo da instituição. Em 1966, Seale organizou um evento no Merritt College que incluía um protesto contra a Guerra do Vietnã; 700 pessoas compareceram, lotando o auditório. Huey chegou no final do evento e, impressionado com a quantidade de pessoas que Seale conseguira mobilizar, decidiu unir-se ao grupo.

Não demorou muito a ressurgir a ideia de fundar uma nova organização. Em setembro de 1966, considerando que chegara o momento de fazê-lo, Bobby Seale e Huey Newton se entregaram a essa tarefa no Centro de Serviços de North Oakland, onde trabalhavam. No escritório de assistência jurídica, Huey encontrou a legislação da Suprema Corte da Califórnia, que determinava que todos os cidadãos tinham o direito de acompanhar a atuação dos policiais; Bobby resgatou a Declaração de Independência dos Estados Unidos, da qual os dois parágrafos iniciais seriam aproveitados na primeira redação de um programa que sintetizaria as demandas e ideais da entidade.

O programa, na verdade, foi composto por Huey, com sugestões de Bobby: um programa feito para o povo, que o povo pudesse entender, ler e ver; que não deixasse de ter um sentido filosófico, mas que fosse compreensível – não “um monte de merda esotérica”⁴. Porque era preciso que o grupo tivesse alguma estrutura, foi decidido, ali mesmo, que Bobby seria o Presidente e Huey seria o Ministro da Defesa. Assim foi fundado o Partido Pantera Negra para Autodefesa, com Bobby Seale e Huey Newton tendo redigido o Programa de Dez Pontos no escritório do programa de combate à pobreza⁵ de North Oakland, em 15 ou 22 de outubro de 1966 – Seale deu declarações que apontam para as duas datas; no segundo caso, a fundação teria ocorrido no seu aniversário, o que

4 Seale, 1991, p. 60.

5 O programa de “guerra contra a pobreza” foi implementado pelo governo de Lyndon Johnson em 1964, quando este declarou uma “guerra total contra a pobreza humana e contra o desemprego nos Estados Unidos”. Para uma visão crítica sobre como as medidas de Johnson não superaram as barreiras raciais, ver Quadagno, Jill. *The color of welfare: how racism undermined the war on poverty*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1996.

ele mesmo só teria percebido no fim do dia⁶.

Huey estruturou inicialmente o programa **(2. O que nós queremos agora! Em que nós acreditamos)** em duas partes: "O que nós queremos" e "Em que nós acreditamos". A ideia era apresentar os objetivos práticos do Partido, complementando-os com uma explicação mais filosófica, ainda que orientada para questões concretas. É difícil não enxergar uma inspiração no programa elaborado por Malcolm X para a Nação do Islã, dividida em "O que os muhlins querem" – que apresentava diversos pontos semelhantes aos do Programa dos Panteras Negras, como a demanda por liberdade religiosa, pelo fim da brutalidade policial e pela libertação dos muçulmanos encarcerados, embora adotasse uma perspectiva anti-integracionista; seguida por um programa em doze pontos, "Em que os muhlins acreditam", que sintetizava as crenças da Nação do Islã. No jornal do Partido, a divisão entre as seções seria suprimida a partir de setembro de 1968, quando os pontos de "O que nós queremos" passariam a ser publicados imediatamente acima dos

6 Comparar Seale, 1991, p. 62; e Shames; Seale, 2016.

parágrafos correspondentes de “Em que nós acreditamos”; em algumas edições do segundo semestre de 1969, a parte “O que nós queremos” seria publicada com ilustrações.

WHAT WE WANT NOW!	WHAT WE BELIEVE
TO THOSE POOR SOULS WHO DON'T KNOW BLACK HISTORY, THE BELIEFS AND DESIRES OF THE BLACK PANTHER PARTY FOR SELF DEFENSE MAY SEEM UNREASONABLE. TO BLACK PEOPLE, THE TEN POINTS COVERED ARE ABSOLUTELY ESSENTIAL TO SURVIVAL. WE HAVE LISTENED TO THE RICH PRODUCING WORDS "THREE THINGS TAKE TIME" FOR 400 YEARS. THE BLACK PANTHER PARTY KNOWS WHAT BLACK PEOPLE WANT AND NEED. BLACK UNITY AND SELF DEFENSE WILL MAKE THESE DEMANDS A REALITY. WHAT WE WANT 1. WE WANT FREEDOM, WE WANT POWER TO DETERMINE THE DESTINY OF OUR BLACK COMMUNITY. 2. WE WANT FULL EMPLOYMENT FOR OUR PEOPLE. 3. WE WANT AN END TO THE ROBBERY BY THE WHITE MAN OF OUR BLACK COMMUNITY. 4. WE WANT DECENT HOUSING, FIT FOR SHELTER HUMAN BEINGS. 5. WE WANT EDUCATION FOR OUR PEOPLE THAT EXPOSES THE TRUE NATURE OF THIS DECADENT AMERICAN SOCIETY. WE WANT EDUCATION THAT TEACHES US OUR TRUE HISTORY AND OUR ROLE IN THE PRESENT DAY SOCIETY. 6. WE WANT ALL BLACK MEN TO BE EXEMPT FROM MILITARY SERVICE. 7. WE WANT AN IMMEDIATE END TO POLICE BRUTALITY AND MURDER OF BLACK PEOPLE. 8. WE WANT FREEDOM FOR ALL BLACK MEN HELD IN FEDERAL, STATE, COUNTY, AND CITY PRISONS AND JAILS. 9. WE WANT ALL BLACK PEOPLE WHEN BROUGHT TO TRIAL TO BE TRIED IN COURT BY A JURY OF THEIR PEER GROUP OR PEOPLE FROM THEIR BLACK COMMUNITIES. AS DEFINED BY THE CONSTITUTION OF THE UNITED STATES. 10. WE WANT LAND, BREAD, HOUSING, EDUCATION, CLOTHING, JUSTICE AND PEACE. WHAT WE BELIEVE 1. WE BELIEVE THAT BLACK PEOPLE WILL NOT BE FREE UNTIL WE ARE ABLE TO DETERMINE OUR DESTINY. 2. WE BELIEVE THAT THE FEDERAL GOVERNMENT IS RESPONSIBLE AND OBLIGATED TO GIVE EVERY MAN EMPLOYMENT OR A GUARANTEED INCOME. WE BELIEVE THAT IF THE WHITE AMERICAN BUSINESS MEN WILL NOT GIVE FULL EMPLOYMENT, THEN THE MEANS OF PRODUCTION SHOULD BE TAKEN FROM THE BUSINESS MEN AND PLACED IN THE COMMUNITY SO THAT THE PEOPLE OF THE COMMUNITY CAN ORGANIZE AND EMPLOY ALL OF ITS PEOPLE AND GIVE A HIGH STANDARD OF LIVING. 3. WE BELIEVE THAT THIS RACIST GOVERNMENT HAS ROBBED US AND NOW WE ARE DEMANDING THE OVERDUE DEBT OF FORTY ACRES AND TWO MULES. FORTY ACRES AND TWO MULES WAS PROMISED 100 YEARS AGO AS RETRIBUTION FOR SLAVE LABOR AND MASS MURDER OF BLACK PEOPLE. WE WILL ACCEPT THE PAYMENT IN CURRENCY WHICH WILL BE DISTRIBUTED TO OUR MANY COMMUNITIES. THE GERMANS ARE NOW AIDING THE JEWS IN ISRAEL FOR THE GENOCIDE OF THE JEWISH PEOPLE. THE GERMANS MURDERED 6,000,000 JEWS. THE AMERICAN RACIST HAS TAKEN PART IN THE SLAUGHTER OF OVER 50,000,000 BLACK PEOPLE; THEREFORE, WE FEEL THAT THIS IS A MODEST DEMAND THAT WE MAKE. 4. WE BELIEVE THAT IF THE WHITE LANDLORDS WILL NOT GIVE DECENT HOUSING TO OUR BLACK COMMUNITY, THEN THE HOUSING AND THE LAND SHOULD BE MADE INTO COOPERATIVES SO THAT OUR COMMUNITY, WITH GOVERNMENT AID, CAN BUILD AND MAKE DECENT HOUSING FOR ITS PEOPLE.	5. WE BELIEVE IN AN EDUCATIONAL SYSTEM THAT WILL GIVE TO OUR PEOPLE A KNOWLEDGE OF SELF. IF A MAN DOES NOT HAVE KNOWLEDGE OF HIMSELF AND HIS POSITION IN SOCIETY AND THE WORLD, THEN HE HAS LITTLE CHANCE TO RELATE TO ANYTHING ELSE. 6. WE BELIEVE THAT BLACK PEOPLE SHOULD NOT BE FORCED TO FIGHT IN THE MILITARY SERVICE TO DEFEND A RACIST GOVERNMENT THAT DOES NOT PROTECT US. WE WILL NOT FIGHT AND KILL OTHER PEOPLE OF COLOR IN THE WORLD WHO, LIKE BLACK PEOPLE, ARE BEING VICTIMIZED BY THE WHITE RACIST GOVERNMENT OF AMERICA. WE WILL PROTECT OURSELVES FROM THE FORCE AND VIOLENCE OF THE RACIST POLICE AND THE RACIST MILITARY, BY WHATEVER MEANS NECESSARY. 7. WE BELIEVE WE CAN END POLICE BRUTALITY IN OUR BLACK COMMUNITY BY ORGANIZING BLACK SELF DEFENSE GROUPS THAT ARE DEDICATED TO DEFENDING OUR BLACK COMMUNITY FROM RACIST POLICE OPPRESSION AND BRUTALITY. THE SECOND AMENDMENT OF THE CONSTITUTION OF THE UNITED STATES GIVES US A RIGHT TO BEAR ARMS. WE THEREFORE BELIEVE THAT ALL BLACK PEOPLE SHOULD ARM THEMSELVES FOR SELF DEFENSE. 8. WE BELIEVE THAT ALL BLACK PEOPLE SHOULD BE RELEASED FROM THE MANY JAILS AND PRISONS BECAUSE THEY HAVE NOT RECEIVED A FAIR AND IMPARTIAL TRIAL. 9. WE BELIEVE THAT THE COURTS SHOULD FOLLOW THE UNITED STATES CONSTITUTION SO THAT BLACK PEOPLE WILL RECEIVE FAIR TRIALS. THE 14TH AMENDMENT OF THE U.S. CONSTITUTION GIVES A MAN A RIGHT TO BE TRIED BY HIS PEER GROUP. A PEER IS A PERSON FROM A SIMILAR ECONOMIC, SOCIAL, RELIGIOUS, GEOGRAPHICAL, ETHNOLOGICAL, HISTORICAL AND RACIAL BACKGROUND. TO DO THIS THE COURT WILL BE FORCED TO SELECT A JURY FROM THE BLACK COMMUNITY FROM WHICH THE BLACK DEFENDANT CAME. HE HAVE BEEN, AND ARE BEING TRIED BY ALL WHITE JURIES THAT HAVE NO UNDERSTANDING OF THE "AVERAGE REASONING MAN" OF THE BLACK COMMUNITY. 10. WHEN IN THE COURSE OF HUMAN EVENTS, IT BECOMES NECESSARY FOR ONE PEOPLE TO DISOLVE THE POLITICAL BONDS WHICH HAVE CONNECTED THEM WITH ANOTHER, AND TO ASSUME AMONG THE POWERS OF THE EARTH, THE SEPARATE AND EQUAL STATION TO WHICH THE LAWS OF NATURE AND NATURE'S GOD ENTITLE THEM, A DECENT RESPECT TO THE OPINIONS OF MANKIND REQUIRES THAT THEY SHOULD DECLARE THE CAUSES WHICH IMPEL THEM TO SEPARATION. WE HOLD THESE TRUTHS TO BE SELF-EVIDENT, THAT ALL MEN ARE CREATED EQUAL, THAT THEY ARE ENDOWED BY THEIR CREATOR WITH CERTAIN INALIENABLE RIGHTS, THAT AMONG THESE ARE LIFE, LIBERTY AND THE PURSUIT OF HAPPINESS. THAT TO SECURE THESE RIGHTS, GOVERNMENTS ARE INSTITUTED AMONG MEN, DERIVING THEIR JUST POWERS FROM THE CONSENT OF THE GOVERNED. - THAT WHENEVER ANY FORM OF GOVERNMENT BECOMES DESTRUCTIVE OF THESE ENDS, IT IS THE RIGHT OF PEOPLE TO ALTER OR TO ABOLISH IT, AND TO INSTITUTE NEW GOVERNMENT, LAYING ITS FOUNDATION ON SUCH PRINCIPLES AND ORGANIZING ITS POWERS IN SUCH FORM AS TO THEM SHALL SEEM MOST LIKELY TO EFFECT THEIR SAFETY AND HAPPINESS. PRUDENCE, INDEED, WILL DICTATE THAT GOVERNMENTS LONG ESTABLISHED SHOULD NOT BE CHARGED FOR LIGHT AND TRANSIENT CAUSES; AND ACCORDINGLY ALL EXPERIENCE TAUGHT US, THAT MANKIND ARE MORE DISPOSE TO SUFFER, WHILE EVILS ARE SUFFERABLE, THAN TO RISK THEMSELVES BY ABOLISHING THE FORMS TO WHICH THEY ARE ACCUSTOMED. BUT WHEN A LONG TRAIN OF ABUSES AND USURPATIONS, PURSUING INVARIABLY THE SAME OBJECT, EVINCES A DESIGN TO REDUCE THEM UNDER ABSOLUTE DESPOTISM, IT IS THEIR RIGHT, IT IS THEIR DUTY, TO THROW OFF SUCH GOVERNMENT, AND TO PROVIDE THEM GUARDS FOR THEIR FUTURE SECURITY.

O Programa de Dez Pontos publicado em *The Black Panther*, v. 1, n. 2 (15 de maio de 1967)

Os Panteras Negras sempre enfatizaram que o Programa de Dez Pontos não surgira espontaneamente: ali se reuniam demandas

que já se arrastavam há 400 anos, e o que se buscava era a reparação para situações que contribuíram decisivamente para a situação enfrentada pelos negros nos Estados Unidos. Desse modo, como afirma o parágrafo introdutório ao Programa publicado em *The Black Panther*, aqueles dez pontos eram essenciais para a sobrevivência do povo preto. A citação literal de um trecho da Declaração de Independência dos Estados Unidos, no fim do Programa, se associava à visão das comunidades negras como colônias, além de enviar uma mensagem poderosa: os Panteras Negras reivindicavam para si o legado estadunidense de resistência armada contra o despotismo que estabelecera os parâmetros da própria constituição do país⁷.

Num texto publicado cerca de 3 anos após a elaboração do programa (**22. A Plataforma e Programa de Dez Pontos do Partido Pantera Negra**), Bobby Seale enfatiza que aquelas demandas foram produzidas pelo “imperialismo doméstico” estabelecido nos Estados Unidos, que afetava não apenas o

7 Ver “In the shadow of the gun: the Black Panther Party, the Ninth Amendment, and discourses of self-defense”. Em: Lazerow; Williams, 2006. p. 69.

povo preto, mas todos os povos não-brancos; e que a ousadia de um programa capaz de atacar tão violentamente as estruturas sobre as quais se sustentava a fascista sociedade norte-americana fora a causa de todas as perseguições contra o Partido Pantera Negra, que resultara em assassinatos e na prisão de muitos membros por motivos políticos.

O Programa foi elaborado antes mesmo que o Partido fosse nomeado. A ideia para o nome ocorreria cerca de uma semana depois da fundação, quando Bobby mostrou a Huey uma carta que recebera da Organização pela Liberdade do Condado de Lowndes (Lowndes County Freedom Organization – LCF0), no Alabama, entidade fundada em 1965 por Stokely Carmichael, do Comitê Coordenador Estudantil Não-Violento (Student Non-Violent Coordinating Committee – SNCC). O logotipo da organização era uma pantera negra, e o símbolo agradou Huey por conta daquilo que ele entendia ser a natureza da pantera: se encurralada, ela tenta esquivar-se; caso seja impedida de fazê-lo, parte para o ataque. A escolha por esse animal, contudo, estava longe de ser exclusiva: havia dois outros grupos com o mesmo símbolo e o mesmo nome na

Califórnia, um no norte e outro no sul⁸, além de outros grupos de áreas urbanas fora do sul dos Estados Unidos⁹.

Nessa época, o SNCC estava sob uma repressão tão severa que sua própria sobrevivência era incerta, o que levou à decisão de apoiar outras organizações formadas por militantes negros. Em decorrência disso, as lideranças do SNCC – Stokely Carmichael, George Ware e H. Rap Brown – mantiveram contato com os Panteras Negras desde a fundação do grupo, em 1966.

8 O Partido Pantera Negra do sul da Califórnia se dissolveu em janeiro de 1968, tornando-se o capítulo da SNCC em Los Angeles; e o Partido Pantera Negra do norte da Califórnia (que, segundo afirma Seale em *Seize the Time*, era formado por nacionalistas culturais) se desintegrou, restando apenas aquele fundado por Bobby Seale e Huey Newton. Ver Forman, 1997, p. 528.

9 A pantera negra foi sugerida por Ruth Howard, secretária da SNCC que se inspirou no mascote do Clark College em Atlanta, Georgia. O animal não foi o primeiro símbolo proposto por ela, que inicialmente sugerira adotar como símbolo uma pomba branca, ideia amplamente rejeitada pelos membros da LCFO – que, no entanto, viram na pantera negra as mesmas características que tocariam Huey Newton: um animal que, se encurralado, recua, mas depois se engaja em uma luta de vida ou morte. Ver Jeffries, 2010, p. 152-153.

A aproximação entre as entidades levou a rumores, muitos dos quais disseminados por brancos, de que o SNCC estava tentando tomar conta dos Panteras Negras, ou de que os Panteras Negras precisavam do SNCC para arrecadar fundos.

Em junho de 1968, SNCC adotaria a resolução de ajudar na construção do Partido Pantera Negra, e logo surgiria a ideia de uma fusão, que chegou a ser anunciada publicamente; contudo, o processo envolveria grandes tensões. De um lado, as lideranças dos Panteras Negras – talvez intimidadas por estarem vinculadas a um grupo muito mais jovem e ainda em formação – tentariam impor uma fusão em seus próprios termos, atropelando a autonomia do SNCC, a quem acusariam de tentativa de cooptação. De outro lado, os líderes do SNCC não ocultariam suas críticas ao que viam como imaturidade política dos Panteras Negras, a seu ver desprovidos de uma visão mais ampla; desse modo, os Panteras se beneficiariam de um direcionamento que poderia ser oferecido pelo SNCC. Haveria também divergências sobre questões mais práticas: os membros do SNCC julgavam necessário discutir melhor o Programa de Dez Pontos, além de considerarem um erro a proximidade que os

Panteras Negras demonstrariam em relação aos brancos — aliando-se com grupos de esquerda formados por brancos e aceitando dinheiro de brancos na campanha para libertar Huey Newton. De outro lado, os Panteras Negras se revelariam dispostos a usar estratégias de intimidação e de confronto que incomodariam alguns dos principais líderes do SNCC: tanto James Forman quanto Stokely Carmichael se posicionariam contra o uso da violência pelos Panteras Negras, inclusive entre seus próprios membros. Não obstante, seria uma questão de tempo até que os Panteras Negras eclipsassem o SNCC¹⁰.

A divulgação do Programa do Partido não ocorreu de forma displicente: segundo Bobby Seale, Huey não se limitava a entregar folhetos; ele se preocupava em conversar e discutir os pontos do Programa com as pessoas pretas que encontrava, desde estudantes até empregadas domésticas e ex-presidiários. O primeiro membro recrutado para o Partido foi um garoto que dizia ter 16 anos — sendo possível perceber que isso era mentira apenas olhando para ele, segundo Seale —, que fora levado até o centro de combate à

10 Ver Forman, 1997, cap. 64; Bloom; Martin, Jr., 2013, p. 111-114; Smith, 1999, p. 43-44.

pobreza por um amigo, em busca de emprego: era o "Pequeno" Bobby Hutton, que juntaria seu salário aos de Huey Newton e de Bobby Seale para alugar uma loja que funcionaria como primeira sede do Partido, aberta ao público em 1 de janeiro de 1967. Um mês depois, o Partido já contava com aproximadamente 25 membros¹¹.

Os Panteras Negras cedo desenvolveram uma identidade estética, adotando uma espécie de uniforme: camisa azul clara, jaqueta de couro preta, calças e boinas pretas. Isso teria um efeito decisivo para o recrutamento de militantes: andando em grupos, trajados da mesma forma, exibindo ostensivamente as armas, os Panteras Negras transmitiam uma imagem de poder e ousadia que causava um impacto extraordinário nos bairros negros. Esse foi um dos fatores que levou Eldridge Cleaver a unir-se à organização, por exemplo. Nascido em Wabbaseka, Arkansas, ainda criança foi para Phoenix e, em seguida, para Los Angeles. A infância nas mãos de um pai abusivo e violento, que depois abandonou a família, deixariam marcas em Cleaver, que passou a adolescência e os primeiros anos da vida adulta entre reformatórios e prisões. Foi

11 Ver Seale, 1991, p. 77-78.

no cárcere que começou a se interessar por questões raciais e políticas: quando um guarda rasgou uma foto de uma mulher branca que Cleaver prendera na cela e lhe disse para pregar a foto de uma mulher negra, ele começou a se interrogar por que homens negros internalizam o padrão de beleza das mulheres brancas; o assassinato de Emmett Till, menino negro linchado por ter supostamente assobiado para uma mulher branca – fato desmentido pela própria mulher, seis décadas após o episódio – aumentou sua raiva¹². Cleaver se tornou um voraz leitor – de obras de Karl Marx, Thomas Paine e Richard Wright, entre outros – e se uniu à Nação do Islã por algum tempo; quando Malcolm X se afastou do grupo, Cleaver também o fez. Para ele e para os muitos outros presidiários negros que viam em Malcolm um herói, o assassinato deste representou um ponto de virada histórico para a América preta¹³.

Bobby Seale recordou como ele e Huey ficaram impressionados ao ouvir Eldridge Cleaver falando no rádio, como se fosse o próprio Malcolm X; a essa altura, Cleaver

12 Episódio relatado no capítulo “On becoming”, de *Soul on ice* (ver Cleaver, 1999).

13 Ver “Initial reactions to the assassination of Malcolm X”, em *Soul on ice* (Cleaver, 1999).

também já estava interessado em conhecer os Panteras Negras. Como certa vez afirmou, a visão de um grupo de quatro homens pretos uniformizados, cada qual com uma arma – Huey à frente, com uma escopeta na mão direita – foi a mais bela cena que ele já tinha visto. Os Panteras Negras logo o convidaram para participar do grupo. Como estava em condicional, portanto sem poder carregar armas, Eldridge recusou em um primeiro momento; os Panteras insistiram, considerando que ele era melhor escritor do que qualquer um dos outros, e Cleaver prometeu ajudá-los. Ainda em condicional, ele se tornaria um Pantera Negro em maio de 1967, logo após um episódio que tornaria o Partido conhecido em todo o país¹⁴.

Os Panteras Negras já começavam a ser localmente conhecidos, atraindo a atenção da imprensa. A revista *The Examiner* fez uma entrevista com o grupo e publicou uma matéria em que noticiava a existência de um partido antibranco, formado por pretos racistas, que patrulhava a polícia nas comunidades. Isso enfureceu os Panteras, que desde o princípio se haviam definido como um grupo não-racista – o que ensinara não apenas os conflitos com o SNCC, mas

14 Ver Shames; Seale, 2016.

também com os grupos associados ao chamado nacionalismo cultural.

Consoante as perspectivas dos nacionalistas culturais, os afro-americanos possuem uma estética e valores distintos, derivados de uma herança africana compartilhada; em termos políticos, adotavam uma posição anti-integracionista, não reconhecendo distinções entre brancos racistas e não-racistas – todos seriam igualmente opressores –, e se opunham à política de não-violência defendida por Martin Luther King Jr. Exceto por esse último ponto, as outras políticas dos nacionalistas culturais entravam em rota de colisão com as dos Panteras Negras: embora denunciassem a supremacia branca e mantivessem um compromisso com a luta pela libertação preta, os Panteras entendiam que tanto há brancos não-racistas – portanto, aliados em potencial – quanto negros que são inimigos do povo preto – em particular, os negros capitalistas. Voltarei a esse ponto mais adiante.

Ao tomar conhecimento da notícia publicada na *Examiner*, Huey Newton considerou que chegara a hora de enviar a mensagem do Partido para as massas; assim, decidiu

levar os Panteras até diante da sede de alguma prefeitura, o que atrairia os veículos de mídia e ofereceria a repercussão desejada para o ato. Essa decisão foi reforçada pela notícia de que estava prestes a ser aprovada a “Lei Mulford”, concebida especialmente para coibir o uso de armas pelos Panteras Negras. Seu autor, Donald Mulford, era um político republicano conservador que ouvira uma entrevista de Huey em um programa de rádio na qual, ao comentar o sétimo ponto do Programa do Partido, o Pantera reforçara a necessidade de que pessoas pretas se armassem; Mulford entrara no ar, por telefone, prometendo aprovar uma lei que acabaria com as patrulhas armadas dos Panteras Negras.

A ostentação de armas havia sido uma das principais estratégias do Partido, desde sua fundação. Isso, por um lado, tinha um sentido bastante prático: tratava-se de uma forma de defesa contra a violência estatal. Huey Newton percebeu que poderia usar a legislação em favor dos Panteras, visto que a Segunda Emenda à Constituição dos Estados Unidos permite a posse de armamento e as leis da Califórnia autorizavam que cidadãos portassem armas em público, desde que estivessem visíveis

e, quando carregadas em um veículo, fossem descarregadas. Foi assim que, sem violar nenhuma lei, os Panteras Negras começaram a cumprir a tarefa que atribuíram a si mesmos: patrulhar a polícia.

Caminhando por Oakland em grupos, trajando seu “uniforme” característico e exibindo ostensivamente as armas, os Panteras Negras começaram a acompanhar atentamente as ações da polícia: sempre que um indivíduo era parado, questionavam os policiais sobre a acusação e se asseguravam de que não haveria abusos na abordagem. Os Panteras também tinham o cuidado de levar consigo livros de leis, câmeras e gravadores, a fim de registrar quaisquer atos ilegais. Como certa vez afirmou Elaine Brown, Huey Newton e Bobby Seale patrulhavam levando em uma das mãos a arma e, na outra, os livros de leis. Evidentemente, a presença dos Panteras Negras pelas ruas causou grande impressão, sobretudo nos mais jovens; outros, contudo, temiam que desse modo o grupo atraísse ainda mais violência. O primeiro nome da organização — Partido Pantera Negra para Autodefesa — tinha o propósito

de explicitar o sentido meramente defensivo dessa estratégia¹⁵.

Ao mesmo tempo, esse belicismo representava um nítido diferencial em relação aos grupos de estudo e a formas de ativismo mais brandas, sobretudo porque consistia num enfrentamento direto das autoridades policiais¹⁶. Em oposição a outros grupos, os Panteras Negras pareciam verdadeiramente dispostos a recorrer à luta armada. Em seu livro inacabado escrito na Argélia, *Uptight in Babylon*¹⁷,

15 A aprovação da chamada “Lei Mulford” impediria que os Panteras continuassem a ostentar armas; também nesse momento, houve uma mudança no nome da organização: o “Partido Pantera Negra para Autodefesa” passaria a ter por nome apenas “Partido Pantera Negra”. Contra a ideia de que essa mudança evidenciaria uma postura mais reformista do que revolucionária da organização, Bridgette Baldwin defende que esse fato assinalou uma expansão da noção de autodefesa, que ultrapassaria a visão militarista em direção a mecanismos de defesa comunitários contra violências como o desemprego, as moradias precárias e a educação deficitária. Ver Baldwin, Bridgette. “In the shadow of the gun: the Black Panther Party, the Ninth Amendment, and discourses of self-defense”. Em: Lazerow; Williams, 2006.

16 Ver Malloy, 2017; Smith, 1999, p. 38.

17 Excerto publicado em Cleaver, 2006, p. 84. Tradução minha.

Eldridge Cleaver evidencia a impressão que lhe causou a postura dos Panteras Negras. “Malcolm X estava morto, mas o tiroteio que ele previra já havia começado”, afirma Cleaver: “A tocha tinha sido acesa, e grandes cidades por todo o país haviam sido incendiadas por negros que, em total desrespeito ao conselho de [Martin Luther] King, tinham começado a reagir [...] os irmãos que acorreram para se juntar ao Partido Pantera Negra o fizeram pela crença explícita de que estavam se unindo àquele exército, e que eles iriam para a guerra”.

Os primeiros números de *The Black Panther* reforçariam a predisposição bélica do Partido. Se o primeiro número¹⁸ enfatizava – e grifava – que os negros deveriam se armar para “autodefesa”, dois meses depois o próprio Newton já enfatizava a importância das armas como “ferramenta básica de libertação”, e alertava: “Nós [o povo preto] fomos forçados a construir a América e, se formos forçados, nós a destruiremos. O resultado imediato dessa destruição será sofrimento e derramamento

18 *The Black Panther*, v. 1, n. 1. 25 de abril de 1967.

de sangue. Mas o resultado final será a paz perpétua para toda a humanidade"¹⁹.

A edição seguinte já trazia uma lista de armas recomendadas para os membros do Partido, com direito a um pequeno poema assinado por Huey que se encerrava com as palavras: "Se você não acredita no chumbo, você já está morto"²⁰. A apologia ao belicismo logo se faria presente nas ilustrações de Emory Douglas – é especialmente interessante uma em que um filho pede ao pai, como presente de aniversário, "uma metralhadora, uma espingarda, uma caixa de granadas de mão, uma caixa de dinamite e uma caixa de fósforos"²¹. E um exemplo da preocupação em orientar o uso das armas para fins revolucionários é o texto em que Chryst deBecker enfatiza a necessidade de utilizá-las para combater o inimigo, evitando situações de risco – sobretudo aquelas que poderim colocar os irmãos uns contra os outros – e prejuízos devido à

19 Huey P. Newton, "In defense of selfdefense..."
Em: *The Black Panther*, v. 1, n. 3. 20 de junho de 1967. Esse parágrafo foi reproduzido em 10.
Citações de Huey P. Newton.

20 Huey P. Newton, "Guns Baby Guns". Em: *The Black Panther*, v. 1, n. 4. 3 de julho de 1967.

21 *The Black Panther*, v. 1, n. 4. 3 de julho de 1967. Reproduzida na página 147 desta antologia.

desorganização ou ao despreparo (**9. Para todas as irmãs e irmãos que têm armas**).

Tendo recebido a notícia de que Mulford estava prestes a aprovar a lei que restringiria o porte de armas, no dia 2 de maio de 1967 o Partido Pantera Negra enviou uma caravana de carros para Sacramento; nos veículos seguiam 6 mulheres e 24 homens, 20 dos quais armados. A decisão de ir para a capital fora de Huey Newton, mas ele mesmo não seguiu com o grupo – por exigência dos líderes do Partido, que temiam por sua vida. A entrada da caravana em uma cidade que, na época, tinha uma população branca que ultrapassava os 80% causou o efeito esperado: Bobby Seale registrou que muitos brancos ficaram estarecidas com a visão dos carros cheios de pretos armados.

Os Panteras Negras seguiram em marcha, exibindo as armas, até a Câmara da Assembleia de Sacramento. Em certo momento, alguém comentou: “Vejam Reagan correndo!” – de fato, Ronald Reagan, recentemente eleito governador da Califórnia, estava discursando para um grupo de adolescentes; ao ver os Panteras, os adolescentes correram em sua direção, e Reagan desapareceu. A imprensa que o

acompanhava passou a seguir os Panteras Negras.

Quando entrou na Câmara, o grupo se viu cercado de pessoas brancas aterrorizadas. Houve uma altercação com os guardas; um deles tomou a arma do "Pequeno" Bobby Hutton – que o xingou de todas as formas, diante das câmeras –, e outros começaram a imobilizar os Panteras Negras, que os confrontaram: por que estavam sendo presos, se nenhuma lei fora violada? Ainda dentro da Assembleia, Bobby Seale leu o mandato executivo escrito por Huey Newton: o texto acusava de racismo a proposta de lei que proibia o porte de armas carregadas; além disso, afirmava que chegara a hora de o povo preto se armar contra o terror e que a lei de Mulford tornara mais próxima a "hora da destruição". Após deixarem a Assembleia, todos os Panteras, à exceção das mulheres, foram arbitrariamente detidos – mesmo Cleaver, que só portava uma câmera. De todo modo, o objetivo mais importante fora alcançado: os Panteras Negras haviam enviado sua mensagem para todos os Estados Unidos da América²².

22 Ver Seale, 1991, "Niggers with guns in the State Capitol"; Malloy, 2017, cap. 2.

A “invasão” de Sacramento, termo que boa parte da imprensa usou para referir-se ao episódio, constituiu um divisor de águas na história do Partido Pantera Negra, que chegara ao noticiário internacional. Isso facilitou o trabalho de obter dinheiro para pagar as fianças dos 24 Panteras encarcerados – 2.200 dólares para cada um –, e também colocou o Partido no centro das atenções: jornalistas não paravam de telefonar para o Ministro da Informação, Eldridge Cleaver. Tornara-se premente que os Panteras Negras tivessem um veículo próprio para comunicar-se com a sociedade.

É gritante a diferença entre os dois primeiros números de *The Black Panther*. Publicado em 25 de abril de 1967, pouco antes do episódio de Sacramento, o número inicial tem apenas 4 páginas. Seu foco é o assassinato de Denzil Dowell, homem preto de 22 anos morto pela polícia em North Richmond. São elencados 11 fatos que questionam a justificativa apresentada pela polícia para o homicídio: Denzil estava desarmado e impossibilitado de correr devido às sequelas de um acidente automobilístico, por exemplo – o que evidenciaria que o assassinato ocorrera por motivos arbitrários, sendo seu perpetrador um policial que anteriormente

Publicado em 15 de maio, o segundo número de *The Black Panther* não apenas é duas vezes maior, como também traz um conjunto de elementos que se tornarão característicos do periódico – como o grande quadro com o Programa de Dez Pontos do Partido e a famosa foto de Huey P. Newton, feita por um fotógrafo branco sob ordens de Eldridge Cleaver, na qual o fundador do Partido Pantera Negra é visto de frente, com uma postura desafiadora, sentado em uma cadeira entre escudos africanos, segurando em uma das mãos uma espingarda e, na outra, uma lança. A imagem se tornaria icônica, figurando – como pretendia Cleaver – a transferência do nacionalismo cultural do passado, cuja representação era a lança, para a cultura revolucionária do futuro, representada pela espingarda²³. Não obstante, do ponto de vista do próprio Huey Newton, o mais importante eram os escudos – que ele via como uma invenção das pessoas para se defender da lança, criada para aterrorizá-las; desse modo, o escudo era um símbolo do Partido Pantera Negra, concebido para proteger o povo preto contra o imperialismo e contra o racismo²⁴.

23 Ver a introdução de Fredrika Newton em Newton, 2009.

24 Ver Seale, 1991, p. 182.



Foto de Huey Newton, publicada pela primeira vez em *The Black Panther*, v. 1, n. 2 (15 de maio de 1967) e reproduzida em outros números do jornal, que se tornaria uma das imagens mais conhecidas dos Panteras Negras

A manchete do jornal, "A verdade sobre Sacramento", contextualiza o episódio, articulando-o com o assassinato de Denzil Dowell; além disso, interpreta a reação dos brancos ao Partido como expressão do racismo e propõe um sentido mais amplo para o feito: "O que foi evidenciado pela aparição de homens pretos armados na capital é que os pretos não são mais regidos pelo medo, que não somente estão os pretos ainda prontos para morrer, mas agora estão prontos para matar". O jornal

traz também uma “seção das irmãs” — que não teria continuidade, mas que já sinaliza uma abertura para questionamentos sobre a ordem dos gêneros que se reafirmaria em números futuros — e um excerto do discurso de Malcolm X “O voto ou a bala” [*“The ballot or the bullet”*], além de outras matérias.

Dois textos publicados neste segundo número demonstram exemplarmente as estratégias políticas adotadas pelo Partido Pantera Negra. Um texto dirigido à polícia (**1. Aos policiais racistas**) encerra um violento ataque contra aqueles que “desonraram o próprio nome” e se tornaram “inimigos do povo”, portanto, “um problema que deve ser resolvido”, definindo a tarefa que os Panteras Negras atribuem a si mesmos neste cenário: “O PARTIDO PANTERA NEGRA PARA AUTODEFESA está aqui para defender as pessoas da sua insanidade e da sua sede de sangue”. Já o “advogado de bolso” (**3. Advogado de bolso de primeiros socorros legais**) tem o evidente propósito de facultar aos pretos subsídios legais para reagir em caso de abordagens policiais, conscientizando-os de seus direitos, orientando-os a respeito de estratégias conhecidas — como evitar conversações “amigáveis” e não assinar

declarações — e sobre como conseguir advogados. Tratava-se, portanto, de oferecer aos pretos instrumentos para que pudessem reagir de forma autônoma contra os abusos policiais.

No discurso dos Panteras Negras, a polícia surge como o principal instrumento para a preservação da ordem fascista. E o que é o fascismo? Na terminologia dos Panteras, é o produto da soma do capitalismo e do racismo. Um pequeno texto intitulado "Fascismo", publicado em *The Black Panther*, define-o como "a ditadura terrorista escancarada dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas (racistas) e mais imperialistas do capital financeiro"²⁵. Por outro lado, para os Panteras Negras, o racismo é uma estratégia implementada em função do capitalismo. Como podemos ler em outro texto, "nós sabemos que o capitalista, por sua própria natureza, é um sanguessuga. Agora, para que ele seja um sanguessuga, as condições devem ser tais que coloquem à disposição do sanguessuga o sangue de alguém para ser sugado"; desse modo, "a estrutura de poder dos porcos perpetua o racismo como uma ferramenta para dividir e

25 "Fascism". *The Black Panther*, v. 3, n. 8. 14 de junho de 1969.

conquistar”²⁶. Em um texto que pergunta “o que é o fascismo”, concluem os Panteras Negras que fascistas são todos os políticos e homens de negócios que, recorrendo à violência e à hipocrisia, incentivam a exploração do povo e as guerras raciais, dentro e fora dos Estados Unidos (**16. Fascismo é:**). Isso não quer dizer, evidentemente, que o racismo fosse minimizado pelos Panteras Negras; mas que, em sua visão, o racismo na sociedade contemporânea é sustentado pelo capitalismo. Não por acaso, os currículos das Escolas de Libertação dos Panteras Negras tinham como centro a luta de classes.

Ainda no que tange à polícia, cabe observar que, nas inúmeras vezes em que os Panteras Negras comparam a polícia estadunidense à Gestapo, isso não se resume a uma metáfora: para eles, não havia dúvida de que os policiais utilizavam, no âmbito das comunidades pretas, táticas muito similares (se não idênticas) àquelas empregadas pelos agentes nazistas. Isso incluía o recurso ao assédio, à tortura, à intimidação e à

26 “Can the capitalism exist without racism?”. *The Black Panther*, v. 3, n. 30. 15 de novembro de 1969.

disseminação do medo; em outras palavras: para a polícia, tudo era permitido quando se tratava de defender as estruturas racistas. E vale dizer que essa percepção não se fazia presente apenas no discurso dos círculos dominantes do Partido Pantera Negra. Quando, em sua autobiografia, Wayne Pharr recorda o histórico embate, em dezembro de 1969, no qual os Panteras Negras do Sul da Califórnia sustentaram um tiroteio de cinco horas contra policiais da SWAT – o que rendeu ao grupo setenta e duas acusações criminais, entre elas a de tentativa de homicídio –, recorda a fala na qual o advogado Joe Reichmann comparou ostensivamente o ataque da SWAT a um *raid* da Gestapo na Alemanha nazista, o que justificou a reação dos Panteras Negras²⁷.

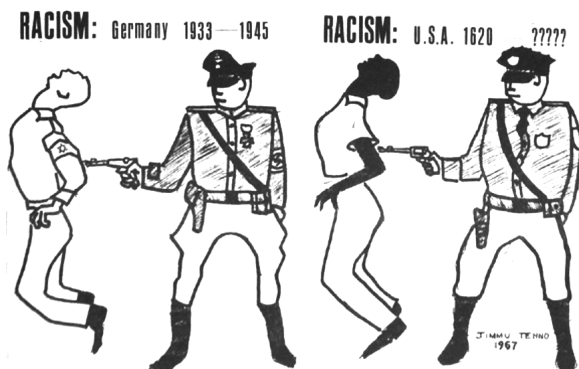


Ilustração em *The Black Panther* (v. 1, n. 5; 20 de julho de 1967) comparando a polícia estadunidense à Gestapo nazista

27 Ver Pharr, 2014, p. 249–250.

É no terceiro número de *The Black Panther* que a contribuição artística de Emory Douglas ganha espaço. Tendo nascido em Grand Rapids e crescido em San Francisco, Emory fora encarcerado na Youth Training School em Ontario, Califórnia, em cuja gráfica trabalhara; posteriormente, estudara design gráfico no San Francisco City College. Eleito Ministro da Cultura do Partido Pantera Negra, Emory transformaria *The Black Panther* em um jornal esteticamente poderoso, que serviria como meio privilegiado para veiculação de sua arte — invariavelmente politizada, mesmo quando figurasse cenas do cotidiano da comunidade preta ou personalidades de interesse para os Panteras Negras. Nos mais de quinhentos números posteriormente publicados de *The Black Panther*, o jornal traria notícias, manifestos, informações sobre campanhas políticas, artigos teóricos, anúncios de eventos e manifestações, divulgação de programas e serviços comunitários implementados pelos Panteras Negras, poesias e charges produzidas por membros do Partido, além de vender material de caráter político (inclusive cartões comemorativos com a “arte revolucionária”

de Douglas) e promover livros publicados por seus membros.

Emory Douglas caracterizaria o artista revolucionário como aquele capaz de se tornar “um com o povo ao ir para o seu seio, não permanecendo à distância, e indo para a própria dureza da luta prática”

(20. Sobre a cultura revolucionária).

Consoante Emory, a arte revolucionária extrai sua forma da luta popular, ajustando-se ao novo modo de vida que consiste na própria luta revolucionária; por outro lado, ela constitui uma das formas de uma “nova cultura” que, em oposição à “velha cultura” baseada na exploração, emerge da cooperação. As condições para emergência dessa “nova cultura” seriam propiciadas por programas implantados pelo Partido Pantera Negra, que ofereceriam às pessoas o necessário para que pudessem viver dignamente e favoreceriam a construção de “uma cultura que trabalhe pelos interesses do povo”. Há, portanto, uma relação necessária entre a luta revolucionária, a cultura revolucionária e a arte revolucionária – o que torna possível definir o tipo de artista concebido por Emory Douglas como aquele capaz de extrair a forma de sua arte do processo pelo qual o povo produz

uma nova realidade, voltada para seus próprios interesses.

As considerações apresentadas por Brad Brewer sobre a “arte revolucionária” (27. **Arte revolucionária**) pouco se afastam daquelas apresentadas por Douglas. “A principal coisa sobre um artista revolucionário é que ele é, primeiro, um revolucionário”, afirma Brewer, criticando veementemente todos aqueles que se veem em primeiro lugar como artistas ou escritores, assim produzindo obras que não satisfazem “as necessidades básicas do povo”. Quando se vive em uma sociedade racista e capitalista, não há tempo para ser abstrato, afirma Brewer: é preciso manter o compromisso com a própria sobrevivência. É fundamental atentar para as considerações finais do texto – que, evocando as palavras de Huey Newton (em 4. **O manejo correto de uma revolução**), sustentam que “a comunidade preta basicamente não é uma comunidade leitora”, o que determina uma tarefa para o “artista revolucionário”: a de educar o povo através de sua arte. Os textos de Emory Douglas e Brad Brewer oferecem, desse modo, importantes subsídios para uma compreensão do tipo de arte estampado nas

páginas de *The Black Panther* e valorizado pelos Panteras Negras.

Ainda a esse propósito, vale observar que Emory Douglas seria o grande responsável por materializar plasticamente a figura do porco — na definição que muitas vezes aparecerá nas páginas do jornal: aquele animal incapaz de respeitar a lei, a justiça e os direitos do povo, que morde a mão que o alimenta e que geralmente se apresenta como vítima de um ataque não-provocado. Os porcos não são apenas os policiais: são todos aqueles que são favorecidos pelas estruturas que oprimem o povo preto — capitalistas, políticos e racistas em geral. Já nos primeiros números de *The Black Panther*, vemos porcos subjugados de todas as formas: há porcos chutados, feridos e humilhados; porcos que sangram, baleados, erguidos por mãos pretas; porcos enquadrados e intimidados por pretos que apontam armas contra as suas cabeças.

Aos olhos dos Panteras Pretas, há uma figura particularmente detestável: negros que se dispõem a colaborar com os porcos. Nesse sentido, nada pode ser mais abjeto do que um negro que se dispõe a servir à polícia, principal instrumento do

fascismo. Muitos textos em *the Black Panther* atacam esses “nigger pigs”; à guisa de exemplo, pode-se citar o virulento texto que ataca a “boneca ultrafascista” Sandra Brown, mulher negra de 23 anos que se formou policial a fim de “brutalizar, aterrorizar e assassinar pessoas da comunidade preta de Oakland”²⁸. Por outro lado, como o porco era uma figura que poderia ser associada a quaisquer inimigos dos Panteras Negras, também os nacionalistas culturais associados à Organização Us, de Ron Karenga – que se envolveria na morte de dois Panteras Negras, como mais adiante relatarei – receberiam esse epíteto.

Com efeito, uma das principais consequências da postura antirracista dos Panteras Negras é a certeza de que pretos podem ser tão opressores quanto brancos. O maior exemplo disso são os pretos capitalistas, violentamente atacados em um texto de Landon Williams (**14. O capitalismo preto e o que ele significa**). A riqueza dos capitalistas foi produzida à custa dos pretos – inclusive a riqueza daqueles pretos capitalistas que enriqueceram explorando outros pretos;

28 *The Black Panther*, v. 5, n. 26. 26 de dezembro de 1970.

desse modo, a mera visão da palavra 'capitalismo' deveria aterrorizar qualquer preto. Em vez disso, os Panteras Negras viam pretos ansiosamente aderindo à política econômica de Richard Nixon, beneficiando-se dessa exploração. Landon Williams recorre a diversos exemplos para demonstrar como a política imperialista e os interesses capitalistas se articulam, não deixando de observar o imperialismo doméstico: a formação dos guetos por capitalistas, de modo a construir lugares "onde uma fonte prontamente disponível de força de trabalho barata pode ser despejada e armazenada até que seja necessária", "com um mercado para se despejar bilhões de dólares em bens baratos e serviços corruptos". Desse modo, para o Partido Pantera Negra, "o capitalismo burocrático como ele existe no mundo de hoje, exatamente aqui e agora, é nosso inimigo principal, e não importa que prefixo de cor você coloque nele, resulta o mesmo".

Pouco menos de seis meses após a "invasão" de Sacramento, em 28 de outubro de 1967, o carro que Huey Newton dirigia, tendo ao seu lado Gene McKinney — também filiado ao Partido —, foi identificado pelo policial John Frey como um dos veículos que

pertenciam aos Panteras Negras. Newton, cujo período de liberdade condicional terminara há poucas horas²⁹, foi parado; Frey imediatamente o reconheceu, referindo-se a ele, em tom de deboche, como o “grande Huey P. Newton”. Frey e Herbert Heanes, policial que viera em seu auxílio, ordenaram que Huey saísse do carro; durante a revista, ele foi humilhado pelos policiais, o que inevitavelmente resultou em uma briga³⁰. John Frey faleceu, quatro vezes baleado; Heanes e Newton também foram baleados, mas sobreviveram. Acusado de assassinato, Huey Newton foi preso. McKinney permaneceu por seis meses escondido na Filadélfia, mas retornou a Oakland para o julgamento; recusando-se a responder a quaisquer questões sobre o caso, foi sentenciado a seis meses, mas permaneceu menos de um mês preso.

A prisão de Huey Newton teria consequências determinantes para o Partido Pantera Negra. Como afirmaria Eldridge Cleaver em seu livro inacabado³¹, para os

29 Huey Newton passara seis meses preso por haver esfaqueado Odell Lee, preto envolvido com o nacionalismo cultural, em 1964, durante uma briga em uma festa.

30 Episódio relatado em Hilliard, 2008, cap. 8.

31 Cleaver, 2006, p. 86. Tradução minha.

Panteras o episódio demarcara o início de uma guerra: “Nós começaríamos com aqueles que já estavam lá, os policiais, que ocuparam nossas comunidades e fizeram chover o terror sobre as cabeças do nosso povo, sem dúvida. Por isso é que estávamos exasperados com aqueles que olhavam para o feito de Huey como apenas uma troca de tiros entre um irmão preto e alguns policiais, e estavam felizes porque Huey tinha vencido. Para nós, aquela fora apenas a rodada de fogo de abertura. Haveria mais. [...] Nós havíamos aprendido a única linguagem que a América entendia, a violência, e estávamos determinados a falar, a ser ouvidos e a ter a última palavra, porque sabíamos que estávamos certos e que a justiça estava do nosso lado”.

A prioridade, evidentemente, seria libertar o líder encarcerado. A campanha “Libertem Huey!” (“*Free Huey!*”) mobilizaria uma vasta rede de apoio, que incluiria grupos de esquerda brancos — entre eles, um grupo de brancos ricos intitulado “Amigos dos Panteras” (Friends of the Panthers), que incluía atores como Burt Lancaster, Elizabeth Taylor, Jane

Fonda e Vanessa Redgrave³². A campanha manteria os Panteras Negras sob os holofotes, alcançando repercussão internacional. Uma grande convenção teve lugar em 17 de fevereiro de 1968, data de aniversário de Huey Newton, reunindo diversos líderes da comunidade preta, como Stokely Carmichael e James Forman, do SNCC, e mesmo Ron Karenga, líder nacionalista cultural que posteriormente se tornaria um dos grandes inimigos dos Panteras.

Em 1969, seria realizado um outro evento, contando com a participação de figuras como Tom Hayden, líder branco do movimento pelos Direitos Civis e ativista contra a Guerra do Vietnã, e o reverendo Earl Neil, da Igreja Episcopal de Oakland, líder preto aliado dos Panteras. Uma edição de *The Black Panther* publicada neste ano traria, em celebração ao aniversário de Huey Newton³³, um conjunto de citações extraídas de seus textos, oferecendo uma síntese de seu pensamento e reforçando seu

32 Muitos brancos, contudo, aproveitaram a ocasião para reforçar sua oposição aos Panteras. Os *Hell's Angels*, por exemplo, fizeram uma campanha pela execução de Huey, usando bottons com a inscrição "*Fry Huey!*" ("*Fritem Huey!*").

33 *The Black Panther*, v. 2, n. 23. 17 de fevereiro de 1969.

papel de liderança (13. **Citações de Huey P. Newton**).

Em 1970, novamente na data de aniversário de Huey Newton, anunciaram-se eventos em todo o país — inclusive Nova Iorque, Seattle, Detroit, Chicago, Kansas City e Oregon. Naturalmente, o principal espaço de difusão para a campanha pela libertação de Huey seria *The Black Panther*. De fato, nas páginas do jornal dos Panteras Negras, o fundador do Partido se tornaria uma figura verdadeiramente heroica — diversas fotos suas eram estampadas em cada número; pôsteres com sua imagem eram vendidos, e textos seus continuavam a ser publicados.

Alguns dos mais importantes textos escritos por Huey Newton foram produzidos na prisão. Importantíssimo para compreensão das estratégias adotadas pelos Panteras Negras, “O manejo correto de uma revolução” (4. **O manejo correto de uma revolução**) buscava demonstrar a inutilidade das táticas até então utilizadas pelos pretos que se rebelavam nos guetos — como arremessar tijolos ou lançar coquetéis molotov —, que surtiem poucos efeitos práticos e colocavam as próprias comunidades pretas em perigo. Neste cenário, a função do Partido Pantera

Negra era educar o povo para utilizar as táticas da guerra de guerrilha. Por outro lado, o próprio Partido deveria ser formado por "revolucionários testados", o que minimizaria o perigo de que informantes e oportunistas se infiltrassem em suas fileiras.

Não menos importante era alcançar visibilidade para a organização, de modo a obter a confiança do povo, antes que o Partido fosse obrigado a "descer aos subterrâneos". Como Huey elucidaria posteriormente, nesse ponto o texto respondia às críticas provenientes de um outro grupo preto, o Movimento de Ação Revolucionária [Revolutionary Action Movement], que criticava os Panteras por exibirem armas e agirem abertamente, optando por operações secretas; todavia, na visão de Huey Newton, isso acabava por afastar o grupo da comunidade, podendo mesmo levá-la a temê-lo³⁴. Nesse sentido,

34 Essas afirmações de Huey Newton estão em "On the defection of Eldridge Cleaver from the Black Panther Party and the defection of the Black Panther Party from the Black community", publicado em *The Black Panther*, v. 6, n. 12. 17 de abril de 1971. Alvo das mesmas operações da COINTELPRO que minaram o Partido Pantera Negra, o Movimento de Ação Revolucionária se dissolveu em 1969.

teriam um papel primordial a publicação de *The Black Panther* e os eventos e ações realizados pelos Panteras junto à comunidade preta.

Ilustração publicada em *The Black Panther* (v. 2, n. 2; 4 de maio de 1968), defendendo o fim das revoltas e a implementação da guerra de guerrilha (ataques em grupos de 2 e 3 militantes). Notem-se o cartaz relembrando a morte de Bobby Hutton, "assassinado pelos porcos de Oakland"; e o cupom a ser utilizado por doadores que pudessem contribuir para o fundo de defesa em prol de Huey Newton

NO MORE RIOTS

Two's
AND
Three's

FREE

Huey P. Newton Defense Fund
P.O. Box 100
Berkeley, Calif. 94701
Name _____
Address _____ City _____
I Pledge \$ _____
I Enclosed You Will Find \$ _____



Já "Prisão, onde está a tua vitória?" (18. **Prisão, onde está a tua vitória?**)

permanece uma das mais poderosas denúncias da ineficácia do sistema prisional já elaboradas. O ponto central do argumento de Huey Newton é surpreendentemente simples: é possível encarcerar corpos, mas não ideias. Disso decorrem duas falhas fundamentais do sistema carcerário. A primeira falha é a crença de que a prisão de um indivíduo impede a circulação de suas ideias. Como observa Newton, as ideias não estão apenas na mente do

prisoneiro: elas também estão na mente daquelas pessoas que conviveram com ele, e permanecem sendo transmitidas de uma pessoa para a outra. Desse modo, é ilusória a suposição de que, ao aprisionar um indivíduo, suas ideias deixam de circular.

A segunda falha é a crença de que a prisão pode reabilitar alguém. Isso não se aplica a nenhum dos tipos de prisioneiros que Newton identifica: nem aos "capitalistas ilegítimos" — ou seja, aqueles que foram presos por perseguir objetivos capitalistas de forma ilegítima —, nem aos prisioneiros políticos — ou seja, aqueles que foram presos por conspirarem contra o próprio sistema capitalista. Em ambos os casos, os prisioneiros "jogam o jogo" da prisão e dela saem fiéis a seus valores: os "capitalistas ilegítimos" continuarão a perseguir seus objetivos capitalistas, e os prisioneiros políticos persistirão em sua recusa contra o sistema. Assim, conclui Huey Newton, "porque o todo humano é muito maior do que a soma de suas partes, as ideias sempre estarão entre o povo. A prisão não pode ser vitoriosa porque paredes, barras e guardas não podem conquistar ou deter uma ideia".

A visibilidade que os Panteras Negras obteriam com a campanha “Libertem Huey!” propiciaria um aumento nas adesões ao Partido, o que seria alavancado por dois assassinatos que aconteceriam quase ao mesmo tempo, em abril de 1968. No dia 4, no Motel Lorraine, em Memphis, Martin Luther King Jr. foi assassinado com um único tiro; embora James Earl Ray tenha sido condenado pelo crime, a própria família de King exigiu posteriormente a realização de um novo julgamento, que inocentou Ray e sustentou que agências governamentais participaram do assassinato³⁵.

Enquanto representante da resistência não-violenta, King não era uma referência para os Panteras Negras: em sua autobiografia, Huey Newton relembra quando, durante a revolta de Watts, King tentou implementar sua filosofia – o que foi rejeitado por pessoas que, afinal, estavam sofrendo os efeitos imediatos da violência policial. King chegou a ser incluído em uma galeria de “lambedores de botas” publicada em *The*

35 William F. Pepper, advogado de James Earl Ray que representou a família King no novo julgamento, apresenta detalhadamente sua versão sobre o episódio em *The plot to kill King: the truth behind the assassination of Martin Luther King Jr.* (Skyhorse Publishing, 2016).

*Black Panther*³⁶, ao lado de figuras como James Baldwin e Bayard Rustin. Não obstante, sua morte foi amplamente sentida – para muitos pretos, como a prova cabal do fracasso de quaisquer estratégias que recusassem o uso da violência.

Apenas dois dias depois, outro assassinato teria um impacto muito mais brutal sobre os Panteras Negras. No ambiente de tensão após a morte de Martin Luther King, antecipando um confronto com os policiais que patrulhavam a área mais violenta de Oakland – onde Huey Newton matara John Frey –, Eldridge Cleaver convenceu um grupo de 13 Panteras Negras, entre os quais estava o “Pequeno” Bobby Hutton, a emboscar um grupo de policiais. O tiroteio durou uma hora e meia; três policiais e dois Panteras, entre eles Cleaver, foram feridos. Quando a polícia lançou bombas de gás no prédio onde Eldridge e Bobby se haviam refugiado, eles optaram pela rendição. Contudo, mesmo desarmado e sob custódia, Bobby Hutton foi assassinado com 12 tiros. Outros 7 Panteras Negras foram presos.

36 *The Black Panther*, v. 1, n. 5. 20 de julho de 1967.

Morto aos 17 anos, o “Pequeno” Bobby Hutton imediatamente se tornou um mártir para os Panteras Negras: um símbolo da brutalidade policial. “Bobby Hutton estava com as mãos para o alto, e foi baleado e morto pela polícia de Oakland” — uma polícia racista e assassina, disse Bobby Seale em uma entrevista, no dia seguinte ao episódio. Em outra época, isso faria com que os pretos se revoltassem, arremessando tijolos e coquetéis molotov; contudo, Huey Newton enviou uma mensagem precisa: era necessário manter a organização. Uma revolta resultaria em centenas de pretos mortos, feridos e detidos. A constituição permitia que os pretos tivessem armas — e essa foi a mensagem que Bobby Seale enviou à multidão reunida em uma manifestação: era preciso que toda a comunidade preta se organizasse e se armasse, a fim de defender-se contra a violência policial.

Alguns dos textos publicados em *The Black Panther* ao longo de 1968 evidenciam o modo como os Panteras Negras persistiam na tentativa de rastrear os dispositivos de poder do estado fascista e de conclamar os pretos à ação. Um texto assinado por Hosea Mills (7. **Réquiem preto**) denunciava como a sociedade estadunidense lograva perpetrar

"o maior programa de genocídio em massa de toda a história humana", para isso utilizando um sistema educacional concebido para alijar tanto os pretos quanto as crianças provenientes de grupos minoritários, não hesitando em utilizar "testes científicos" para provar a superioridade das crianças brancas. Desse modo, impunha-se a tarefa de ultrapassar os limites impostos por esse sistema excludente, fosse por meio do autodidatismo — não foi assim que Detroit Red se transformou em Malcolm X? —, fosse utilizando subversivamente o conhecimento recebido dos brancos, de modo a destruir a própria sociedade racista.

Melvin Whitaker (**11. Acorrentado à parede**) perscrutava os mecanismos de dominação simbólica utilizados ao longo da história: após recorrer à religião para seus propósitos escravistas e colonialistas, o opressor procurou subjugar a mente do escravo, fazendo com que ele odiasse a si mesmo — sua pele, seu cabelo, seu corpo — e duvidasse das próprias capacidades intelectuais; finalmente, quando os pretos descobriram o modo de vencer esses mecanismos de dominação psicológica, o opressor procurou mantê-lo acorrentado através da tríplice corrente do racismo,

do capitalismo e do fascismo, o que determinou como único caminho efetivo para a libertação a "revolução correta", nos parâmetros delineados pelos Panteras Negras.

Textos como "Revolução", assinado por Virgil Morrell (**10. Revolução**) e "É chegada a hora", assinado por Jazzie (**12. É chegada a hora**) convocavam as massas pretas a aderir ao Partido Pantera Negra e pegar em armas a fim de afastar "todos os racistas desgraçados de nossas comunidades pretas", apelando àqueles irmãos e irmãs que persistiam em acreditar na "doce promessa de integração" e recusavam "a mão do preto revolucionário que lhes oferece ajuda, porque ele decidiu pegar a arma para conquistar a arma que tem oprimido esse povo por tanto tempo".

A campanha pela libertação de Huey Newton, as mortes de Martin Luther King Jr. e do "Pequeno" Bobby Hutton fizeram com que o número de adesões ao Partido Pantera Negra explodisse, e a organização se espalhasse por todos os Estados Unidos. Mas quem eram essas pessoas que aderiam às propostas do Partido? Qual era o perfil dos Panteras Negras? A crença comum de que os Panteras Negras recrutavam seus membros apenas

junto ao chamado lumpemproletariado – ou seja: a massa difusa produzida pelo capitalismo, formada por vagabundos, criminosos, mendigos, etc. – é apenas parcialmente verdadeira. De fato, a organização estava muito longe de ser formada por um grupo homogêneo.

Por um lado, havia efetivamente um interesse em atrair o lúmpen para as fileiras do Partido. Bobby Seale relata como, cerca de um mês e meio após a redação do Programa de Dez Pontos, Huey Newton insistia em afirmar para os intelectuais que chegara o tempo de avançar para a luta revolucionária: era preciso pegar armas e distribuí-las para os irmãos que roubavam bancos, que atuavam como cafetões, que vendiam drogas e que enfrentavam diretamente os porcos – uma vez organizados e educados politicamente, esses irmãos se tornariam homens pretos revolucionários³⁷.

Cabe ressaltar que essa percepção sobre a função revolucionária do lúmpen constitui uma inovação dos Panteras Negras, sobretudo quando se considera o modo como Marx e Lênin o viam³⁸. Na verdade, diversos relatos afirmam que os escritos de Marx e

37 Ver Seale, 1991, p. 64.

Lênin não foram amplamente estudados pelos Panteras Negras, ainda que se apresentassem como uma organização marxista-leninista, sobretudo porque – segundo Eldridge Cleaver – neles não era conferido destaque à luta antirracista. Bobby Seale chegou a afirmar que Marx e

38 Em “O 18 de brumário de Luís Bonaparte”, Marx se refere ao lumpemproletariado como “toda essa massa indefinida, desestruturada e jogada de um lado para outro, que os franceses denominam la bohème [a boemia]”; Luís Bonaparte se constitui como chefe do lumpemproletariado “porque é nele que identifica maciçamente os interesses que persegue pessoalmente, reconhecendo, nessa escória, nesse dejeto, nesse refugio de todas as classes, a única classe na qual pode se apoiar incondicionalmente” (Marx, K. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. Trad. Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 91). Segundo Tom Bottomore, “o principal significado da expressão lumpemproletariado não está tanto na referência a qualquer grupo social específico que tenha papel social e político importante, mas antes no fato de ela chamar a atenção para o fato de que, em condições extremas de crise e de desintegração social em uma sociedade capitalista, grande número de pessoas podem separar-se de sua classe e vir a formar uma massa ‘desgovernada’, particularmente vulnerável às ideologias e aos movimentos reacionários” (Bottomore, T. lumpemproletariado. Em: Bottomore, T. (ed.) *Dicionário do Pensamento Marxista*. 2ª ed. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012).

Lênin se revirariam nos túmulos se vissem o lumpemproletariado afro-americano pondo em funcionamento a ideologia do Partido.

O Partido Pantera Negra chegou a ter um grupo de “Panteras cantores” chamado *The Lumpen*, que se apresentava com a banda de apoio *Freedom Messengers*, cantando composições próprias e canções de artistas como Sly Stone e Curtis Mayfield, com letras modificadas para incorporar palavras de ordem; eram “revolucionários que dançavam”, como afirmou Rickey Vincent³⁹. Para além disso, é significativo o resgate, em alguns textos, de uma figura como Stagger Lee – alcunha do negro Lee Shelton, cafetão acusado de assassinar Billy Lyons em 1895, após uma discussão. Embora o Lee Shelton histórico tenha sido julgado e condenado à prisão pelo crime, a lenda em torno da figura de Stagger Lee ensejou várias narrativas e *blues*, acabando por convertê-lo em um símbolo do homem preto marginalizado capaz de intimidar e afrontar autoridades.

39 O mesmo autor ressalta que os *Lumpen* eram Panteras Negras plenamente integrados à organização, bem como seu trabalho. Para uma extensa pesquisa sobre o grupo, ver Vincent, 2013.



Anúncio do primeiro grande show em San Francisco apresentando *The Lumpen*, a “banda revolucionária” dos Panteras Negras (*The Black Panther*, v. 5, n. 18; 31 de outubro de 1970)

É ainda notável que os Panteras Negras tenham reconhecido um potencial revolucionário na prostituição. David

Hilliard relata que nos anos 1970, em East Bay, os Panteras procuravam incorporar as prostitutas ao Partido, fazendo delas “parte e parcela” do movimento revolucionário, o que teria benefícios para todos os envolvidos: geraria recursos econômicos para os Panteras Negras, por um lado; por outro lado, geraria mais respeito para um segmento social historicamente visto como pária, que não mais seria percebido como um grupo excluído ou predatório. Charles Jones e Judson Jeffries chamam a atenção para o entendimento de que qualquer pessoa deveria utilizar todos os recursos disponíveis para dominar o opressor, o que levou os Panteras a destacar o papel revolucionário desempenhado por mulheres vietnamitas que assumiram os papéis de prostitutas para lutar contra os soldados estadunidenses⁴⁰.

Não obstante, como observam os mesmos pesquisadores⁴¹, é um equívoco entender que o Partido Pantera Negra tenha sido uma organização baseada no lumpemproletariado,

40 Ver Hilliard, 2008; Jones, C. E.; Jeffries, J. L. “Don’t believe the hype: debunking the Panther mythology”. Em: Jones, 1998, p. 52.

41 Ver Jones, C. E.; Jeffries, J. L. “Don’t believe the hype: debunking the Panther mythology”. Em: Jones, 1998, p. 43-47.

como concebido pelos marxistas — uma visão compartilhada tanto por autoridades governamentais, que viam os Panteras Negras como uma “gangue revolucionária”, quanto por estudiosos, que eventualmente chegam a sugerir que o erro do Partido teria sido justamente uma relação de dependência para com os setores mais indisciplinados e menos confiáveis da sociedade norte-americana.

É verdade que os principais ideólogos do Partido viam o lumpemproletariado como uma força revolucionária em potencial, seja por valorizarem sua coragem — como fazia Huey Newton —, seja pela influência das considerações de Frantz Fanon. Todavia, para além do fato de que a concepção de lumpemproletariado advogada por alguns dos Panteras Negras era mais abrangente do que a marxista — incluindo também a “mãe preta que precisa esfregar o chão da cozinha da Madame Ana”, como certa vez escreveu Bobby Seale, aludindo portanto a um “subproletariado” que não apresentava o modo de vida parasita tradicionalmente associado ao lumpen —, Jones e Jeffries enfatizam que os membros do Partido tinham procedências diversas: se o capítulo do sul da Califórnia recrutava a maior parte de seus membros no lumpemproletariado, o

capítulo de Boston era formado por muitos estudantes.

Eldridge Cleaver, Emory Douglas e Alprentice "Bunchy" Carter são exemplos de Panteras Negras que tinham um histórico criminal; muitos outros, no entanto, vieram de escolas e universidades. Na verdade, observar as trajetórias particulares de alguns dos membros oferece um vislumbre de como os Panteras estavam familiarizados com diversas camadas sociais. Huey Newton, proveniente de uma família pobre mas não miserável, foi preso quando adolescente por posse de armas e vandalismo, mas posteriormente ingressou no Merritt College – onde, como já vimos, estreitou os laços com Bobby Seale, com quem fundou o Partido Pantera Negra. Elaine Brown foi criada num gueto da Filadélfia apenas pela mãe – que, apesar da pobreza, trabalhou duro para que a filha estudasse em uma escola particular, entre alunas predominantemente brancas, o que lhe permitiu chegar até a Universidade da Califórnia.

Exemplo de como a atuação dos Panteras Negras em ambientes universitários podia ser tensa é o caso de George Murray, primeiro Ministro da Educação do Partido

Pantera Negra, que foi professor de inglês na Universidade do Estado de San Francisco. Jornais da época publicaram que, convidado para um evento na Universidade do Estado da Califórnia, Fresno, Murray afirmou diante de uma plateia de 800 estudantes – presumidamente, dirigindo-se aos estudantes pretos – que todos eram escravos, e que a única forma de se tornarem livres seria matar os senhores de escravos; na semana seguinte, supostamente encorajou os estudantes pretos a levarem armas para o campus.

Murray desmentiu o relato publicado na imprensa, afirmando que apenas aconselhara aos estudantes que levassem armas para se defenderem de racistas no campus; apesar disso, foi suspenso. O episódio ensejou uma greve de estudantes pretos que demandou que sua posição como professor fosse mantida pelo ano acadêmico de 1968-1969. A demanda não foi atendida – e um de seus principais opositores, o governador da Califórnia Ronald Reagan, utilizou o episódio para ampliar sua base de apoio entre os conservadores, abrindo caminho para a Casa Branca⁴².

42 Ver o relato de Margaret Leahy, "On Strike! We're gonna shut it down: the 1968-1969 San

Todavia, essa heterogeneidade não deixaria de gerar tensões entre os Panteras Negras. Isso transparece no relato de Geronimo Ji-Jaga, no qual Masai Hewitt – que chegou a ser Ministro da Educação do Partido – é descrito como um pedante que, embora fosse um excelente professor, era incapaz de se relacionar com o lúmpen, por ele tratado como a escória da sociedade. Entretanto, cabe perceber que, a despeito das tensões internas, o que isso demonstra é que Huey Newton e Bobby Seale foram capazes de estruturar uma organização efetivamente capaz de atrair pretos de diferentes origens sociais.

Outro ponto que demanda elucidação é o modo como os Panteras Negras lidavam com questões envolvendo o gênero – mais particularmente, as mulheres e o movimento gay. Talvez as acusações de sexismo mais veementes contra os Panteras tenham sido aquelas constantes do livro de Elaine Brown, que ocupou a presidência do Partido entre 1974 e 1977. Brown descreve cenas como uma reunião em que as mulheres

Francisco State Strike”, em Carlsson Chris; Elliott, Lisa R. (eds.). *Ten Years That Shook the City: San Francisco 1968-1978*. San Francisco: City Lights Books, 2011.

ficaram confinadas à cozinha, indo à sala apenas para servir aos homens, que discutiam sobre armas e política; na mesma ocasião, Bobby Seale incentivou uma jovem Pantera a afirmar que só manteria relações sexuais com alguém que estivesse disposto a dormir com o Partido, para aplausos dos homens presentes.

Não obstante, Brown reconhece ter estranhado essas situações, já que não vira nada parecido em Los Angeles – e duvidava que os homens lá presentes, como John Floyd e Alprentice “Bunchy” Carter, permitissem que algo tão degradante acontecesse. Na visão de Brown, os homens estavam levando para o Partido seus velhos hábitos; isso era um problema, porque a revolução não deveria acontecer apenas no mundo externo – era preciso fazê-la também dentro do Partido. Se a própria liderança de um Partido dominado por homens reproduzia essas posturas, havia ali algo a ser corrigido. Isso levou Elaine Brown a discutir com outras mulheres Panteras Negras sobre a necessidade de observar atentamente essas questões⁴³.

Anos mais tarde, Elaine Brown veria como problemática a priorização da luta contra

43 Ver Brown, 1994, p. 189-191.

o capitalismo e contra o racismo pelos Panteras Negras, o que os levava a considerar o sexismo um problema secundário. Como a maior parte das mulheres pretas estadunidenses, em um primeiro momento Brown entendeu que o feminismo era um movimento racista, constituído por mulheres brancas – principalmente quando foi atacada por feministas radicais, que a acusaram de ser uma “lacaia” dos homens. Todavia, Brown matizou sua posição ao compreender que o sexismo é uma força opressora tão poderosa quanto as outras, e que mesmo homens oprimidos desejam exercer algum poder sobre as mulheres.

Assim, ao chegar à presidência do Partido, Elaine Brown considerou necessário implementar uma agenda explicitamente voltada para a inclusão de mulheres pretas; que denunciasse a postura de grupos militantes negros como a Organização Us, de Ron Karenga – que se opunha à igualdade de gênero por advogar a dominação masculina em famílias afro-americanas, chegando a defender a poligamia⁴⁴; e que confrontasse também os

44 Ver Brown, Scot. *Fighting for US: Maulana Karenga, the US Organization, and Black Cultural Nationalism*. Nova Iorque: New York University

homens envolvidos na luta pelos Direitos Civis que diminuía a importância de mulheres como Fannie Lou Hamer, Ella Baker, Daisy Bates e Kathleen Cleaver⁴⁵. Todavia, quando Huey Newton retornasse do exílio em Cuba, em 1977, ele consentiria com o espancamento de Regina Davis, administradora da escola dos Panteras Negras, sob a justificativa de que ela teria repreendido um funcionário homem, sem a autorização necessária para fazê-lo. Diante da postura inflexível de Newton, quando confrontado, Brown se afastaria do Partido.

A visão de Elaine Brown é crucial para que se tenha uma percepção mais equilibrada de como os Panteras Negras lidaram com a luta pela emancipação das mulheres. Ainda que o sexismo que encontrou no Partido a tenha frustrado, o mero fato de Brown ter chegado à presidência é bastante significativo, sobretudo quando consideramos que em nenhuma das outras organizações associadas à luta negra na época — inclusive a NAACP e a SLCP⁴⁶ —

Press, 2003. p. 63-65.

45 Ver Brown, 1994, p. 367-368.

46 A NAACP (National Association for the Advancement of Colored People, "Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor") teve entre seus fundadores W. E. B. Du Bois, e

mulheres chegaram à principal posição de liderança. Como a própria Elaine Brown afirmou quando assumiu a presidência, diante da equipe de segurança dos Panteras Negras, ela detinha as armas e o dinheiro – embora o Partido continuasse a ser uma organização predominantemente masculina –, e não tardaria a designar mulheres para outras posições de importância.

Essa disposição para ceder espaço às mulheres, mesmo que não de forma irrestrita, pode ser rastreada até os começos da história dos Panteras Negras. Se, como anteriormente observei, o primeiro número de *The Black Panther* convocava os “homens pretos” a se unirem a um Partido formado pela “nata da virilidade preta” a fim de que pudessem proteger suas mulheres, o segundo número traria uma “seção das irmãs”; e diversas edições do jornal trariam artigos direcionados especificamente às mulheres, não raro também assinados por mulheres.

desempenhou um papel fundamental na luta pela dessegregação. A SLCP (Southern Christian Leadership Conference, “Conferência da Liderança Cristã do Sul”) teve entre seus fundadores Martin Luther King Jr., que foi seu primeiro presidente, e foi uma das principais entidades na luta pelos Direitos Civis.

Um texto publicado no sexto número de *The Black Panther*, intitulado "A mulher preta" (**6. A mulher preta**), encerra considerações ainda hoje pertinentes – sobretudo no que tange ao desprezo de mulheres pretas por homens pretos que, em busca de aceitação pela sociedade racista, as trocam por brancas; e no que diz respeito à condição de vulnerabilidade a que são relegadas as mulheres pretas pobres, particularmente as mães que foram abandonadas por seus companheiros, e que não encontram a assistência necessária. Um dos maiores méritos do texto é justamente o fato de chamar à responsabilidade o homem preto, a fim de que possa reconhecer e valorizar a mulher preta – embora insista em atribuir a essa uma posição secundária: a de apoiadora do homem preto, responsável por seu bem-estar emocional e por tarefas associadas à família.

Já o número seguinte de *The Black Panther* traz um texto assinado por uma mulher, Linda Greene (**8. A mulher preta revolucionária**), que ainda ressalta a abnegação necessária à mulher preta comprometida com a revolução. Cabe-lhe ser "uma companheira intelectual, espiritual, mental e física": "ela é o que seu homem e o que o seu povo precisam que ela seja,

quando precisam dela". A assimetria se torna mais nítida quando à mulher preta se atribui a tarefa de satisfazer as necessidades do homem preto e de ser, ao mesmo tempo, "militante, revolucionária, comprometida, forte e calorosa, feminina, amorosa e gentil" – como se tanta dedicação encontrasse, efetivamente, um reconhecimento por parte dos homens pretos.

Cabe perceber, não obstante, a preocupação de Linda Greene em oferecer às mulheres Panteras Negras um modelo viável de feminilidade, bem como em suscitar nos homens uma percepção da importância das mulheres dentro do Partido – ponto em que sua tentativa de desafiar a ordem patriarcal parece mais nítida. Embora, ao afirmar que sem a mulher preta "a revolução será perdida", Greene se refira explicitamente a um suposto dever feminino de satisfazer o homem preto, isso não deixa de encerrar uma mensagem para os homens pretos: seriam eles capazes de sustentar a luta sem a "reserva de vida" por elas representada?

Ademais, ao concluir o artigo afirmando que "as mulheres pretas verdadeiras e revolucionárias são raras", Greene inverte

o discurso que lamentava uma escassez de homens pretos dispostos a aderir à luta política, enfatizando o dever de que os Panteras Negras reconhecessem e valorizassem suas companheiras.

Mais enfático é o tom do texto assinado por Candi Robinson (**21. Mensagem às mulheres revolucionárias**), o que talvez indicie as dificuldades que muitas mulheres encontravam no que diz respeito ao reconhecimento de seus esforços pelos homens do Partido. As mulheres devem afirmar seu valor, incita Candi, ressaltando sua importância para a luta revolucionária, da qual participam em condição de igualdade: "Nós somos revolucionárias, nós somos a outra metade dos nossos homens revolucionários. / Nós somos suas metades iguais, seja com a arma na mão ou lutando nas ruas para fazer deste país uma liderança socialista". A postura de enfrentamento diante da dominação masculina é evidente: é preciso que os homens despertem, percebendo que as mulheres são "tão revolucionárias quanto eles".

Mesmo quando evoca elementos associados à maternidade, Candi Robinson o faz com o propósito de ressaltar sua importância

para a revolução: "Somos as mães de revolucionários e revolucionárias, conosco está o futuro do nosso povo". Desse modo, Robinson retoma o que já fora afirmado por Linda Greene, mas de modo mais veemente, enviando uma mensagem inequívoca: sem as mulheres, a revolução seria impossível – e cabia aos homens do Partido Pantera Negra reconhecê-lo.

A prisão de diversas mulheres Panteras Negras – como Angela Davis, Shellie Bursey e Brenda Presley – ensejaria um comunicado à imprensa que não apenas valorizaria explicitamente a importância das mulheres para o Partido, mas também as colocaria ao lado de algumas das mais notáveis militantes da época (**28. Comunicado à imprensa: libertação das mulheres**). É significativo que o texto reconheça a condição de subalternidade das mulheres, em nível global ("Neste exato momento, 99% das mulheres estão trabalhando para homens em escritórios, em instituições e no lar, porque não há outras alternativas"; "Mulheres estão na cadeia por prostituição, consumo de drogas, furto e outros assim chamados crimes que são, para muitas, meios necessários para sobreviver nesta sociedade. 75% dessas mulheres são do terceiro mundo"), e que Panteras como

Afeni Shakur e Joan Bird sejam equiparadas a ativistas como Leila Khaled, militante da Frente Popular para a Libertação da Palestina, e como a feminista irlandesa Bernardette Devlin. De fato, neste texto as Panteras são niveladas com mulheres cuja atuação revolucionária havia alcançado uma repercussão global.

O que tudo isso evidencia é que, se o Partido Pantera Negra nunca superou plenamente as estruturas patriarcais, ao menos foi capaz de facultar às mulheres – mesmo que não em todos os momentos e em todos os espaços – uma participação muito mais ampla do que a vasta maioria das organizações revolucionárias de sua época. Sem desconsiderar as importantes declarações de Elaine Brown ou as críticas de Assata Shakur ao “culto ao macho” que encontrou no Partido⁴⁷, podemos evocar também as de Akua Njeri, segundo a qual em Chicago as tarefas de limpeza, da cozinha e do cuidado com crianças eram divididas entre homens e mulheres⁴⁸; o depoimento de Rosemary Mealy, que afirmou ter encontrado

47 Ver Shakur, 1987, p. 223.

48 Citado em Ogbar, Jeffrey O. G. *Black Power: radical politics and African American Identity*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2005. p. 104.

no Partido Pantera Negra um lugar que lhe permitiu trabalhar com jovens mulheres que tiveram reconhecidas sua capacidade de liderança e seu valor como indivíduos, não sendo tratadas como meros apêndices dos militantes homens⁴⁹; ou a importância alcançada por uma mulher como Kathleen Cleaver, membro do Comitê Central do Partido e Secretária de Comunicações que se tornou uma de suas principais porta-vozes – e que é até hoje um dos rostos mais conhecidos dos Panteras Negras.

Diversas outras mulheres alcançaram posições de liderança no Partido Pantera Negra, como Patricia Hilliard, Secretária de Finanças; Ann Campbell, Secretária de Comunicações em Illinois; Audrea Jones, que chegou ao posto de Capitã em Boston; e Ericka Huggins, fundadora e líder do capítulo de New Haven. Com efeito, a sobrevivência do Partido Pantera Negra nos momentos de maior repressão policial foi assegurada graças às mulheres: como certa vez afirmou Kathleen Cleaver, a polícia não levava a sério a liderança feminina, motivo pelo qual concentrou seus esforços

49 Delaração em Lamaina, Suzun Lucia.

Revolutionary Grain: celebrating the spirit of the Black Panthers in portraits and stories.
Lincoln: Infusionmedia, 2016. p. 78.

em prender e eliminar os homens; assumindo posições de liderança, as mulheres foram capazes de levar adiante a organização.

No que diz respeito ao movimento gay, o documento mais célebre dos Panteras Negras é a carta de Huey Newton (**25. Uma carta de Huey para os irmãos e irmãs revolucionárias sobre os movimentos de libertação das mulheres e de libertação gay**) – na verdade, um discurso proferido em 15 de agosto de 1970, pouco mais de um ano após a Revolta de Stonewall. O discurso denota uma importante transformação no discurso dos Panteras Negras.

Pouco mais de um ano antes, Landon Williams publicara um texto (**14. O capitalismo preto e o que ele significa**) que, em uma breve passagem, apresentava uma visão homofóbica comum a muitos pensadores comunistas ocidentais: a ideia de que a homossexualidade seria um produto da decadência capitalista. Marx e Engels eram homofóbicos, e essa “tradição” foi perpetuada por figuras como Wilhelm Reich, por exemplo, para quem heterossexuais teriam uma propensão revolucionária e homossexuais apresentariam mais tendências

à direita⁵⁰. No caso dos Estados Unidos, essa perspectiva já se estava enfraquecendo na época do movimento pelos Direitos Civis, pela influência da Nova Esquerda, de anarquistas e da cultura hippie; em 1969, a Revolta de Stonewall fortaleceria um ativismo que evidenciaria a importância revolucionária dos movimentos LGBTQI.

Para além disso, a presença de elementos homofóbicos no discurso dos Panteras Negras seria veementemente criticada por Jean Genet, escritor francês assumidamente gay que passaria a apoiar os Panteras durante a campanha pela libertação de Bobby Seale. Todos esses fatores influenciaram a posição de Huey Newton – que, em seu discurso, não apenas refuta abertamente a associação entre homossexualidade e decadência capitalista, como também ensaia uma crítica à própria masculinidade heterossexual, reconhecendo na homofobia um possível sinal de insegurança.

50 Sobre a visão marxista acerca da homossexualidade, ver Dynes, Wayne R. "Marxism". Em: Dynes, W. R. *Encyclopedia of Homosexuality*. v. 2. Nova Torque: Routledge, 2016.

Adotando uma perspectiva prática, Newton descarta questionamentos sobre eventuais causas da homossexualidade para advogar que “uma pessoa deveria ter a liberdade de usar o seu corpo da forma que quiser”; e que a conduta revolucionária ou antirrevolucionária de uma pessoa nenhuma relação guarda com sua orientação sexual – “muito pelo contrário, talvez um homossexual possa ser o mais revolucionário”, afirma. Por fim, advoga uma mudança no uso da linguagem pelo Partido, de modo que termos associados à homossexualidade não sejam utilizados para designar “inimigos do povo”; e reitera que os grupos de libertação gay devem ser vistos como aliados.

O significativo aumento no número de membros do Partido em 1968 e 1969 faria com que os Panteras Negras negligenciassem uma das principais determinações de Huey Newton (**4. O manejo correto de uma revolução**): a importância de que os membros do grupo mantivessem uma relação face a face entre si, de modo a evitar a presença de informantes e de oportunistas. Isso teria graves consequências.

Enquanto alcançava maior notoriedade, o Partido Pantera Negra se tornava cada vez

mais um alvo das agências governamentais. No fim dos anos 1950, o FBI pusera em funcionamento o COINTELPRO — acrônimo para “Counter Intelligence Program” (“Programa de Contraineligência”), cuja finalidade original era vigiar e anular organizações políticas tidas como subversivas em território estadunidense. O COINTELPRO logo se caracterizaria por recorrer a estratégias de infiltração, ao envio de documentos forjados e ao uso de escutas telefônicas, mesmo que ilegalmente; um de seus principais estratagemas era o acirramento de dissidências e rivalidades entre os membros dos grupos visados.

A princípio, o COINTELPRO investiria contra grupos comunistas, mas rapidamente se voltaria também contra os líderes de movimentos negros, como Martin Luther King Jr. e Bayard Rustin; posteriormente, Malcolm X, Elijah Muhammad e Stokely Carmichael também se tornariam alvo do COINTELPRO, assim como praticamente todos os líderes pretos de destaque — o que evidencia o racismo de J. Edgar Hoover, diretor do FBI responsável pelo programa.

Em 1968, Edgar Hoover declarou que o Partido Pantera Negra era a maior ameaça à segurança interna dos Estados Unidos,

tornando-o um alvo prioritário. A partir de então, o FBI investiria diretamente contra os Panteras Negras, de inúmeras formas: invadindo sedes ou mesmo residências de líderes do Partido, sob alegações diversas; utilizando quaisquer oportunidades para prendê-los – Bobby Seale, por exemplo, foi preso em 1969, acusado de incitação à revolta devido ao protesto realizado antes da Convenção Nacional Democrata de Chicago no ano anterior, e logo após sair da prisão foi novamente preso, por suposto envolvimento na morte de Alex Rackley; implantando dispositivos de vigilância ilegais – como a instalação de um microfone em uma das paredes do apartamento de Huey Newton após este sair da prisão, em 1970; e recorrendo a documentos anônimos que acusavam certos membros de serem informantes ou agentes infiltrados⁵¹.

Para além disso, as operações policiais contra o Partido se intensificaram após a declaração de J. Edgar Hoover. Frank Donner apresenta os assombrosos números, apenas no que diz respeito ao ano de 1969: em todos os Estados Unidos, 30 Panteras

51 Ver Grady-Willis, Winston A. *"The Black Panther Party: state repression and political prisoners"*. Em: Jones, 1998, p. 367.

enfrentavam a pena capital, 40 haviam sido condenados à prisão perpétua, cerca de 55 haviam recebido penas de até 30 anos, e outros 155 estavam na prisão ou eram procurados — isso sem contabilizar os já assassinados pela polícia⁵².

1969 seria, de fato, um ano crítico para os Panteras Negras. Huey Newton ainda não deixara a prisão; acusado de tentativa de homicídio após a troca de tiros na qual falecera Bobby Hutton, Eldridge Cleaver se exilara em Cuba no final de 1968; Bobby Seale estava entre os líderes revolucionários presos devido aos protestos na Convenção Nacional Democrata de Chicago do ano anterior — seu caso atraiu atenção internacional quando o juiz obrigou Seale a comparecer à corte mesmo depois de seu advogado ter sido hospitalizado e, diante dos protestos do Pantera Negra, fez com que ele fosse amordaçado e amarrado à cadeira. Desse modo, as principais lideranças do Partido estavam presas ou no exílio.

52 Ver Donner, Frank. *Protectors of Privilege: red squads and police repression in urban America*. Berkeley: University of California Press, 1990. p. 180.



Bobby Seale atado à cadeira, em ilustração publicada na capa de *The Black Panther* (v. 4, n. 29; 20 de junho de 1970)

Ao longo do ano, outros episódios teriam severo impacto sobre o Partido. Já no início do ano, os Panteras perderiam dois importantes membros. Ciente da rivalidade entre os Panteras Negras e a Organização Us, o COINTELPRO trabalhou secretamente para intensificar as desavenças entre os grupos. Embora Alprentice "Bunchy" Carter, um dos líderes dos Panteras no sul da Califórnia, e Ron Karenga, fundador da Us, buscassem evitar confrontos físicos ou conflitos violentos, em janeiro de 1969 a tensão chegou ao ápice, devido a desentendimentos sobre quem lideraria um novo grupo de estudos negros na

Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). O COINTELPRO agiu enviando secretamente mensagens para ambos os grupos, criando uma troca de ameaças. A tensão eclodiu em 17 de janeiro, quando membros da Us assassinaram a tiros "Bunchy" Carter e John Huggins durante um encontro na UCLA. Na sequência do episódio, a polícia de Los Angeles invadiu a sede local dos Panteras Negras, prendendo seus líderes e membros, sob a alegação de que estariam planejando vingar-se dos membros da Organização Us⁵³.

Poucos meses depois, teve lugar um dos episódios mais controvertidos da história do Partido⁵⁴. Em maio de 1969, chegaram a New Haven, provenientes de Nova Iorque, Alex Rackley, que atuara como segurança dos Panteras no Harlem, e George Sams. Apelidado "Louco George", Sams já havia sido expulso do Partido por Bobby Seale; em Nova Iorque, violara as normas do Partido ao beber e usar drogas abertamente, e esfaqueara um Pantera Negra em Oakland. Contudo, foi recebido em New Haven quando se apresentou como segurança

53 Ver Seale, 1991, p. 270 e seguintes; Pharr, 2014, p. 111-112.

54 Ver: Bass; Rae, 2006; Churchill; Wall, 2002, p. 51-53; Lazerow; Williams, 2006, p. 100-101.

enviado pela sede nacional para afastar os espiões – e não tardou a denunciar um informante: Alex Rackley.

Assumindo controle da situação com sua postura violenta e intimidadora, George Sams conduziu o interrogatório e a tortura de Rackley, ao longo de três dias; parte do interrogatório foi gravado, por ordem de Sams. Há relatos segundo os quais a polícia também gravou tudo, graças a uma escuta ilegal – e não interveio, em nenhum momento, para interromper a tortura.

Ao fim do terceiro dia, em 21 de maio de 1969, Rackley foi posto em um carro com Sams e outros dois membros do Partido, Warren Kimbro e Lonnie McLucas; seu corpo foi encontrado na manhã seguinte, com marcas de tiros e de espancamento. O assassinato ofereceu às autoridades uma justificativa para recrudescer as ações contra o Partido, o que resultou na invasão de capítulos em todo o país e na prisão de mais de 30 pessoas, 8 sob acusação de envolvimento com o homicídio – entre elas, Bobby Seale, que estava em New Haven para oferecer uma palestra na Universidade de Yale.

Até hoje, muitos elementos associados a esse episódio permanecem obscuros. Warren Kimbro havia trabalhado em programas que encaminhavam jovens problemáticos para a escola ou para empregos, e era articulado a ponto de aconselhar estudantes da Universidade Estadual de Eastern Connecticut assim que entrou em condicional, tornando-se vice-reitor apenas 4 anos após sair da prisão⁵⁵; como entender sua participação na tortura e no assassinato de Rackley – assumidamente disparando um dos tiros –, somente a partir da acusação de alguém como George Sams? Como entender o envolvimento de Ericka Huggins, uma das mais importantes mulheres em posição de liderança no Partido – que seria diretora da aclamada Escola Comunitária de Oakland e teria uma notável carreira acadêmica –, interrogando Rackley e testemunhando a tortura?

Segundo alguns dos relatos, Alex Rackley era um ingênuo jovem de 19 anos que sequer sabia ler – e que jamais poderia ter sido informante do FBI; por outro lado, havia cerca de uma dúzia de infiltrados no capítulo de New Haven, como posteriormente se descobriu. As coisas começam a fazer

55 Ex-Panther gets post at college. *The Afro American*, ano 84, n. 6. 20 setembro de 1975.

sentido quando consideramos os vários indícios de que Sams estaria a serviço do FBI.

O mais provável, de fato, é que este episódio tenha constituído um dos mais decisivos ataques das autoridades estadunidenses contra os Panteras Negras. George Sams era um homem violento e sádico, que já fora infiltrado pelo FBI no SNCC; o capítulo de New Haven estava apinhado de informantes e colaboradores das autoridades; graças a grampos, a polícia sabia que Bobby Seale estaria em New Haven, o que ofereceria uma oportunidade para que fosse preso; e diversos dos Panteras reconheceram, em depoimentos, que temiam por suas próprias vidas, em meio à paranoica busca por informantes — o que torna plausível a alegação de que Ericka e Kimbro teriam cedido à pressão, caindo na armadilha arquitetada pelas autoridades.

Não por acaso, quando a polícia invadiu o capítulo de New Haven atrás de suspeitos, Sams já havia fugido — deixando, contudo, a fita com o interrogatório, que foi facilmente encontrada pelos policiais. Depois disso, ele ainda passou por vários capítulos dos Panteras Negras nos Estados

Unidos; sua visita sempre era seguida de operações da polícia. Sams foi a testemunha principal do caso, afirmando às autoridades que seguira ordens de Bobby Seale. Mumia Abu-Jamal explicita o absurdo da situação: “imagine um caso em que um homem tortura cruelmente e mata outro homem, e o torturador se torna a principal testemunha do Estado. Agora imagine um caso que envolve a ameaça muito real de morte na cadeira elétrica, no qual o homem testemunha mesmo contra aqueles que não estavam nem presentes, nem cientes do que estava ocorrendo”⁵⁶.

Uma ampla mobilização, contando com a participação de intelectuais, autoridades universitárias e estudantes de Yale, demandou um julgamento justo para os Panteras Negras. George Sams teve a pena atenuada por sua colaboração com as autoridades; ele e Warren Kimbro passaram cerca de 4 anos encarcerados. Lonnie McLucas – descrito como um jovem ingênuo que se deixou manipular por Sams – recebeu uma sentença de 12 a 15 anos, mas foi libertado após permanecer menos de 5 anos na cadeia. Os Panteras Negras fizeram uma intensa campanha exigindo a soltura de Bobby Seale e Ericka Huggins; ambos foram

56 Ver Abu-Jamal, 2004, p. 140.

libertados após cerca de 3 anos, quando o juiz Harold M. Muvey reconheceu a impossibilidade de composição de um júri imparcial. Os Panteras Negras descobriram que o próprio juiz manifestara, em ocasiões anteriores, opiniões a favor da segregação racial.

O caso do assassinato de Alex Rackley demonstra cabalmente o poder entrópico dos ataques das autoridades governamentais contra os Panteras Negras. Se o episódio teve um inegável efeito destrutivo sobre o Partido — ensejando o encarceramento de lideranças, acentuando o clima de paranoia e desestabilizando ainda mais a organização —, as próprias autoridades estatais, sobretudo o FBI, tiveram sua reputação manchada pelo recurso a expedientes ilegais e a práticas moralmente inaceitáveis para alcançar seus objetivos. Também o sistema judiciário demonstrou, mais uma vez, sua incapacidade de lidar adequadamente com as tensões sociais: como observou o então reitor da Universidade de Yale, Kingman Brewster Jr., a dúvida sobre a possibilidade de haver um julgamento justo para os revolucionários pretos fora “criada pelas ações policiais e pelas perseguições

contra os Panteras em muitas partes do país”⁵⁷.

No final de 1969, o Partido foi mais uma vez severamente atingido. Na madrugada de 4 de dezembro, a polícia invadiu o apartamento de Fred Hampton, cumprindo um mandado de busca por armas. Sob a liderança de Fred, os Panteras Negras de Illinois haviam iniciado o programa de Café da Manhã Gratuito para Crianças em Idade Escolar, ofereciam atendimento médico gratuito para a comunidade e conseguiram negociar a paz entre algumas das mais violentas gangues de Chicago. Fred Hampton e Mark Clark foram assassinados a tiros; a polícia alegou que eles haviam atirado contra os policiais, mas Deborah Johnson, esposa de Fred que estava no apartamento, então grávida de 7 meses, declarou que Fred estava dormindo e sequer teve a chance de acordar antes que seu corpo fosse fuzilado. Diversos outros Panteras Negras foram feridos na mesma ocasião⁵⁸.

57 Treaster, Joseph b. Brewster doubts fair black trials. *The New York Times*. 25 de abril de 1970.

58 Para um relato em detalhes de todo o episódio, ver Haas, 2011.

Havia a expectativa de que a situação do Partido melhorasse quando, em 1970, Huey Newton saiu da prisão. Ao longo do tempo, Newton se transformara em uma figura verdadeiramente mítica, que agora retornava às ruas. Na edição de 15 de agosto deste ano⁵⁹, *The Black Panther* publicou várias páginas com fotos que exibiam o reencontro do líder revolucionário com o povo, além de telegramas enviados por membros e simpatizantes do Partido e cartas escritas por crianças que estudavam nas escolas dos Panteras Negras. Huey tinha a tarefa de reorganizar o Partido — que, apesar dos incessantes ataques e infiltrações por parte das autoridades governamentais, não só mantinha membros em todo o país como já contava com um escritório internacional, fundado na Argélia por Eldridge Cleaver.

Contudo, organizar o Partido Pantera Negra não constituía uma tarefa meramente administrativa ou burocrática: tratava-se de um grupo considerado subversivo, sujeito a incessantes ataques da polícia e do FBI, com centenas de filiados presos ou procurados, apinhado de informantes e agentes infiltrados a serviço do

59 *The Black Panther*, v. 5, n. 7. 15 de agosto de 1970.

COINTELPRO. Sequer havia certeza sobre quem eram os membros efetivos do Partido: em uma tentativa de evitar novas infiltrações, entre o fim de 1969 e o início de 1970 a organização adotou uma política de não aceitar novos membros e não permitir a fundação de novas unidades – o que não impedia que muitas pessoas realizassem tarefas voluntariamente para o Partido⁶⁰.

Isso apenas constituía uma nova etapa nos esforços para reordenar o Partido Pantera Negra, que podem ser percebidos também na reformulação das regras estabelecidas pelo Comitê Central, publicadas em *The Black Panther* (**5. Regras do Partido Pantera Negra**): se a princípio eram 10 regras, no final de 1968 esse número já havia sido ampliado para 26 regras, que incluíam procedimentos administrativos ("13. Todos os responsáveis financeiros operarão sob a jurisdição do Ministério das Finanças") e determinações de conduta ("23. Todas as pessoas em posição de liderança devem ler não menos de duas horas por dia para acompanhar as mudanças na situação

60 Ver Jones, Charles E. "Wake up Georgia, the Panthers are here! The Georgia Chapter of the Black Panther Party in Atlanta, 1970-1973". Em: Jeffries, 2018, p. 22.

política"); já no início de 1969, seriam publicadas outras listas, contendo regras disciplinares e orientações gerais quanto ao comportamento dos membros do Partido.

Além disso, internamente o Partido estava rachado. Durante todo o tempo em que Huey Newton permanecera na prisão, outras lideranças ganharam destaque – em particular, Eldridge Cleaver. A influência que Cleaver alcançara pode ser percebida pelo depoimento de Afeni Shakur, que o considerava “o mais inteligente membro do Partido”, “muito carismático e forte”. Na prática, segundo Shakur, a dinâmica partidária levava os membros a escolher em que lado ficariam: no lado de Huey ou no de Eldridge⁶¹.

Evidentemente, no próprio Partido Pantera Negra havia tentativas de equilibrar as forças. Em abril de 1969, Bobby Seale publicou em *The Black Panther* um texto (**15. Verdadeiros revolucionários**) que saudava Newton e Cleaver como “verdadeiros revolucionários”: “esses dois irmãos são as duas lideranças revolucionárias do nosso tempo, estando aqui nos confins da América capitalista-racista”, afirma

61 Ver o depoimento de Afeni Shakur em Guy, 2004, p. 108.

Seale, comparando-os a figuras icônicas para os Panteras Negras, elencadas aos pares – como Lênin e Stálin, Fidel Castro e Che Guevara, Mao Tsé-Tung e Ho chi Minh. O esforço conciliatório de Seale transparece nos trechos em que expõe declarações elogiosas de Huey em relação a Eldridge (“o Partido precisa daquele irmão, ele seria como outro Malcolm X para o Partido”) e de Eldridge em relação a Cleaver (“Malcolm X precedeu Huey P. Newton como João Batista precedeu Jesus Cristo”), bem como nas passagens em que Seale apresenta as lições que aprendeu de cada um dos líderes.

Todavia, as diferenças entre as perspectivas de Huey Newton e de Eldridge Cleaver se tornavam cada vez mais evidentes. Em maio e junho de 1970, Cleaver publicou dois textos nos quais sua visão sobre os rumos a serem seguidos pelo Partido surge de forma nítida.

Em “Método, tempo e revolução” (23. **Método, tempo e revolução**), Cleaver parte de considerações do próprio Huey Newton para defender um enfrentamento aberto contra as forças opressoras: “As perspectivas para irmãos e irmãs das ruas são a prisão, a morte, as forças armadas

estadunidenses, ou uma vida breve, dura e amarga. Todas as alternativas que nos são oferecidas pelo sistema têm em comum que nós somos destruídos de forma não-natural – destruídos pelo próprio modo de funcionamento do sistema de opressão, que é controlado por outros homens de outra classe social". Desse modo, "o único caminho para a salvação que permanece aberto para nós é o caminho da guerra total contra o sistema de opressão contra o qual gerações sucessivas do nosso povo têm lutado por 400 anos".

As forças para esse confronto, segundo Cleaver, deveriam ser recrutadas junto ao lumpemproletariado, por ele definido como "a espinha dorsal do Partido Pantera Negra". Martin Luther King Jr. é evocado como representante de uma estratégia fadada ao fracasso: "ajoelhados na posição de Luther King, clamamos por misericórdia. Ajoelhados, suplicamos por misericórdia aos porcos brancos racistas. E esses porcos não apenas nos recusaram a justiça, eles nos recusaram a misericórdia". O fim do texto de Cleaver assume o franco tom de uma declaração de guerra: "Podemos garantir a total destruição da Babilônia"⁶²

62 Historicamente, a Babilônia foi uma cidade-estado da região de mesmo nome, situada na

— com uma forma de luta que os porcos chamarão de loucura. Mas a loucura é a bomba de hidrogênio do homem preto dentro da Babilônia, e nós devemos detonar essa bomba de hidrogênio agora, porque os porcos estão implementando uma conspiração genocida de extermínio contra o nosso povo”.

Já em “Sobre a ideologia do Partido Pantera Negra” (**24. Sobre a ideologia do Partido Pantera Negra**), Eldridge Cleaver desenvolve um notável esforço teórico para pensar a orientação ideológica do Partido no âmbito do marxismo-leninismo. Ainda que os Panteras Negras se apresentem como marxistas-leninistas, afirma Cleaver, o que eles fazem é adaptar os princípios do

Mesopotâmia; na tradição bíblica, simboliza o mal que se opõe aos desígnios divinos, sobretudo por conta do episódio envolvendo a Torre de Babel (Gn 11: 1-9). Os rastafáris a utilizaram para designar os “valores e instituições ocidentais que historicamente têm exercido controle sobre as massas da diáspora africana” (cito do texto “Dread ‘I’ In-a-Babylon: ideological resistance and cultural revitalization, de Ennis Edmonds, em Murrell, N. S.; Spencer, W. D.; McFarlane, A.A. *Chanting Down Babylon: The Rastafari Reader*. Filadélfia: Temple University Press, 1998. p. 24). No discurso dos Panteras, a Babilônia será inevitavelmente associada ao imperialismo.

socialismo científico à situação concreta em que se encontram; durante tempo demais o povo preto confiou em perspectivas ideológicas concebidas por outros, e chegara o momento de superar essa condição de dependência: "Há aqueles que estão muito dispostos a pensar por nós, mesmo se isso nos matar. Contudo, eles não estão dispostos a seguir adiante e morrer em nosso lugar. Se os pensamentos contribuem para as nossas mortes, que pelo menos sejam nossos próprios pensamentos, de modo que tenhamos rompido, de uma vez por todas, com o servilismo de morrer por qualquer causa e por qualquer erro – exceto pelos nossos".

Mais uma vez, Cleaver tem o cuidado de expor sua argumentação como um desenvolvimento das visões de Huey Newton, e novamente põe em evidência a necessidade de recrutar forças no lumpen: "Essencialmente, o que Huey fez foi prover a ideologia e a metologia para organizar o lumpemproletariado preto urbano. Armado com essa perspectiva ideológica e com um método, Huey transformou o lumpemproletariado preto, as pessoas esquecidas na parte mais baixa da sociedade, na vanguarda do proletariado". Cabe aos Panteras Negras chegar àqueles

"milhões de pessoas pretas" que "não têm representação política, estão desorganizados, e não possuem nem controlam quaisquer recursos naturais", cuja vida cotidiana "é uma confusão para manter-se, por todos meios necessários, na luta pela sobrevivência". Para dar conta da situação enfrentada por essas pessoas, o marxismo-leninismo não é suficiente, porque não dá conta do racismo; e mesmo um pensador como Frantz Fanon, embora indiscutivelmente útil devido à sua preocupação com "os problemas do povo preto", se preocupava essencialmente com a África, de modo que "apenas indiretamente seus trabalhos são úteis para os afro-americanos".

Considerando tudo isso, é necessário compreender a especificidade da luta do povo preto: nas palavras de Cleaver, há "uma diferença entre o lumpen da mãe-pátria e o lumpen da colônia preta". O proletariado não é uma categoria homogênea; Cleaver o divide entre uma ala à direita, "a classe trabalhadora", e uma ala à esquerda "o lumpemproletariado". "Alguns assim chamados marxistas-leninistas, cegos, acusam o lumpen de ser o parasita da classe trabalhadora", afirma, para logo acusar: "Em realidade, é

acurado dizer que a classe trabalhadora, particularmente a classe trabalhadora norte-americana, é uma parasita da herança da humanidade, da qual o lúmpen tem sido totalmente roubado pelo manipulado sistema capitalista que, por sua vez, arremessou a maior parte da humanidade sobre uma pilha de lixo, enquanto suborna um percentual dela com empregos e seguridade”.

Para Cleaver, o lumpemproletariado precisa de uma estratégia própria: “Os estudantes concentram suas rebeliões nos *campi*, e a classe trabalhadora concentra suas rebeliões nas fábricas e nos piquetes. Mas o lúmpen se vê na posição peculiar de estar impossibilitado de encontrar um emprego e, por isso, está impossibilitado de frequentar as universidades. O lúmpen não tem escolha, a não ser manifestar sua rebelião na Universidade das Ruas”. A classe trabalhadora tem a opção de recorrer a greves ou a processos de negociação coletiva; ao lúmpen, só resta enfrentar seu opressor imediato: a polícia.

Se para Eldridge Cleaver não havia outra saída que não a guerrilha em prol da “destruição da Babilônia”, Huey Newton cada vez mais se inclinava para outras

formas de atuação. O Café da Manhã Gratuito para Crianças em Idade Escolar, programa iniciado em Oakland, rapidamente se espalhou; em 1969, já era oferecido por todo o país, mobilizando centenas de voluntários e uma ampla rede de doadores – o que teria levado uma autoridade governamental a admitir que os Panteras Negras estavam alimentando mais crianças do que o próprio governo dos Estados Unidos⁶³. O Partido instituiu também um programa para oferecer gratuitamente comida para comunidades pobres, distribuindo sacolas com pão, arroz, frutas e vegetais em conserva, leite, ovos e carne de galinha, entre outros itens⁶⁴.

A fim de cumprir o quinto ponto do Programa do Partido, que demandava uma educação que ensinasse aos pretos sua verdadeira história e seu papel na sociedade, os Panteras inauguraram em 1969 a primeira Escola da Libertação, com um currículo “desenvolvido para satisfazer as necessidades da juventude, para guiá-la em sua busca por verdades e princípios revolucionários” (**17. Libertação significa**

63 Ver “Free Breakfast for Schoolchildren Program”, em Hilliard (ed.), 2008, p. 30-34.

64 Ver “Free Food Program”, em Hilliard (ed.), 2008, p. 35-39.

liberdade). As Escolas da Libertação serviam um desjejum e um lanche para as crianças, e previam aulas de segunda a quarta-feira; a quinta-feira era reservada para a exibição de filmes, e a sexta-feira para excursões pela própria comunidade.

The Black Panther publicou um texto (**19. A escola da libertação do ponto de vista de uma mãe**) no qual a mãe de um menino de 2 anos descrevia a escola como “bem organizada e progressista, no verdadeiro espírito do socialismo”. Os Panteras Negras haviam desenvolvido um método para ensinar às crianças sobre luta de classes; as excursões pela comunidade visavam a conscientizar as crianças sobre o racismo e a violência policial. As aulas também incluíam a apresentação de personalidades políticas – inclusive figuras importantes do Partido Pantera Negra –, exercícios físicos e mesmo pequenas marchas ao som de canções dos Panteras Negras. No fim do relato, a mãe manifestava sua esperança de que as crianças crescessem “plenamente capazes de confrontar a ‘estrutura de poder’, a classe dominante de forma efetiva”, e preparadas para “travar qualquer tipo de luta que for exigida para recriar a América de acordo com diretrizes mais humanas, justas e socialistas”.

Diante do cenário de crescente repressão policial e determinado a aprofundar os laços entre o Partido Pantera Negra e as comunidades pobres, Huey Newton procurava concentrar esforços no desenvolvimento de programas e serviços comunitários. Com o acirramento dessa tensão, logo se tornaria evidente que o Partido não poderia abrigar lideranças tão divergentes como Newton e Cleaver: só haveria espaço para um deles.

Entretanto, o Partido precisou se mobilizar pela libertação de Angela Davis, presa após um episódio que resultou na morte de outros Panteras Negras, relacionado aos irmãos Soledad — os negros George Jackson, Fleeta Drumgo e John Clutchette, acusados pelo assassinato de um guarda carcerário branco responsável pela morte de três detentos pretos, durante uma briga.

Os irmãos contavam com o apoio do Comitê de Defesa dos Irmãos Soledad, composto por figuras como Noam Chomsky, Jane Fonda, Lawrence Ferlinghetti e Allen Ginsberg, além de Angela Davis — que desde 1969 trabalhava como professora no departamento de filosofia da UCLA, embora fosse afastada em duas ocasiões, por suas

relações com comunistas e com estudantes ligados ao ativismo político radical. Em 7 de agosto de 1970, durante o julgamento de James McClain, Pantera Negra acusado de esfaquear um guarda carcerário, Jonathan Jackson – irmão mais novo de George Jackson – se apoderou da corte, passou uma arma para McClain, libertou detentos, entre eles o Pantera Ruchell MaGee, e fez vários reféns, entre eles o juiz Harold Haley, a fim de exigir a libertação imediata dos irmãos Soledad.

O carro utilizado durante a fuga foi atingido por múltiplos tiros dos policiais, o que resultou nas mortes de Jackson, Haley, MacClain e do prisioneiro liberto William Christmas, também Pantera Negra. As armas utilizadas por Jackson estavam registradas no nome de Angela Davis, que foi acusada de conspiração, sequestro e homicídio e incluída na lista dos dez fugitivos mais procurados pelo FBI. Davis foi presa cerca de dois meses depois. Um comunicado à imprensa assinado por Huey P. Newton (**26. Comunicado à imprensa, do Ministro da Defesa, sobre a captura de Angela Davis**) denunciou as irregularidades na investigação e a intenção de usar Angela Davis como um bode expiatório. Embora a campanha “Libertem

Angela" ("*Free Angela*") alcançasse uma ampla rede de apoio internacional, Davis só seria inocentada de todas as acusações em junho de 1972.



Foto publicada em *The Black Panther*
(v. 6, n. 7; 13 de março de 1971),
divulgando a campanha pela
libertação de Angela Davis

É nessa época que Huey Newton expõe seu conceito de intercomunalismo. Em um longo texto publicado em novembro de 1970 (**29. Rumo a uma nova constituição**), Newton esboça uma síntese da história dos Estados Unidos, reconstituindo o processo em decorrência do qual se estabeleceu o sistema de opressão sobre os pretos, desde a escravidão até o capitalismo. O país havia chegado a um estado de superdesenvolvimento que levava a classe dominante a investir seu capital excedente em outros países, do que resultara uma nova forma de imperialismo; a partir dessas considerações, Newton sustenta que "o único modo pelo qual podemos obter a liberdade, neste momento, depois de observar e experienciar as condições do país, é ter uma representação proporcional em um regime intercomunalista" — que consistiria na nacionalização das indústrias e na posterior distribuição proporcional de seus postos administrativos e trabalhistas a todos os grupos étnicos.

Isso seria viabilizado pela elaboração de uma nova constituição, capaz de refletir "a natureza étnica e plural da sociedade", permitindo que o povo preto controlasse as instituições de suas comunidades; o mesmo

deveria ocorrer com todos os grupos étnicos – sempre de forma cooperativa, de modo a facultar a participação de membros de outros grupos étnicos presentes nas comunidades. Ainda nesse texto, Newton apresenta duas possibilidades: comprometer-se com o sistema – o que chama de “suicídio reacionário” – ou morrer tentando mudá-lo – o que denomina “suicídio revolucionário”.

Elaborando mais profundamente essas ideias, Newton chegaria a formular os conceitos de “intercomunalismo reacionário” – a interconexão das comunidades mundiais sob o capitalismo global – e de “intercomunalismo revolucionário” – enquanto modo de resistência para além de quaisquer formas de nacionalismo ou internacionalismo, visto que as nações já não poderiam existir independentemente dos processos econômicos imperialistas. O intercomunalismo revolucionário consistiria na erradicação das relações sociais capitalistas e na redistribuição do poder político e econômico para as comunidades – o que propiciaria, finalmente, a construção do comunismo. Huey Newton abandonaria a ideia de uma revolução armada, receoso dos efeitos do

intercomunalismo reacionário sobre as massas⁶⁵.

Em 1971, a cisão interna no Partido Pantera Negra chegou ao ápice. Se a expulsão de membros por alegado envolvimento em ações contrarrevolucionárias ou desrespeito às normas do Partido já fora praticada em anos anteriores – apenas entre março e agosto de 1969, ocorreram 250 expulsões⁶⁶ –, nos números de *The Black Panther* publicados em 1971 as páginas com relatos sobre os “inimigos do povo” se multiplicam. Suas faces são expostas em fotos que, por vezes, chegam a ser estampadas na capa do jornal.

Em 23 de janeiro, o jornal traz a notícia da expulsão de Geronimo Ji-Jaga, Ministro da Defesa do Partido em Los Angeles, acusado de ameaçar de morte membros do Partido – inclusive Huey Newton –, de usar

65 Para uma visão aprofundada do conceito de intercomunalismo, ver: Narayan, John. Huey P. Newton's *Intercommunalism*: an unacknowledged theory of empire. *Theory, Culture & Society*. DOI: 10.1177/0263276417741348.

66 Ver Jones, Charles E. “Wake up Georgia, the Panthers are here! The Georgia Chapter of the Black Panther Party in Atlanta, 1970–1973”. Em: Jeffries, 2018, p. 22.

dinheiro obtido em nome dos Panteras Negras em "farras orgiásticas e burguesas", de violentar irmãs negras e até mesmo de comprar presentes de Natal, "o maior feriado dos porcos capitalistas"; além disso, Ji-Jaga, sua esposa Sandra Lane Pratt, Will Stafford, Wilfred "Crutch" Holiday e George Lloyd teriam se envolvido na organização de um grupo "contrarrevolucionário", motivo pelo qual todos estavam igualmente banidos⁶⁷.

Em 13 de fevereiro⁶⁸, três retratos aparecem na capa do jornal, sobre um fundo alaranjado, sendo reproduzidos logo abaixo, encobertos por três palavras: INIMIGO DO POVO. Em duas páginas, um texto relata como Connie Matthews Tabor e seu marido, Michael Cetewayo Tabor, fugiram levando informações importantes sobre a turnê em que Huey Newton viajou pela Costa Leste, discursando a fim de obter apoio para as campanhas pela libertação de Bobby Seale e Ericka Huggins; além disso, são denunciados por roubar dados de contatos europeus necessários para a realização do Dia Revolucionário Solidário Intercomunal,

67 *The Black Panther*, v. 5, n. 30. 23 de janeiro de 1971.

68 *The Black Panther*, v. 6, n. 3. 13 de fevereiro de 1971.

marcado para 5 de março. O mesmo texto acusa ainda Michael Tabor e Richard Dhoruba Moore de não aparecerem no “circo” do juiz John Murtagh, ou seja, o julgamento dos “*Panther 21*”: os 21 (número posteriormente reduzido para 13) Panteras Negras presos e acusados, em abril de 1969, de conspiração para explodir delegacias, cinco lojas de departamentos, o metrô de Nova Iorque e até mesmo o Jardim Botânico⁶⁹.

69 Também os *Panther 21* (ou “*New York 21*”) não escapariam aos expurgos do Partido. A decisão de privilegiar o recolhimento do dinheiro da fiança para alguns dos Panteras Negras presos, que posteriormente deveriam ajudar a libertar os outros, causou um ressentimento que resultou em uma carta pública dirigida aos *Weathermen* (membros da Weather Underground Organization, grupo radical fundado por estudantes brancos), saudado como a verdadeira vanguarda da luta revolucionária. Os *Weathermen* haviam assumido a responsabilidade por um atentado à casa de Murtagh, em que três bombas explodiram sem deixar feridos. Eldridge Cleaver manifestou apoio aos *Panther 21*, o que acirrou a tensão com Huey Newton. Vale notar que os *Weathermen* revelariam seu racismo ao decidir realizar atividades no âmbito das comunidades negras, a fim de desenvolver lideranças dispostas a colaborar com a luta armada e a confrontar o “revisionismo” que, segundo os *Weathermen*, predominava no Partido Pantera Negra e em outros grupos que recusaram a “convocação” (pelos

Consoante o texto publicado em *The Black Panther*, a atitude de Tabor e Dhoruba dera aos porcos oportunidade para lançarem na cadeia Joan Bird e Afeni Shakur, então grávida de quatro meses. (Em maio de 1971, o júri levaria apenas 45 minutos para deliberar e absolver todos os acusados – e ficara evidente que as autoridades governamentais que caçaram e mantiveram alguns dos Panteras Negras presos por dois anos, 24 horas por dia, sem acesso a cuidados médicos e aos advogados, ofereciam maior perigo do que o Partido. Trinta e seis dias depois, Afeni deu à luz um bebê, inicialmente batizado Lesane Parish Crooks, mas no ano seguinte rebatizado com o nome de um histórico revolucionário peruano: Tupac Amaru Shakur.) “O círculo mais baixo do Inferno está reservado para aqueles que traem seus camaradas”, afirma o texto em *The Black Panther* sobre os “inimigos do povo” – que, mais abaixo, estampa mais dois retratos, identificados como Marcia Roberson e Rosemary Mealy, expulsas do capítulo de Connecticut do Partido Pantera Negra;

brancos) para uma “luta armada negra” contra o racismo e contra o imperialismo. Sobre esse ponto, ver o texto de David Barber, “Leading the vanguard”, em Lazerow; Williams, 2006.

nesse caso, o jornal não traz maiores informações.

O episódio envolvendo Tabor e Dhoruba foi recordado por Afeni Shakur na entrevista que concedeu a Jasmine Guy. Segundo o relato, quando ela e Joan estavam no elevador, a caminho da sala de audiência, já sentiram que havia algo errado; chegando à sala, perceberam que os corréus haviam saído no meio do julgamento, o que fez com que a fiança fosse revogada⁷⁰. “Cet” e Dhoruba fugiram para a Argélia, onde se uniram a Eldridge Cleaver; em uma carta publicada três meses depois no *New York Times*⁷¹, Dhoruba qualificou o julgamento como uma “farsa fascista” e acusou Huey Newton de trair a juventude negra do gueto.

Meses antes da publicação da carta e apenas semanas depois do texto em *The Black Panther* que qualificara Tabor e Doruba como “inimigos do povo”, o jornal dos Panteras Negras já dedicara uma página inteira⁷² a atacar Eldridge Cleaver,

70 Ver Guy, J., 2005, p. 109-110.

71 Ver Moore, Richard. A Black Panther speaks. *The New York Times*, 12 de maio de 1971. p. 43.

72 *The Black Panther*, v. 6, n. 6. 6 de março de 1971.

acusado de denunciar Huey Newton, Angela Davis e Cuba, numa tentativa de dividir o Partido Pantera Negra e o mundo socialista. O número seguinte⁷³ trazia uma ilustração de página inteira, assinada por Emory Douglas, em que Bobby Hutton aparecia de arma em punho; atrás dele, uma figura grotesca, com os braços erguidos em sinal de rendição e as cuecas abaixadas, tinha colada no lugar da cabeça um retrato de Eldridge Cleaver. Além de trazer os nomes estampados junto às figuras, a ilustração ainda exibia uma data (6 de abril de 1968) e um endereço (1218-28th St. Oakland, Califórnia) – aludindo exatamente ao local em que ocorrera o tiroteio entre os Panteras Negras e os policiais de Oakland, menos de dois anos antes. Enquanto preservava o papel de mártir associado ao “Pequeno” Hutton, o jornal agora consagrava a imagem de Cleaver como um covarde.

73 *The Black Panther*, v. 6, n. 7. 13 de março de 1971.

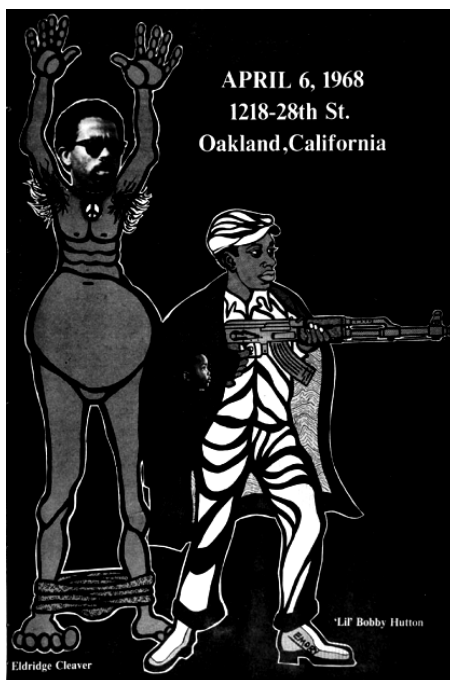


Ilustração publicada em *The Black Panther* (v. 6, n. 7; 13 de março de 1971), aludindo ao tiroteio que resultou na morte de Bobby Hutton e ridicularizando Eldridge Cleaver

Na edição de 20 de março de 1971⁷⁴, além de novas notícias de expulsões – na quinta página, uma nota menciona William Joseph Green e Alice Spencer, de Seattle –, encontramos, nas páginas centrais, o texto “A Eldridge Cleaver e seus conspiradores, do braço de San Quentin do Partido Pantera Negra”; trata-se de uma violentíssima

⁷⁴ *The Black Panther*, v. 6, n. 8. 20 de março de 1971.

invectiva, que ataca Cleaver de todos os ângulos possíveis. O parágrafo inicial, em destaque, traz uma defesa de Huey Newton, apresentado como servo do povo “em ações e feitos”, e logo assume um tom ameaçador ao tratar de Cleaver: “Você é um proscrito. [...] Nós não estamos ameaçando você, apenas alertando sobre seus direitos. Pois um dia você voltará aqui, e nós, que somos definitivamente seus pares, o julgaremos. [...] E pode apostar sua vida que você será tratado com justiça”.

Ao longo do texto, Cleaver é acusado de quebrar todos os códigos revolucionários; de ser um traidor assassino, um negro sedento de poder; de agir como um viciado em heroína, cocaína ou ácido; de colocar em risco as vidas de Bobby Seale, Ericka Huggins, Angela Davis e de todos os prisioneiros políticos. Embora seja assinado por todos os Panteras de San Quentin, as juras de lealdade a Huey se repetem incontáveis vezes no texto, bem como as ameaças explícitas: “Faça o que fizer, reze para que esta sociedade racista e porca aqui (América) não o mande de volta”; “A morte é a única solução para o problema que você representa”. E a página seguinte traz um texto – com fotografias – em que Emory Douglas, Masai

Hewitt, Big Man, Bob Rush e Doug Miranda assumem o compromisso de permanecerem “firmes como uma rocha” ao lado de Huey P. Newton.

A edição de *The Black Panther* publicada em 17 de abril⁷⁵ pretende dar um desfecho a esta questão, num longo texto dedicado a tratar da “deserção” de Eldridge Cleaver do Partido Pantera Negra, e da deserção do próprio Partido em relação à comunidade preta⁷⁶. Ali, Huey Newton apresenta os motivos para o rompimento de uma forma muito mais ponderada. “Por algum tempo, o Partido Pantera Negra perdeu sua visão e desertou da sociedade. Com a deserção de Eldridge Cleaver, todavia, podemos nos mover novamente para um desenvolvimento, em plena escala, de nossa visão original e sair da zona de penumbra na qual o Partido tem estado no passado recente”.

A mudança de rumos é, então, evidenciada. Huey Newton afirma que o Partido Pantera Negra sempre teve uma agenda reformista, o

75 *The Black Panther*, v. 6, n. 12. 17 de abril de 1971.

76 “On the defection of Eldridge Cleaver from the Black Panther Party and the defection of the Black Panther Party from the Black community”, texto assinado por Huey P. Newton, publicado na edição citada na nota anterior.

que estaria explícito já em seu programa: "Muitas vezes, as pessoas dizem que nosso Programa de Dez Pontos é reformista; mas eles ignoram o fato de que a revolução é um processo". A entrada de Cleaver no Partido teria ocasionado precisamente uma ênfase indesejada no uso da violência. "Sob a influência de Eldridge Cleaver, o Partido não deu à comunidade uma alternativa para lidar conosco, exceto pegando em armas". Isso foi uma postura reacionária, afirma Huey Newton, porque a comunidade não estava preparada para fazê-lo: "a revolução é um processo", insiste. Desse modo, o Partido Pantera Negra acabou por distanciar-se da comunidade preta. Agora, com o afastamento de Cleaver — ou seja: supostamente de volta aos trilhos —, o Partido poderia concentrar-se em construir uma estrutura comunitária, tornando-se a "verdadeira voz do povo".

A argumentação de Huey Newton não é convincente, por razões expostas ao longo deste texto. A mais evidente é a ideia de que Cleaver teria fomentado o uso da violência pelo Partido, quando desde o início os Panteras Negras deixaram nítida sua opção por uma postura explícita de enfrentamento, o que incluiu a adesão a uma cultura ostensivamente belicista.

Ademais, a ideia de que Cleaver teria “desviado” o partido de um rumo original estabelecido pelo próprio Newton é falsa por uma razão simples: no processo de construção do Partido, Newton não pôde ter uma participação comparável às de Bobby Seale e Eldridge Cleaver, porque permaneceu preso entre outubro de 1967 – portanto, desde cerca de um ano após a fundação do Partido – até julho de 1970.

Embora, ao longo desse período, os Panteras Negras tenham mantido sua posição como ideólogo e como uma das principais figuras de liderança, Huey Newton esteve afastado em um período crucial para a formação do Partido Pantera Negra. Eldridge Cleaver, por sua vez, teve um tempo significativamente maior para influenciar os rumos do Partido, já que só deixou o país em abril de 1968; e, mesmo assim, continuou a exercer domínio, enquanto responsável pela expansão dos Panteras para a Argélia e para Cuba. Como afirmou Afeni Shakur: “Eldridge Cleaver era a principal força no partido. As pessoas pensam que era Huey, mas era Eldridge”⁷⁷.

77 Ver Guy, 2004, p. 108.

Tudo isso deixa patente que o discurso de Huey Newton em defesa do retorno a uma suposta "essência" do Partido Pantera Negra, antes que esse fosse "desviado" pela interferência de Eldridge Cleaver, na verdade constitui um calculado movimento político: Huey Newton projetava, num passado imaginário, o modelo que idealizava para o futuro – um Partido de orientação reformista que, abandonando o discurso revolucionário radical e as referências bélicas, pudesse encontrar caminhos que viabilizassem uma conciliação com as estruturas políticas vigentes.

As edições de *The Black Panther* publicadas em 1971 continuam a denunciar casos de violência contra negros, mas as referências à resistência armada começam a rarear – até mesmo no que tange às ilustrações de Emory Douglas, que assumem o aspecto de charges políticas mais convencionais ou representam cenas do cotidiano da comunidade preta, em tom francamente sentimental; em maio, por exemplo, uma ilustração de página inteira mostra um bebê negro sorrindo sobre uma colagem de fotografias de crianças e mulheres pretas recebendo alimentação e cuidados médicos.



Ilustração de Emory Douglas publicada
em *The Black Panther*, v. 6, n. 17
(22 de maio de 1971)

Slogans como "morte aos porcos fascistas!" e "atire para matar", presentes nas páginas do jornal até o fim do ano anterior, desaparecem, ao passo que se

reforça cada vez mais a ideia de que a função do Partido era “servir ao povo”; notícias e fotografias do Instituto Intercomunal para a Juventude Huey P. Newton⁷⁸ aparecem cada vez mais frequentemente.

A crítica ao capitalismo permanecia, bem como a incitação à construção de um outro tipo de realidade; mas o texto publicado por Ericka Huggins em janeiro deste ano, por exemplo, reclama a necessidade de erigir um novo mundo sem fazer qualquer referência à luta armada (**30. A revolução em nosso tempo de vida**). Ericka qualifica o governo da “Amérika”⁷⁹ como um “núcleo negativo” que deve ser destruído como etapa necessária para refrear a opressão mundial. Entretanto, as palavras de ordem

78 Estabelecido em 1971, o Huey P. Newton

Intercommunal Youth Institute foi concebido como uma extensão das Escolas da Libertação, mas era voltado para a comunidade preta e pobre de Oakland e tinha uma proposta bastante mais convencional, com aulas de matemática, línguas, artes, ciências, e educação política – nesse caso, com inclusão também de história negra e mexicano-americana. Ver Hilliard (ed.), 2008, p. 5-9.

79 Grafia adotada na época por diversos ativistas políticos em alusão ao nome do país na língua alemã (*Amerika*), de modo sugerir um elo entre o imperialismo estadunidense e o nazismo.

com que encerra o artigo – “Comunicar para Educar para Libertar”; “Amor, Poder, Força” – indiciam a mudança de orientação do Partido.

Em meados de 1971⁸⁰, o Programa de Dez Pontos dos Panteras Negras é subtraído do jornal. A justificativa para a exclusão consta de um texto no qual lemos que aquele Programa, composto em 1966, “não reflete plenamente as necessidades e desejos do nosso povo em 1971”; havia, portanto, a necessidade de que fosse reformulado. A meu ver, a supressão do Programa das páginas de *The Black Panther* constitui uma materialização da mudança de rumos determinada por Huey Newton para o Partido Pantera Negra, consumando um processo que já se vinha efetivando desde o segundo semestre de 1970.

O Programa só volta a ser publicado em maio de 1972⁸¹. Um texto introdutório afirma que a nova versão foi ratificada na “maior reunião, desde o tempo de Malcolm X

80 *The Black Panther*, v. 6, n. 22. 26 de junho de 1971. No exemplar a que tive acesso do v. 6, n. 21 (publicado em 19 de junho), o Programa já não é publicado, mas não há qualquer nota explicativa a esse respeito.

81 *The Black Panther*, v. 8, n. 8. 13 de maio de 1972.

e Martin Luther King, de pessoas pretas e pobres", realizada em Oakland, em 29 de março daquele ano. A nova versão apresenta um significativo conjunto de mudanças.

O primeiro ponto não fala mais apenas em nome da comunidade preta, referindo-se agora também às "comunidades oprimidas"; mudanças similares podem ser percebidas no terceiro e no sétimo pontos. O sexto ponto, que exigia a isenção do serviço militar a todos os homens pretos, dá lugar à demanda por serviços de saúde gratuitos a todos os povos pretos e oprimidos. O oitavo ponto é fundido com o nono, e também é estendido a todas as pessoas pobres e oprimidas. Finalmente, um novo ponto é incluído, exigindo "fim imediato a todas as guerras de agressão".

Este é o mesmo número de *The Black Panther* no qual o Partido Pantera Negra declara apoio à candidatura de Shirley Chisholm — que, embora não filiada aos Panteras Negras, é apresentada como "a única candidata presidencial que está verdadeiramente preocupada com as necessidades e interesses do povo". No número seguinte⁸², o Partido anuncia as

82 *The Black Panther*, v. 8, n. 9. 20 de maio de 1972.

candidaturas de Bobby Seale para prefeito e de Elaine Brown para a Câmara Municipal.

Vale notar que no artigo sobre a “deserção” de Eldridge Cleaver, publicado cerca de um ano antes, Huey Newton afirmara que o Partido endossaria e apoiaria candidatos que agissem de acordo com os verdadeiros interesses do povo, mas nunca concorreria a cargos políticos⁸³. (Também nesse aspecto, a bem da verdade, as contradições são mais profundas: em 1968, Eldridge Cleaver se candidatara à presidência, enquanto Kathleen Cleaver se candidatara à Câmara Municipal; todavia, naquela ocasião nem mesmo os próprios Panteras Negras acreditavam que algum dos dois tivesse reais chances nas eleições — com efeito, as candidaturas constituíam um ato político de enfrentamento contra Willie Brown, negro eleito deputado que, na visão dos Panteras, omitia-se em relação aos interesses do povo preto, inclusive no que dizia respeito ao

83 Trata-se do já comentado texto “On the defection of Eldridge Cleaver from the Black Panther Party and the defection of the Black Panther Party from the Black community”, publicado em *The Black Panther*, v. 6, n. 12. 17 de abril de 1971.

encarceramento de Huey Newton e Eldridge Cleaver⁸⁴.)

Penso já ter apresentado elementos suficientes para um entendimento da mudança de rumos do Partido Pantera Negra a partir de meados de 1971, desse modo fundamentando minha opção de apresentar, nesta antologia, artigos publicados em *The Black Panther* apenas até o começo daquele ano. Não pretendo com isso advogar que, durante essa primeira época – ou seja, entre 1966 e 1971; ou mesmo entre 1968 e 1971, época em que historiadores comumente situam os “anos áureos” da organização –, o Partido tenha sido capaz de preservar o que seria sua verdadeira “natureza”; penso que isso implicaria recair em uma visão essencialista, que apenas inverteria a argumentação de Huey Newton. Embora seu discurso sobre reconduzir o Partido aos trilhos seja falacioso, como acredito haver demonstrado há algumas páginas, considero adequada a afirmação de Newton segundo a qual o Partido passou por um desenvolvimento dialético. A questão é que não havia uma “essência” perdida a ser resgatada, e sim transformações que

84 Ver *The Black Panther*, v. 2, n. 3. 18 de maio de 1968.

inevitavelmente modificaram a composição e os interesses do Partido Pantera Negra.

Tendo apresentado a trajetória da organização até 1972, apenas sintetizarei o que ocorre até a dissolução do Partido Pantera Negra, cerca de dez anos depois. Os projetos eleitorais das lideranças do Partido fracassariam, acarretando graves consequências⁸⁵. O declínio de apoio público e a incapacidade de controlar as atividades dos filiados levaram parte da cúpula do Partido Pantera Negra, encabeçada por Huey Newton, a elaborar uma estratégia ousada: concentrar todas as forças em Oakland, local de origem do Partido, a fim de vencer as eleições e dominar a cidade. Os Panteras, então, dispunham dos meios necessários para promover um desenvolvimento econômico que geraria emprego e lucro para os pretos, permitindo também a implantação de mais

85 Como fontes para o relato sobre os fracassados projetos eleitorais dos Panteras Negras neste período, uso: Dixon, 2012, cap. 27: *The Campaign – 1973*; Ollie A. Johnson, “Explaining the demise of the Black Panther Party: the role of the internal factors”, em Jones, 1998; e Self, Robert O. *American Babylon: race and the struggle for Postwar Oakland*. Princeton: Princeton University Press, 2003. Cap. 8: *Babylon*.

programas e serviços; posteriormente, o Partido poderia retomar a estratégia expansionista, ampliando seu domínio para outras cidades.

Essa proposta não foi prontamente aceita — nem mesmo por Bobby Seale, então presidente do Partido, que sustentou sua posição nos fatos de que o Partido já era suficientemente forte em Oakland, cuja sede não dispunha de recursos para abrigar todos os membros que para lá afluíssem; e de que o Partido oferecia programas e serviços comunitários em diversas cidades, que não poderiam ser encerrados de uma hora para a outra. Ao fim, a decisão do Comitê Central foi fechar de modo gradativo e temporário as seções ao longo do ano de 1972; finalmente, vencida a eleição, os Panteras Negras poderiam levar para as outras cidades a experiência vitoriosa.

Quase que imediatamente, a decisão da cúpula do Partido se revelou problemática: houve uma nova debandada de membros que se recusaram a viajar para Oakland, encerrando programas e abandonando pessoas que contavam com a ajuda dos Panteras para superar problemas com a lei. O problema foi agravado pela desconfiança da

imprensa, que colocava em dúvida as possibilidades de que um grupo conhecido por seu radicalismo, que criara tanta tensão na cidade e alcançara notoriedade por sua retórica inflamada, fosse capaz de governar efetivamente a cidade. Para completar, a despeito de sua intensa mobilização, os Panteras não contavam com um imprevisto: a candidatura de um outro negro – Otho Green, um homem de negócios que contava com apoio de brancos poderosos de Oakland, e que arrancaria preciosos votos de Seale. Ao fim, nenhum dos candidatos Panteras Negras foi eleito; a frustração fez com que ainda mais membros se afastassem. Para piorar, a estrutura nacional do Partido fora efetivamente comprometida pelo deslocamento de recursos e pessoal para Oakland: agora, tudo estava nas mãos de Newton.

Diversos relatos descrevem o Huey Newton dos anos 1970 como uma espécie de criminoso megalomaniaco, cujo desequilíbrio era intensificado pelo uso desregrado de drogas. Cabe analisar criticamente essas narrativas. Algumas pessoas próximas de Newton confirmaram que o desmantelamento do Partido acompanhou a deterioração de sua saúde mental: Newton sofria de depressão e transtorno bipolar,

e não procurou tratamento adequado; sua condição foi efetivamente agravada pelo vício em cocaína. Todavia, muitas das atividades criminosas que lhe foram associadas eram, na verdade, boatos plantados por ativistas de direita, cujo objetivo era atingir a reputação do Partido – ainda que tenhamos notícia de alguns crimes graves que ele de fato cometeu.

Para concretizar seu propósito de dominar o submundo de Oakland, Huey Newton não hesitou em recorrer à violência: donos de clubes noturnos, traficantes e cafetões foram espancados e assassinados por ordem sua. Em certa ocasião, Newton baleou a prostituta Kathleen Smith, que supostamente o teria insultado; uma vez acusado, tentou eliminar todas as testemunhas. Também por conta de supostas ofensas, Newton agrediu a coronhadas Preston Callins, um alfaiate que fora a seu apartamento tirar medidas para confecção de um terno, fraturando seu crânio em quatro lugares. A repercussão midiática desses eventos, amplificada pelos boatos, prejudicou ainda mais a reputação do Partido⁸⁶. Para tentar se livrar das acusações relacionadas às

86 Ver Bloom; Martin, 2013, p. 382.

agressões a Smith e Callins, Huey Newton se exilou em Cuba, em agosto de 1974, deixando o Partido nas mãos de Elaine Brown.

Com Brown na presidência, o Partido Pantera Negra conseguiu fôlego para durar mais alguns anos: ela reorganizou o Partido, nomeou mulheres para posições importantes e trabalhou ativamente para eliminar a desigualdade de gênero na organização. Sob a direção de Ericka Huggins e Regina Davis, a Escola Comunitária de Oakland alcançou um elevado nível de excelência, chegando a atender duzentas crianças. A aliança política entre o Partido Pantera Negra e o governador de Oakland alcançou um notável desenvolvimento econômico para a região, e levou ao poder o primeiro prefeito preto: Lionel Wilson, eleito em maio de 1977⁸⁷.

Não obstante, Brown não deixou de utilizar a intimidação e a violência para manter o controle – ordenando que um membro do Partido que agredira sua companheira fosse submetido a uma “sessão de disciplina”, por exemplo, ou ameaçando com violência física um opositor que fizera acusações

87 Ver Bloom; Martin, 2013, p. 384-385.

públicas que a desagradaram⁸⁸. Logo após o retorno de Huey Newton, em 1977, Elaine Brown se desligou do Partido, reconhecendo seu fracasso em enfrentar o sexismo que persistia na organização. Meia década mais tarde, o Partido Pantera Negra encerraria suas atividades: acusações de mau uso de doações por Huey Newton, o fim de programas comunitários e da escola inviabilizaram a continuidade da organização, que já perdera sua força política.

Huey Newton daria prosseguimento à carreira acadêmica, obtendo em 1980 o doutorado na Universidade da Califórnia em Santa Cruz, com uma tese sobre os Panteras Negras. Contudo, em 22 de agosto de 1989, seria assassinado por um traficante em uma rua de Oakland próxima do local onde, mais de duas décadas antes, fundara com Bobby Seale o Partido Pantera Negra. A perda de uma figura ainda lembrada como heroica foi sentida pela comunidade preta: duas mil pessoas compareceram a seu funeral. Uma das presentes, Evangelina Smith, afirmou, em meio a lágrimas: “Ele disse o que Jesus disse para fazer, alimentar o faminto e abrigar o pobre”; quando perguntada sobre as alegações contra Newton, respondeu:

88 Ver Brown, 1994, p. 368.

“Eles dirão qualquer coisa sobre qualquer líder preto”⁸⁹.

Após a expulsão do Partido, Eldridge Cleaver fundou na Argélia, junto de sua esposa Kathleen Cleaver, a Rede de Comunicações Revolucionária Popular (Revolutionary People's Communication Network); entretanto, o interesse do governo argelino em estreitar relações com os Estados Unidos tornou o ambiente político pouco favorável aos grupos de esquerda, e o casal se mudou para a França em 1974. Já nessa época, Eldridge começou a oscilar para a direita, ao mesmo tempo em que se reaproximava do cristianismo⁹⁰. No início dos anos 80, sua tentativa de lançar as “cleavers” – calças “revolucionárias” desenhadas para “verdadeiros homens”, que no lugar da braguilha traziam uma espécie de

89 Ver: Huey Newton killed; was a co-founder Of Black Panthers. *The New York Times*, 23 de agosto de 1989; Pollack, Andrew. Crowd pays respects to Newton. *The New York Times*, 28 de agosto de 1989; Mourners pay last respects to Huey Newton. *Lodi News-Sentinel*, 29 de agosto de 1989.

90 Cleaver aborda sua infância católica e sua relação com a religião na juventude nos textos “A religious conversion, more or less” e “‘The Christ’ and his teachings”, de *Soul on ice* (ver Cleaver, 1999).

repositório desenvolvido para evidenciar o pênis, assim supostamente “libertado” – expôs como Eldridge se tornara uma caricatura, disposto a tentar explorar comercialmente a fama que alcançara como Pantera Negra, ao mesmo tempo em que se declarava publicamente opositor do comunismo. Seu último vínculo com o Partido foi encerrado em 1985, quando ele e Kathleen se divorciaram. Nos anos seguintes, Cleaver fracassaria em tentativas de se eleger como político alinhado com os conservadores republicanos; criaria uma religião própria, síntese de cristianismo e islamismo, representada pelos “Cruzados de Eldridge Cleaver”, antes de aderir ao mormonismo; e voltaria a enfrentar problemas com a lei, devido ao vício em cocaína. Em 1998, Eldridge Cleaver faleceu, em Los Angeles.

Bobby Seale se afastara do Partido Pantera Negra em 1974, quando a tensão entre ele e Huey Newton se tornara insustentável; houve relatos de que este o teria espancado após uma discussão, o que já foi desmentido pelo próprio Seale⁹¹. Desde

91 Essa versão, mencionada por Elaine Brown (1994, p. 350-351), foi difundida com detalhes por David Horowitz, ex-apoiador dos Panteras Negras

então, Bobby Seale se manteve engajado nas lutas políticas em prol da comunidade preta, ministrando palestras sobre os Panteras Negras junto de sua companheira, Leslie M. Johnson-Seale – que também atuou no Partido – e desenvolvendo programas voltados à educação e conscientização política de jovens.

Como Bobby Seale, outras figuras egressas do Partido vêm preservando o legado dos

que, após uma guinada para a direita, tornou-se um de seus maiores opositores. Segundo Horowitz, o espancamento incluiria até mesmo a sodomização de Seale, o que demandaria uma cirurgia reconstrutiva. Para uma descrição detalhada do episódio e as negativas de Seale, ver Perkins, Margo V. "Inside our dangerous ranks", em Springer, Kimberly (ed.). *Still lifting, still climbing: African American women's contemporary activism*. Nova Iorque: New York University Press, 1999. Embora apresente um relato detalhado do episódio, a avaliação de Perkins me parece contraditória: ela sustenta que Brown teria omitido parte do ocorrido, em particular a suposta sodomização de Seale, para preservar "imagens românticas persistentes" do Partido; contudo, Brown descreve diversos episódios de tortura envolvendo os Panteras Negras, o que já impossibilitaria aquela "romantização". É também notável que Seale nada mencione sobre o episódio em sua autobiografia, *A lonely rage*, apresentando seu afastamento do Partido como um processo sem incidentes.

Panteras Negras. Elaine Brown fundou diversas organizações voltadas a oferecer oportunidades educacionais e amparo jurídico a crianças e adolescentes pretos; formando-se advogada, tem atuado na defesa de Michael Lewis, condenado à prisão perpétua aos 14 anos por um homicídio que não cometeu. Também Angela Davis se tornou um dos mais importantes nomes da luta anticarcerária, consolidando-se ademais como uma das intelectuais pretas mais importantes da contemporaneidade, autora de obras de referência sobre gênero e teoria política. Ericka Huggins atuou como professora em diversas universidades, destacando-se na luta de combate à Aids e em favor das pessoas soropositivas, em particular gays, lésbicas, bissexuais e trans. Concluindo sua formação em Direito na Universidade de Yale, Kathleen Cleaver construiu uma carreira acadêmica voltada para estudos afro-americanos, e vem utilizando seus conhecimentos jurídicos na campanha em favor de Mumia Abu-Jamal.

Membro do Partido Pantera Negra desde a adolescência, Mumia Abu-Jamal dirigia seu táxi, em 9 de dezembro de 1981, quando se deparou com uma briga entre seu irmão, William Cook, e o policial Daniel Faulkner. Baleado no episódio, Abu-Jamal

foi acusado de assassinar Faulkner com um tiro. Em seu julgamento, recursos foram negados à defesa e o júri apresentou um gritante desequilíbrio racial: 2 pretos e 14 brancos – em plena Filadélfia, onde estudos revelaram que um réu preto tem quase quatro vezes mais chances do que um branco de receber a pena de morte. O discurso da acusação se apoiou em evidências balísticas falhas (segundo os primeiros relatos, Faulkner foi morto por uma bala calibre .44, ao passo que Abu-Jamal tinha uma arma de calibre .38); em testemunhas que foram coagidas pela polícia; e em uma suposta confissão ouvida por dois policiais e uma guarda de segurança, elemento apresentado apenas dois meses após o ocorrido, e que contradiz relatos de que Abu-Jamal chegara ao hospital quase inconsciente. Inicialmente condenado à pena de morte, Abu-Jamal teve a pena convertida em prisão perpétua em 2011, em decorrência de uma campanha que conta com a participação de entidades como a Anistia Internacional e a Human Rights Watch. Abu-Jamal se mantém politicamente ativo na prisão, assinando diversas publicações sobre a pena de morte, o sistema carcerário e os Panteras Negras.

Outro caso de grande visibilidade é o de Assata Shakur; na verdade, ela não permaneceu muito tempo vinculada ao Partido, tecendo severas críticas sobre o escasso conhecimento da história preta por muitos de seus membros, a falta de um programa sistemático de educação política e mesmo a incapacidade de Huey Newton para expor suas próprias ideias – como a noção de intercomunismo, por exemplo, sobre a qual Newton ofereceria longos discursos que quase ninguém entenderia⁹².

De todo modo, Assata manteve contato com muitos Panteras Negras após seu afastamento, e permaneceu ativa na luta revolucionária – sobretudo no Exército da Libertação Preta (Black Liberation Army), tornando-se uma das militantes mais perseguidas pelo FBI. Em maio de 1973, Assata Shakur, Zayd Malik Shakur e Sundiata Acoli foram parados na Rodovia de Nova Jérsei pelos policiais James Harper e Werner Foerster; o confronto armado que ocorreu a seguir resultou nas mortes de Foerster e Zayd Shakur – Assata e Harper sobreviveram, com ferimentos. Em 1977, Assata foi condenada à prisão perpétua por um júri inteiramente formado por pessoas brancas, embora relatórios médicos

92 Ver Shakur, 1987, p. 220-221.

assegurassem que, devido aos ferimentos sofridos durante o tiroteio, Assata não teria condições de reagir; ademais, enquanto esteve hospitalizada, foi torturada por policiais que esperavam obter assim uma confissão. Mantida por 21 meses na solitária, Assata fugiu em 1979 de uma prisão em Nova Jérsei e obteve asilo político em Cuba, em 1984. Desde 2013, Assata Shakur está na lista dos terroristas mais procurados do FBI, e continua a ser um dos símbolos mundiais da resistência preta.

Além de Mumia Abu-Jamal e Assata Shakur, outros ex-Panteras Negras permanecem encarcerados: H. Rap Brown, Sundiata Acoli, Mutulu Shakur, Ruchell "Cinque" Magee, Herman Bell, Veronza Bowers, Freddie Hilton, Romaine "Chip" Fitzgerald, Jalil Abdul Muntaqim, Hugo "Yogi" Pinell, Ed Poindexter, Russell "Maroon" Shoatz, e Robert "Seth" Hayes. Muitos outros morreram na prisão, sem que fosse jamais respeitado o seu direito a um julgamento justo; entre esses, podem ser citados Kuwasi Balagoom, James Dixon, Abdullah Majid, David Rice, Herman Wallace, Albert "Nuh" Washington e Warren Wells.

Isso evidencia como os Panteras Negras permanecem entre nós, e como o seu legado permanece em construção, dia após dia – inclusive no Brasil. Como observou a pesquisadora Raquel Barreto⁹³, os Panteras Negras “têm sido referência política e simbólica na luta antirracista e na afirmação identitária negra no Brasil” – desde quando o cineasta preto Zózimo Bulbul lançou, em 1973, o curta-metragem “Alma no Olho”, inspirado no livro de Eldridge Cleaver *Soul on ice* (aqui publicado em 1971, sob o título *Alma no exílio*), até o clipe dos Racionais MC’s para a música *Mil faces de um homem leal*, no qual os integrantes do grupo aparecem, em uma das cenas, trajados como Panteras Negras.

Para além da influência estética, perceptível em diversos grupos e coletivos, há atualmente um sério empenho de militantes e ativistas em tornar acessíveis para o público brasileiro artigos e documentos dos Panteras Negras, como pode revelar uma pesquisa na internet

93 Ver Barreto, Raquel. *Os Panteras Negras e o Brasil: notas sobre uma história da diáspora*. Em: “Todo o Poder para o Povo! Emory Douglas e Panteras Negras”. Catálogo de exposição realizada no SESC – Pinheiros, de 8 de março a 4 de junho de 2017.

por blogs e páginas de coletivos. Esta antologia constitui mais uma iniciativa nesse sentido, com o propósito de disponibilizar para brasileiras e brasileiros engajados na luta antirracista e anticapitalista material que faculte um conhecimento mais aprofundado sobre uma das organizações revolucionárias mais importantes da história recente.

Antologia

Nota sobre a tradução

De modo geral, salvo em casos nos quais o contexto solicitava uma solução diversa, optei por traduzir *Black* como 'preto' (*black people* = 'povo preto' / 'pessoas pretas') e *Negro* como 'negro', a fim de preservar uma distinção semântica relevante.

A Nação do Islã explorou uma distinção entre o termo 'preto' (*Black*) como oposto a 'branco', expressando a oposição entre uma identidade pan-europeia e uma identidade pan-africana; o 'negro' (*Negro*) seria um termo vago, que esvaziaria a identidade dos afro-americanos e apagaria seus laços culturais, territoriais e linguísticos. O 'negro', nesse caso, designaria também o sujeito ainda desprovido de consciência racial. Essa posição influenciaria tanto os Panteras Negras quanto os nacionalistas culturais, a despeito de suas divergências políticas em relação à Nação do Islã, sobretudo devido aos discursos de Malcolm X. Não obstante, no caso do próprio nome do partido, optei por manter a tradução consagrada; assim, traduzi *Black Panther Party* por 'Partido Pantera Negra'.

Mantive nos textos traduzidos os grifos presentes nos documentos originais, como palavras em negrito e sublinhadas.



"Filho, o que você quer de aniversário?"

"Uma metralhadora, uma espingarda, uma caixa de granadas de mão, uma caixa de dinamite e uma caixa de fósforos."

1

Aos policiais racistas

Pantera Puranga

The Black Panther, v. 1, n. 2.

15 de maio de 1967⁹⁴.

Nós não gostamos do modo como vocês, policiais, têm feito mau uso da lei e maltratado o povo. Vocês são funcionários públicos, o que significa que todo o povo – todo o povo – delegou a vocês a tarefa de garantir a segurança das pessoas no exercício diário de seus direitos. Por exemplo: a função de remover resíduos de nossas privadas foi delegado pelo povo àqueles que nós chamamos de “encanadores”. A outros foi delegada a responsabilidade de transportar nosso lixo, e nós os chamamos de “lixeiros”. Pessoas que nós contratamos para entregar o nosso correio são chamadas de “carteiros”. Vocês foram contratados pelo povo para preservar a paz. É seu dever dar conta do seu trabalho de um modo menos propício a desagradar seus empregados e calculado para fazer com que as pessoas sintam que é justo continuar a mantê-los na folha de pagamento pública. Mas porque vocês

94 Na primeira página, o texto surge com o título “Aos policiais”; o título completo, “Aos policiais racistas”, aparece na quarta página.

desonraram brutalmente o próprio nome pelo qual vocês são conhecidos — agente da paz —, vocês se tornaram inimigos do povo; vocês se tornaram um tumor canceroso no corpo político. Vocês têm uma imagem que causa terror nos corações daqueles que compram seu pão, pagam seu aluguel e alimentam seus filhos. Vocês se tornaram um problema que deve ser resolvido. O PARTIDO PANTERA NEGRA PARA AUTODEFESA tem sido convocado pelos gritos, pelo sofrimento e pela dor do povo. Nós estamos aqui para civilizar vocês. Nós estamos aqui para ensinar vocês a amar e a servir as pessoas com uma atitude humilde e fidedigna, consistente com a sua posição. Nós faremos esse trabalho, gostem vocês disso ou não. Vocês provavelmente não gostarão, porque vocês são muito sádicos em seu desejo de derramar o sangue do povo; vocês se tornaram insensíveis mesmo diante dos apelos agonizantes de uma criança que vocês acabaram de balear com seu revólver de serviço vicioso. O PARTIDO PANTERA NEGRA PARA AUTODEFESA está aqui para defender as pessoas da sua insanidade e da sua sede de sangue.

Vocês fizeram de si mesmos os senhores do povo; vocês promoveram a si mesmos injustificadamente. Mas nós cuidaremos

para que vocês sejam trazidos até o nível dos homens.

A justiça está do nosso lado. Vocês abandonaram a lei. Vocês transformaram a lei em uma armadilha na qual as pessoas tropeçam. Vocês são inimigos da paz, foras-da-lei — vocês se tornaram o Inimigo Público Número Um, e é uma política do PARTIDO PANTERA NEGRA PARA AUTODEFESA lidar com as coisas mais importantes em primeiro lugar.



WE WANT AN IMMEDIATE END TO
POLICE BRUTALITY AND MURDER
OF BLACK PEOPLE

“Nós queremos um fim imediato para a brutalidade
policial e para o assassinato do povo preto.”

O que nós queremos agora! Em que nós acreditamos

The Black Panther, v. 1, n. 2.

15 de maio de 1967⁹⁵.

PARA AQUELAS POBRES ALMAS QUE NÃO CONHECEM
A HISTÓRIA PRETA, AS CRENÇAS E DESEJOS DO

95 Este é o programa de dez pontos dos Panteras Negras, posteriormente republicado em todos os outros 536 números de *The Black Panther*. Joshua Bloom e Waldo E. Martin, Jr. alertam quanto ao equívoco de se apresentar como original a versão de outubro de 1968, supostamente distribuída em outubro de 1966. A versão que aqui traduzo é, portanto, a primeira oficialmente publicizada, como aparece no segundo número de *The Black Panther*. Conservo o uso de maiúsculas presente na publicação original. A partir do número 5 (de 7 de setembro de 1968), o texto será publicado de forma mais compacta, antecedido pelo parágrafo: "O programa é usualmente dividido em uma seção de dez pontos intitulada 'O que nós queremos' e dez parágrafos explicando esses pontos, em uma seção intitulada 'Em que nós acreditamos'. Para melhor entendimento, nós colocamos cada um dos dez pontos de 'O que nós queremos' imediatamente acima de seu parágrafo correspondente de 'Em que nós acreditamos'". Em algumas edições do segundo semestre de 1969, a parte "O que nós queremos" será publicada com ilustrações. Sobre este programa, ver o texto **22. A Plataforma e Programa de Dez Pontos do Partido Pantera Negra.**

PARTIDO PANTERA NEGRA PARA AUTODEFESA
PODEM PARECER POUCO RAZOÁVEIS. PARA AS
PESSOAS PRETAS, OS DEZ PONTOS CONTEMPLADOS
SÃO ABSOLUTAMENTE ESSENCIAIS PARA A
SOBREVIVÊNCIA. NÓS OUVIMOS A REVOLTA
PRODUZINDO AS PALAVRAS "ESSAS COISAS LEVAM
TEMPO" POR 400 ANOS. O PARTIDO PANTERA
NEGRA SABE O QUE O POVO PRETO QUER E DE
QUE ELE PRECISA. A UNIDADE PRETA E A
AUTODEFESA TORNARÃO ESSAS DEMANDAS
REALIDADE.

O QUE NÓS QUEREMOS

1. NÓS QUEREMOS LIBERDADE, QUEREMOS PODER
PARA DETERMINAR O DESTINO DE NOSSA
COMUNIDADE PRETA.

2. NÓS QUEREMOS PLENO EMPREGO PARA O NOSSO
POVO.

3. NÓS QUEREMOS UM FIM PARA O ROUBO DE
NOSSA COMUNIDADE PRETA PELO HOMEM BRANCO.

4. NÓS QUEREMOS MORADIAS DECENTES, FEITAS
PARA ABRIGAR SERES HUMANOS.

5. NÓS QUEREMOS EDUCAÇÃO PARA O NOSSO
POVO, QUE EXPONHA A VERDADEIRA NATUREZA
DESTA SOCIEDADE NORTE-AMERICANA DECADENTE.
NÓS QUEREMOS UMA EDUCAÇÃO QUE NOS ENSINE

NOSSA VERDADEIRA HISTÓRIA E NOSSO PAPEL NA SOCIEDADE ATUAL.

6. NÓS QUEREMOS QUE TODOS OS HOMENS PRETOS SEJAM ISENTOS DO SERVIÇO MILITAR.

7. NÓS QUEREMOS UM FIM IMEDIATO PARA A BRUTALIDADE POLICIAL E PARA O ASSASSINATO DO POVO PRETO.

8. NÓS QUEREMOS LIBERDADE PARA TODOS OS HOMENS PRETOS MANTIDOS EM PRISÕES E CADEIAS FEDERAIS, ESTADUAIS, NOS CONDADOS E NAS CIDADES.

9. NÓS QUEREMOS QUE TODAS AS PESSOAS PRETAS, QUANDO LEVADAS A JULGAMENTO, SEJAM JULGADAS NA CORTE POR UM JÚRI FORMADO POR SEUS PARES, OU POR PESSOAS DE SUAS COMUNIDADES PRETAS. COMO ESTÁ DEFINIDO PELA CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS.

10. NÓS QUEREMOS TERRA, PÃO, MORADIA, EDUCAÇÃO, ROUPAS, JUSTIÇA E PAZ.

EM QUE NÓS ACREDITAMOS

1. NÓS ACREDITAMOS QUE O POVO PRETO NÃO SERÁ LIVRE ATÉ QUE ESTEJAMOS APTOS A DETERMINAR NOSSO DESTINO.

2. NÓS ACREDITAMOS QUE O GOVERNO FEDERAL É RESPONSÁVEL POR, E OBRIGADO A CONCEDER A CADA HOMEM EMPREGO OU UM RENDIMENTO GARANTIDO. NÓS ACREDITAMOS QUE SE OS HOMENS DE NEGÓCIOS BRANCOS NORTE-AMERICANOS NÃO CONCEDEREM PLENO EMPREGO, ENTÃO OS MEIOS DE PRODUÇÃO DEVEM SER TOMADOS DOS HOMENS E NEGÓCIOS E COLOCADOS NA COMUNIDADE, DE MODO QUE AS PESSOAS DA COMUNIDADE POSSAM ORGANIZAR E EMPREGAR TODO O SEU POVO E DAR-LHE UM PADRÃO DE VIDA ELEVADO.

3. NÓS ACREDITAMOS QUE ESTE GOVERNO RACISTA NOS ROUBOU, E AGORA DEMANDAMOS O DÉBITO DEVIDO DE QUARENTA ACRES E DUAS MULAS. QUARENTA ACRES E DUAS MULAS FORAM PROMETIDOS 100 ANOS ATRÁS, COMO RETRIBUIÇÃO PELO TRABALHO ESCRAVO E ASSASSINATO EM MASSA DO POVO PRETO⁹⁶. NÓS ACEITAREMOS O PAGAMENTO EM MOEDA, QUE SERÁ DISTRIBUÍDO PARA NOSSAS MUITAS COMUNIDADES. OS ALEMÃES AGORA ESTÃO AJUDANDO OS JUDEUS EM ISRAEL, DEVIDO AO GENOCÍDIO DO POVO JUDEU. OS ALEMÃES ASSASSINARAM 6.000.000 DE JUDEUS. O RACISTA AMERICANO PARTICIPOU DO MASSACRE DE MAIS DE 50.000.000 DE PESSOAS PRETAS; PORTANTO, CONSIDERAMOS QUE NOSSA DEMANDA É MODESTA.

96 Essa questão é retomada no texto 14. O **capitalismo preto e o que ele significa.**

4. NÓS ACREDITAMOS QUE SE OS SENHORES DE TERRA BRANCOS NÃO OFERECEREM MORADIA DECENTE PARA NOSSA COMUNIDADE PRETA, ENTÃO A MORADIA E A TERRA DEVEM SER TRANSFORMADOS EM COOPERATIVAS, DE MODO QUE NOSSA COMUNIDADE, COM AUXÍLIO GOVERNAMENTAL, POSSA CONSTRUIR E FAZER MORADIAS DECENTES PARA O SEU POVO.

5. NÓS ACREDITAMOS EM UM SISTEMA EDUCACIONAL QUE OFERECERÁ AO NOSSO POVO UM CONHECIMENTO DE SI. SE UM HOMEM NÃO TEM CONHECIMENTO SOBRE SI MESMO E SOBRE SUA POSIÇÃO NA SOCIEDADE E NO MUNDO, ELE TEM POUCA CHANCE DE SE IDENTIFICAR COM QUALQUER COISA.

6. NÓS ACREDITAMOS QUE PESSOAS PRETAS NÃO DEVEM SER FORÇADAS A LUTAR NO SERVIÇO MILITAR PARA DEFENDER UM GOVERNO RACISTA QUE NÃO NOS PROTEGE. NÓS NÃO LUTAREMOS E MATAREMOS OUTRAS PESSOAS NÃO-BRANCAS NO MUNDO QUE, COMO O POVO PRETO, ESTÃO SENDO VITIMIZADAS PELO GOVERNO RACISTA BRANCO DA AMÉRICA. NÓS PROTEGEREMOS A NÓS MESMOS DA FORÇA E DA VIOLÊNCIA DA POLÍCIA RACISTA E DAS FORÇAS ARMADAS RACISTAS, POR TODOS OS MEIOS NECESSÁRIOS.

7. NÓS ACREDITAMOS QUE PODEMOS DAR FIM À BRUTALIDADE POLICIAL EM NOSSAS COMUNIDADES PRETAS ORGANIZANDO GRUPOS DE AUTODEFESA PRETOS, DEDICADOS A DEFENDER NOSSA COMUNIDADE PRETA DA OPRESSÃO E BRUTALIDADE DA POLÍCIA RACISTA. A SEGUNDA EMENDA DA CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS NOS DÁ O DIREITO DE PORTAR ARMAS. NÓS, PORTANTO, ACREDITAMOS QUE TODAS AS PESSOAS PRETAS DEVEM ARMAR A SI MESMAS PARA AUTODEFESA.

8. NÓS ACREDITAMOS QUE TODAS AS PESSOAS PRETAS DEVEM SER LIBERTAS DAS MUITAS CADEIAS E PRISÕES, PORQUE ELAS NÃO RECEBERAM UM JULGAMENTO JUSTO E IMPARCIAL.

9. NÓS ACREDITAMOS QUE AS CORTES DEVEM SEGUIR A CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS, DE MODO QUE PESSOAS PRETAS RECEBAM JULGAMENTOS JUSTOS. A 14ª EMENDA DA CONSTITUIÇÃO ESTADUNIDENSE OFERECE AO HOMEM O DIREITO DE SER JULGADO POR SEUS PARES. UM PAR É UMA PESSOA DE SEMELHANTE ORIGEM ECONÔMICA, SOCIAL, RELIGIOSA, GEOGRÁFICA, AMBIENTAL, HISTÓRICA E RACIAL. PARA FAZER ISSO, A CORTE SERÁ FORÇADA A SELECIONAR UM JÚRI DA COMUNIDADE PRETA DA QUAL VEIO O RÉU PRETO. NÓS TEMOS SIDO, E ESTAMOS SENDO JULGADOS POR JÚRIS INTEIRAMENTE BRANCOS, QUE NÃO COMPREENDEM

O “HOMEM MÉDIO RACIONAL” DA COMUNIDADE PRETA.

10⁹⁷. QUANDO, NO CURSO DOS ACONTECIMENTOS HUMANOS, TORNA-SE NECESSÁRIO A UM POVO DISSOLVER OS LAÇOS POLÍTICOS QUE O LIGAM A OUTRO E ASSUMIR, ENTRE OS PODERES DA TERRA, SITUAÇÃO INDEPENDENTE E IGUAL A QUE LHE DÃO DIREITO AS LEIS DA NATUREZA E DE DEUS, O CORRETO RESPEITO ÀS OPINIÕES DOS HOMENS EXIGE QUE SE DECLAREM AS CAUSAS QUE O LEVAM A ESSA SEPARAÇÃO.

CONSIDERAMOS ESTAS VERDADES EVIDENTES POR SI MESMAS, QUE TODOS OS HOMENS SÃO CRIADOS IGUAIS, QUE SÃO DOTADOS PELO CRIADOR DE CERTOS DIREITOS INALIENÁVEIS, QUE ENTRE ESTES ESTÃO A VIDA, A LIBERDADE E A BUSCA DA FELICIDADE. QUE PARA GARANTIR ESSES DIREITOS SÃO INSTITUÍDOS ENTRE OS HOMENS GOVERNOS QUE DERIVAM OS SEUS JUSTOS PODERES DO CONSENTIMENTO DOS GOVERNADOS; QUE TODA VEZ QUE UMA FORMA QUALQUER DE GOVERNO AMEACE DESTRUIR ESSES FINS, CABE AO POVO O DIREITO DE ALTERÁ-LA OU ABOLI-LA

97 Todo este item constitui uma transcrição de um trecho inicial da Declaração de Independência dos Estados Unidos; os sublinhados, entretanto, constam do texto como publicado pelos Panteras Negras. Cito a partir de: Driver, Stephanie S. *A Declaração de Independência dos Estados Unidos*. Tradução de Mariluce Pessoa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2006. p. 53.

E INSTITUIR UM NOVO GOVERNO, ASSENTANDO
SUA FUNDAÇÃO SOBRE TAIS PRINCÍPIOS E
ORGANIZANDO-LHE OS PODERES DA FORMA QUE
PAREÇA MAIS PROVÁVEL DE PROPORCIONAR
SEGURANÇA E FELICIDADE.

A PRUDÊNCIA, NA VERDADE, ACONSELHA QUE NÃO SE MUDEM, POR MOTIVOS SUPERFICIAIS E PASSAGEIROS, OS GOVERNOS HÁ MUITO CONSTITUÍDOS; E, DA MESMA FORMA, A EXPERIÊNCIA MOSTRA QUE OS SERES HUMANOS ESTÃO MAIS DISPOSTOS A SOFRER ENQUANTO OS MALES SÃO SUPORTÁVEIS DO QUE A BUSCAR JUSTIÇA ABOLINDO AS FORMAS A QUE SE ACOSTUMARAM. MAS QUANDO UMA LONGA SÉRIE DE ABUSOS E USURPAÇÕES PERSEGUINDO INVARIAVELMENTE O MESMO OBJETO REVELA UM PROPÓSITO DE SUBMETÊ-LOS AO DESPOTISMO ABSOLUTO, CABE-LHES O DIREITO E O DEVER DE DESTITUIR TAIS GOVERNOS E INSTITUIR NOVOS GUARDIÕES PARA A SUA FUTURA SEGURANÇA.



3

Advogado de bolso de primeiros socorros legais

The Black Panther, v. 1, n. 2.

15 de maio de 1967⁹⁸.

Esse advogado de bolso é oferecido como um meio de manter o povo preto atualizado em relação a seus direitos. Nós somos sempre os primeiros a sermos presos, e as forças da polícia racista estão constantemente tentando fingir que os direitos se estendem igualmente sobre todas as pessoas. Recortem isto, irmãos e irmãs, e carreguem com vocês. Até que armemos a nós mesmos para cuidarmos dos nossos adequadamente, o Advogado de Bolso é o que há.

1. Se você for detido ou preso pela polícia, pode permanecer em silêncio; você não tem que responder a quaisquer questionamentos sobre os alegados crimes. Você deveria dar seu nome e endereço somente se solicitado (embora não seja absolutamente explícito que você deva

98 Republicado em outros números de *The Black Panther*.

fazê-lo). Mas então o faça, e em todas as ocasiões relembre a quinta emenda⁹⁹.

2. Se um agente policial não está uniformizado, solicite que mostre a sua identificação. Ele não tem autoridade sobre você, a não ser que se identifique adequadamente. Tome cuidado com pessoas que se passam por agentes policiais. Sempre consiga seu número e seu nome.

3. A polícia não tem direito de revistar seu carro ou sua casa, a não ser que tenha um mandado de busca, causa provável ou seu consentimento. Eles não podem levar adiante uma busca exploratória, ou seja, por evidências gerais de crime, ou por evidências de um crime não relacionado àquele a respeito do qual você está sendo questionado. (Portanto, uma abordagem por uma violação de trânsito não lhes dá o direito de revistar o carro.) Você não precisa consentir com uma busca; portanto, você não deve consentir e deve, de modo explícito e inequívoco, declarar que não consente, se possível diante de testemunhas. Se você não consentir, a

99 Referência à quinta emenda à constituição dos Estados Unidos, que estabelece que as pessoas não são obrigadas a produzir evidências contra si mesmas.

polícia terá o dever, na corte, de demonstrar a causa provável.

4. Você não pode resistir a uma detenção à força ou fazendo corpo mole, mesmo que você seja inocente. Fazê-lo é um crime à parte pelo qual você pode ser acusado, mesmo se for absolvido da acusação original. Não resista à detenção, sob quaisquer circunstâncias. Uma detenção equivocada pode ser corrigida posteriormente.

5. Se for parado, você deve tentar obter testemunhas independentes para observar os procedimentos e obter seus nomes, endereços e números de telefone. Tente fazer isso, se possível, antes que qualquer detenção ocorra.

6. Se você for parado e/ou detido, a polícia pode revistá-lo em busca de armas, tateando o exterior de suas vestimentas. Você pode ser despojado de seus itens pessoais. Não carregue qualquer coisa que inclua o nome de seu empregador ou amigos.

7. Não entre em conversação "amigável" com agentes a caminho da, ou na delegacia. Uma vez detido, há pouca probabilidade de que

qualquer coisa que você diga possa libertá-lo.

8. Logo que for fichado, você tem o direito de completar pelo menos duas ligações – uma para um parente, amigo ou advogado, outra para um agente de fiança¹⁰⁰. Se puder, telefone para o PARTIDO PANTERA NEGRA PARA AUTODEFESA, e o Partido pagará a fiança, se possível.

9. Você deve ter permissão para contratar e ver um advogado imediatamente.

10. Você não precisa dar qualquer declaração para a polícia, nem tem que assinar qualquer declaração que tenha dado, e portanto você não deve assinar coisa nenhuma. Recorra à quinta e à décima

100 O “agente de fiança” (no original, *bail bondsman*), figura comum no cenário estadunidense, é uma pessoa que trabalha emprestando a juros o dinheiro para pagar a fiança das pessoas colocadas em prisão preventiva.

quarta emenda¹⁰¹, porque você não pode ser forçado a testemunhar contra si mesmo.

11. Você deve ter permissão para pagar fiança na maior parte dos casos, mas deve estar apto a pagar a taxa do agente de fiança. Se você não pode pagar a taxa, pode solicitar ao juiz para libertá-lo da custódia sem fiança ou a reduzir sua fiança, mas ele não precisa fazê-lo.

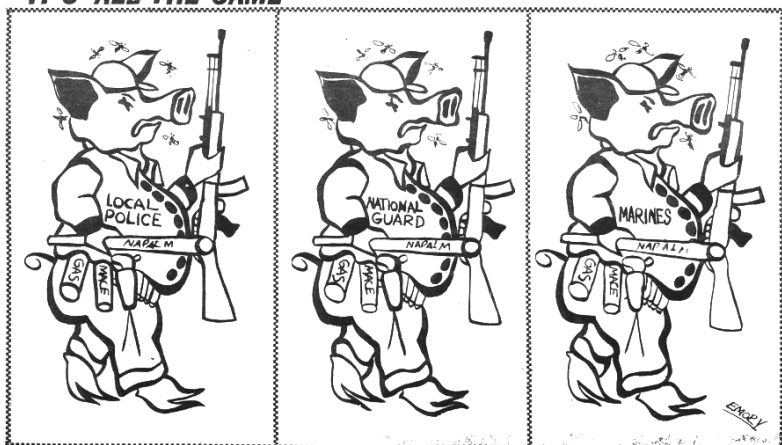
12. A polícia deve trazê-lo à corte ou libertá-lo em 48 horas após sua detenção (a não ser que o prazo se encerre em um fim de semana ou feriado, quando eles devem conduzi-lo para o juiz no primeiro dia em que houver sessão na corte).

13. Se você não tem dinheiro para contratar um advogado, solicite imediatamente à polícia que obtenha um advogado sem custos.

101 Referência à décima quarta emenda à constituição dos Estados Unidos, que garante igual proteção a todos os cidadãos diante da lei. Essa emenda é historicamente importante por anular a decisão da Suprema Corte no caso *Dred Scott v. Sandford* (1857), que sustentava que descendentes de africanos escravizados não poderiam ser cidadãos dos Estados Unidos.

14. Se você tem dinheiro para contratar um advogado privado, mas não conhece nenhum, telefone para a *National Lawyers Guild* ou para a *Alameda County Bar Association* (ou a Associação de Advogados do seu condado), e eles lhe fornecerão o nome de um advogado que lida com o direito penal.

IT'S ALL THE SAME



“Tudo a mesma coisa: polícia – guarda nacional –
fuzileiros”

4

O manejo correto de uma revolução

Huey P. Newton

The Black Panther, v. 2, n. 3.

18 de maio de 1968¹⁰².

A maior parte do comportamento humano é comportamento aprendido. Muitas coisas que o ser humano aprende são obtidas através de uma relação indireta com o objeto. Seres humanos não agem a partir do instinto, como fazem animais inferiores. Aquelas coisas aprendidas indiretamente muitas vezes estimulam respostas muito efetivas para o que pode ser, posteriormente, uma experiência direta. Neste momento, as massas pretas estão manejando incorretamente a resistência. Os irmãos em East Oakland aprenderam de Watts¹⁰³ meios de resistência que consistem

102 Texto publicado na seção "Em defesa da autodefesa", assinada por Huey Newton. Uma primeira versão, mais curta, foi publicada em *The Black Panther*, n. 2, v. 2 (4 de maio de 1968). O texto foi republicado em outros números do jornal.

103 A revolta de Watts ocorreu de 11 a 15 de agosto de 1965. O estopim foi a prisão de Marquette Frye, acusado de dirigir embriagado pelo policial Lee Minikus; a resistência de Frye gerou uma repressão policial violenta — os policiais teriam agredido uma mulher grávida —

em lutar juntando o povo nas ruas, arremessando tijolos e coquetéis molotov para destruir as propriedades, e criando distúrbios. Os irmãos e irmãs nas ruas foram agrupados em uma pequena área pela polícia da Gestapo¹⁰⁴, e imediatamente contidos pela violência brutal das tropas de ataque; essa forma de resistência é esporádica, efêmera e custosa, no que diz respeito à violência contra o povo. Esse método tem sido transmitido para todos os guetos da nação preta por todo o país. O primeiro homem que lançou um coquetel molotov não é conhecido pessoalmente pelas massas, mas a ação foi respeitada e seguida pelo povo.

O Partido da vanguarda deve prover liderança para o povo. Ele deve ensinar os métodos estratégicos corretos de

que se estendeu por cinco dias, impulsionada pela revolta dos negros contra a conduta racista da polícia em uma cidade segregada. Durante a revolta, 34 pessoas morreram, mais de mil ficaram feridas e os danos materiais chegaram a 40 milhões de dólares.

104 Essa não é uma comparação metafórica: os Panteras Negras estavam convencidos de que as forças policiais empregavam táticas da polícia nazista nas comunidades negras. Discuto essa questão no texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

resistência prolongada, através da literatura e de atividades. Se as atividades do partido forem respeitadas pelo povo, o povo seguirá o exemplo. Esse é o primeiro trabalho do partido. Esse conhecimento provavelmente será obtido por segunda mão pelas massas, assim como o mencionado acima foi obtido indiretamente. Quando as pessoas aprendem que não é mais vantajoso para elas resistir indo para as ruas em grande número, e quando virem a vantagem nas atividades pelo método da guerra de guerrilha, elas seguirão rapidamente esse exemplo. Mas, primeiro, elas devem respeitar o partido que está transmitindo a mensagem. Quando o grupo de vanguarda destruir a maquinaria do opressor lidando com ele em pequenos grupos de três e quatro, e então escapar ao poder do opressor, as massas ficarão exultantes e aderirão a essa estratégia correta. Quando as massas ouvirem que um policial da Gestapo foi executado enquanto tomava um café em um balcão, e os executores revolucionários fugiram sem serem rastreados, as massas verão a validade desse tipo de abordagem para a resistência. Não é necessário organizar trinta milhões de pessoas pretas em grupos elementares de duas e três, mas é importante para o partido mostrar às

peças como se deve lidar com a revolução. Durante a escravidão, na qual nenhum partido de vanguarda existia e as formas de comunicação eram severamente restritas e insuficientes, muitas revoltas de escravos ocorreram.

Há basicamente três modos pelos quais se pode aprender: pelo estudo, pela observação e pela experiência prática. A comunidade preta é composta, basicamente, por ativistas. A comunidade aprende através da atividade, seja através da observação ou da participação naquela atividade. Estudar e aprender é bom, mas a experiência em si é o melhor modo de aprendizado. O partido deve se engajar em atividades que ensinarão ao povo. A comunidade preta basicamente não é uma comunidade leitora. Portanto, é muito significativo que o grupo de vanguarda seja, em primeiro lugar, formado por ativistas. Sem esse conhecimento da comunidade preta, não se pode obter o conhecimento fundamental da revolução preta na América racista.

A função principal do partido é despertar o povo e ensinar-lhe o método estratégico de resistir à estrutura de poder, que está preparada não apenas para combater a

resistência popular com brutalidade massiva, mas para aniquilar completamente a comunidade preta, a população preta. Se a estrutura de poder souber que a comunidade preta tem uma quantidade X de armas em sua posse, isso não estimulará a estrutura de poder a se preparar com armas, pois ela já está mais do que preparada. Como resultado final, essa educação será positiva para o povo preto em sua resistência e negativa para a estrutura de poder em sua opressão, porque o partido sempre exemplifica a rebeldia revolucionária. Se o partido não tornar o povo atento às ferramentas da libertação e ao método estratégico que deverá ser utilizado, não haverá meios pelos quais as pessoas possam ser adequadamente mobilizadas.

A relação entre o partido de vanguarda e as massas é uma relação secundária. A relação entre os membros do partido de vanguarda é uma relação primária. É importante que os membros do grupo de vanguarda mantenham uma relação face a face uns com os outros. Isso será importante, se a maquinaria ou os programas do partido carecerem dessa relação direta. Os membros do grupo de vanguarda devem ser revolucionários

testados. Isso minimizará o perigo de informantes Pais Joões¹⁰⁵ e oportunistas.

O objetivo principal do grupo de vanguarda deve ser despertar a consciência das massas através de programas educativos, e certas atividades físicas do partido farão parte disso. As massas adormecidas devem ser bombardeadas com a abordagem correta para lutar, através das atividades do partido de vanguarda. Portanto, as massas devem saber que o partido existe. O partido deve usar todos os meios disponíveis para fazer com que essa informação chegue até as massas. Se as massas não tiverem conhecimento do partido, será impossível para as massas seguirem o programa do partido.

O partido de vanguarda nunca é subterrâneo no começo de sua existência, porque isso limitaria sua efetividade e seu processo educativo. Como você pode ensinar o povo, se o povo não o conhece e respeita? O partido deve existir acima do solo enquanto a estrutura de poder dos cães

105 No original, "Uncle Tom". Sobre a figura análoga do Pai João, personagem "criado pelos senhores como símbolo a ser seguido pelos demais escravos", ver o verbete de Clóvis Moura em *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2004. p. 300-301.

permitir; espera-se que, quando o partido for obrigado a descer aos subterrâneos, a mensagem do partido já tenha sido emitida por todo o povo. As atividades do partido de vanguarda na superfície terão necessariamente vida curta. Isso porque é importante que o partido tenha um impacto tremendo sobre o povo, antes que seja empurrado para o sigilo. Neste momento, o povo saberá que o partido existe, e buscará mais informações sobre as atividades desse partido subterrâneo.

Muitos aspirantes a revolucionários trabalham sob a ilusão falaciosa de que o partido de vanguarda deve ser uma organização secreta sobre a qual a estrutura de poder nada sabe, e sobre a qual as massas nada sabem, exceto por cartas ocasionais que chegam às suas casas, à noite. Partido subterrâneos não podem distribuir folhetos anunciando um encontro subterrâneo. Essas são contradições e inconsistências dos assim chamados revolucionários. Os assim chamados revolucionários estão, de fato, preocupados com o perigo mesmo que preconizam para o povo. Esses assim chamados revolucionários querem que o povo diga o que eles mesmos têm receio de

fazer. Isso faz do assim chamado revolucionário um covarde e um hipócrita.

Se esses impostores investigassem a história da revolução, eles veriam que o grupo de vanguarda sempre começa acima do solo e é, posteriormente, empurrado para o subterrâneo pelo agressor. A Revolução Cubana exemplifica esse fato: quando Fidel Castro¹⁰⁶ começou a resistir ao carniceiro Batista e aos cães da América, ele começou falando em público, no campus da Universidade de Havana. Mais tarde, ele foi impelido para as montanhas. Seu impacto sobre o povo derrocado de Cuba foi muito grande e recebido com muito respeito. Quando ele foi para o sigilo, o

106 Fidel Castro e Che Guevara – líderes da Revolução Cubana que depôs, em 1961, o governo de Fulgencio Batista, apoiado pelos Estados Unidos – foram frequentemente tratados como figuras revolucionárias pelos Panteras Negras. Uma foto de Che Guevara foi utilizada no cabeçalho da sessão de notícias internacionais, em *The Black Panther*. O manual de guerrilha de Che Guevara se tornaria leitura obrigatória nas aulas de educação política do Partido Pantera Negra. Após a acusação de tentativa de homicídio em 1968, Eldridge Cleaver se asilou em Cuba, onde Fidel Castro lhe apresentou instalações militares que poderiam ser utilizadas para o treinamento dos Panteras Negras; contudo, isso jamais se concretizou.

povo cubano o procurou. As pessoas foram para as montanhas encontrá-lo e ao seu bando de doze. Castro manejou corretamente a luta revolucionária. Se a Revolução Chinesa for investigada, será visto que o Partido Comunista estava completamente na superfície, de modo que estava apto a ganhar apoio das massas. Há muitos domínios sobre os quais se pode ler para aprender a abordagem correta, tais como a Revolução do Quênia, a Revolução da Argélia, *Os Condenados da Terra* de Fanon¹⁰⁷, a Revolução Russa, as obras do

107 Psiquiatra e filósofo martiniquense, Frantz Fanon influenciou profundamente o pensamento político dos Panteras Negras, sobretudo por sua visão sobre a importância do potencial revolucionário do lumpemproletariado. Como afirmou Bobby Seale, isso foi o que convenceu Huey Newton da necessidade de recrutar para os Panteras Negras os “irmãos da rua”. Sobre a relação dos Panteras Negras com o lumpemproletariado, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

presidente Mao Tsé-Tung¹⁰⁸ e um conjunto de outros.

Um revolucionário deve perceber que, se ele é sincero, a morte é iminente, devido ao fato de que as coisas que ele diz e faz são extremamente perigosas. Sem essa percepção, é impossível proceder como um revolucionário. As massas estão constantemente procurando por um guia, um Messias, para libertá-las das mãos do opressor. O partido de vanguarda deve exemplificar as características da liderança digna. Milhões e milhões de pessoas oprimidas não conhecem membros do partido de vanguarda pessoalmente ou diretamente, mas elas obterão, através de um conhecimento indireto, a estratégia adequada para libertação, por via dos meios de comunicação de massa e das atividades físicas do partido. É de primordial importância que o partido de vanguarda desenvolva um órgão político, tal como um jornal produzido pelo partido, bem como empregue arte estrategicamente

108 Mao Tsé-Tung, líder revolucionário chinês, foi o fundador da República Popular da China. Governou o país entre 1949 e 1976. O maoísmo, releitura teórica do marxismo por Mao, exerceu influência sobre o Partido Pantera Negra. Uma foto sua foi utilizada no cabeçalho da seção de notícias internacionais, em *The Black Panther*.

revolucionária e destrua o maquinário do opressor. Por exemplo, Watts. A economia e as propriedades do opressor foram destruídas em uma dimensão tamanha que, não importa como o opressor tentasse embranquecer as atividades dos irmãos pretos, a natureza real e a causa real da atividade foram comunicadas a cada comunidade preta. Para mais um exemplo, não importa como o opressor tente distorcer e confundir a mensagem do Irmão Stokely Carmichael¹⁰⁹, as pessoas pretas por todo o país a compreenderão perfeitamente e a receberão bem.

O Partido Pantera Negra ensina que, em uma análise final, o volume de armas e armamentos de defesa, tais como granadas de mão, bazucas e outros equipamentos necessários, será provida tomando-se esses armamentos da estrutura de poder, como exemplificado pelos vietcongues¹¹⁰. Portanto, quanto maior é a preparação

109 Figura proeminente no movimento pelos Direitos Civis e no movimento pan-africanista, líder do SNCC (Comitê Coordenador Estudantil Não-violento), foi considerado "Primeiro-Ministro Honorário" do Partido Pantera Negra. Sobre a relação entre o SNCC e o Partido Pantera Negra, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

militar por parte do opressor, maior é a disponibilidade de armamentos para a comunidade preta. Alguns hipócritas acreditam que, quando o povo é ensinado pelo grupo de vanguarda a se preparar para a resistência, isso apenas traz a autoridade policial sobre ele com maior violência e brutalidade; mas o que de fato importa é que, quando a autoridade policial se torna mais agressiva, isso apenas aumenta o fervor revolucionário. O povo nunca faz a revolução. Os opressores, por sua ação brutal, causam a resistência. Então, se as coisas puderem ficar piores para o povo oprimido, ele não sentirá necessidade de revolução ou resistência. A queixa dos hipócritas, segundo a qual o Partido Pantera Negra está expondo o povo a um sofrimento mais profundo, é uma observação incorreta. O povo provou que não tolerará mais opressão pela polícia cachorra racista através de suas rebeliões em comunidade pretas por todo este país. As pessoas estão procurando agora por orientação para estender e fortalecer sua luta de resistência.

110 A Frente Nacional de Libertação, ou Việt Cộng, foi uma organização comunista do Vietnã do Sul e do Camboja que lutou contra a coalizão formada pelos Estados Unidos e pelo governo do Vietnã do Sul durante a Guerra do Vietnã.



5

Regras do Partido Pantera Negra

The Black Panther, v. 2, n. 5.

7 de setembro de 1968¹¹¹.

Cada membro do PARTIDO PANTERA NEGRA em todo este país da América racista deve respeitar estas regras, como membro funcional deste partido. Membros do COMITÊ CENTRAL, EQUIPES CENTRAIS e EQUIPES

111 As regras não foram publicadas em todos os números de *The Black Panther*, nem da mesma forma. Se a princípio eram 10 regras, como demonstra a versão que aqui publico, no final de 1968 esse número já havia sido ampliado para 26 regras, que incluíam procedimentos administrativos ("13. Todos os responsáveis financeiros operarão sob a jurisdição do Ministério das Finanças") e determinações de conduta ("23. Todas as pessoas em uma posição de liderança devem ler não menos de duas horas por dia para se manter a par das mudanças na situação política"); posteriormente – já no início de 1969 – seriam publicadas também outras listas, contendo regras disciplinares e orientações gerais quanto ao comportamento dos membros do Partido. Por um lado, isso pode ser visto como efeito da complexificação da estrutura de uma organização em franco crescimento; por outro lado, não deixa de evidenciar a tentativa de controlar os membros de um Partido que, cada vez mais vigiado e perseguido, via a necessidade de adotar medidas mais estritas de autopolicamento.

LOCAIS, incluindo todos os capitães subordinados seja à liderança nacional, estatal ou local do PARTIDO PANTERA NEGRA, fará cumprir estas regras. A duração das suspensões, ou de outras ações disciplinares necessárias devido à violação dessas regras, dependerá das decisões dos comitês e equipes nacionais, estatais ou metropolitanas onde as ditas regras ou regras do PARTIDO PANTERA NEGRA foram violadas.

Cada membro do partido deve conhecer estas regras verbatim, de cor. E aplicá-las diariamente. Cada membro deve reportar qualquer violação dessas regras à sua liderança, ou será contrarrevolucionário e também sujeito a suspensão pelo PARTIDO PANTERA NEGRA.

AS REGRAS SEGUINTE SÃO:

1. Nenhum membro do partido deve ter narcóticos ou maconha em sua posse enquanto estiver trabalhando para o partido.

2. Qualquer membro do partido encontrado injetando narcóticos será expulso do partido.

3. Nenhum membro do partido pode estar bêbado enquanto faz o trabalho cotidiano do partido.

4. Nenhum membro do partido violará regras relacionadas ao trabalho administrativo, aos encontros gerais do PARTIDO PANTERA NEGRA e aos encontros do PARTIDO PANTERA NEGRA, EM QUALQUER LUGAR.

5. Nenhum membro do partido apontará ou disparará uma arma desnecessariamente ou acidentalmente em direção a qualquer um que não seja o inimigo.¹¹²

6. Nenhum membro do partido pode se unir a qualquer outro exército ou força que não seja o EXÉRCITO PARA A LIBERTAÇÃO PRETA.

7. Nenhum membro do partido pode ter uma arma em sua posse enquanto bêbado, ou sob efeito de narcóticos ou de maconha.

8. Nenhum membro do partido cometerá quaisquer crimes contra outros membros do povo PRETO como um todo, e não poderá roubar ou tomar nada do povo; nem mesmo uma agulha e um pedaço de linha.

112 Sobre esse ponto, ver também **9. Para todas as irmãs e irmãos que têm armas.**

9. Quando presos, membros do PARTIDO PANTERA NEGRA darão apenas o nome e o endereço e não assinarão nada. Os primeiros socorros jurídicos¹¹³ devem ser compreendidos por todos os membros do Partido.

10. O Programa e Plataforma de Dez Pontos do PARTIDO PANTERA NEGRA devem ser conhecidos e compreendidos por cada membro do Partido, incluindo todos os outros materiais do PARTIDO PANTERA NEGRA.

113 Referência a 3. Advogado de bolso de primeiros socorros legais.



6

A mulher preta

Revolucionário preto¹¹⁴

The Black Panther, v. 2, n. 6.

14 de setembro de 1968.

Conforme eu leio e releio as palavras de amor que afluem das mentes dos homens pretos para a mulher branca, eu pergunto a mim mesmo – por quê? São os homens pretos cegos a ponto de não verem a beleza que jaz latente na mulher preta; esperando para ser descoberta pelo homem preto? A mulher preta tem demonstrado uma paciência extrema, esperando que o homem preto descubra a si mesmo, e então a descubra.

O papel da mulher preta tem sido duplo desde os tempos da escravidão. Ela tem sido a caixa de ressonância para o homem preto e suas frustrações por 400 anos; ela tem sido provedora e partidária do homem preto desde a sua castração pelo racista branco, quando os navios negreiros chegaram da África. Ainda hoje, elas estão esperando serem descobertas pelo homem preto. A mulher preta está em uma posição peculiar. Enquanto seu homem é desprovido

114 O texto é assinado "By a Black Revolutionary".

A ilação de tratar-se de um texto de autoria masculina, portanto, é minha.

de sua masculinidade, ela é desprovida de seu homem e de sua plena feminilidade. Ela está sozinha; deixada à margem; seu homem teve um vislumbre da liberdade e descobriu que tem uma mente própria, e a abandonou por aquilo que promete ser sua Utopia em um mundo branco morto.

Ó, homem preto, como você pode trajar o manto do orgulho quando você se envergonha por vir de onde veio? Um útero preto se contraiu para lhe dar a vida. Onde está sua gratidão? Onde jazem suas lealdades? Acorde. Acorde de seu sonho de 400 anos. Venha ao auxílio de suas mães, irmãs e esposas pretas. As mulheres pretas estão assustadas. Elas não veem um caminho para escapar das correntes que as prendem sem a ajuda de seus homens pretos.

A mulher preta deve assumir um papel de apoio no despertar da consciência de seu homem. Seu objetivo principal deve ser ajudar no re-nascimento da mente do homem preto. Sua participação não é, de forma alguma, pequena. Ela deve deixá-lo testar sua nova mente; deixá-lo sentir-se seguro nessa consciência recentemente encontrada. Desse modo, ele pode crescer conforme sua mente se expande. Ele poderá então exibir sua verdadeira masculinidade, quando tiver

paciência bastante para tornar a consciência preta compreensível para os seus, em primeiro lugar. Não há maior amor do que o amor que alguém pode chamar de seu. Mas compreender quem são os seus e como reagir em relação aos seus deve ser o objetivo dos pensamentos de qualquer pessoa. É dever da mulher encontrar a beleza na vida e desvelar essa beleza diante dos olhos de seu homem e de seus filhos; trazer a verdade da vida, desde a escuridão até a luz. Essas coisas são estimulantes para a mente do homem preto, tornando para ele possível funcionar em seu ápice. O principal objetivo dela deve ser aprender e constantemente procurar um modo de vida melhor para os seus.

Na América racista, tudo o que a mulher preta tem tido como imagem para si é a batida e ultrapassada mulher caucasiana, cuja beleza e valores artificiais se insinuam na televisão e nas telas de cinema em toda a nação. Agora, é tempo de a mulher preta usar sua própria imaginação e estilo. Ela deve criar e manter uma imagem ativa, com a qual seu homem e seus filhos possam imediatamente se relacionar. As mulheres pretas não são diferentes dos homens pretos, no sentido em que elas também têm sido ensinadas a se

sentirem inferiores. Mas a mente pode ser mudada, se está aberta à mudança. Hoje, a mulher preta está vendo a beleza que jaz dentro de si. A beleza natural de sua mente, de seu cabelo e de seu corpo. É como se uma semente que foi plantada estivesse nos seus estágios iniciais de crescimento.

Pedir às mulheres pretas do gueto para fazer a transição de escravas negras para mulheres pretas mentalmente libertas é pedir um pouco demais. Porque ela precisa fazer essa mudança sem uma liderança. As mulheres pretas de classe média falharam em conseguir meios pelos quais pudessem erguer e reconstruir uma coalizão viável com as mulheres pretas de classe inferior, no gueto. A mulher preta do gueto deve renunciar completamente à imagem competitiva da mulher preta burguesa de classe média. Ela não deve se apegar aos valores distorcidos das mulheres cujas únicas contribuições para as massas pretas do gueto são a divergência e a confusão. Porque elas estão realmente confusas. Elas não podem entrar na sociedade branca convencional; elas rejeitam a cultura preta e permanecem suspensas no espaço. Mentes como essas são inúteis para as

mentes pretas florescentes do gueto de hoje.

As jovens mulheres pretas do gueto estão dando valor a si mesmas, bem como à sua cultura. E o povo preto tem uma cultura, contrariamente ao que pensam os negros de classe média que rejeitam seus próprios pensamentos, rejeitando a cultura nesse processo. Um artista está todo o tempo ciente de que está criando, realizando e moldando, fazendo com que alguma coisa surja. Ele sente um grande orgulho por estar apto a fazer isso. Aquele mesmo sentimento de orgulho está sendo compartilhado pela nova mulher preta de hoje. Ela está se tornando parte de um novo modo de vida, que está sendo criado pelos homens pretos da geração de "Agora". Ela não mais olha para seu homem como se ele fosse desamparado e improdutivo. Ela o vê lutando por sua liberdade por todos os meios possíveis, ganhando assim um novo respeito para o homem preto, o que lhe dá uma inspiração a mais para quebrar as correntes que o prendem, que foram postas ali pelo opressor há 400 anos.

As palavras têm poder. As novas mulheres pretas estão começando a exercitar esse poder, tentando encontrar novos modos de

se comunicar com seus homens. Elas estão usando palavras que ambos podem prontamente compreender para descrever sua inquietação e profundo desgosto com o modo como estão sendo forçadas a viver pela estrutura de poder controladora que existe atualmente. Elas também estão dizendo a seus homens que estão prontas para pegar em armas e lutar a seu lado por sua liberdade. Sem o pensamento da liberdade, a luta pela liberdade não poderia existir; não poderia nem mesmo ser compreendida. Consequentemente, isso tornaria possível aceitar alguma outra coisa no lugar da liberdade; um substitutivo sem valor para a mente preta. Mas, uma vez que o processo de pensamento é posto em movimento e nós pensamos nos termos da liberdade e compreendemos o que isso significa, os substitutivos deixam de ter valor. A mulher preta deve extrair das mentes de seus homens e crianças suas necessidades, objetivos e aspirações, de modo que ela possa desempenhar mais efetivamente sua participação nessa luta revolucionária por liberdade. Somente ser uma bela mulher preta não é suficiente; é em que a mulher preta pode contribuir para o homem preto que é importante. A mulher preta deve aprender a funcionar tão bem fora da casa quanto dentro da casa. Somente ser uma

esposa e mãe é insuficiente, ela deve demonstrar um interesse em sua família e em seus arredores imediatos. Ela deve aprender a separar as coisas; a parar de tentar ser como os fantasmas brancos mortos que estão lentamente perecendo. A mulher preta de hoje deve criar, a partir de sua alma, uma vida melhor para a família preta.

Conforme a mente da mulher preta muda, o mesmo ocorre com seus valores. Ela começa a ver a si mesma como tendo uma riqueza infinita. Ela pode criar nova vida e conceder beleza adicional a essa criação. Ela então se torna uma artista, existindo unicamente para o objetivo de ajudar o homem preto a alcançar o auge de sua ambição.

Eu me pergunto: como um homem preto se sente quando ele oferece um grande respeito à mulher branca? Ele não lhe recusa nada. No entanto, antes da mulher branca ele rejeitou o afeto da mulher preta, por ódio a si mesmo. Ele se sujeita a um ridículo ainda maior por causa de sua amante branca. Se ele pode suportar a pressão até esse ponto, porque não pode suportar a pressão sem a mulher branca? Ele constantemente procura evitar o homem

branco e rompe todos os laços com o mundo branco; mas não pode racionalizar a mulher branca.

Mulheres negras, nesse ponto, se tornam muito desgostosas com seus homens. Mulheres pretas abrem mão deles, considerando-os perdidos. Essa nova classe de mulheres pretas se vê mais e mais desempenhando o papel de reformadoras. Pois elas podem ver a necessidade de recuperar os seus. Diferentemente da mulher negra, a mulher preta não está competindo pela afeição do homem preto, ela está segura pelo conhecimento de si e de sua raça. Portanto, ela pode ser a reformadora necessária no século XX.

Há uma diferença nítida entre a mulher negra de hoje e a mulher preta de hoje. A mulher negra ainda revela o ódio a si mesma e o intenso complexo competitivo da classe média. Esse complexo é resultado das frustrações que elas experimentam em tentar obter aceitação e reconhecimento pelos brancos. Os mesmos homens brancos que procuram dificultar o crescimento do homem negro; e as mesmas mulheres brancas que estão roubando a afeição do homem negro. As mulheres negras estão constantemente criticando e menosprezando

seus homens, enquanto as mulheres pretas exaltam as qualidades de seus homens. De fato, é muito difícil para uma mulher negra e uma mulher preta se comunicarem sobre algo além das notícias do dia. E, como uma reformadora, a mulher preta está lutando para reduzir esse fosso que as separa. Por isso é que o papel de uma mulher preta nessa revolução é tão importante quanto o do homem preto.

A mulher preta compreende quando ela vê um homem preto e uma mulher branca. Ela compreende que ele está tentando escapar do triste papel que precisa desempenhar em uma sociedade americana racista. O homem preto, como nós vimos, está vivendo em um mundo de faz de conta para proteger a si mesmo das duras realidades sociais e econômicas do modo de vida norte-americano. Esse mundo é criado a partir da necessidade de ser reconhecido como um homem preto forte e capaz. Enquanto a mulher negra é iludida por esse mundo de faz de conta, a mulher preta se recusa a desperdiçar seu tempo com tais ilusões. Ela não poderia retirar seu homem da escuridão se ela também estivesse na escuridão. A mulher preta sabe que a atratividade da ilusão da mulher branca é reforçada pela crença de que a mulher

branca obterá, para ele, aceitação na sociedade branca. O mesmo pode ser dito sobre algumas mulheres negras. Elas rejeitam sua pretitude devido à necessidade de pertencerem ao mundo social da América branca.

A despeito da alegria do mundo de faz de conta no qual o homem e a mulher negros encontram refúgio, eles estão longe de serem felizes. Eles estão ainda mais inseguros, frustrados, se sentindo rejeitados. Pois a liberdade que buscaram no relacionamento com o mundo branco não se realizou. Então, homens pretos, parem e pensem; não é muito melhor uma mulher preta real do que uma mulher branca de faz de conta; a mulher negra? Quando vocês sentirem que alcançaram o objetivo de suas buscas, olhem ao redor e tomem conhecimento da nova mulher preta que está emergindo dos guetos da América Preta, hoje. As belas irmãs pretas são orgulhosas de sua herança, orgulhosas de seus homens e têm um grande respeito por si mesmas.

Elas quase não têm tido imagens de mulheres pretas que possam tomar como referência, à exceção de Miriam Makeba¹¹⁵,

115 Cantora e militante antirracista sul-africana que se destacou na luta contra o *apartheid*.

Kathleen Cleaver¹¹⁶ e umas poucas outras; ainda assim, elas não se desanimaram. Elas têm a disposição para criarem uma nova imagem e para se erguerem por novos ideais e crenças. Ela tem perspicácia suficiente para ver a nova centelha nos olhos dos homens pretos, e está tentando ajudar aquela centelha a se transformar em um fogo intenso. Tudo de que ela precisa é uma pequena inspiração das massas pretas de homens do mundo de hoje.

Há uma outra classe de mulheres pretas no gueto que precisa de mais do que inspiração, precisa de ajuda. Ela é a mãe de filhos que foram abandonados por seu homem preto, que se afastou do lar devido ao desespero e ao desalento. Essa mulher foi deixada só, para cuidar de si mesma e de seus filhos. Não há nunca comida, dinheiro ou roupas suficientes para a família. Ainda assim, a sociedade parece não ter interesse por essa estrutura familiar destruída, e pelo motivo de essa estrutura ter se destruído. Essa mulher preta foi deixada sozinha para ensinar e criar esses filhos, para que eles tenham orgulho racial e integridade. Ela não

116 Figura importantíssima para o Partido Pantera Negra, no qual ocupou o cargo de Ministra da Informação. Foi casada com Eldridge Cleaver.

hesita ao longo do caminho, e ainda assim a assim chamada estrutura de poder da classe média rejeita a ideia de criar qualquer tipo de agência que venha em seu auxílio. Portanto, elas estão à mercê das exploradoras agências de Bem-Estar Social por todos os Estados Unidos.

Essas agências não podem satisfazer as necessidades mais frugais, em uma base individual; portanto, faltam para essas famílias as necessidades básicas da vida. As igrejas pretas se recusam a instituir agências de bem-estar no interior de cada comunidade, desse modo oferecendo um mau exemplo para o mundo branco.

Assistentes sociais pretos no interior de agências brancas veem a necessidade de auxílio adicional para a comunidade negra, mas ainda não se uniram para exercer pressão suficiente, a fim de garantir qualquer atenção de políticos pretos que supostamente têm à mão os interesses dessas mulheres pretas. Esses políticos e assistentes sociais estão até agora afastados do gueto e de seus problemas, em virtude de não haver nenhuma ascensão no *status* social pelo tempo que se dispende cuidando das necessidades dessas mulheres e crianças. Eles estão mais interessados

em tentar se integrar a agências já formadas e estabelecidas, como *Big Brothers*, *Big Sisters*¹¹⁷ e outras que são controladas por brancos. Essas organizações não oferecem coisas básicas, como comida e abrigo, para essas mulheres nos guetos de todo o país.

Somente em São Francisco, em julho de 1967, uma tentativa foi feita de organizar os assistentes sociais pretos no Departamento de Bem-Estar, e devido ao medo de perderem seus empregos eles se recusaram a se unir em prol dos interesses dessas pessoas. Apoio foi oferecido por líderes dentro da comunidade, mas foi desprezado por falta de uma garantia escrita de que eles não perderiam suas posições na agência. Como se poder ver, a falta de unidade dentro da agência deixa pouco ou nenhum espaço para pessoas preocupadas de fora da agência oferecer qualquer tipo de modelo para a reforma. Consequentemente, as massas de pessoas pretas que olham em direção a essa agência

117 A *Big Sisters International* e a *Big Brothers Association* se uniram em 1977 para formar a *Big Brothers Big Sisters of America*, instituição de caridade que desenvolve um programa de acompanhamento e tutoria voltado predominantemente para crianças e adolescentes de lares de baixa renda.

em busca de compreensão e ajuda enfrentam uma falha de comunicação.

Como essa agência é composta por uns 300 assistentes sociais, 10% dos quais são pretos, não resta quase nenhuma representação das demandas das massas do gueto. Mesmo se esses 10% assistentes sociais pretos se organizassem e formassem uma frente unida, eles ainda pouco poderiam fazer para aliviar essas pessoas das opressões. Pois esses assistentes sociais estão agora muito afastados dos problemas do gueto. Eles não se identificam com essas pessoas pretas. Como um assistente social preto respondeu após ter sido abordado por uma irmã preta com um belo natural, "Como você pode ir de um extremo para o outro?". Isso nitidamente demonstra que não há compreensão mútua.

Depois de ver como esses clientes são mal representados, um grupo de assistentes sociais brancos se uniu e publicou um manual que foi disponibilizado para cada beneficiário ler e entender melhor seus direitos. Mas se não há assistentes sociais pretos em número suficiente para ver se esses direitos são respeitados, então os beneficiários retornam ao ponto de partida.

Essas mulheres pretas têm, portanto, pouca ou nenhuma representação. Elas então não têm escolha, a não ser olhar para a comunidade em busca de auxílio. A comunidade preta não está preparada a servir essas mulheres, porque lhes faltam os recursos apropriados a partir dos quais operar. Ainda assim, essas mulheres pretas devem, e é isso o que delas se espera, manter os padrões de vida adequados. Os maridos dessas mulheres podem oferecer pouco ou nenhum apoio, porque o mesmo sistema também os oprime. Desempregados, com o ânimo partido e frustrados, esses homens são forçados a deixar o lar para habilitar as mulheres a se qualificarem para qualquer assistência possível.

Quando a comunidade preta como um todo se erguerá para satisfazer as necessidades desses homens e mulheres? Não é suficiente falar sobre controlar nossas comunidades, nós devemos controlá-los. Satisfazer as necessidades dessas mulheres é parte desse controle comunitário. Como um esforço comunitário, o resultado beneficiaria a comunidade, por fim. A economia cresceria, porque os gastos de todos os homens e mulheres pretas estariam no interior da comunidade preta. Isso criaria novos

trabalhos para os homens pretos, e tornaria possível para eles se reunirem com suas mulheres, assim retirando a responsabilidade sobre essas famílias diretamente da comunidade. Indiretamente, a comunidade ganhou força, oferecendo auxílio aos seus.

A sobrevivência dessas mulheres e de todas as pessoas do gueto depende de como a comunidade se move. Lutando para eliminar as condições supracitadas, nós estamos dando prosseguimento à luta de gerações de mulheres pretas que têm lutado desde a escravidão para produzir belos filhos e filhas pretas que lutassem pelos direitos humanos do povo preto. Por causa de sua luta para ganhar aceitação dos brancos, o negro de classe média na comunidade preta deixou de ajudar essas mulheres. Contudo, muitos dos filhos e filhas dessas mulheres cresceram e mostram um senso de responsabilidade para com os seus, identificando-se com as massas do gueto. Eles estão determinados a superar as desvantagens da ignorância e pobreza, enquanto procuram remover os fardos dos ombros de seus pais.

Essas mulheres sobreviverão como fizeram no passado, mas elas precisam do apoio de

seus homens pretos. E, segundo todas as indicações, o homem preto está começando a despertar para o fato de que suas mulheres pretas merecem seu respeito e amor. Então, mulheres pretas, sequeiem seus olhos, a aurora está raiando e surge um novo dia. Nossos homens estão prestes a despertar e descobrir os tesouros e riqueza desses novos dias e, mais do que tudo, VOCÊS.



Réquiem preto

Hosea Mills

The Black Panther, v. 2, n. 7.

28 de setembro de 1968.

Irmãos e irmãs, essa sociedade estadunidense porca e racista tem sido bem-sucedida em implementar o maior programa de genocídio em massa de toda a história humana. Perceba, esses porcos branqueros¹¹⁸ têm sido muito astutos: eles estupraram, torturaram e brutalizaram pessoas negras neste país por quatrocentos anos e ainda tinham “negros” andando por aí, acreditando que estavam vivos. Qual tem sido o “grande trunfo” desses branqueros, que tem mantido o povo preto por baixo? Ele tem fodido e confundido nossas mentes pretas tão habilmente que nós emergimos como o negro norte-americano, criado e moldado por uma sociedade racista branca. Nós não sabíamos (alguns de nós ainda não sabem) quem fomos e somos – descendentes de gloriosas nações negras que floresceram, enquanto os branqueros na Europa tremiam e se

118 Hosea Mills utiliza frequentemente neste texto o termo ‘honky’, que tem um sentido pejorativo; por isso, optei pela tradução ‘branquero’.

encolhiam nas cavernas e comiam carne crua.

Por que esse genocídio das mentes pretas tem se perpetuado? Porque, justamente como os branquelos imaginaram, a consciência preta e nosso autoconhecimento é a chave para todo o movimento de libertação preta nesta sociedade cachorra racista.

Não é por acidente que o sistema escolar de São Francisco, controlado por branquelos, está segmentado em um sistema de níveis "altos e baixos", e que o maior percentual dos pretos e de outras minorias ocupa os níveis mais baixos. Isso é um genocídio sistemático. Crianças pretas, crianças mexicanas e crianças de outras minorias não estão recebendo educação. Pense comigo, quando pais pretos exigem controle das escolas em suas comunidades e se livram dos professores branquelos, eles têm que encarar um sindicato de professores racista e então se comprometem com esse sindicato. Se o branquelo não colocar você em uma "cilada" durante o sistema escolar regular, ele o sufocará com sua armadilha vocacional escolar Mickey Mouse¹¹⁹. Por exemplo, aprenda a ser

119 Expressão que designa algo barato, inferior, de má qualidade. ver Dalzell, T.; Victor, T.

um mecânico, então enfrente as lojas da associação dos cães racistas – porque você está dentro do saco, e as cordas estão sendo apertadas e amarradas. Por quê? Não há uma economia controlada por pretos na comunidade preta.

O branquelo estadunidense é tão racista que ele começou a publicar e a ler relatórios de pesquisa que provaram (ha-ha) através de testes científicos utilizados em sistemas escolares de todo o país que crianças pretas eram mentalmente inferiores às brancas. Os negros estavam até mesmo acreditando que eram inferiores. Mas pense nisto: o irmão que está cafetinando, arranjando confusão e transando no novo Eldorado não pode ser inferior. Esse irmão é tão esperto, ligado e astuto quanto o branquelo com diploma da faculdade, ambos estão “vivendo” – mas o irmão que está cafetinando e arranjando confusão tem uma visão muito limitada da vida e está desperdiçando e jogando fora seus recursos mentais naturais. Nós temos nos ocupado em enganar um ao outro, ajudando esse homem, esse cara que poderia justamente cafetinar e arranjar confusão,

The New Partridge Dictionary of Slang and Unconventional English: J-Z. Oxon: Routledge, 2006. p. 1291.

Detroit Red, a se tornar o homem preto mais politicamente arguto e humanista dos tempos modernos. O que transformou Detroit Red em Malcolm X¹²⁰, líder do movimento de libertação preta? Pensem comigo, irmãos e irmãs pretas, o irmão Malcolm intitulou "Salvador" o capítulo sobre seu período de "autodidatismo" (pensem). Nas palavras do próprio Malcolm, "tenho refletido muitas vezes sobre as novas perspectivas que a leitura me abriu. Já sabia, quando ainda estava na prisão, que a leitura mudara para sempre o curso da minha vida. Pelo que entendo hoje, a leitura despertou dentro de mim uma ânsia há muito adormecida de estar mentalmente vivo... O fato é que minha educação autodidata proporcionou-me, a cada livro a mais que lia, uma extrema sensibilidade à surdez, mudez e cegueira que estavam afligindo a raça preta na América... Ninguém jamais me surpreenderá em 15 minutos livres que eu não esteja aproveitando para estudar alguma coisa que possa contribuir para ajudar o homem preto."¹²¹

120 A influência política de Malcolm X sobre o Partido Pantera Negra foi decisiva. Sobre esse assunto, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

121 Cito da tradução brasileira: *Autobiografia de Malcolm X*. 2ª ed. Com a colaboração de Alex

O irmão Malcolm é o nosso primeiro exemplo de líder contemporâneo da libertação preta "autodidata" ou reeducado. Todos os líderes atuais do movimento pela libertação preta, "em conjunto", têm passado por esse processo de "reeducação"; e não é apenas essencial que nossos líderes experimentem esse processo "reeducativo", mas que cada membro da comunidade preta de afro-americanos seja "reeducado". Huey P. Newton¹²², nosso Ministro da Defesa, é um líder do Povo Preto arguto e sensível, não por aquilo que lhe foi ensinado em um sistema escolar racista, mas por causa daquilo que ele escolheu aprender para beneficiar o Povo Preto. Eldridge Cleaver¹²³, nosso Ministro da Informação, foi indicado pela Universidade da Califórnia para ser o professor principal de um curso examinando

Haley. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro Record, 1992. p. 176.

122 Fundador do Partido Pantera Negra. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

123 Sobre Eldridge Cleaver, uma das figuras mais importantes do Partido Pantera Negra, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

o racismo e suas raízes na sociedade norte-americana não por causa da educação que ele recebeu em um sistema escolar racista controlado por brancos, mas por causa de sua experiência como homem preto em uma sociedade racista e por sua própria "reeducação" pessoal. O presidente Bobby Seale¹²⁴ e o Primeiro Ministro Stokely Carmichael¹²⁵, assim como Huey P. Newton, tornaram-se líderes do movimento pela Libertação Preta politicamente universais em seu alcance, atentos e dedicados às necessidades de todo o povo preto por causa de um processo "reeducativo" que demandou que eles escolhessem, aceitassem e estudassem todas as coisas que pudessem atender às necessidades de todo o povo preto. A verdade é que qualquer educação formal que qualquer pessoa preta tenha obtido dessa sociedade racista é concebida

124 Fundador e presidente do Partido Pantera Negra. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

125 Figura proeminente no movimento pelos Direitos Civis e no movimento pan-africanista, líder do SNCC (Comitê Coordenador Estudantil Não-violento), foi considerado "Primeiro-Ministro Honorário" do Partido Pantera Negra. Sobre a relação entre o SNCC e o Partido Pantera Negra, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

para, e em uma larga medida tem sido bem-sucedida, matar as mentes pretas produtivas.

Irmãos e Irmãs, todos nós devemos ser “reeducados”. É essencial que estejamos atentos a nós mesmos como povo preto; conhecendo quem nós somos; por que momento na história estamos cercados; o que nós queremos; e como nós determinaremos nosso próprio destino. Proveniente dessa autoconsciência e também a chave para nosso movimento de libertação é a necessidade de educação política; Irmão Frantz Fanon¹²⁶ disse que a educação política significa ensinar às pessoas que todo o poder lhes pertence. Somente a autoconsciência preta (através da cultura) e a educação política (o conhecimento do poder como sendo nosso) podem verdadeiramente libertar o povo. Todas as pessoas pretas – pais, filhos, estudantes de faculdades, estudantes de ensino médio e fundamental, bêbados, beneficiários da assistência social, cafetões e prostitutas, irmãs e irmãos que frequentam igrejas, doutores, advogados, motoristas de ônibus, trabalhadores dos correios –, reeduquem a si mesmas. Não nos iludamos –

126 Sobre Fanon, ver a nota 107 em **4. O manejo correto de uma revolução.**

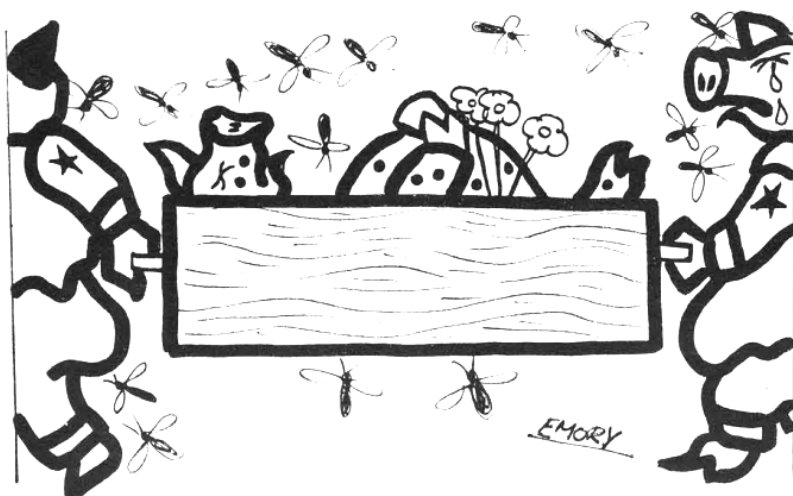
a sobrevivência do povo preto está em jogo. Então, paremos com a enrolação. Cheguem junto e usem qualquer oportunidade que o branquelo nos der para aprender habilidades técnicas, então usem essas habilidades para destruir o cachorro racista. Nós não devemos ter receio de cultivar um “estilo preto” contemporâneo para lidar com os problemas de nossos tempos. Nós devemos, mais uma vez, nos tornar pensadores (não robôs negros treinados) capazes de estabelecer e governar nossa própria nação. E, finalmente, o povo preto deve estudar e utilizar qualquer coisa que supra as necessidades do povo agora. E qualquer coisa que venha a ser essencial durante o período da verdadeira revolução.

Citação: “Você pode ser educado em alma, visão e sentimento, assim como na mente. Ver seu inimigo e conhecê-lo é parte da educação completa do homem...” (Marcus Garvey¹²⁷).

127 Líder pan-africanista de origem jamaicana, Marcus Garvey foi o fundador da Associação Universal para o Progresso Negro (*Universal Negro Improvement Association – UNIA*). Garvey advogou um Nacionalismo Africano fundado em três ideias: o direito de os africanos, inclusive diaspóricos, perseguirem seus próprios interesses raciais, assim vivenciando sua

Vamos nos unir, Povo Preto.

cultura e religião desde uma perspectiva afrocêntrica; a autossuficiência, facultando aos pretos alcançarem seus objetivos mediante seus próprios esforços; e a nacionalidade, expressa pela noção de autodeterminação política. Para uma síntese muito mais completa, ver o verbete "Marcus Garvey", assinado por Tony Martin, em: Irele, F. Abiola; Jeyifo, B. (eds.) *The Oxford encyclopedia of African thought*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2010. p. 395-401.



8

A mulher preta revolucionária

Linda Greene

The Black Panther, v. 2, n. 7.

28 de setembro de 1968.

Há um fenômeno que está começando a evoluir de muitos outros fenômenos. Esse fenômeno é a mulher preta revolucionária. Ela é uma criatura nova e diferente, diferente de todas as mulheres que caminharam sobre a face da terra. Ela é uma nova evolução da Mãe da Humanidade, a Mulher Preta. Ela é uma mudança; ela é inerentemente revolucionária.

Essa mulher é, e deve ser, tudo para um homem preto. Ela é uma trabalhadora. Ela é uma mãe. Ela é uma companheira intelectual, espiritual, mental e física. Ela é o que seu homem e o que o seu povo precisam que ela seja, quando precisam dela. Ela é a força da luta.

Ela é uma trabalhadora pela Libertação Preta. Esse é seu objetivo. Dentro desse objetivo jaz a satisfação do homem preto, em todos os sentidos em que deve ser satisfeito a fim de viver e lutar. Se ela não for pela Libertação Preta, ela o distrairá, ela se tornará inativa e

tornará inativas as pessoas ao seu redor, suas conhecidas e sua descendência. Ela deve ser comprometida e dedicada, porque a revolução será perdida sem ela.

Ela satisfará e satisfaz as necessidades do seu homem preto quando está ciente delas; e, quando elas não são evidentes, ela as procurará e procura. Suas ansiedades sobre ser usada, sobre permitir que dela se tire proveito ou sobre ser excluída da vida de seu homem devem desaparecer, têm desaparecido como o cabelo alisado e o creme clareador de pele desapareceram de sua vida quando ela se tornou realmente preta e revolucionária. Essas são ansiedades do passado, como a chapinha e o Artra¹²⁸, e devem ser e são deixadas no passado. Se leva as coisas a sério, ela saberá que nunca estará sem um homem para amar, de quem cuidar, se ela se dedica aos revolucionários e àqueles que acreditam na Libertação Preta.

No seu trabalho, ela não distrai os homens com quem trabalha quando é o momento de trabalhar. Assim será na maior parte do

128 Creme bastante popular, com suposto efeito clareador de pele, que publicava anúncios em revistas voltadas ao público negro – como *Jet* e *Ebony*.

tempo, e ela deve ser paciente e esperar por aqueles outros momentos, quando o tempo é precioso, e os momentos mais doces porque há tão poucos deles, e porque tão pouco tempo resta para eles. Ela é tudo, porque ela é e deve ser a reserva de vida para os irmãos pretos que lutam e vivem e morrem nessas areias do deserto da vida, como nós a conhecemos agora. Ela deve ser seu outro mundo, total e completo.

Ela é militante, revolucionária, comprometida, forte e calorosa, feminina, amorosa e gentil. Essas qualidades não são antíteses umas das outras; todas lhe devem pertencer, simultaneamente.

Ela deve ser capaz e estar pronta a viver com o conhecimento de que suportará a honra da morte de seus irmão, marido, amante, amigo e filho revolucionários. Ela deve ser forte e saber que, quando isso acontecer, ela deverá se entregar à tarefa e à honra de inspirar, confortar e amar um outro homem preto, porque as mulheres pretas verdadeiras e revolucionárias são raras, mais raras do que a liberdade!



9

Para todas as irmãs e irmãos que têm armas

Chryst deBecker

The Black Panther, v. 2, n. 8.

5 de outubro de 1968.

Por favor, não atirem em outro irmão, a não ser que seja em autodefesa.

Resguardem-se de estar em uma posição na qual vocês precisem de uma arma para se defenderem uns dos outros. É do "PORCO" que nós precisamos nos proteger.

Com uma arma na mão, será duro atirar em outro ser humano, mas precisamos sempre nos lembrar de que uma arma na nossa mão tem o propósito de matar alguém. Se não matarmos o porco, ele nos matará. Ele vem matando nossos irmãos pretos – irmãos pensantes, irmãos chegados, e continuará a matar nossos irmãos, a não ser que estejamos preparados. Esse homem com o qual nos confrontamos não tem valor para nós. Ele é doente.

Apenas se sabemos como usar a arma nós podemos tentar matá-lo. Quanto atiramos, devemos estar prontos a matar aquele homem, não desperdiçar balas. Ou

arriscamos nossas vidas. Devemos ser precisos com nossas armas, ou não utilizá-las. Devemos ir para o deserto e aprender a atirar para matar, não podemos arriscar mais vidas porque estamos desorganizados ou despreparados.



10

Revolução

Virgil Morrell

The Black Panther, v. 2, n. 9.

12 de outubro de 1968.

A revolução tem a ver com sobrevivência, e a sobrevivência tem a ver com a vida. É muito importante que nós entendamos isso; pelos últimos quatrocentos anos o povo preto tem sido perseguido, assassinado, linchado, acusado de numerosas monstruosidades e delitos. Nós tivemos insurreição após insurreição, com muito pouco sucesso. Agora somos como panteras com nossas costas contra a parede, e quando panteras são atacadas como temos sido atacados, elas, como nós, devem fazer o que for possível – pegar a arma, o livro vermelho¹²⁹ e se mover contra o opressor. O Ministro da Defesa, Huey P. Newton¹³⁰, e o Partido Pantera Negra têm avançado como a vanguarda da revolução. Nós não somos a revolução, o POVO é – isso deve ser

129 Referência ao livro de Citações do Presidente Mao Tsé-Tung. Acerca da influência de Mao sobre o Partido Pantera Negra, ver a nota 108 em 4. **O manejo correto de uma revolução.**

130 Fundador e Ministro da Defesa do Partido Pantera Negra. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

compreendido. As demandas e necessidades do povo são o nosso desejo. O Partido Pantera Negra serve como vanguarda da revolução – a revolução do povo. Nós afastaremos todos os racistas desgraçados¹³¹ de nossas comunidades pretas. Não apenas isso, mas os políticos racistas: Lyndon Baines Johnson¹³², Ronald Mickey Mouse¹³³ Reagan¹³⁴ (melhor conhecido

131 No original, *motherfucking* – termo geralmente traduzido como “filho da puta”, que evito por ser uma expressão que reforça o estigma contra as prostitutas. O mesmo se aplica aos outros casos em que a palavra ocorre, neste texto.

132 Lyndon Johnson foi o 36º presidente dos Estados Unidos, entre 1963 e 1969, incontáveis vezes atacado nos textos escritos pelos Panteras Negras. Bobby Seale tinha convicção de que Lyndon Johnson estava envolvido no assassinato de Malcolm X; ao receber essa notícia, saiu pelas ruas arremessando tijolos nos carros dirigidos por homens brancos, e pouco depois se aproximou de Huey Newton, com o objetivo de fundar uma nova organização política. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

133 Expressão que designa algo barato, inferior, de má qualidade. Ver Dalzell, T.; Victor, T. *The New Partridge Dictionary of Slang and Unconventional English: J-Z*. Oxon: Routledge, 2006. p. 1291.

134 Ronald Reagan foi governador da Califórnia entre 1967 e 1975, quando se tornou um ferrenho opositor do Partido Pantera Negra. Reagan

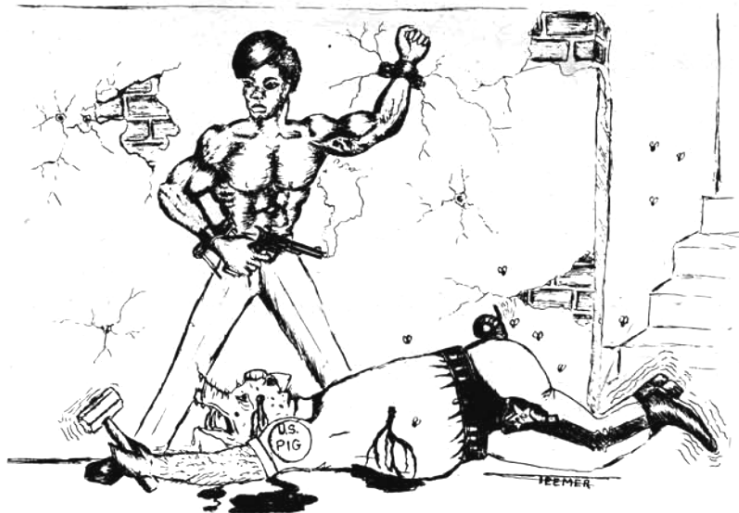
como um governador mickey mouse frouxo¹³⁵,
sentado em Sacramento), Donald Quack Quack
Rafferty¹³⁶, e todos os outros cachorros
racistas que estão tentando destruir as
vidas do povo preto na sociedade em que
temos sido colonizados pelos últimos
quatrocentos anos. Aos pretos tem sido
dito repetidamente o que é necessário. O
Partido Pantera Negra tem avançado para
implementar certos programas, de modo que
nós, o povo, possamos lidar com esses
homens de uma maneira revolucionária. O
único modo de fazermos isso é pegar em
armas. Nós passaremos por sobre esse

assinou a lei que restringia o direito de
carregar armas em locais públicos, concebida
para afetar diretamente as ações dos Panteras
Negras; e se empenhou em coibir a atuação do
Partido nos *campi* universitários. Mais tarde, se
tornaria o 40º presidente dos Estados Unidos.

135 No original, *punk* – termo que, até os anos
1960, era utilizado para designar um homem jovem
e fraco que ocupava a posição de homossexual
passivo, especialmente na prisão. Ver Dalzell,
T.; Victor, T. *The New Partridge Dictionary of
Slang and Unconventional English: J-Z*. Oxon:
Routledge, 2006. p. 1558.

136 Apelido criado pelos Panteras Negras para Max
Rafferty, Superintendente de Instrução Pública
do Estado da Califórnia alinhado com a extrema-
direita que, entre outras medidas reacionárias,
tentou proibir professores de utilizar livros
que considerava obscenos – entre eles, *Soul on
Ice*, de Eldridge Cleaver.

governo desgraçado e diremos: Mãos ao
alto, desgraçados — isso é um assalto: nós
viemos para tomar tudo o que nos pertence.



Acorrentado à parede

Melvin Whitaker

The Black Panther, v.2, n. 11.

2 de novembro de 1968.

O homem preto está acorrentado contra a parede. A parede, do ponto de vista dos brancos opressores racistas e fascistas, é necessária. Para entender e lidar com essa situação, nós devemos entender sua raiz e seu sentido.

Quando os brancos europeus começaram seu hediondo processo de colonização, eles tinham que ter uma base ou razão para suas ações. Em 1400, o racista e réprobo Papa da Igreja Católica abriu a África à colonização por um decreto papal. Isso é muito importante, porque os brancos europeus agora tinham uma base religiosa para a colonização e para a escravidão. Eles começaram a agir com zelo religioso para escravizar e torturar o povo preto, com o único propósito de cristianizá-lo. Esses europeus doentes estabeleceram a cristianização da maneira mais desumana. Os europeus reuniram todo o seu poder destrutivo e começaram a destruição sistemática da cultura africana. Eles queimaram as aldeias cheias de belas

crianças pretas. Eles fuzilaram e torturaram pessoas pretas nas cidades da África e, como um espetáculo final de força, eles destruíram completamente grandes cidades como Timbuktu e Benin¹³⁷. Esses brancos europeus, então, de modo muito presunçoso, levaram as vítimas da cristandade.

O opressor considerou necessário acorrentar o homem preto. No início da insanidade do opressor, ele era ingênuo o bastante para acreditar que, acorrentando os belos corpos pretos dos escravos africanos, ele poderia subjugar-los. As mais de 300 grandes revoltas de escravos ensinaram-lhe que esse não era o caso. O opressor estava perplexo; ele se perguntou como poderia alimentar essa maquinaria racista capitalista, se não poderia subjugar os corpos de uma parte integral daquela maquinaria: os escravos. Ele não

137 Timbuktu foi parte do Império do Málí, o maior da África Ocidental, que perdurou entre os séculos XIII e XVII; rico em ouro, sal e cobre, foi também um importante centro intelectual. Benin foi, entre os séculos XVI e XIX, o poderoso reino do Daomé, famoso por suas produções artísticas e por possuir um regimento militar formado apenas por mulheres (as *ahosi*, chamadas pelos observadores ocidentais de “amazonas do Daomé”).

demorou a encontrar a resposta. O opressor procurou subjugar a mente do escravo. Seu plano diabólico era destruir todos os vestígios de humanidade que existiam dentro do escravo. Primeiro, ele começou deformando a cor da pele dos escravos. Ele disse ao escravo que o preto era feio, uma cor repugnante. Ele depois disse que todas as coisas ruins, más, repugnantes, etc. eram pretas. Isso teve o efeito de criar uma dúvida na mente do escravo, sobre se ele era ou não parte da humanidade comum; o opressor então mentiu sobre o cabelo do escravo, denominando-o o mais estranho e inferior cabelo conhecido pelo homem. Isso, mais uma vez, fez o escravo querer rejeitar seu corpo. O mestre opressor então disse que as pessoas pretas eram, por definição, mentalmente deficientes. Isso teve o grande efeito de fazer o escravo duvidar de sua própria habilidade, de modo que ele cada vez mais passou a olhar para seu opressor para obter a salvação. Então, o mestre opressor, em um brilhante golpe, descarregou a pancada psicológica final e decisiva: ele disse que não era possível confiar em pessoas pretas, e que elas não poderiam confiar umas nas outras. Isso foi muito importante, porque teve o efeito de criar medo e dúvida entre as massas pretas. O

opressor racista, usando cuidadosamente o condicionamento psicológico, foi bem-sucedido em acorrentar o povo preto à parede: mentalmente.

A instituição do capitalismo mantém as correntes físicas. Embora o homem preto esteja fugindo da parede mentalmente, ele não está se movendo na direção correta. Ele tem percebido as contradições inerentes em ter o homem branco como mente de seu corpo. Ele se tornou um nacionalista cultural. Ele rejeita fortemente que o homem branco seja, de qualquer modo, superior a ele. Ele sabe que o preto é bonito e que é bonito ser preto. Mas as pessoas pretas estão se tornando vítimas do último truque psicológico do homem branco. Em vez de tentar manter as correntes mentais no povo preto, o opressor escolheu manter as correntes físicas; o racismo, o fascismo e o capitalismo. Em outras palavras, ele diz: "OK, homem preto, você descobriu meu jogo de mentiras, você sabe que eu sou uma fraude e você quer sua pretitude. Está bem, você pode ter toda a pretitude que puder usar, mas me deixe controlá-la." O opressor aceita a nova cultura do homem preto e em alguns casos a aprecia, como se pode ver pelos muitos brancos que apreciam

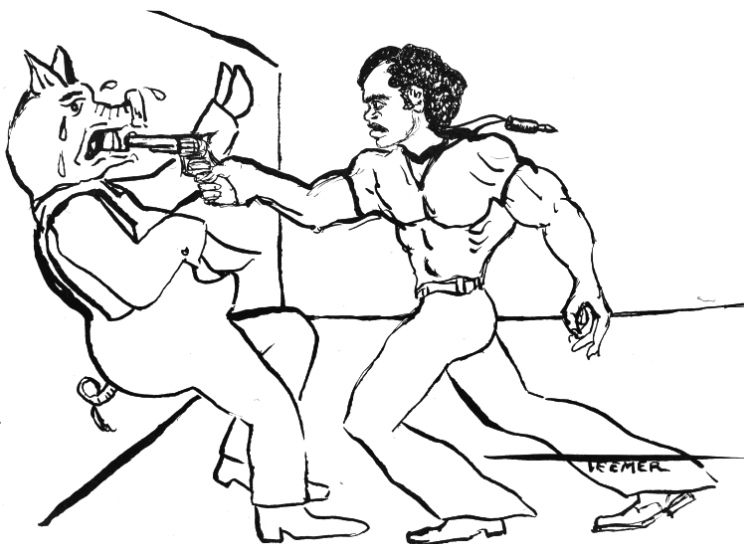
a música soul. O opressor cooptou a cultura preta, ele tomou controle da revolução cultural na Afro-América colonizada. Isso está errado. George Murray¹³⁸, Ministro da Educação do Partido Pantera Negra, disse que uma cultura preta revolucionária deveria ser repugnante para o opressor. Ela deveria fazê-lo vislumbrar sua própria destruição.

Agora, o homem preto está acorrentado à parede fisicamente pelas armas e pela força do opressor. Entenda que não pela mente do opressor, mas por suas armas e força. Esse é o tipo de opressão que o povo preto deve agir para enfrentar agora; o uso indiscriminado da força, pelos opressores, contra o povo preto. Deve haver uma mudança revolucionária para destruir o racismo, o fascismo e o capitalismo. Porque as pessoas pretas estão buscando a libertação desses três males, o opressor procura nos reescravizar e nos acorrentar novamente à parede. O

138 Primeiro Ministro da Educação do Partido Pantera Negra, George Murray foi professor de inglês na Universidade do Estado de São Francisco. Para mais informações sobre sua atividade como militante, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

povo preto deve se mover para a revolução, uma revolução correta. Ele deve seguir a vanguarda da revolução, o Partido Pantera Negra. As pessoas estão arremessando suas correntes, e logo o opressor sentirá a frieza de uma parede. As pessoas se levantarão e dirão ao opressor: encosta na parede, encosta na parede, encosta na parede, desgraçado¹³⁹ -----!

139 No original, *motherfucker* – termo geralmente traduzido como “filho da puta”, que evito por ser uma expressão que reforça o estigma contra as prostitutas.



12

É chegada a hora

Jazzie

The Black Panther, v. 2, ns. 15-17.

7 de dezembro de 1968.

É chegada a hora, irmãos e irmãs, de nos sentarmos juntos e permanecermos unidos para combater a guerra para derrotar nossos opressores.

Abram seus olhos. Vocês não podem ver que, depois de a liberdade lhes ter sido prometida por tantos anos, vocês ainda são escravos, escravos no século XX?

Vocês recusam a ajuda dos seus irmãos pretos, porque vocês dizem que suas palavras são sujas. Me deixem limpar seus ouvidos, então vocês poderão ouvir os porcos racistas diariamente os amaldiçoando com suas bem formadas palavras de dicionário.

Fechem suas bocas. Suas bocas têm espumado por tanto tempo quando vocês ouvem a doce promessa de integração que vocês não conseguem perceber o destino legítimo do povo preto.

Me entristece vê-los em um poço, caindo mais fundo, e ainda se recusando a aceitar a mão do preto revolucionário que lhes oferece ajuda, porque ele decidiu pegar a arma para conquistar a arma que tem oprimido esse povo por tanto tempo.

Não me rejeitem mais. Venham, irmãos e irmãs, me escutem, eu estou aqui para ajudá-los, não para destruí-los. Venham comigo armar nossas comunidades pretas. Não façamos mais de nossas comunidades favelas que perdem dinheiro apenas porque nós não as possuímos ou as controlamos. Vamos perceber que nós somos, e temos sido, divididos por anos. Cabe a nós nos unir e destruir nossos opressores... PORQUE NÓS SOMOS GRANDES, EM FORÇA E NÚMERO...



Citações de Huey P. Newton¹⁴⁰

The Black Panther, v. 2, n. 23.

17 de fevereiro de 1969.

“O Partido Pantera Negra é um grupo de vanguarda liderando a luta revolucionária, fazendo parte dela, porque esta é uma revolução mundial: todos os povos colonizados estão agora resistindo. Para trabalhar como um dos administradores dessa ação revolucionária, você tem que ver a si mesmo como um boi a ser cavalgado pelo povo. Isso é o que o Partido Pantera Negra ensina – que nós todos devemos carregar o peso, e aqueles que têm habilidades extremas terão que carregar fardos extremamente pesados.”

“Um povo que tem sofrido tanto, por tanto tempo, nas mãos da sociedade racista, deve fixar uma fronteira em algum lugar. Nós acreditamos que as comunidades pretas da América devem se erguer como um homem para

140 Edição que celebrava, na capa, o aniversário de Huey P. Newton, e trazia na primeira página uma campanha para levantar fundos em seu benefício. Sobre Newton, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

deter a progressão de uma tendência que leva inevitavelmente à sua total destruição.”

“O único poder político que eu posso ver que podemos construir seria potencialmente destrutivo. Não é nossa escolha sermos destrutivos: nós gostaríamos de trabalhar por outra via, mas o país não nos deixou escolha. Então, eles nos empurraram contra a parede, e agora nós estamos nos afastando da parede justamente com aquilo que eles pediram.”

“Ron Karenga¹⁴¹ e alguns outros grupos nacionalistas parecem estar preocupados em fazer sobreviver os africanismos, ou o que nós chamamos nacionalismo cultural. O nacionalismo cultural lida com um retorno à antiga cultura da África, acreditando

141 Líder ativista negro ligado ao nacionalismo cultural, Ron Karenga fundou a Us, organização que se tornou rival do Partido Pantera Negra na Califórnia – e que assassinou os Panteras Negras John Huggins e Alprentice “Bunchy” Carter durante um encontro da União dos Estudantes Negros na UCLA, em 1969. O episódio teve forte influência de operações da COINTELPRO, que agiu intensificando as rivalidades entre os dois grupos. Relato esse episódio no texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

que nós somos de algum modo libertados pela identificação com e pelo retorno a essa cultura, ao estágio cultural africano dos anos 1100 ou antes¹⁴². De algum modo, eles acreditam que serão libertados através da identificação, dessa maneira. Na medida em que isso nos concerne, nós acreditamos que é importante para nós reconhecer nossas origens e nos identificar com o povo preto revolucionário da África e com pessoas não-brancas por todo o mundo. Mas, no que diz respeito ao retorno per se aos costumes antigos, nós não vemos necessidade disso. Ademais, nós dizemos que a única cultura que vale a pena sustentar é a cultura revolucionária — para mudar para melhor.”

“Quando um mecânico quer consertar um motor de carro quebrado, ele deve ter as ferramentas necessárias para fazer o trabalho. Quando as pessoas se movem rumo à libertação, elas devem ter a ferramenta básica da libertação — a arma.”

“Quando o opressor realiza um ataque vicioso contra os lutadores da liberdade

142 Sobre a oposição dos Panteras Negras ao nacionalismo cultural, ver também o texto 27. **Arte revolucionária.**

devido ao modo como esses lutadores da liberdade escolhem conduzir sua libertação, então sabemos que nós estamos nos movendo na direção que levará à nossa libertação."

"Há um mundo de diferença entre trinta milhões de pessoas pretas desarmadas e submissas e trinta milhões de pessoas pretas armadas com a liberdade, armas de defesa e métodos estratégicos para a libertação."

"O Partido Pantera Negra é uma organização preta porque nós sentimos que temos um problema preto. Nosso problema, no ponto atual, é a unidade. Temos que nos unificar entre nós mesmos. Nós podemos conduzir a colônia melhor que qualquer outra pessoa. Nós somos um povo colonizado. Muitas comunidades pretas são como colônias descentralizadas por todo esse país. Os revolucionários brancos percebem que eles são explorados politicamente e economicamente, mais politicamente do que qualquer outra coisa, mas nós (pessoas pretas) sofremos também com o racismo. Nós temos que manejar nosso próprio grupo para lidar com nossos próprios problemas de pessoas pretas e colônias pretas, e apoios serão bem recebidos."

"O sangue, suor, lágrimas e sofrimento do povo Preto são o fundamento da riqueza e do poder dos Estados Unidos da América. Nós fomos forçados a construir a América e, se formos forçados, nós a destruiremos. O resultado imediato dessa destruição será sofrimento e derramamento de sangue. Mas o resultado final será a paz perpétua para toda a humanidade."



O capitalismo preto e o que ele significa

Landon Williams

The Black Panther, v. 2, n. 26. 16 de março de 1969¹⁴³.

Enquanto lia o jornal no outro dia, eu vi onde em Oakland está sendo construída a área planejada para o ardiloso PLANO PARA O CAPITALISMO PRETO de Dick Nixon¹⁴⁴.

Parece-me que uma análise mais profunda do

143 O artigo foi republicado na edição seguinte de *The Black Panther* (v. 2, n. 27, de 23 de março de 1969), com a seguinte nota: "Este artigo foi reimpresso pela segunda vez devido a erros em sua primeira impressão. O serviço de notícias para a Comunidade Pantera Negra deseja fornecer informação correta e concisa para a comunidade a quem serve". Utilizei como base para a tradução esta reimpressão.

144 Richard Nixon, presidente dos Estados Unidos entre 1969 e 1974. Já durante a campanha presidencial, Nixon defendeu a necessidade de "lei e ordem"; eleito presidente, intensificou a repressão contra o Partido Pantera Negra. 'Dick' é uma versão abreviada do nome Richard, mas na gíria significa pênis. O apelido 'Tricky Dick' ('Dick Trapaceiro') surgiu durante a campanha para o senado de 1950, reforçando a imagem de Nixon como um vilão político, disposto a recorrer a quaisquer expedientes para realizar seus intentos.

capitalismo em geral e do capitalismo preto em particular parece iminente. Quando investigamos a história de vários países neste planeta, descobrimos que muitas nações e raças têm entrado no saco capitalista. Quando investigamos a história russa, descobrimos que, com o fim do governo do Czar, o capitalismo russo chegou ao fim. Quando investigamos a história da China e do capitalismo amarelo, descobrimos que, com a chegada ao poder de Mao Tsé-Tung¹⁴⁵ e do partido comunista da China, o feudalismo e o capitalismo burocrático aos quais as pessoas amarelas na China estavam submissas tem sido esmagado. Quando investigamos a história de outros países que se tornaram capitalistas, como a Índia e o capitalismo marrom, descobrimos que hoje a Índia está em um constante estado de turbulência.

Penso que, analisando países capitalistas, deveríamos levar em consideração as forças motrizes básicas, as motivações e razões fundamentais para as coisas que ocorrem nesses países capitalistas. Por exemplo, investigando a economia, descobrimos que em países capitalistas uma alta taxa de

145 Sobre Mao Tsé-Tung, ver a nota 108 em 4. **O**
manejo correto de uma revolução.

desemprego, algumas vezes de 10%-15%, não é algo espetacular, mas antes que para um país capitalista manter o balanço econômico esse tipo de taxa de desemprego é essencial para manter um controle da inflação. Em uma investigação mais profunda do capitalismo e de como ele está relacionado ao povo preto deste país, se queremos descobrir o que o capitalismo tem reservado para todos nós, tudo o que temos de fazer é olhar ao redor e analisar nossa situação atual, porque as condições nas quais o povo preto está neste país se devem diretamente ao capitalismo e à exploração que nós temos sofrido nas mãos das classes dominantes racistas e capitalistas aqui, na América racista. Nós descobrimos que, nos dias do tráfico de escravos, mercadores capitalistas ao longo de toda a costa leste deste país se ficaram podres de ricos com o sangue, as lágrimas e o suor do povo preto que era transportado nos porões dos navios, empacotado como sardinhas, para este país racista e decadente, a fim de trabalhar, servir como escravo e morrer nos campos para construir este país.

O capitalismo, como todos sabemos, para existir precisa ter alguma coisa ou alguém para explorar. O que nós temos aqui na

América é supercapitalismo, superexploração; bugigangas e drogados¹⁴⁶ estão sendo vendidos às pessoas por preços exorbitantes. Lidando com o capitalismo preto, ou o pouco disso que temos experienciado neste país, checando 100 FATOS NOTÁVEIS SOBRE OS NEGROS, de J. A. Rogers¹⁴⁷, nós descobrimos que antes da Guerra Civil havia poucos capitalistas pretos neste país. Esses capitalistas pretos, até certo ponto, gozavam de alguns dos benefícios e privilégios deste país, na medida em que eles eram denominados homens livres e, como tais, podiam possuir escravos e propriedades. Investigando ao longo da história, descobrimos que muitos desses homens livres ou capitalistas pretos em miniatura não tinham nenhuma preocupação ou qualquer sentimento pelo restante de seus irmãos e irmãs pretas; em

146 No original, *heads*; no fim dos anos 1960, o termo era comumente utilizado para designar usuários de drogas, e suponho que possa ter essa acepção aqui. Ver Dalzell, T.; Victor, T. *The New Partridge Dictionary of Slang and Unconventional English: A-I*. Oxon: Routledge, 2006. p. 975.

147 O livro *100 amazing facts about the Negro* foi escrito por Joel Rogers, escritor negro de origem jamaicana cujos livros contribuíram decisivamente para a popularização de uma versão do conhecimento histórico disposta a reconhecer a importância dos negros.

muitas ocasiões, eles eram mais brutais do que os senhores de escravos brancos e culpavam seus irmãos por impedi-los de saborear todos os frutos da classe capitalista branca. Durante a Guerra Civil, quando o Norte e o Sul supostamente lutaram para libertar os escravos, descobrimos que alguns desses capitalistas pretos na verdade lutaram ao lado dos confederados para ajudar a manter a exploração de seus irmãos pretos. Então, quando o povo preto começa a ver palavras como 'capitalismo', isso deveria aterrorizá-lo.

Vejam, nós temos sido treinados neste país de tal modo que sempre que vemos a palavra 'comunista', por exemplo, muitas pessoas pretas ficam sobressaltadas; mas, ainda assim, elas veem a palavra 'capitalismo' e isso mais ou menos não as afeta, de todo. Elas apenas seguem adiante; essa é apenas uma palavra cotidiana, alguma coisa com a qual elas cresceram envolvidas. Mas eu penso que, se as pessoas pretas parassem e realmente investigassem o que a palavra 'capitalismo' e o que o capitalismo significam em uma base cotidiana, elas começariam a ficar aterrorizadas com a palavra. Eu mesmo, quando vi essa coisa, "Oakland" estando "envolvida com o

capitalismo preto", para mim isso foi algo muito, muito aterrorizante porque, como disse anteriormente, tenho conhecido exemplos do que o capitalismo tem feito.

Pessoas pretas neste país devem começar a formar os conceitos corretos em suas mentes quando ouvem a palavra 'capitalismo'. Neste país, nas escolas, quando se trata do pouco treinamento que eles nos oferecem quando lidam com a América ou com o capitalismo, eles lidam com o capitalismo democrático e ensinam sobre a democracia, não sobre o capitalismo. Os resultados são que, quando as pessoas pretas veem as palavras "Oakland está envolvida com o capitalismo preto", imediatamente estrofes do hino nacional dos Estados Unidos começam a tocar em suas cabeças e eles veem a bandeira tremulando, quando o que deveriam ver é o bombardeio de napalm sobre pessoas não-brancas no Vietnã e o assassinato de Che Guevara na Bolívia pelos agentes racistas estadunidenses da CIA. Quando pensamos sobre capitalismo, nós também deveríamos pensar sobre nossos irmãos e irmãs no Congo. Há um panfleto intitulado REVOLUÇÃO NO CONGO que cada pessoa preta na América deveria ler, e assim vocês descobririam como o capitalismo opera. Por

exemplo, quando os Estados Unidos
intervieram no Congo e Patrice Lumumba¹⁴⁸,
escolhido pelo povo como Primeiro-
Ministro, foi assassinado por aquele cão
traidor Tshombe¹⁴⁹, que era um cão a
serviço dos capitalistas estadunidenses e
belgas e daquele falso liberal, Kennedy¹⁵⁰.

148 Político congolês de orientação pan-
africanista que, como fundador e líder do
Movimento Nacional Congolês, conduziu à
independência a República Democrática do Congo.
Eleito Primeiro-Ministro, foi deposto e
assassinado por uma conspiração que envolveu
autoridades estadunidenses e belgas. Uma foto de
Lumumba foi utilizada no cabeçalho da sessão de
notícias internacionais, em *The Black Panther*.

149 Homem de negócios e político congolês, Moïse
Tshombe foi presidente do estado secessionista
do Katanga, que declarou independência num ato
de revolta contra o governo de Patrice Lumumba.
O interesse de Tshombe era manter o vínculo com
o governo belga. Exilado quando Katanga foi
tomada pelas forças das Nações Unidas, regressou
ao Congo em 1964, tornando-se Primeiro-Ministro
por menos de um ano.

150 John F. Kennedy foi presidente dos Estados
Unidos entre 1961 e seu assassinato, em 1963.
Embora contasse a princípio com apoio
significativo dos negros, devido a seu apoio à
legislação em favor dos direitos civis –
sobretudo pelo telefonema para a esposa de
Martin Luther King Jr., então preso na Geórgia
–, o governo de Kennedy decepcionou muitos
negros estadunidenses, para quem houve uma
diferença significativa entre suas promessas de

No momento da intervenção estadunidense, havia grandes minas de cobre em Katanga e em outras províncias do Congo. Há uma empresa nos EUA chamada Kennecut Mines, e eles controlam a maior parte do suprimento mundial de cobre. Bem, no momento da intervenção no Congo, a oferta de cobre tinha começado a ultrapassar a demanda, e o preço do cobre tinha começado a cair. Bem, esses capitalistas que se sentam e controlam o Chase Manhattan Bank e outros grandes bancos e indústrias fizeram milhões vendendo mais de 10.000 libras de bombas estadunidenses para bombardear a indústria mineradora e o povo do Congo até reduzi-los a destroços, massacrando assim os concorrentes.

Hoje, na América, o homem de negócios e dono de terras capitalista explora você na escola e na casa, e então ao mesmo tempo ele vai à igreja, ajoelha sua grande e hipócrita bunda de costeleta de porco e fala sobre fraternidade e sobre fazer aos outros o que você gostaria que fizessem para você. E quando você lhe pergunta como

campanha a favor dos negros e o que ele efetivamente fez, quando chegou ao poder. Kennedy optou por lidar apenas indiretamente com a campanha pelos direitos civis, temeroso de que o envolvimento com o tema pudesse prejudicar seus programas domésticos.

justifica as ferozes práticas de negócios pelas quais se deixa levar, ele afirma simplesmente que negócios são negócios. Bem, eu penso que deveríamos observar bem de perto o que são os negócios capitalistas. Como eu disse, no Congo, eles consistem em lançar 10.000 libras de bombas no povo preto de lá. Antes da Segunda Guerra Mundial, o capitalista deste país que lidava com ferros-velhos estava fazendo milhões de dólares vendendo sucata de ferro e aço para os imperialistas japoneses, que estavam travando uma injusta¹⁵¹ guerra de agressão contra o povo chinês. A opinião pública era amplamente contra essa prática. Mas, novamente, a desculpa de que “negócios são negócios” foi utilizada.

Nos domínios da competição, o capitalista neste país se move de muitas formas. Com o início da Segunda Guerra Mundial, milhares de nossos irmãos amarelos foram encarcerados nos chamados campos de detenção, que não eram nada além de campos de concentração. A razão oferecida para seu aprisionamento é que eles eram uma ameaça à segurança, quando na verdade isso

151 O texto continua em outra página, com o subtítulo “Capitalismo preto significa continuar a exploração”.

ocorreu por racismo norte-americano e capitalismo norte-americano. O racismo foi evidenciado pelo fato de que centenas de milhares de cidadãos alemães e italianos não foram encarcerados, mas em vez disso lhes foi permitido que permanecessem livres para sabotar o esforço norte-americano na guerra.

Os japoneses, naquela época, possuíam consideráveis plantações de arroz na Califórnia; na verdade, eles tinham causado apreensão em todo o comércio de arroz. Nós descobrimos, no entanto, que quando eles foram deslocados, foram forçados a vender tudo por valores irrisórios, e em muitos casos suas terras foram simplesmente tomadas — mais uma vez, negócios são negócios. Então, vocês podem ver que eles foram encarcerados por motivos racistas e por motivos capitalistas. Recuando mais e investigando a história deste país, nós descobrimos que quando a Guerra Civil acabou, às pessoas pretas deste país foram prometidos quarenta acres e duas mulas pelo Gabinete de Libertos¹⁵². Quando verificamos a

152 O Freedmen's Bureau ("Gabinete de Libertos") foi estabelecido em 1865, com a finalidade de proteger os negros e promover sua inclusão na sociedade estadunidense.

história, nós descobrimos quem obteve os quarenta acres e as duas mulas. Investigando, descobrimos que as grandes indústrias capitalistas, como a Standard Oil, obtiveram a terra. A Standard Oil pegou meus quarenta acres e minhas duas mulas. Para eles, isso era apenas negócios. E, mais uma vez, o massacre dos indígenas ou o Destino Manifesto¹⁵³, que o homem branco glorifica na TV, não era nada além de “negócios são negócios”.

O branco capitalista neste país, as indústrias mineradoras, as empresas petrolíferas e os proprietários de terras que esperavam estabelecer seus próprios pequenos reinos, esses senhores da guerra na América, para ganhar mais terra, instigariam incidentes com os indígenas a fim de que pudessem convocar a cavalaria e o exército estadunidenses e então roubar dos indígenas mais terras, e novamente a razão que nos foi oferecida foi que “negócios são negócios”. Então, pessoas pretas devem começar a entender de que tratam aquela competição cruel e aquela constante motivação por autorrealização e satisfação pessoal que são pregadas nos

153 Crença segundo a qual os colonizadores deveriam se expandir pela América do Norte por um desígnio divino.

países capitalistas. Quando vamos até a loja da esquina e descobrimos que nos estão sendo cobrados os mais altos preços pelos piores cortes de carne e, em muitos casos, a carne está velha e apodrecida. Nós deveríamos começar a formar conceitos sobre o que o capitalismo significa em uma base real, no dia a dia. Pessoas pretas se preparam para enfrentar isso cotidianamente.

O que o capitalismo tem significado para a vasta maioria dos povos do mundo? Penso que essa é uma questão que devemos fazer a nós mesmos. Quando olhamos em volta, descobrimos os países onde o capitalista da América obtém a maior parte dos seus recursos, essas colônias e semicolônias que são chamadas de países subdesenvolvidos do mundo. Quando os observamos, descobrimos que lá eles têm a maior taxa de mortalidade infantil e índices de mortalidade no mundo, e os piores padrões de vida. Por que é assim? O povo preto não pode aceitar o que nosso inimigo nos diz, sobre ser totalmente inclusivo. Malcolm X dizia que, se você precisava confiar no seu inimigo para conseguir um trabalho, você estava em uma situação ruim. Também é verdade que, se você precisa confiar no seu inimigo para

obter informação, você está em uma situação ruim. Pessoas pretas devem começar a formar os conceitos adequados sobre o que exatamente o capitalismo é e sobre o que ele envolve, de modo que elas possam começar a lidar com a situação do modo correto.

Nós descobrimos, mais uma vez investigando a história, que quando capitalistas se mexem, eles o fazem por caminhos demoníacos e fraudulentos, a fim de controlar e manipular os governos e as pessoas por todo o mundo. Tomando novamente o exemplo do Congo, eles usaram seu esquema favorito, a falsa trama de uma conspiração comunista, e disseram que Lumumba era um pró-comunista e que Tshombe era pró-ocidental. Mais uma vez, isso é somente um truque, um pretexto ou artifício que os capitalistas usam para encobrir suas negociações sujas e fraudulentas.

Na China, foi a mesma coisa. Quando os EUA estavam apoiando o regime pirata de Chiang Kai-shek¹⁵⁴, eles disseram que o presidente

154 Militar e político que assumiu o governo da China em 1928. Derrotado na Guerra Civil chinesa pelos exércitos do Partido Comunista Chinês, em 1949, refugiou-se em Taiwan.

Mao Tsé-Tung era pró-comunista e que Chiang Kai-shek era pró-ocidental. Naqueles tempos, as pessoas pretas deste país em geral aceitaram isso sem olhar mais a fundo e ver o que significava ser pró-comunista ou pró-ocidental. Em um exame mais aprofundado dos fatos, nós descobrimos que o pirata Chiang Kai-shek, que era pró-ocidental, era também pró-capitalista e pró-exploração, enquanto Mao Tsé-Tung, que era pró-comunista, era a favor das pessoas e a favor dos camponeses. Por outro lado, você tinha Chiang Kai-shek, que roubou do povo e era um instrumento que o imperialismo estadunidense usou para ajudar a manter seu domínio e exploração sobre o povo chinês, enquanto o presidente Mao e o partido comunista da China estavam lutando pelo poder para o povo e para pôr fim à exploração das pessoas.

Nós vemos esse mesmo truque hoje, nas notícias, quando J. Edgar Hoover¹⁵⁵ diz que o Partido Pantera Negra é uma ameaça à

155 Diretor do FBI, J. Edgar Hoover foi o responsável por expandir as operações para incluir os grupos políticos negros, para tanto instituindo a agência de contrainteligência COINTELPRO. Em 1969, os Panteras Negras se tornaram o alvo principal da COINTELPRO, sendo alvo de 233 das suas 295 operações.

segurança dos EUA, que nós estudamos o Livro Vermelho¹⁵⁶ e que nós somos pró-comunistas – a que tipo de ameaça ele se refere, e o que é o Livro Vermelho? Ao examinar melhor, descobrimos que o objetivo primário do Partido Pantera Negra é “Estabelecer um poder político revolucionário para o POVO PRETO”. E que, entre os princípios que nós estudamos no livro vermelho, estão princípios como “sem um exército popular, o povo não tem nada”. Huey P. Newton¹⁵⁷, nosso fundador e Ministro da Defesa, tem afirmado que “Um povo que está desarmado ou é escravo ou está sujeito à escravidão em qualquer momento”. Nós sabemos que é apenas porque as pessoas estão armadas e desorganizadas que os porcos racistas estão aptos a passar por cima delas.

Sempre que nós investigamos uma situação capitalista, nós encontramos a mesma coisa. Antes, eu mencionei a Rússia czarista; bem, se você investigar a

156 Referência ao livro de Citações do Presidente Mao Tsé-Tung. Acerca da influência de Mao sobre o Partido Pantera Negra, ver a nota 108 em 4. **O manejo correto de uma revolução.**

157 Sobre Huey Newton, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

história, descobrirá que o Czar e o regime capitalista na Rússia eram governados e dominados por umas poucas pessoas. Você tinha os muito ricos no topo, junto da nobreza e dos círculos internos do regime czarista. Você tinha os camponeses que estavam passando fome, as massas populares, na parte de baixo. Quando você investiga a história chinesa, a mesma situação se aplica. No Congo, antes que Lumumba viesse ao poder e depois que ele foi assassinado, mais uma vez você tinha umas poucas pessoas no controle da economia e da riqueza do país, e o resto das pessoas estava passando fome. Eles costumavam exibir imagens da China em um programa de TV chamado *The Twentieth Century*¹⁵⁸. Exibiam filmes da China antes e durante a guerra revolucionária. Costumavam exibir os muito ricos e os senhores da guerra que saquearam a zona rural da China se tornando mais e mais ricos enquanto os camponeses, que eram muito pobres, estavam se tornando mais e mais pobres. Aqui, mais uma vez, os proprietários de terras eram pró-ocidentais ou pró-capitalistas, e os camponeses eram pró-comunistas ou pró-orientais. Quando nós investigamos essa

158 Programa exibido pela rede CBS entre 20 de outubro de 1957 e 4 de janeiro de 1970.

situação, descobrimos que em todos os países que se moveram para conquistar sua libertação nacional e “autodeterminação”, as pessoas estavam se afastando de posições capitalistas, em direção a posições socialistas ou comunistas. Quando as pessoas nesses países começaram a lutar para controlar seus próprios destinos, perceberam que, enquanto o poder permanecer investido nas mãos de uns poucos capitalistas ou nas mãos de uma classe capitalista exploradora, o povo nunca obterá quaisquer poderes para si.

Quando nos aproximamos de casa e nos atualizamos, podemos analisar a situação da América Latina, e vemos ocorrendo a mesma coisa que ocorreu na China e na Rússia. A América Latina, como um todo, foi transformada em uma reserva privada para o capitalista da América. Se você olhar para a América Latina, verá que antes que Fidel Castro¹⁵⁹ e o povo cubano tomassem o poder em Cuba, o poder estava investido nas mãos de Batista¹⁶⁰. Agora, Batista não era nada além de uma marionete ou um instrumento do imperialismo e do capitalismo estadunidenses. No Hotel

159 Sobre Fidel Castro e Che Guevara, ver a nota

106 em **4. O manejo correto de uma revolução.**

160 Ver a nota anterior.

Havana Hilton, os porcos capitalistas ricos e decadentes dos EUA costumavam relaxar ao sol e entregar-se às “suas práticas sexuais decadentes e outras perversões”. A música de Bob Dylan “Ballad of the Thin Man” e Mr. Jones¹⁶¹ diz que o senhor Jones foi a um show de aberrações, pagou para entrar e ver o louco¹⁶², e o louco estava comendo carne crua em um osso. Bem, o louco deu o osso para o senhor Jones e disse: “Como você se sente sendo uma aberração?” Bem, examinando isso, nós descobrimos que o que o louco quis dizer é que ele estava comendo a carne crua porque apenas dessa forma ele poderia sobreviver; mas o senhor Jones, que nesse caso seria a classe capitalista da América, era a verdadeira aberração, porque estava pagando para ver alguém fazer coisas desse tipo. Bem, em Cuba, antes que o poder fosse arrancado do

161 O nome correto é apenas *Ballad of the Thin Man*. A música foi lançada como última faixa do primeiro lado do sexto álbum de Dylan, *Highway 61 Revisited*, de 1965.

162 No texto original de Williams ocorre *Geak*, mas na letra original de Bob Dylan consta *geek*; no antigo jargão do entretenimento popular, o *geek* era uma “aberração”, normalmente falsa, que fazia coisas consideradas repugnantes. Ver Dalzell, T.; Victor, T. *The New Partridge Dictionary of Slang and Unconventional English: A-I*. Oxon: Routledge, 2006. p. 850.

imperialismo estadunidense e de seus cães, toda a Havana era um grande cercadinho para os EUA.

Os capitalistas nesse país criaram a prostituição em massa¹⁶³, a homossexualidade¹⁶⁴ e organizaram o crime com sua contaminação sórdida. Quando Fidel Castro tomou o poder das mãos do capitalista estadunidense e o devolveu ao povo, descobrimos que o capitalismo estadunidense reagiu de uma forma muito violenta. Batista foi apoiado até o limite e mais de 10.000 libras de bombas estadunidenses foram vendidas para Batista e lançadas sobre o povo cubano. Mais tarde, os EUA instigaram, financiaram, organizaram e apoiaram a invasão de Cuba pela Baía dos Porcos, que foi esmagada pelo heroico exército popular cubano. Hoje, mais de uma década depois, descobrimos que o capitalismo estadunidense está engajado em outro ato criminoso contra o povo cubano, que como

163 Acerca da visão dos Panteras Negras sobre a prostituição, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

164 Acerca da visão dos Panteras Negras sobre a homossexualidade, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

todos os outros planos capitalistas está condenado a falhar. O bloqueio econômico de Cuba pelos EUA.

Aproximando-nos de casa mais uma vez, descobrimos que aqui em nossas comunidades pretas, se as pessoas pretas querem exemplos do que o capitalismo é e de quais são seus efeitos, tudo o que têm de fazer é olhar em volta, em direção às várias prisões e cadeias. Não é apenas uma coincidência que em todas as colônias e semicolônias você tenha um assim chamado elevado índice de crimes. Esse índice está diretamente relacionado à exploração e opressão pela classe capitalista dominante. O índice de crime e de prostituição em nossas comunidades está diretamente relacionado à baixa educação, moradias precárias, falta de roupas, falta de empregos e um sempre presente estômago faminto. Essas coisas, mais uma vez, podem ser diretamente atribuídas ao capitalismo e à exploração. Os guetos deste país não estão aqui por acidente. Eles são um lugar onde uma fonte prontamente disponível de força de trabalho barata pode ser despejada e armazenada até que seja necessária, e com um mercado para se despejar bilhões de dólares em bens baratos e serviços corruptos. Então, os

guetos na América não estão aqui por acidente. Eles são estabelecidos e mantidos por capitalistas neste país, visando a uma finalidade e formato específicos.

Mais uma vez, verificando a história, nós descobrimos que nos dias de escravidão havia duas classificações. Havia o negro do campo e havia o negro da casa. Os negros do campo sempre superavam em número os negros da casa, mas os negros da casa trabalhavam em conjunto com o mestre de escravos para ajudar a manter a opressão de seus irmãos e irmãs pretas. Hoje, descobrimos que esses capitalistas pretos que estão sendo estabelecidos e impulsionados por Nixon e pelos círculos dominantes capitalistas neste país nada são além das contrapartes, nos dias modernos, daqueles velhos negros da casa, e onde o negro da casa pegaria os restos do prato do mestre, esses capitalistas pretos pegarão os restos dos pratos dos capitalistas brancos. Para tomar um caso particular, temos o exemplo do negro que possui o Lava a Jato Rainbow em East Oakland, que diz que a única coisa que poderá salvar a raça preta é que ela se torne como a raça branca, e que o povo preto é inferior ao povo branco. Podemos

ver a que ponto essa busca pelos restos do prato do mestre pode se tornar uma perversão. Nós também temos os tolos que apoiaram Wallace¹⁶⁵ em sua última eleição presidencial. Na Bíblia, há uma parábola que se relata estreitamente com aquilo de que estamos falando, quando Cristo falou sobre um Lázaro rastejante, mendigando à porta¹⁶⁶. É o mesmo que esses assim chamados capitalistas pretos que estão mendigando ao homem branco que os deixe entrar no sistema de exploração, em vez de se levantarem e destruírem o próprio sistema de exploração, livrando a si mesmos de uma vez e para sempre desse problema. O mestre de escravos, que nesse caso é o capitalista dos dias modernos, não é tolo, e por todo o tempo que puder sobreviver sem abrir mão de qualquer coisa, ele não abrirá mão de qualquer coisa. Agora que as pessoas pretas ampliaram seu clamor por justiça e liberdade e começaram a travar conscientemente uma guerrilha, as classes dominantes capitalistas deste país, que são como mestres de escravos de alcance

165 George Wallace foi candidato à presidência dos Estados Unidos por quatro vezes; embora membro do partido Democrata, defendia políticas segregacionistas.

166 Referência ao episódio bíblico narrado em Lucas 16:19-31.

mundial, passaram a oferecer restos de sua mesa para o povo.

Investigando ao redor, descobrimos que o premiê Thieu e o vice-presidente Ky, do Vietnã do Sul¹⁶⁷, estão na posição de negros da casa. Eles são os negros da casa do Vietnã. Do dinheiro, prestígio e poder que reside em suas mãos, pouco – se alguma parte – chegou até o povo em algum momento. Na China, foi do mesmo jeito. Chiang Kai-shek era nada mais do que um negro da casa chinês, um chinês capitalista. Nada do dinheiro e do poder que estavam investidos em suas mãos desceu até as massas do povo chinês. Tudo o que eles ganharam foram a bota de ferro, os porretes e as balas das tropas de bandidos de Chiang Kai-shek. Quando investigamos Cuba, houve a mesma situação. Batista era outro negro da casa, e tudo o que o povo recebeu dele foi um excesso de 10.000 libras de bombas e o napalm da força aérea estadunidense. E, neste país, os capitalistas pretos têm as mesmas posições que Batista, Chiang Kai-shek e os negros da casa da escravidão americana. Dos

167 Referências a Nguyễn Văn Thiệu, presidente do Vietnã do Sul entre 3 de setembro de 1967 e 21 de abril de 1975; e Nguyễn Cao Kỳ, que ocupou a vice-presidência até 1971.

restos que lhes são dados, poucos, se alguns, encontrarão caminho até as massas populares famintas.

Então, o que o povo preto precisa perceber é que qualquer coisa que o inimigo lhe ofereça como solução para seu problema não é apropriada, porque seu inimigo nunca lhe cederá qualquer coisa que possa ajudar a derrotá-lo. O que nós devemos fazer é construir nossas próprias definições e análises da situação, a fim de encontrar soluções que lidarão concretamente com o problema que nos confronta. No PARTIDO PANTERA NEGRA, nós temos uma prancha com os 10 pontos de nossa plataforma que lidam especificamente com o capitalismo. Ponto número 3: "Nós queremos um fim para o roubo de nossa comunidade preta pelo homem branco". Quando dizemos isso, queremos dizer que nós queremos um fim para todos os tipos de roubo. Um fim para o roubo de nossa juventude, que a envia a 8.000 milhas de distância para ser assassinada e esquartejada e usada como bucha de canhão, a fim de ajudar a sustentar uma guerra de agressão imperialista. Um fim para o roubo e destruição das mentes de nossas crianças por escolas e administrações racistas. Um fim para o roubo e estupro dos corpos de nossas irmãs por pervertidos racistas e

capitalistas que não merecem o nome de homens. Um fim para o roubo de homens pretos proativos, através do assassinato e aprisionamento pela cooptação das assim chamadas lideranças pretas, por planos como o plano capitalista preto de Nixon.

O Partido Pantera Negra é um partido que está determinado a agir por todos os meios necessários para atingir os fins corretos. Nós, no Partido Pantera Negra, nos recusamos a sermos enganados pela palavra 'preto'. Percebemos que o capitalismo, o capitalismo burocrático como ele existe no mundo de hoje, exatamente aqui e agora, é nosso inimigo principal, e não importa que prefixo de cor você coloque nele, resulta o mesmo. Tão sangrento e tão vil como sempre. E quando nós pensamos sobre o capitalismo, imediatamente tomamos como quadros de referência o napalm e os jatos no Vietnã, os assassinatos da CIA no Congo e na Bolívia, os porcos racistas paraquedistas estadunidenses e os povos do mundo sendo assassinados. Se o povo preto ainda precisa de alguma orientação externa sobre como lidar com o capitalismo, olhemos para os valentes vietnamitas como exemplos apropriados.

TODO O PODER PARA O POVO¹⁶⁸

168 Citação incorporada apenas à segunda impressão do texto.



Verdadeiros revolucionários

Bobby Seale

The Black Panther, v. 2, n. 30.

20 de abril de 1969.

Para fazer uma nota sobre a revolução aqui na América, é preciso falar sobre Huey P. Newton¹⁶⁹ e Eldridge Cleaver¹⁷⁰.

O Partido Pantera Negra tem provado, através da prática social, que não é uma organização **racista** ou **capitalista**. A razão para isso é que os dedicados membros do Partido têm seguido, e continuam a seguir de perto, os ensinamentos de nosso Ministro da Defesa, Huey P. Newton, e compreenderam bem as palavras do nosso Ministro da Informação, Eldridge Cleaver. Nós temos aprendido atentamente a aplicar muitos princípios revolucionários marxistas-leninistas¹⁷¹, como fez nosso

169 Fundador e líder do Partido Pantera Negra. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra**.

170 Ministro da Informação do Partido Pantera Negra. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra**.

171 Sobre a relação dos Panteras Negras com o marxismo-leninismo, ver o texto introdutório:

Ministro da Defesa. Quando Huey estava aqui nas ruas conosco e com todo o povo, ele nos ensinou muitas coisas, sobretudo por feitos, colocando os princípios revolucionários em prática real. Tendo uma ideologia revolucionária correta, Huey estava apto a colocar em movimento uma nação de irmãos e irmãs pretas que em determinado nível tinham elevado suas consciências, especialmente onde o Partido exemplifica uma perspectiva mundial revolucionária correta. Muitos princípios revolucionários em revoluções passadas neste século não se aplicam exatamente à situação aqui nos EUA. Mas, quando se olha para trás, para todas as coisas que tanto Huey P. Newton quanto Eldridge Cleaver têm feito e dito, pode-se ver nitidamente, isso é, se ele ou ela é uma pessoa objetiva e não subjetiva, que esses dois irmãos são as duas lideranças revolucionárias do nosso tempo, estando aqui nos confins da América capitalista-racista.

Dentro de Eldridge Cleaver e Huey P. Newton nós ainda tempos Lumumba¹⁷² e

Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.

Malcolm X¹⁷³. Nós temos Kwame Nkrumah¹⁷⁴ e Staggalee¹⁷⁵ (significando os negros do campo em conjunto, antes que se associassem e trabalhassem para travar uma verdadeira luta revolucionária pelo seu povo). Huey P. Newton e Eldridge Cleaver exemplificam os verdadeiros princípios revolucionários marxistas-leninistas.

172 Sobre Patrice Lumumba, ver a nota 148, no texto 14. **O capitalismo preto e o que ele significa.**

173 A influência política de Malcolm X sobre o Partido Pantera Negra foi decisiva. Sobre esse assunto, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

174 Político ganhador de orientação pan-africanista, liderou Gana na luta pela independência. Foi deposto por um golpe de estado que contou com apoio estadunidense.

175 Uma das variações do nome de Stagger Lee, apelido do negro Lee Shelton, cafetão responsável pelo assassinato de Billy Lyons em 1895, após uma discussão. Sobre o seu resgate pelos Panteras Negras, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

Nosso Partido pode ver Lênin¹⁷⁶ e Stálin¹⁷⁷ quando queremos entender Huey e Eldridge. Existem níveis mais altos de marxismo-leninismo com Mao Tsé-Tung¹⁷⁸ e Ho Chi Minh¹⁷⁹, Castro e Che¹⁸⁰, lutas revolucionárias vivas movendo-se para

176 Figura de liderança no Partido Comunista russo, uma das principais figuras da Revolução Russa de 1917, Lênin foi também um importante teórico do marxismo. Sobre a relação dos Panteras Negras com o marxismo-leninismo, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

177 Líder político que governou a União Soviética desde os anos 1920, como sucessor de Lênin – que reprovava suas estratégias políticas e viu com apreensão sua ascensão ao poder –, Stálin foi eventualmente mencionado em *The Black Panther*; não obstante, costuma ser lembrado sobretudo como termo de comparação para Huey Newton quando este, tendo sido libertado da prisão, assumiu o controle do Partido Pantera Negra, adotando uma postura centralizadora e atacando seus opositores. Relato esses episódios no texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

178 Sobre Mao Tsé-Tung, ver a nota 108 em 4. **O manejo correto de uma revolução.**

179 Líder comunista vietnamita, Ho Chi Minh foi uma figura central no processo que levou à proclamação da República Democrática do Vietnã, em 1945. A Frente Nacional de Libertação vietnamita convidou os Panteras Negras para o

níveis mais altos a cada dia, com todo o gênio e compreensão da luta de classes que Frantz Fanon¹⁸¹ aprendeu, vivendo e trabalhando com a revolução do povo argelino. Alprintice "Bunchy" Carter, John Huggins¹⁸² e "Lil" Bobby¹⁸³, todos amavam e

cerimonial por ocasião da morte de Ho Chi Minh, quando Eldridge Cleaver foi calorosamente recebido. Uma foto de Ho Chi Minh foi utilizada no cabeçalho da sessão de notícias internacionais, em *The Black Panther*.

180 Sobre Fidel Castro e Che Guevara, ver a nota 106 em 4. **O manejo correto de uma revolução.**

181 Sobre Frantz Fanon, ver a nota 107 em 4. **O manejo correto de uma revolução.**

182 Figuras de liderança no Partido Pantera Negra, Alprentice "Bunchy" Carter e John Huggins foram assassinados a tiros por membros da Organização Us, grupo formado por nacionalistas culturais, durante um encontro em 1969 da União dos Estudantes Negros na UCLA. O episódio teve forte influência de operações da COINTELPRO, que agiu intensificando as rivalidades entre os dois grupos. Relato esse episódio no texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

183 Bobby Hutton foi o primeiro membro recrutado para o Partido Pantera Negra, quando tinha alegadamente 16 anos, após se encontrar com Huey Newton e Bobby Seale em um centro antipobreza em North Oakland. Seu assassinato pela polícia se tornaria um marco na trajetória do partido; ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória**

respeitavam esses dois grandes revolucionários, Huey P. Newton e Eldridge Cleaver. O Partido Pantera Negra não é uma organização preta racista porque Huey P. Newton e Eldridge Cleaver compreenderam e nos ensinaram que essa não é uma luta de raças, mas uma luta de classes – uma luta de CLASSES. Huey me disse, na noite em que nós encontramos o irmão Eldridge Cleaver: “Cara, o Partido precisa daquele irmão, ele seria como outro Malcolm X para o Partido para o povo”. E Eldridge Cleaver me disse... “Cara, sabe o quê? Malcolm X precedeu Huey P. Newton como João Batista precedeu Jesus Cristo¹⁸⁴”. Esses são dois dos mais raros irmãos das massas pobres e oprimidas que jamais existiram nos EUA, e Malcolm X tem ambos preocupados em serem, pelo resto de suas vidas, revolucionários dedicados que eu sei que servirão aos povos pobres pretos e oprimidos.

Huey me ensinou a não odiar uma pessoa pela cor de sua pele, mas a “odiar o que a classe dominante superior nos faz”, e o que ela faz a nós, pessoas pretas.

ideológica do Partido Pantera Negra.

184 Na tradição bíblica, João Batista foi o profeta que batizou Jesus Cristo, reconhecendo nele uma figura messiânica.

Eldridge me explicou que nós não lutamos usando fogo contra fogo, mas nós combatemos o fogo com **água**, porque todo mundo sabe que o fogo é melhor apagado com **água**.

Então, eu resumirei todo este artigo acerca daquilo sobre o que é o Partido Pantera Negra em nossa luta justa contra a classe dominante que explora os pretos pobres e todos os outros povos oprimidos do mundo, quanto mais aqui na América decadente.

Qualquer ser humano deve compreender – qualquer Stagalee – qualquer irmão ou irmã não-educada (quero dizer, não tendo a educação revolucionária proveniente de Huey e Eldridge) deve perceber que nós não enfrentaremos o racismo com racismo, mas que nós enfrentaremos o racismo com **solidariedade**. Nós não enfrentaremos o capitalismo com capitalismo (capitalismo preto), mas devemos enfrentar o capitalismo com socialismo. Nós jamais poderemos – nem podem eles (as outras nações) nem mesmo tentar enfrentar o imperialismo estadunidense com mais imperialismo, mas nós o enfrentaremos com o **internacionalismo proletário**.



Fascismo é:

The Black Panther, v. 3, n. 11.

5 de julho de 1969.

Porcos correndo furiosamente nos guetos pretos, espancando, assediando, intimidando, insultando e assassinando. Isso se torna Fascismo constitucional quando Porcos Chefes e Comissários vão para estações de rádio e TV, dizem frases vazias sobre "Lei e Ordem"¹⁸⁵ e bombardeiam o povo com estatísticas flexíveis sobre "áreas de alta criminalidade" que são, na verdade, os guetos pretos.

Fascismo é um político mentiroso e demagogo que jura por deus que é a favor da "Lei e Ordem" que não serve ao povo, e que também ele está a favor do povo. Fascismo é o político preto lambe-botas e demagogo que faz estardalhaço sobre "áreas desfavorecidas" que ele sabe que não são "desfavorecidas", mas "superexploradas".

185 A expressão "Lei e Ordem" se refere à demanda por um sistema de justiça criminal mais rigoroso, sobretudo pela implementação de penas mais severas; no contexto estadunidense dos anos 1960, foi endossada por políticos conservadores como Ronald Reagan e Richard Nixon.

Fascismo é o demagogo, preto ou branco, que encoraja guerras raciais para resolver problemas de classe. Fascismo é o político que fala sobre "Direitos Civis" em vez de "Direitos Humanos".

Fascismo é o homem de negócios avarento que se especializa em impor excesso de trabalho, pagar pouco e sobrecarregar o povo trabalhador. Fascismo são os bancos, fundos e grandes monopólios que enviam porcos fascistas e racistas bem armados para Detroit, Harlem, Watts, Vietnã e Porto Rico, a fim de fazer uma matança, e então fazem longos discursos sobre como eles odeiam a onda crescente de violência. Fascistas são frouxos¹⁸⁶ que odeiam violência contra os Porcos e a chamam de anarquia, ou comunismo, ou Fascismo. Mas eles chamam a violência contra o povo de "Lei e Ordem".

FASCISMO É A AMÉRICA

TODO O PODER PARA O POVO!

186 No original, *punk* – termo que, até os anos 1960, era utilizado para designar um homem jovem e fraco que ocupava a posição de homossexual passivo, especialmente na prisão. Ver Dalzell, T.; Victor, T. *The New Partridge Dictionary of Slang and Unconventional English: J-Z*. Oxon: Routledge, 2006. p. 1558.



Libertação significa liberdade

The Black Panther, v. 3, n. 11.

5 de julho de 1969.

O que são revolucionários?

"Revolucionários são transformadores".

Essa resposta vem dos ávidos lábios das crianças que participam da primeira escola da libertação promovida pelo Partido Pantera Negra. A escola da libertação é a realização do ponto cinco da plataforma e programa de dez pontos¹⁸⁷, isto é: "Nós queremos educação para o nosso povo, que exponha a verdadeira natureza desta sociedade norte-americana decadente. Nós queremos uma educação que nos ensine nossa verdadeira história e nosso papel na sociedade atual". Nós reconhecemos que a educação somente é relevante quando ensina a arte da sobrevivência. Nosso papel nesta sociedade é preparar nós mesmos e as massas para a mudança. A mudança que nós queremos está dentro desta sociedade decadente. É a implementação da plataforma de 10 pontos do Partido de Vanguarda. É a destruição da classe dominante que oprime e explora os pobres. É a destruição do

187 Ver 2. O que nós queremos agora! Em que nós acreditamos.

homem de negócios ganancioso (a juventude na escola da libertação o chama de “grande, gordo”¹⁸⁸ homem de negócios”). É a destruição dos políticos mentirosos e enganadores e, o mais importante de tudo, a destruição dos porcos racistas que correm ferozmente pelas nossas comunidades.

As Escolas da Libertação substituirão, no verão, o Café da Manhã Gratuito para Crianças em Idade Escolar que foi iniciado no começo deste ano e que desde então se espalhou por capítulos e ramificações do partido de todo o país. A Escola da Libertação é o segundo dos muitos programas socialistas e educacionais que serão implementados pelo Partido Pantera

188 A recorrente caracterização pejorativa do homem de negócios como “gordo” é um dos aspectos em que a crítica dos Panteras Negras se revelou falha, por não perceber que a gordofobia é também uma forma de opressão. Em relação a pessoas negras, isso é especialmente relevante no que diz respeito às mulheres negras gordas – que, como demonstrou Andrea Elizabeth Shaw, são objeto de uma série de estereótipos, entre eles a “mãe preta” (a gorda e obediente serva doméstica) e a mulher hipersexualizada devido à soma de negritude e gordura. Ver Shaw, A. E. *The Embodiment of Disobedience: fat black women's unruly political bodies*. Lanham: Lexington Books, 2006.

Negra para satisfazer as demandas do povo. O primeiro programa começou ontem, 25 de junho, no cruzamento das ruas 9 e Hearst em Berkeley, Califórnia. O programa é um sucesso, com máxima participação proveniente da juventude e voluntários por todo o país. O currículo é desenvolvido para satisfazer as necessidades da juventude, para guiá-la em sua busca por verdades e princípios revolucionários. Um desjejum e um lanche bem balanceado são servidos diariamente. Três dias da semana são despendidos em sala de aula. Quinta-feira é o dia do filme, e a sexta-feira é reservada para excursões pela comunidade. O dia 30 de junho marcou a abertura de duas escolas adicionais, em East Oakland e em Hunters Point, em San Francisco, Califórnia. Programas adicionais estão agendados para começar num futuro próximo, por toda a área da baía de São Francisco e por todo o país.

A juventude compreende a luta que está sendo travada nesta sociedade. Isso fica evidente por sua avidez para participar do programa. Eles entendem que nós não estamos enfrentando uma luta racial mas, de fato, uma luta de classes. Eles reconhecem a necessidade de que todos os povos oprimidos se unam contra as forças

que estão tornando nossas vidas insuportáveis. Sua compreensão se manifesta em suas próprias definições, por exemplo: Revolução significa Mudança; Revolucionários são Transformadores; Libertação significa Liberdade; e, por sua visão coletiva de si mesmos como sendo parte de uma GRANDE FAMÍLIA, trabalhando, brincando e vivendo juntos na luta. A beleza do socialismo é vista através de sua prática diária, enquanto eles se envolvem no programa.

Nós exortamos ao povo da comunidade que se una ao Partido de Vanguarda, apresentando os exemplos corretos para a nossa juventude através de sua participação ativa em nossas escolas da libertação por todo este país.

Aulas de Educação Política Comunitária também começarão à tarde, para adultos. A educação das massas é primordial para o Partido de Vanguarda. Povo, participe deste programa revolucionário para continuar a luta por liberdade neste país.

TODO O PODER PARA O POVO!

TODO O PODER PARA A JUVENTUDE!



Prisão, onde está a tua vitória?

Huey P. Newton

The Black Panther, v. 3, n. 12.

12 de julho de 1969¹⁸⁹.

Quando uma pessoa estuda matemática, aprende que há muitas leis matemáticas que determinam a abordagem que deve adotar para resolver os problemas que lhe forem apresentados. No estudo da geometria, uma das primeiras leis que uma pessoa aprende é que "o todo não é maior que a soma de suas partes". Isso significa simplesmente que não pode haver uma figura geométrica como um círculo ou quadrado que, em sua totalidade, seja maior do que quando segmentada em partes menores. Portanto, se a soma de todas as partes menores resulta em um certo valor, a figura inteira não pode ter um valor maior. A prisão não pode vencer o prisioneiro porque os encarregados adotam o mesmo tipo de abordagem para com o prisioneiro e assumem que, se têm o seu corpo inteiro na cela, têm ali tudo o que compõe a pessoa. Mas um prisioneiro não é uma figura geométrica, e uma abordagem que é eficaz na matemática é

189 Republicado, com outros artigos, em *The Black Panther*, v. 4, n. 5 (3 de janeiro de 1970), com a legenda "O gênio de Huey P. Newton".

completamente ineficaz quando se lida com seres humanos.

No caso do ser humano, nós não estamos lidando apenas com um único indivíduo, nós também estamos lidando com as ideias e crenças que o têm motivado e que o sustentam, mesmo quando seu corpo está confinado. No caso da humanidade, o todo é muito maior do que as partes, porque o todo inclui um corpo que é mensurável e que pode ser confinado, mas também as ideias que não podem ser mensuradas e não podem ser confinadas. As ideias estão não apenas dentro da mente do prisioneiro, onde elas não podem ser vistas nem controladas; as ideias estão também dentro do povo. As ideias que podem e que sustentarão nosso movimento pela total liberdade e dignidade do povo não podem ser aprisionadas, porque elas existem no povo, em todo o povo, onde quer que esteja. Enquanto o povo viver de acordo com as ideias de liberdade e dignidade, não haverá prisão que possa deter nosso movimento. As ideias se movem de uma pessoa para outra, em associação com irmãos e irmãs que reconhecem que o maléfico sistema capitalista nos colocou uns contra os outros, quando nosso real inimigo é o explorador que lucra com nossa

pobreza. Quando nos damos conta dessa ideia, nós passamos a amar e a apreciar nossos irmãos e irmãs que podemos ter visto como inimigos, e aqueles exploradores que podemos ter visto como amigos são revelados como o que eles realmente são para todo o povo oprimido. O povo é a ideia, o respeito e a dignidade do povo, como ele se move em direção à sua liberdade; isso é a força sustentadora que nos alcança dentro e fora da prisão. As paredes, as barras, as armas e os guardas nunca podem cercar ou deter a ideia do povo. E o povo deve sempre levar adiante a ideia que é sua dignidade e sua beleza.

A prisão opera com a ideia de que, quando tem o corpo da pessoa, tem todo o seu ser — uma vez que o todo não pode ser maior do que a soma de suas partes. Eles colocam o corpo em uma cela, e parecem ter alguma sensação de alívio e segurança com esse fato. A ideia de uma vitória da prisão, portanto, consiste em que, quando a pessoa encarcerada começa a agir, pensar e a ter crenças do modo como querem que faça, eles venceram a batalha e a pessoa então está “reabilitada”. Mas esse não pode ser o caso, porque aqueles que fazem funcionar as prisões falharam ao examinar suas próprias convicções cuidadosamente, e

falham em compreender os tipos de pessoas que tentam controlar. Portanto, mesmo quando a prisão pensa que obteve a vitória, não há vitória.

Há dois tipos de prisioneiros. Em maior número estão aqueles que aceitam a legitimidade dos pressupostos sobre os quais a sociedade se fundamenta. Eles querem alcançar os mesmos objetivos que todas as outras pessoas: dinheiro, poder, ganância e consumo ostensivo. Para fazê-lo, no entanto, eles adotam técnicas e métodos que a sociedade definiu como ilegítimos. Quando isso é descoberto, essas pessoas são postas na cadeia. Elas podem ser chamadas de "capitalistas ilegítimos", uma vez que seu objetivo é adquirir tudo o que a sociedade capitalista define como legítimo. O segundo tipo de prisioneiro é aquele que rejeita a legitimidade dos pressupostos sobre os quais a sociedade se fundamenta. Ele argumenta que as pessoas na camada inferior da sociedade são exploradas para lucro e vantagem daquelas que estão no topo. Então, os oprimidos existem, e sempre serão usados para manter o status privilegiado dos exploradores. Não há santidade, não há dignidade em explorar ou ser explorado. Embora esse sistema possa

fazer a sociedade funcionar em um alto nível de eficiência tecnológica, é um sistema ilegítimo, uma vez que assenta sobre o sofrimento de seres humanos que são tão valorosos e dignos quanto aqueles que não sofrem. Então, o segundo tipo de prisioneiro afirma que a sociedade é corrupta e ilegítima e deve ser derrubada. Esse segundo tipo de prisioneiro é o prisioneiro político. Eles não aceitam a legitimidade da sociedade e não podem participar de sua exploração corruptora, estejam eles na prisão ou nas ruas.

A prisão não pode vencer qualquer dos tipos de prisioneiros, não importa o quanto se esforce. O "capitalista ilegítimo" reconhece que, se ele joga o jogo que a prisão quer que ele jogue, terá seu tempo reduzido e será solto para continuar suas atividades. Portanto, ele se dispõe a passar pelos programas da prisão e a fazer as coisas que lhe mandam fazer. Ele se dispõe a dizer as coisas que as autoridades da prisão querem ouvir. A prisão assume que ele está "reabilitado" e pronto para a sociedade. O prisioneiro realmente jogou o jogo da prisão, então pode ser libertado para continuar a perseguir seus objetivos capitalistas. Não há vitória, pois o prisioneiro desde o

princípio aceitou a ideia da sociedade. Ele finge aceitar a ideia da prisão como parte do jogo que ele sempre jogou.

A prisão não pode vencer o prisioneiro político porque não há nada nele a ser reabilitado. Ele se recusa a aceitar a legitimidade do sistema e se recusa a participar. Participar é admitir que a sociedade é legítima, devido à sua exploração dos oprimidos. Essa é a ideia que o prisioneiro político não aceita, essa é a ideia pela qual ele foi aprisionado, e essa é a razão pela qual ele não pode cooperar com o sistema. O prisioneiro político, de fato, cumprirá seu tempo, assim como fará o "capitalista ilegítimo". Ainda assim, a ideia que motivou e sustentou o prisioneiro político reside no povo, e tudo o que a prisão tem é um corpo.

A dignidade e a beleza do homem residem no espírito humano, que fazem dele mais do que simplesmente um ser físico. Esse espírito não deve jamais ser suprimido para a exploração por outros. Enquanto o povo reconhecer a beleza dos seus espíritos humanos e agir contra a supressão e a exploração, ele realizará uma das mais belas ideias de todos os

tempos. Porque o todo humano é muito maior do que a soma de suas partes, as ideias sempre estarão entre o povo. A prisão não pode ser vitoriosa porque paredes, barras e guardas não podem conquistar ou deter uma ideia.

PODER PARA O POVO:

PODER PRETO PARA O POVO PRETO, E PODER
PANTERA PARA A VANGUARDA.



19

A escola da libertação do ponto de vista de uma mãe

The Black Panther, v. 3, n. 12.

12 de julho de 1969.

Na quarta-feira, 25 de junho, a primeira Escola da Libertação dos Panteras Negras em East Bay foi inaugurada na Igreja do Bom Pastor, no cruzamento das ruas 9 e Hearst, em Berkeley. Tendo ouvido os caminhões de som pela vizinhança anunciando a inauguração da escola no dia anterior, eu decidi descer com meu filho de dois anos para observar o cenário e ver como eu poderia contribuir. O que eu encontrei foi uma escola bem organizada e progressista, no verdadeiro espírito do socialismo.

No primeiro dia apareceram entre 10 e 15 crianças, com idades de quatro a dez anos. Agora, depois de mais de uma semana, a frequência varia entre 25 e 30 crianças. Todas recebem calorosas boas-vindas na "Grande Família", como o grupo é chamado. De fato, tive uma calorosa surpresa quando, falando com uma das irmãs Panteras no primeiro dia, eu a ouvi dizer: "Você poderia trazer seu filho todos os dias?"

Incerta sobre o que uma criança agitada de dois anos poderia aprender e/ou oferecer, decidi dar uma chance, e continuei a fazê-lo como poucos arrependimentos.

O dia começa às 9 da manhã, com cerca de 3 ou 4 crianças. Um café da manhã com cereal, leite e frutas ou donuts, leite e frutas lhes é servido pela equipe dos Panteras e pelos voluntários da comunidade, muitos dos quais são ativos em outras organizações. Tão logo esses poucos são servidos, começa a “correria” da chegada das crianças remanescentes. Todas são servidas em mesinhas e comem silenciosamente, podendo repetir se desejarem; depois que terminam, as crianças limpam as mesas. Assim que tudo termina, a aula começa.

A aula é ministrada por alguém da equipe de irmãs Panteras (a equipe mudou muitas vezes, visto que a primeira equipe partiu para dar início a outros programas e foi substituída). O ensino segue o programa dos Panteras, e conhecimento sobre os seus líderes-chave – Huey P. Newton¹⁹⁰, Eldridge

190 Fundador e Ministro da Defesa dos Panteras Negras. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

Cleaver¹⁹¹, Bobby Hutton¹⁹² e Bobby Seale¹⁹³, em particular – constitui diariamente parte da aula. As crianças também aprendem sobre a sociedade em termos da luta de classes de um modo acessível, que é facilmente compreendido pelas crianças.

Cada dia da semana é dedicado a um estudo particular: um dia será reservado para ensinar luta de classes, outro dia será ocupado com um filme sobre lutas como a Convenção Nacional Democrata de Chicago¹⁹⁴, e sexta-feira é o Dia de Campo. Os Dias de Campo são organizados em torno de atividades dos Panteras, e são planejados para demonstrar graficamente a natureza

191 Ministro da Informação dos Panteras Negras.

Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

192 Sobre Bobby Hutton, ver a nota 183, em 15.

Verdadeiros revolucionários.

193 Fundador e presidente do Partido Pantera Negra. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

194 Referência à Convenção Nacional Democrata de Chicago de 1968, que foi antecedida por um protesto organizado por ativistas que se opunham à Guerra do Vietnã, violentamente reprimido pela polícia. Entre as oito pessoas acusadas levadas a julgamento por incitação à revolta estava Bobby Seale.

racista e de classe da sociedade na qual as crianças vivem. Então, em uma semana as crianças visitaram a cena do massacre policial de 6 de abril de 1968, que resultou na morte por assassinato de Bobby Hutton. A turma também viu a cena onde Huey P. Newton foi abordado por porcos de Oakland e enquadrado em uma acusação de homicídio. Durante a semana, as crianças estudaram sobre acontecimentos atuais e cultura revolucionária, bem como sobre teoria da luta de classes.

A educação é bem recebida. As crianças retêm o conhecimento bem, pois conceitos fundamentais e complicados são postos em termos simples. Definições como "Libertação significa Liberdade", "Revolução significa mudança", "Revolucionários são transformadores" são facilmente compreendidos pelas crianças, e cada uma das definições é explicada em mais detalhes no decorrer do estudo. Todas as personalidades-chave no Partido Pantera Negra e na política são identificados com grandes pôsteres ou fotos, com um significado-chave adicionado, de modo que as crianças não esquecerão esses indivíduos. Por exemplo, uma bem conhecida foto de Eldridge Cleaver mostra-o comendo um pedaço de melancia. Então, a professora

mostra a foto e pergunta, "Quem é ele?"; "Eldridge Cleaver!", é a ruidosa resposta. "O que Eldridge está fazendo?", "Comendo melancia!".

Disciplina para um grupo tão jovem não é um problema. A disciplina é reforçada em um sentido social positivo; crianças são ensinadas a serem responsáveis para consigo mesmas e para com os outros. Então, elas são advertidas de que "se você quer ser parte da Grande Família, você deve se comportar", ou "Se você quer ser um revolucionário, você deve ouvir". Elas são também advertidas de que atos egoístas e irresponsáveis não são socialistas.

Parte do treinamento inclui exercícios físicos. Cada uma das crianças assume um turno para "ensinar" a turma, liderando nos vários exercícios. Líderes são escolhidos de acordo com seu comportamento e grau de responsabilidade. Mesmo a equipe e os voluntários participam, seguindo quando o líder grita "30 polichinelos" – e alguém pode adicionar, "mais um para Huey!".

Depois dos exercícios, as crianças formam pares e marcham ao som de canções dos Panteras até o fim do quarteirão e depois

de volta, parecendo muito um exército revolucionário. No prédio, eles marcham e se sentam para comer uma merenda de frutas, e a aula continua.

As crianças também recebem uma oportunidade para exercitar seus talentos criativos desenhando a partir de ilustrações do jornal do Partido Pantera Negra, ou livremente. As crianças – se não os adultos – conhecem o que estão desenhando. Examinando as confusas formas coloridas no papel de uma criança de quatro anos, eu perguntei o que era aquilo. Ela confiantemente respondeu: “É um grande armazém onde eles roubam o povo”. É isso mesmo!

Embora tanto os cafés da manhã quanto os lanches sejam adequados, a equipe muitas vezes considera necessário recorrer aos próprios bolsos para providenciar itens comestíveis e não comestíveis como guardanapos, copos de papel, etc. As doações simplesmente não são coletadas com a rapidez necessária, e a expansão do programa requer doações crescentes. Uma organização esplêndida não é o bastante; fundos para comida e melhorias nos equipamentos de cozinha são muito necessários. Não apenas para o programa de

verão, mas para o ano escolar regular. O ataque dos porcos ao escritório de Sacramento do Partido Pantera Negra ilustra nitidamente que não é apenas uma questão de dinheiro. É uma questão de luta política, de modo que a sociedade inteira – não o pequeno grupo de indivíduos diretamente envolvido – satisfará as necessidades urgentes providenciando refeições quentes e cafés da manhã para todas as crianças. Doações de comida e dinheiro podem ser feitas ao Partido Pantera Negra, 3106 Shattuck Avenue, Berkeley, Calif. 94705.

Eu não estou inteiramente certa do que meu filho de dois anos aprendeu, seja sobre os Panteras ou sobre a luta revolucionária, embora ele tenha se beneficiado da disciplina e da conduta diária com as outras crianças. Mas uma coisa é certa: o Partido Pantera Negra descobriu um conceito muito revolucionário na educação e, quando chegar o outono, os “pequenos transformadores” marcharão para a escola bem nutridos de comida e pensamentos para ensinar a outros o que aprenderam. Eles crescerão plenamente capazes de confrontar a “estrutura de poder”, a classe dominante de forma efetiva, plenamente preparados para travar qualquer tipo de luta que for

exigida para recriar a América de acordo com diretrizes mais humanas, justas e socialistas.

Talvez meu pequeno filho, no momento certo, compreenda a coisa mais importante – que o “Fascismo é o homem de negócios gordo¹⁹⁵ (avarento).”

TODO O PODER PARA O POVO

TODO O PODER PARA A JUVENTUDE

195 Sobre o uso pejorativo da gordura no discurso dos Panteras Negras, ver a nota 188, em 17.
Libertação significa liberdade.



Sobre a cultura revolucionária

Emory Douglas

The Black Panther, v. 4, n. 5.

3 de janeiro de 1970.

TODO O PODER PARA O POVO

Nós, povo preto na Babilônia¹⁹⁶, estamos lutando pela libertação da dominação política nas mãos do opressor, da exploração econômica e de um sistema social que nos degrada, como homens e mulheres. A partir dessa luta, surge um novo modo de vida, baseado nas políticas da luta popular. Esse novo modo de vida é uma luta por mudança, uma luta revolucionária envolvendo as massas populares. Assim como a luta pela libertação produz uma nova política, ela

196 Cidade-estado historicamente situada na região de mesmo nome, na Mesopotâmia. Na tradição bíblica, a Babilônia simboliza o mal que se opõe aos desígnios divinos; os rastafáris a converteram em um símbolo dos valores e instituições que oprimem os africanos em diáspora. No discurso dos Panteras Negras, a Babilônia é inevitavelmente associada ao imperialismo. Ver a nota 62, no texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

também produz uma nova cultura, uma cultura revolucionária. Nascida do desejo popular de trocar um sistema corrupto por um sistema que sirva o povo, um sistema que seja livre da exploração do homem pelo homem, e que satisfaça os desejos e necessidades das massas populares.

A velha cultura é uma cultura baseada na exploração e na competição, enquanto a cultura revolucionária é baseada na cooperação. "Café para as crianças", "Clínicas de saúde gratuitas" e "Escolas da Libertação" são apenas alguns dos programas implementados que são parte da cultura revolucionária. Esses programas culturais serão executados durante a luta pela libertação, porque nossas crianças têm passado fome e não têm recebido cuidado médico adequado, além de terem recebido informações erradas por muito tempo nas mãos desse sistema opressor. Através da nova cultura, nossas crianças recebem os nutrientes que são necessários para se desenvolverem fisicamente e mentalmente, de modo que podem sobreviver a esse sistema corrupto e construir um novo, que sirva ao povo.

A cooperação na qual a nova cultura se baseia são as massas populares trabalhando

em conjunto pelo interesse da humanidade, combatendo uma cultura decadente, substituindo-a por uma cultura que trabalhe pelos interesses do povo. Nossa nova cultura, estando baseada na política do Partido do Povo, só pode ser implementada através de muitas batalhas contra os porcos da estrutura de poder, os exploradores, uma vez que a nova cultura é livre de exploração. Portanto, a autodefesa se torna uma parte da nova cultura, manifesta na magnum 357, nas metralhadoras, M-15s, granadas de mão, espingardas calibre 12 e fuzis automáticos Browning, porque o povo aceitou a realidade da autodefesa armada como único caminho para a libertação.

Também a partir da luta pela libertação surgem uma nova literatura e arte. Baseada na luta popular, essa arte revolucionária assume uma nova forma. O artista revolucionário começa a armar seu talento com aço, bem como a aprender a arte da autodefesa, tornando-se um com o povo ao ir para o seu seio, não permanecendo à distância, e indo para a própria dureza da luta prática.

Essa cultura recém-nascida não é peculiar às massas pretas oprimidas, mas transcende

comunidades e fronteiras raciais, porque todas as pessoas oprimidas podem se identificar com a mudança revolucionária, que é o ponto de partida para desenvolver uma cultura revolucionária.

APODERE-SE DO MOMENTO!



21

Mensagem às mulheres revolucionárias

Camarada Candi Robinson

The Black Panther, v. 3, n. 16.

9 de agosto de 1969.

Mulheres pretas, mulheres pretas,
mantenham suas cabeças erguidas, e olhem
ao redor.

Nós também somos necessárias na revolução.
Nós também somos fortes, nós também somos
uma ameaça para o inimigo opressor.

Nós somos revolucionárias, nós somos a
outra metade dos nossos homens
revolucionários.

Nós somos suas metades iguais, seja com a
arma na mão ou lutando nas ruas para fazer
deste país uma liderança socialista.

Irmãs, vamos educar nosso povo.

Combater o liberalismo, e combater o
chauvinismo masculino. Despertar nossos
homens para o fato de que nós não somos
nem mais, nem menos do que eles.

Nós somos tão revolucionárias quanto eles.
Por muito tempo, temos permanecido
sozinhas.

Por tempo demais nós temos sido mulheres
sem homens, por tempo demais nós temos
sido duplamente oprimidas, não apenas pela
sociedade capitalista, mas também por
nossos homens.

Agora nós não estamos mais sozinhas,
nossos homens estão ao nosso lado.
Nós, homens e mulheres revolucionários,
somos as metades uns das outras, umas dos
outros.
Nós devemos continuar a educar nossos
homens, e trazer suas mentes do nível
masculino chauvinista para um nível mais
elevado.
Nossos homens precisam, querem e irão amar
os belos filhos e filhas que vêm de nossos
úteros fecundos.
Eles precisam de nossa confiança e
encorajamento, bem como nós precisamos do
seu. Eles precisam de nós para educá-los,
às pessoas e aos nossos filhos e filhas,
bem como nós precisamos deles para nos
educar. Irmãs, estamos sendo chamadas pela
própria vida.
Estamos sendo chamadas pela revolução.
Somos as mães de revolucionários e
revolucionárias, conosco está o futuro do
nosso povo.
Nós, minhas irmãs, somos as mães da
revolução, e dentro de nossos úteros está
o exército do povo.
Irmãs! A Revolução está aqui! Tragam o
Exército! Tragam as Armas!
Nós, minhas irmãs, somos as mulheres
revolucionárias de homens revolucionários!
Nós somos as mães da revolução!



Bobby shackled in fascist courtroom.

"Bobby algemado no tribunal fascista"

A Plataforma e Programa de Dez Pontos do Partido Pantera Negra

Bobby Seale

The Black Panther, v. 3, n. 26.

18 de outubro de 1969.

**"NÓS QUEREMOS TERRA, PÃO, MORADIA,
EDUCAÇÃO, ROUPAS, JUSTIÇA E PAZ..."**

Hoje, isso é apenas parte do número 10 da Plataforma e Programa de Dez Pontos de "O que nós queremos"¹⁹⁷. As massas exploradas e trabalhadoras e os povos pobres e oprimidos por todo o mundo querem e precisam satisfazer essas demandas para a sobrevivência humana básica. O Partido Pantera Negra começou quando Huey¹⁹⁸ e eu esboçamos as demandas e os desejos políticos básicos, e os colocamos sob a forma de uma plataforma e programa com dez pontos sobre "O que nós queremos" e dez sobre "Em que nós acreditamos". Huey e eu nos sentamos no escritório de combate à

197 O programa original traduzido está em **2. O que nós queremos agora! Em que nós acreditamos.**

198 Fundador do Partido Pantera Negra. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

pobreza¹⁹⁹ no qual trabalhamos, em uma noite em outubro de 1966, e demos início a um partido político revolucionário, sabendo que o programa não era apenas alguma coisa que tínhamos inventado. O programa era um esboço das demandas e dos desejos políticos básicos que retrocediam à história do povo preto sofrendo sob a opressora exploração pela gananciosa, viciosa e capitalista classe dominante da América. A Plataforma e o Programa são não mais do que as demandas urgentes há 400 anos de nós, pretos norte-americanos. Elas são as demandas básicas de “O que nós queremos” e “Em que nós acreditamos”.

Naturalmente, essas demandas têm uma aparência muito internacional proletária para aquelas pessoas que provêm de qualquer povo que está lutando contra os três níveis de opressão: os homens de

199 Huey Newton e Bobby Seale utilizaram o Centro de Serviços de North Oakland [North Oakland Service Center], que estava ligado ao programa de “guerra contra a pobreza” implementado pelo governo de Lyndon Johnson, como base de operações quando o Partido Pantera Negra iniciou as atividades. Para mais detalhes sobre a fundação do Partido, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

negócio gananciosos, exploradores, ricos e avaros; os políticos enganadores, mentirosos, trapaceiros e demagogos; e os porcos policiais atroz, assassinos, brutais, intimidadores e fascistas. Esses três níveis de opressão existem em virtualmente qualquer país em que há uma exploração capitalista ostensiva e os minoritários, mas opressores círculos da classe dominante da América encabeçam tudo isso. Eles lideram tudo isso com seu belicismo imperialista, fascista, agressivo e colonialista, não apenas no exterior, mas aqui mesmo em casa, na América (Babilônia²⁰⁰), onde centenas de anos de racismo sutil e maníaco tem sido organizado e desenvolvido pelos ricos gananciosos, organizado e desenvolvido em um imperialismo-fascismo doméstico.

200 Cidade-estado historicamente situada na região de mesmo nome, na Mesopotâmia. Na tradição bíblica, a Babilônia simboliza o mal que se opõe aos desígnios divinos; os rastafáris a converteram em um símbolo dos valores e instituições que oprimem os africanos em diáspora. No discurso dos Panteras Negras, a Babilônia é inevitavelmente associada ao imperialismo. Ver a nota 62, no texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

O imperialismo comunitário se manifesta, ou é prontamente visto, no que diz respeito à colonização doméstica de povos pretos, chicanos, indianos e outros povos não-brancos que são enfiados em guetos deploráveis e/ou em plantações sulistas e reservas através da ocupação assassina, fascista, brutal dos porcos nas comunidades e regiões, exatamente como uma tropa estrangeira ocupa território. O imperialismo doméstico desse tipo não se limita a povos pretos, marrons e vermelhos, especialmente hoje em dia, quando as massas de norte-americanos levam algum tempo para relembrar a repressão fascista, por milhares de policiais e membros da guarda nacional, na Convenção Democrata do último novembro²⁰¹. Além disso, nos últimos anos, em cada campus universitário importante, o fascismo assassino e brutal da América fez sua aparição contra estudantes brancos, pretos, marrons e outros estudantes que tentaram usar seus "direitos democráticos" básicos para mudar administrações

201Se Bobby Seale alude aos episódios ocorridos na Convenção Nacional Democrata de Chicago de 1968, isso na verdade ocorreu em agosto (embora as eleições efetivamente tenham ocorrido em novembro, quando Richard Nixon foi o vitorioso). Ver a nota 194, em **19. A escola da libertação do ponto de vista de uma mãe.**

racistas, protestar contra a guerra no Vietnã e contra a brutalidade e a pobreza nos guetos da América.

O fascismo na América tem existido por muitos anos mais, antes que as formas recentes de repressão surgissem. E cada norte-americano (pessoas pretas em particular) PODE identificá-lo, exatamente por aquilo que ele é. O racismo mais o capitalismo gera o fascismo, quando os homens de negócios avarentos se recusam a ceder controle para os trabalhadores desempregados e seus sindicatos. E a história tem testemunhado isso desde os anos de repressão e desemprego na década de 1930 até o dia presente, quando os sindicalistas trabalharão e farão greves, e pessoas demandarão direitos diante dos nossos olhos, a fim de que possam trabalhar também. E os policiais brutais surgirão, e os políticos trapaceiros surgirão para burlar e enganar o povo, para oprimir o povo e reprimir suas ações, que pretendem tomar posse das mesmas fábricas onde eles têm de produzir os bens e a riqueza que nunca receberão de volta.

O fascismo se reproduz quando os políticos preguiçosos, traiçoeiros e demagogos mentem e enganam o povo sobre o sofrimento

a que está sujeito o povo preto, a que está sujeito o povo marrom, a que quaisquer povos não-brancos, ou grupos minoritários, ou quaisquer pessoas pobres brancas estão sujeitas. Quando as pessoas se manifestam ou protestam, e esses ativistas pelos direitos humanos e ativistas pelos direitos civis são assassinados e mortos; quando bebês são bombardeados na igreja como no passado, em 1963, em Burmingham, milhares de manifestantes são espancados e brutalizados como em Burmingham, Alabama, em 1963²⁰². Isso em si mesmo começa a demonstrar para o que servem os políticos

202 Alusão ao atentado na Igreja Batista da rua 16, em Birmingham, em 15 de setembro de 1963, realizado por quatro membros da Ku Klux Klan, que plantaram dinamite sob os degraus da igreja. Quatro meninas, três de 14 e uma de 11 anos, morreram; outras vinte e duas ficaram feridas. O atentado ocorreu logo após a cidade receber ordens para acabar com a segregação em suas escolas. Embora já em 1965 o FBI tivesse elementos para identificar os responsáveis pelo atentado, só cerca de uma década depois o caso foi reaberto. O primeiro acusado foi preso apenas em 1977: Robert Chambliss, alcunhado "Dynamite Bob", condenado a quatro sentenças de prisão perpétua. Thomas Blanton e Bobby Cherry receberam a mesma sentença, mas só foram condenados em 2001 e 2002, respectivamente. Herman Cash, que morreu em 1994, nunca foi a julgamento.

demagogos – com as promessas de acabar com a pobreza, as promessas de uma “Grande Sociedade”, as promessas de “analisar a questão”, etc., etc., etc.

Porque a Plataforma e o Programa de Dez Pontos básicos que foi elaborada, lidando com as necessidades de pleno emprego do nosso povo, evidencia isso; lida com a necessidade de moradia decente, adequada para abrigar seres humanos; lida com uma educação decente, que ensine a nossa história e nosso lugar no mundo e na sociedade; lida com a necessidade de haver julgamentos justos por nossos semelhantes, ou pessoas de nossas comunidades pretas ou dos distritos em que vivemos – porque é um programa que fala sobre terra, pão, moradia, educação, roupas, justiça e paz; porque é um programa que falou sobre um plebiscito supervisionado pelas Nações Unidas a ser realizado por toda a colônia preta, onde os sujeitos coloniais poderiam participar e determinar nossa vontade e nosso destino²⁰³; porque é um programa que

203 A referência ao plebiscito é incorporada ao Programa em 1968. Segundo Bobby Seale, a ideia ocorreu a Huey Newton enquanto ele estava na prisão e leu um texto em que Eldridge Cleaver fez a proposta de haver um plebiscito preto nos Estados Unidos, conduzido pelas Nações Unidas. Ver Seale, 1991, p. 63.

estabeleceu que nós queremos que homens pretos sejam isentos do serviço militar, por causa de todas as injustiças que temos sofrido, depois de lutar em guerras no passado a serviço da classe dominante fascista (e nós nos recusamos a continuar morrendo por eles); porque nossa Plataforma e Programa de Dez Pontos tem um ponto número 7, que diz “Nós queremos um fim imediato para a brutalidade policial e para o assassinato do povo preto”; porque Huey P. Newton elaborou esse programa e fundou esta organização com esta Plataforma e Programa de Dez Pontos, que delineou os desejos políticos básicos e as necessidades do povo; por causa disso; porque nós começamos a implementá-lo; porque nós fomos para as ruas para começar a ensinar o povo e educar o povo sobre os métodos estratégicos para ter uma resposta para esses desejos políticos e necessidades; por causa disso, Bobby Hutton²⁰⁴ foi assassinado por porcos fascistas de Oakland. Por causa disso, nós tivemos Alprentice “Bunchy” Carter e o irmão John Huggins²⁰⁵ também assassinados,

204 Sobre Bobby Hutton, ver nota 183, em 15.

Verdadeiros revolucionários.

205 Sobre Alprentice “Bunchy” Carter e John Huggins, ver nota 182, em 15. **Verdadeiros revolucionários.**

na UCLA, por cães porcos invejosos, egoístas, que trabalhavam para os porcos da classe dominante. Por causa disso, e por causa desta Plataforma e Programa de Dez Pontos que existe em função dos desejos políticos básicos e necessidades do povo preto aqui na América, e de qualquer outro povo, e de quaisquer outras lutas proletárias em andamento por todo o mundo – por causa disso, nós tivemos mais dois irmãos assassinados por esses porcos pretos nacionalistas, nacionalistas culturais²⁰⁶.

Por causa desse programa, nós temos prisioneiros políticos. Temos membros mortos. Temos uma guerra em andamento. A guerra começou há 400 anos, e a guerra deve ter fim. E apenas porque nós avançamos continuamente para implementar a Plataforma e o Programa de Dez Pontos; porque nos atemos ao fato de que receberemos, através de toda a luta, algum tipo de liberdade, dignidade e justiça, o décimo ponto será realizado. No número dez, dizemos que queremos alguma terra,

206 Sobre a rivalidade entre Panteras Negras e nacionalistas culturais, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

algum pão, alguma moradia, alguma educação, algumas roupas, alguma justiça e alguma paz. Por causa disso, parece que nós morreremos; parece que seremos exilados, e parece que teremos prisioneiros políticos.

Então, libertemos todos os prisioneiros políticos, por causa da Plataforma e do Programa de Dez Pontos. Porque essa é a ideia; essa é a ideia que nunca poderá ser parada. E, como nosso Ministro da Defesa tão eloquentemente nos explicou em “Prisão – onde está tua vitória?”²⁰⁷, uma ideia pertence ao povo.

PODER PARA O POVO

207 Texto publicado nesta antologia: **18. Prisão – onde está tua vitória?**



23

Método, tempo e revolução

Eldridge Cleaver

The Black Panther, v. 4, n. 25 & 26.

31 de maio de 1970.

Muitas pessoas podem concordar absolutamente sobre a necessidade inescapável de destruir o sistema de opressão sob o qual sofremos agora, e de substituí-lo por alguma coisa melhor. O que nos divide são as questões: Como? e Quando?

Como agimos, precisamente, para realizar com êxito nosso objetivo sem, nesse processo, negar nosso objetivo?

Quando nos movemos?

Uma vez que percebemos o que deve ser feito e como fazê-lo, nós entramos no movimento político e, depois disso, o caminho em que nos movemos nos define politicamente. A explicação a respeito do porquê escolhermos agir de um certo modo requer um psiquiatra — para nós, Fanon²⁰⁸. (Nesta altura, nós todos deveríamos ter

208 Sobre Fanon, ver a nota 107, em **4. O manejo correto de uma revolução.**

estudado *Os Condenados da Terra*, de Fanon).

Acreditamos que Huey P. Newton²⁰⁹, depois de definir cuidadosamente nossa situação atual, descobriu a forma que a nossa luta deve assumir, a fim de alcançar com êxito nosso objetivo. E ele também nos mostrou quando nos mover.

Huey definiu a situação do povo preto nos Estados Unidos como uma colônia doméstica do imperialismo estadunidense. Uma colônia dentro do próprio covil da besta voraz do imperialismo. Uma colônia que compartilha a mesma massa de terra que os colonizadores, a população da colônia dispersa em meio à população do poder colonial. Não separada nem por terra, nem por água.

Huey definiu o departamento de polícia como a força intimidadora utilizada pelos imperialistas para reprimir o povo colonizado, aterrorizá-lo e mantê-lo sob controle. Esse é um processo constante de brutalização, porque as pessoas estão se

209 Fundador do Partido Pantera Negra. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

movimentando constantemente para quebrar suas correntes. Huey disse que os departamentos de polícia ocupam nossas comunidades pretas do mesmo modo e com o mesmo propósito que uma tropa estrangeira ocupa o território conquistado. Para nos libertarmos do sistema de opressão, Huey disse que tínhamos que libertar a nós mesmos dessa força intimidadora. Tínhamos que quebrar o poder da arma no qual essa força intimidadora se sustenta para nos conter. Por causa da própria natureza do conflito, Huey disse que devemos usar armas para compensar as armas dos porcos.

“Devemos nos organizar de uma forma política e pegar em armas”, diria Huey.

Quando se olha para o povo preto como um todo, Huey diria que os irmãos e as irmãs das ruas, o lumpen²¹⁰ preto dentro dos centros urbanos, constituía o ponto

210 Os conceitos de lumpen e lumpemproletariado foram originalmente cunhados por Karl Marx, para designar a massa desestruturada e desgovernada produzida pelo capitalismo, vulnerável às ideologias reacionárias. Sobre a reavaliação desses conceitos e de sua importância para a luta revolucionária pelos Panteras Negras, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

explosivo, aquela seção do nosso povo que está em uma situação tal que não lhe resta escolha, a não ser mover-se.

Historicamente, o sistema branco racista de opressão e de exploração tem oferecido ao nosso povo apenas a morte e a destruição como uma alternativa à escravidão.

As perspectivas para irmãos e irmãs das ruas são a prisão, a morte, as forças armadas estadunidenses, ou uma vida breve, dura e amarga. Todas as alternativas que nos são oferecidas pelo sistema têm em comum que nós somos destruídos de forma não-natural – destruídos pelo próprio modo de funcionamento do sistema de opressão, que é controlado por outros homens de outra classe social. O único caminho para a salvação que permanece aberto para nós é o caminho da guerra total contra o sistema de opressão contra o qual gerações sucessivas do nosso povo têm lutado por 400 anos.

Os porcos formam fileiras com programas e jogos desastrosos para implementar sobre o povo preto. Mas, agora que o povo preto começou a implementar um programa para si mesmo, os porcos ficaram irritados. O fundamento do Partido Pantera Negra é o

Programa e a Plataforma de Dez Pontos. Por isso é que os apologistas do sistema, escolhidos a dedo, sempre tentam criticar e minimizar nosso Programa e nossa Plataforma. Alguns dizem que ele não é revolucionário. Outros dizem que está cheio de ódio. Mas esse é o nosso próprio programa e plataforma, elaborado para nós mesmos, por nós mesmos. E seremos nós que o mudaremos ou revisaremos, quando e se considerarmos adequado fazê-lo. Nossa ideologia é a realidade, e nosso programa e plataforma foram concebidos para fazer face e controlar a realidade das nossas vidas cotidianas, do nosso destino.

A vida cotidiana real das pessoas oprimidas é a Educação Política. A realidade se torna a sua ideologia. No que lhes diz respeito, a teoria se une à prática porque elas sabem que estão, literalmente, lutando contra as adversidades para sobreviver, contra um gigantesco sistema internacional de opressão que está concebido especificamente para destruí-las. Há outras classes de pessoas para as quais a opressão é abstrata. De uma forma poética, elas sabem que, teoreticamente, elas também são oprimidas, etc. Elas se relacionam a notícias sobre

acontecimentos, e nós constituímos o próprio acontecimento. Nós nos relacionamos com o acontecimento, elas se relacionam com as notícias do acontecimento. Nós estamos em uma categoria própria nossa. A América é uma sociedade de classes e etnias, e a opressão e exploração sistemática do povo preto é especificamente estruturada e bem ajustada na configuração da Babilônia.

O irmão Malcolm elucidou que a história definida é ideologia. O Partido Pantera Negra diz que as experiências históricas do povo preto são o fundamento da nossa ideologia. Nós transformamos nossa história em nossa ideologia quando a interpretamos com os métodos científicos de aplicação universal.

Quando Huey e Bobby²¹¹ lançaram o Partido Pantera Negra, as únicas pessoas que estavam dispostas a segui-los eram as provenientes do lumpen das pedras. O esmagado lumpemproletariado preto é a espinha dorsal do Partido Pantera Negra. Sem essa espinha dorsal, o Partido seria

211 Fundador e presidente do Partido Pantera Negra. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

apenas um reflexo de uma daquelas sociedades que debatem a pátria mãe e que levam Marx e Lênin para seu texto.

O lumpen preto, os irmãos e irmãs das ruas podem se identificar com o seu partido, o Partido Pantera Negra, mas não podem se identificar com a categoria da classe trabalhadora. De sua perspectiva, a classe trabalhadora é parte do problema – ao menos, a ala à direita da classe trabalhadora.

A CONTRADIÇÃO ENTRE O LUMPEMPROLETARIADO E A ALA À DIREITA DA CLASSE TRABALHADORA É QUALITATIVAMENTE INDISTINTA DA CONTRADIÇÃO ENTRE O LÚMPEN E AS OUTRAS CATEGORIAS DE PORCOS.

Antes que o nosso povo fosse esmagado até a posição de escravo, nós éramos bem organizados. Nossa história, desde aquele tempo, tem sido uma luta ininterrupta para nos reorganizarmos. Somente organizando a nós mesmos poderemos obter a liberdade, a segurança e o respeito que nós perdemos. Há mais pessoas pretas nos Estados Unidos do que porcos da classe dominante. Nossa população é mais ampla do que a de muitas nações soberanas da terra. Mas apenas

lutando incansavelmente poderemos destruir essa armadilha na qual fomos postos.

Porcos, porcos brancos racistas, dizem que pessoas pretas não devem lutar por seus direitos, que elas deveriam ser pacíficas, moderadas e razoáveis. A história mostrará que o povo preto tem perseguido sua liberdade e sua libertação com a máxima contenção, com paciência, e com um sofrimento prolongado. De fato, a história mostrará que os porcos fizeram com que nos ajoelhássemos e que, ajoelhados na posição de Luther King²¹², clamamos por misericórdia. Ajoelhados, suplicamos por misericórdia aos porcos brancos racistas. E esses porcos não apenas nos recusaram a justiça, eles nos recusaram a misericórdia. Eles nos recusaram a humanidade em si mesma. Então, deixemos que critiquem nossas armas o quanto quiserem; avancemos sobre eles, criticando-os com nossas armas.

“Misericórdia” não é uma palavra que se deveria utilizar vagamente. A Misericórdia

212 Alguns dos Panteras Negras, em particular Eldridge Cleaver, viam Martin Luther King Jr. como o reverso de Malcolm X. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

é o outro lado da moeda da Piedade. Misericórdia e Piedade são noções civilizadas. Elas são, de fato, elementos essenciais de uma verdadeira civilização. Quando a Misericórdia e a Piedade estão ausentes em qualquer organização social, aquela sociedade não pode ser classificada como civilizada. Medida por esse parâmetro, a Babilônia deve ser totalmente destruída – e com piedade – piedade de cada coração de porco que arrancarmos do peito de um porco, piedade até a morte.

Quando nós suplicamos por Misericórdia, nós éramos o povo do *blues*²¹³. Nós não estamos mais suplicando, e somos o povo preto. E os porcos não podem entender isso, não podem se relacionar com isso. Por exemplo, eles nos têm provocado até a loucura.

A loucura. As pessoas estão certas quando dizem que o povo preto não está numa posição que permita olhar para baixo, encarando os porcos em seu nível. Mas estamos em posição para implementar o assassinato de cabeça erguida. Podemos garantir a total destruição da Babilônia – com uma forma de luta que os porcos

213 Cleaver faz um trocadilho, intraduzível, entre “*Blues People*” e “*Black People*”.

chamarão de loucura. Mas a loucura é a bomba de hidrogênio do homem preto dentro da Babilônia, e nós devemos detonar essa bomba de hidrogênio agora, porque os porcos estão implementando uma conspiração genocida de extermínio contra o nosso povo. E, visto que todas as nossas coisas estão dentro do vaso, porque não deveriam tudo e todos da Babilônia estar no vaso conosco? O nome deste vaso é Babilônia.

TODO O PODER PARA O POVO



"Capitalismo preto?"

Sobre a ideologia do Partido Pantera Negra

Eldridge Cleaver

The Black Panther, v. 4, n. 27.

6 de junho de 1970²¹⁴.

Nós temos dito: a ideologia do Partido Pantera Negra é a experiência histórica do povo preto e a sabedoria obtida pelo povo preto em sua luta de 400 anos contra o

214 Este texto foi publicado também em um panfleto, datado da mesma época. A versão publicada em *The Black Panther* apresentava um parágrafo introdutório no qual se lia, em negrito: "O artigo seguinte introduz uma nova série de artigos sobre a ideologia do Partido Pantera Negra, por nosso Ministro da Informação, Eldridge Cleaver". O artigo foi apresentado como "Parte 1", mas nenhuma sequência foi publicada em *The Black Panther*. A hipótese de que isso se deva à crescente tensão entre Huey Newton e Eldridge Cleaver não se sustenta, uma vez que Cleaver publicou diversos textos no periódico antes de ser excluído definitivamente do Partido, em abril de 1971. Parece-me plausível, entretanto, a hipótese de que uma possível segunda parte tenha sido transformada no artigo "On Lumpen Ideology", publicado no quarto volume de *The Black Scholar*, em 1972. Sobre a ruptura entre Newton e Cleaver, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

sistema de opressão racista e de exploração econômica na Babilônia²¹⁵, interpretada pelo prisma da análise marxista-leninista²¹⁶ pelo nosso Ministro da Defesa, Huey P. Newton²¹⁷.

Contudo, devemos conceder grande ênfase à última parte daquela definição – interpretada... pelo nosso Ministro da Defesa. O mundo do marxismo-leninismo tem se tornado uma selva de opiniões na qual interpretações conflitantes, desde o revisionismo de direita até o dogmatismo

215 Cidade-estado historicamente situada na região de mesmo nome, na Mesopotâmia. Na tradição bíblica, a Babilônia simboliza o mal que se opõe aos desígnios divinos; os rastafáris a converteram em um símbolo dos valores e instituições que oprimem os africanos em diáspora. No discurso dos Panteras Negras, a Babilônia é inevitavelmente associada ao imperialismo. Ver a nota 62, no texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

216 Sobre a relação dos Panteras Negras com o marxismo-leninismo, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

217 Fundador do Partido Pantera Negra. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

de esquerda, fazem suas filosofias reacionárias e cegas passar por um marxismo-leninismo revolucionário. Ao redor do mundo e em cada nação, pessoas, todas as quais denominam a si mesmas marxistas-leninistas, estão nas gargantas umas das outras. Tal situação apresenta sérios problemas para um jovem partido como o nosso, que ainda está no processo de refinar sua ideologia.

Quando dizemos que somos marxistas-leninistas, queremos dizer que estudamos e compreendemos os princípios clássicos do socialismo científico, e que adaptamos esses princípios à nossa própria situação, para nós mesmos. Todavia, nós não agimos com mente fechada para novas ideias ou informação. Ao mesmo tempo, sabemos que devemos contar com nossos próprios cérebros para resolver problemas ideológicos que têm relação conosco.

Por tempo demais, o povo preto tem confiado nas análises e perspectivas ideológicas dos outros. Nossa luta, agora, chegou a um ponto em que seria absolutamente suicida para nós continuar nessa postura de dependência. Nenhum outro povo no mundo está na mesma posição em que estamos, e nenhum outro povo no mundo pode

nos tirar dela, a não ser nós mesmos. Há aqueles que estão muito dispostos a pensar por nós, mesmo se isso nos matar. Contudo, eles não estão dispostos a seguir adiante e morrer em nosso lugar. Se os pensamentos contribuem para as nossas mortes, que pelo menos sejam nossos próprios pensamentos, de modo que tenhamos rompido, de uma vez por todas, com o servilismo de morrer por qualquer causa e por qualquer erro – exceto pelos nossos.

Uma das grandes contribuições de Huey P. Newton é que ele deu ao Partido Pantera Negra um fundamento ideológico sólido, que nos livra do servilismo ideológico e nos abre o caminho para o futuro – um futuro para o qual devemos prover novas formulações ideológicas, para adequar nossa situação sempre em mudança.

Muito – a maior parte – dos ensinamentos de Huey P. Newton são desconhecidos para o povo, porque Huey tem sido colocado em uma posição na qual é impossível para ele se comunicar realmente conosco. E muito do que ele ensinou enquanto estava livre foi distorcido e diluído, precisamente porque o Partido Pantera Negra tem estado muito preocupado em se relacionar com os tribunais e em tentar se apresentar com

uma bela face, a fim de ajudar os advogados a convencerem os júris sobre a justiça da nossa causa. Toda essa preocupação com tribunais tem criado muita confusão.

Por exemplo, muitas pessoas confundem o Partido Pantera Negra com o movimento Libertem Huey²¹⁸, ou com as muitas outras atividades de massa às quais temos sido forçados a nos entregar, a fim de construir apoio em massa para nossos camaradas que têm sido capturados pelos porcos. Nós estamos absolutamente corretos em nos entregar a tais atividades de massa. Mas estamos errados quando confundimos nosso trabalho com as massas com nossa orientação partidária.

Essencialmente, o que Huey fez foi prover a ideologia e a metodologia para organizar o lumpemproletariado preto urbano. Armado com essa perspectiva ideológica e com um

218 O movimento "Libertem Huey!" ("*Free Huey!*") tinha como propósito central mobilizar os Panteras Negras e exercer pressão sobre o sistema judiciário para libertar o fundador do Partido, preso desde outubro de 1967 sob acusação de assassinar o policial John Frey. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

método, Huey transformou o lumpemproletariado preto, as pessoas esquecidas na parte mais baixa da sociedade, na vanguarda do proletariado.

Há muita confusão sobre se nós somos membros da classe trabalhadora ou se somos o lumpemproletariado. É necessário enfrentar essa confusão, porque isso tem muito a ver com a estratégia e com as táticas que seguimos e com nossas tensas relações com os brancos radicais da seção opressora da Babilônia.

Alguns assim chamados marxistas-leninistas nos atacarão pelo que temos a dizer, mas isso é algo bom, não algo ruim, porque algumas pessoas que chamam a si mesmas marxistas-leninistas são, francamente, inimigas do povo preto. Esses ficarão para mais tarde. Queremos que eles audaciosamente deem um passo à frente, como eles farão — cegos por sua própria estupidez e arrogância racista —, de modo que será mais fácil para nós lidar com eles no futuro.

Fazemos essas críticas, em um espírito fraternal, de como alguns marxistas-leninistas aplicam os princípios clássicos à situação específica que existe nos

Estados Unidos, porque acreditamos na necessidade de um movimento revolucionário unificado nos Estados Unidos, um movimento que seja informado pelos princípios revolucionários do socialismo científico. Huey P. Newton diz que "o poder é a habilidade de definir fenômenos e fazê-los agir sob a forma desejada". E nós precisamos de poder, desesperadamente, para conter o poder dos porcos que agora pesa tanto sobre nós.

A ideologia é uma definição abrangente de um *status quo* que leva em consideração tanto a história quanto o futuro daquele *status quo*; e que serve como a cola social que mantém um povo unido, através da qual o povo se relaciona com o mundo e com os outros grupos de pessoas no mundo. A ideologia correta é uma arma invencível contra o opressor em nossa luta por liberdade e libertação.

Marx definiu a época da burguesia e pôs a nu a direção do futuro proletário. Ele analisou o Capitalismo e definiu o método de sua destruição: A REVOLUÇÃO VIOLENTA DO PROLETARIADO CONTRA O APARATO DE OPRESSÃO E REPRESSÃO DE CLASSE DO ESTADO BURGUEÊS. A VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA CONTRA A VIOLÊNCIA DE CLASSE CONTRARREVOLUCIONÁRIA

PERPETRADA PELA FORÇA REPRESSIVA ESPECIAL DOS TENTÁCULOS ARMADOS DO ESTADO.

Essa grande definição de Marx e Engels se tornou a mais poderosa arma nas mãos dos povos oprimidos na história da ideologia. Ela marca um avanço gigantesco para toda a humanidade. E, desde os tempos de Marx, essa definição tem sido fortalecida, mais elaborada, iluminada e mais refinada.

Mas o marxismo nunca lidou realmente com os Estados Unidos da América. Houve algumas boas tentativas. As pessoas têm feito o melhor que sabem fazer. Contudo, no passado, os marxistas-leninistas nos Estados Unidos se apoiaram demais sobre análises estrangeiras, importadas, e distorceram seriamente as realidades do cenário norte-americano. Podemos dizer que o marxismo-leninismo do passado pertence ao período de gestação do marxismo-leninismo nos Estados Unidos, e que agora é o momento em que uma nova síntese ideológica, estritamente norte-americana, surgirá, brotando dos corações e das almas das pessoas oprimidas dentro da Babilônia, unindo essas pessoas e arremessando-as poderosamente, desde a força de sua luta, no futuro. A revolução que rapidamente se desenvolve na América é como a

concentração de uma poderosa tempestade, e nada pode impedir aquela tempestade de finalmente irromper, dentro da América, arrastando os porcos da estrutura de poder e todos os seus trabalhos sujos e opressivos. Os filhos e as filhas dos porcos e os povos oprimidos dançarão e cuspirão sobre as valas comuns desses porcos.

Há algumas pessoas pretas nos Estados Unidos que estão absolutamente felizes, que não sentem a si mesmas oprimidas, e que pensam que são livres. Algumas até mesmo acreditam que o presidente não mentiria, e que ele é um homem mais ou menos honesto; que as decisões da Suprema Corte são quase que escritas por deus em pessoa; que os policiais são guardiões da lei; e que as pessoas que não têm trabalhos são simplesmente preguiçosas e imprestáveis, e deveriam ser severamente punidas. Essas pessoas são como caranguejos que devem ser deixados para cozinhar por um pouco mais de tempo na panela da opressão, antes que estejam prontas e dispostas a estabelecer uma relação conosco. Mas a maioria esmagadora das pessoas pretas está irritada; sabem que são oprimidas, não livres; e elas não

acreditariam em Nixon²¹⁹, se ele confessasse ser um porco; elas não se sentem identificadas com a Suprema Corte, ou com qualquer outra corte; e elas sabem que os porcos policiais racistas são seus inimigos jurados. Quanto à pobreza, elas sabem o que é isso.

Esses milhões de pessoas pretas não têm representação política, estão desorganizados, e não possuem nem controlam quaisquer recursos naturais; eles não possuem ou controlam nada da maquinaria industrial, e sua vida cotidiana é uma confusão para manter-se, por todos meios necessários, na luta pela sobrevivência.

Cada pessoa preta sabe que o vento pode mudar a qualquer momento, e que a multidão mobilizada para o linchamento, criado pelos membros brancos da "classe trabalhadora", pode vir respirando em seu pescoço, se não derrubando aos chutes sua porta. É por causa desses fatores que, quando começamos a falar sobre sermos marxistas-leninistas, devemos ser muito cuidadosos em deixar absolutamente evidente sobre o que nós estamos falando.

219 Sobre Richard Nixon, ver a nota 144, em 14. **O capitalismo preto e o que ele significa.**

No que diz respeito ao racismo, o marxismo-leninismo nos oferece pouquíssima ajuda. De fato, há muita evidência de que Marx e Engels eram, eles mesmos, racistas – assim como seus irmãos e irmãs brancas de seu tempo, e assim como muitos marxistas-leninistas de nosso próprio tempo são também racistas. Historicamente, o marxismo-leninismo tem sido uma consequência de problemas europeus, e tem primariamente se preocupado em encontrar soluções para problemas europeus.

Com a fundação da República Popular Democrática da Coreia, em 1948, e da República Popular da China, em 1949, algo novo foi introduzido no marxismo-leninismo, e ele deixou de ser um fenômeno estreito, exclusivamente europeu. O camarada Kim Il Sung²²⁰ e o camarada Mao Tsé-Tung²²¹ aplicaram os princípios clássicos do marxismo-leninismo às condições de seus próprios países, e assim transformaram a ideologia em algo útil

220 Kim Il Sung foi o líder da Coreia do Norte desde sua fundação, em 1948, até 1994, ano em que morreu. Uma foto sua foi utilizada no cabeçalho da seção de notícias internacionais, em *The Black Panther*.

221 Sobre Mao Tsé-Tung, ver a nota 108, em 4. **O manejo correto de uma revolução.**

para o seu povo. Mas eles rejeitaram aquela parte da análise que não lhes era benéfica e que só tinha relação com o bem-estar da Europa.

Dada a história racista dos Estados Unidos, é muito difícil para pessoas pretas denominarem confortavelmente a si mesmas marxistas-leninistas, ou qualquer outra coisa que tire seu nome de pessoas brancas. É como rezar para Jesus, um homem branco. Devemos enfatizar o fato de que Marx e Lênin não inventaram o socialismo. Eles apenas adicionaram suas contribuições, enriqueceram a doutrina, assim como muitos outros fizeram antes e depois deles. E devemos lembrar que Marx e Lênin não organizaram o Partido Pantera Negra. Huey P. Newton e Bobby Seale²²² o fizeram.

Não até que cheguemos a Fanon²²³ nós encontramos um grande teórico marxista-leninista primariamente preocupado com os problemas do povo preto, onde quer que possam ser encontrados. E mesmo Fanon, em

222 Fundador e presidente do Partido Pantera Negra. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra**

223 Sobre Fanon, ver a nota 107, em 4. **O manejo correto de uma revolução.**

seus trabalhos publicados, tinha como foco principal a África. Apenas indiretamente seus trabalhos são úteis para os afro-americanos. É apenas mais fácil se identificar com Fanon, porque ele está nitidamente livre daquele viés racista que bloqueia tanto sobre o homem preto nas mãos de brancos, que estão primariamente interessados em si mesmos e nos problemas do seu próprio povo. Mas, mesmo que estejamos aptos a estabelecer uma relação profunda com Fanon, ele não nos deu a última palavra sobre aplicar a análise marxista-leninista aos nossos problemas, dentro dos Estados Unidos. Ninguém fará isso para nós, porque ninguém pode fazê-lo. Temos que fazer isso nós mesmos e, até que o façamos, ficaremos irritados.

Nós devemos tomar os ensinamentos de Huey P. Newton como nosso fundamento e partir daí. Qualquer outra opção nos levará a um fim triste e lamentável.

Fanon desferiu um ataque devastador ao marxismo-leninismo por sua preocupação restrita à Europa e aos assuntos e à salvação dos brancos, enquanto aglomerava todos os povos do terceiro mundo na categoria do lumpemproletariado e então os esquecia lá; Fanon desenterrou a categoria

do lumpemproletariado e começou a lidar com ela, reconhecendo que a vasta maioria dos povos colonizados pertence àquela categoria. É pelo fato de que as pessoas pretas nos Estados Unidos também são colonizadas que a análise de Fanon é tão relevante para nós.

Depois de estudar Fanon, Huey P. Newton e Bobby Seale começaram a aplicar suas análises dos povos colonizados às pessoas pretas nos Estados Unidos. Eles adotaram a perspectiva fanoniana, mas deram a ela um conteúdo unicamente afro-americano.

Assim como nós devemos fazer a distinção entre a pátria mãe e a colônia quando lidamos com o povo preto e o povo branco como um todo, também devemos fazer essa distinção quando lidamos com as categorias da classe trabalhadora e do lumpemproletariado.

Nós temos, nos Estados Unidos, uma "classe trabalhadora da mãe-pátria" e uma "classe trabalhadora da colônia preta". Nós também temos um lumpemproletariado da mãe-pátria e um lumpemproletariado da colônia preta. Dentro da mãe-pátria, essas categorias são bastante estáveis; mas, quando nós olhamos para a colônia preta, descobrimos que as

distinções rígidas e rápidas se derretem. Isso ocorre por causa do efeito nivelador do processo colonial e pelo fato de que todas as pessoas pretas são colonizadas, mesmo se algumas delas ocupam posições privilegiadas nos esquemas dos exploradores colonizadores da mãe-pátria.

Há uma diferença entre os problemas da classe trabalhadora da mãe pátria e a classe trabalhadora da colônia preta. Há também uma diferença entre o lumpen da mãe-pátria e o lumpen da colônia preta. Nós nada temos a ganhar tentando suavizar essas diferenças como se elas não existissem, porque elas são fatos objetivos com os quais devemos lidar. Para elucidar esse ponto, apenas temos de olhar para a longa e amarga história das lutas dos Trabalhadores da Colônia Preta, lutando por democracia dentro dos Sindicatos da mãe-pátria.

Historicamente, nós caímos na armadilha de criticar os sindicatos e trabalhadores da mãe-pátria pelo racismo como uma explicação para o modo como eles tratam os trabalhadores pretos. Com certeza eles são racistas, mas essa não é a explicação completa.

Os trabalhadores brancos pertencem a um mundo totalmente diferente daquele a que pertencem os trabalhadores pretos. Eles estão envolvidos em uma realidade econômica, política e social totalmente diferente e, com base nessa realidade distinta, para os porcos da estrutura de poder e para os traiçoeiros líderes trabalhistas é muito fácil manipulá-los com o racismo babilônico.

Essa realidade complexa nos apresenta muitos problemas, e apenas através de uma análise adequada esses problemas podem ser resolvidos. A falta de uma análise adequada é responsável pela ridícula abordagem para esses problemas que nós encontramos entre os marxistas-leninistas da mãe-pátria. E sua análise inadequada os leva a advogar soluções que estão previamente condenadas ao fracasso. O domínio-chave da confusão tem a ver com a falsa admissão da existência de um Proletariado norte-americano; de uma classe trabalhadora norte-americana; e de um lumpemproletariado norte-americano.

Ok, nós somos o lumpen. É isso mesmo. O lumpemproletariado são todos aqueles que não têm uma relação segura ou interesse declarado nos meios de produção e nas

instituições da sociedade capitalista. Aquela parte do "exército industrial de reserva" mantida perpetuamente em reserva; que nunca trabalhou, e nunca o fará; que não pode encontrar um emprego; que é inábil e incapaz; que foi substituída por máquinas, pela automação e pela cibernetização, que nunca foi mantida ou recebeu investimento para desenvolvimento de novas habilidades; todos aqueles que dependem da seguridade social ou que recebem auxílio estatal.

Também o assim chamado "elemento criminoso", aqueles que vivem da sua esperteza, subsistindo daquilo que conseguem roubar, que enfiam armas nas caras dos homens de negócios e dizem "mãos ao alto" ou "entregue tudo"! Aqueles que nem mesmo querem um emprego, que odeiam trabalhar e não podem bater o ponto para algum porco, que prefeririam bater na boca do porco e roubá-lo a bater o ponto para aquele mesmo porco e trabalhar para ele, aqueles a quem Huey P. Newton chama "os capitalistas ilegítimos". Em síntese, todos aqueles que simplesmente foram excluídos da economia e privados de sua legítima herança social.

Mas embora sejamos o lumpen, nós ainda somos membros do Proletariado, uma categoria que teoricamente ultrapassa fronteiras nacionais, mas que na prática deixa algo a desejar.

CONTRADIÇÕES NO ÂMBITO DO PROLETARIADO DOS EUA

Tanto na mãe-pátria quanto na colônia preta, a classe trabalhadora é a ala à direita do proletariado e o lumpemproletariado é a ala à esquerda. No âmbito da classe trabalhadora em si mesma, nós temos uma grande contradição entre os desempregados e os empregados. E nós definitivamente temos uma grande contradição entre a classe trabalhadora e o lumpen.

Alguns assim chamados marxistas-leninistas, cegos, acusam o lumpen de ser o parasita da classe trabalhadora. Essa é uma acusação estúpida, derivada de uma leitura excessiva das notas de rodapé de Marx e da atitude de quem toma algumas de suas observações grosseiras, feitas de improviso, como escrituras sagradas. Em realidade, é acurado dizer que a classe trabalhadora, particularmente a classe trabalhadora norte-americana, é uma

parasita da herança da humanidade, da qual o lúmpen tem sido totalmente roubado pelo manipulado sistema capitalista que, por sua vez, arremessou a maior parte da humanidade sobre uma pilha de lixo, enquanto suborna um percentual dela com empregos e seguridade.

A classe trabalhadora com a qual devemos lidar hoje mostra pouca semelhança com a classe trabalhadora dos dias de Marx. Nos dias de sua infância, incerteza e instabilidade, a classe trabalhadora foi muito revolucionária e levou adiante a luta contra a burguesia. Mas, em meio a lutas longas e amargas, a classe trabalhadora fez algumas incursões no sistema capitalista, construindo um nicho confortável para si mesma. O advento dos sindicatos, da negociação coletiva, da empresa sindicalizada, da seguridade social e outras legislações protetivas especiais castraram a classe trabalhadora, transformando-a no comprado movimento trabalhista — um movimento não-revolucionário, de inclinação reformista, que só está interessado em salários mais altos e mais segurança no emprego. O movimento trabalhista abandonou toda a crítica básica ao sistema capitalista de exploração em si mesmo. Os George Meanys,

Walter Reuthers e A. Phillip Randolphs²²⁴ podem corretamente receber o rótulo de traidores do proletariado como um todo, mas eles refletem e incorporam acuradamente a visão e as aspirações da classe trabalhadora. O Partido Comunista dos Estados Unidos da América, em suas pouco frequentadas reuniões, pode fazer barulho ao se proclamar a vanguarda da classe trabalhadora, mas a classe trabalhadora em si mesma olha para o Partido Democrata como o veículo legítimo para a sua salvação política.

Na verdade, a classe trabalhadora do nosso tempo se tornou uma nova elite industrial, mais se parecendo com as elites chauvinistas das egoístas guildas de artesãos do tempo de Marx do que com as massas trabalhadoras surradas na pobreza abjeta. Cada emprego no mercado da economia norte-americana, hoje, demanda uma complexidade de habilidades tão elevada quanto os empregos nas elitistas guildas de artesãos do tempo de Marx.

224 Os três nomes citados são de líderes sindicais estadunidenses. George Meany e Walter Reuther eram anticomunistas. Asa Phillip Randolph fundou o primeiro sindicato predominantemente afro-americano e participou ativamente do Movimento pelos Direitos Civis.

Em uma economia altamente mecanizada, não pode ser dito que a fantasticamente alta produtividade seja produto apenas da classe trabalhadora. Máquinas e computadores não são membros da classe trabalhadora, embora alguns porta-vozes da classe trabalhadora, particularmente alguns marxistas-leninistas, pareçam pensar como máquinas e computadores.

As chamas da revolução, que um dia queimaram como um inferno no coração da classe trabalhadora, nos nossos dias se reduziram à oscilante luz de uma vela, poderosas o bastante apenas para fazer a classe trabalhadora quicar para trás e para frente, como uma bola de pingue-pongue, entre o Partido Democrata e o Partido Republicano, a cada quatro anos, nunca uma vez sequer olhando de relance para as alternativas à esquerda.

QUEM FALA PELO LUMPEMPROLETARIADO?

Alguns marxistas-leninistas são culpados daquele egotismo e daquela hipocrisia de classe muitas vezes exibidas pelas classes superiores em relação àqueles que lhes são inferiores na escala social. Por um lado, eles frequentemente admitem que suas organizações são especificamente

elaboradas para representar os interesses da classe trabalhadora. Mas então eles vão além e dizem que, representando os interesses da classe trabalhadora, eles representam o interesse do proletariado como um todo. Isso, nitidamente, não é verdade. Essa é uma suposição falaciosa, baseada no egotismo dessas organizações, e é parcialmente responsável por seu enorme fracasso em fazer uma revolução na Babilônia.

E, uma vez que há nitidamente uma contradição entre a ala à direita e a ala à esquerda do proletariado, assim como a ala à direita criou suas próprias organizações, é necessário que a ala à esquerda tenha sua forma de organização, para representar seus interesses contra todas as classes hostis – incluindo a classe trabalhadora.

A contradição entre o lúmpen e a classe trabalhadora é muito séria, porque ela determina uma diferente estratégia e um conjunto de táticas. Os estudantes concentram suas rebeliões nos *campi*, e a classe trabalhadora concentra suas rebeliões nas fábricas e nos piquetes. Mas o lúmpen se vê na posição peculiar de estar impossibilitado de encontrar um

emprego e, por isso, está impossibilitado de frequentar as universidades. O lumpen não tem escolha, a não ser manifestar sua rebelião na Universidade das Ruas.

É muito importante reconhecer que as ruas pertencem ao lumpen, e que é nas ruas que o lumpen fará sua rebelião.

Uma característica notável da luta pela libertação do povo preto nos Estados Unidos tem sido que a maior parte das atividades tem acontecido nas ruas. Isso ocorre porque, de um modo geral, as rebeliões têm sido lideradas pelo lumpen preto.

É por causa da relação do lumpen do povo preto com os meios de produção e com as instituições da sociedade que eles são impossibilitados de manifestar sua rebelião em torno daqueles meios de produção e daquelas instituições. Mas isso não significa que as rebeliões que têm lugar nas ruas não sejam expressões legítimas de um povo oprimido. Esses são os meios de rebelião que restam em aberto para o lumpen.

O lumpen tem sido trancado do lado de fora da economia. E, quando o lumpen se engaja

em ação direta contra o sistema de opressão, ele é muitas vezes recebido com vaias e gritos pelos porta-vozes da classe trabalhadora, em coro com os representantes da burguesia. Esses faladores gostam de rebaixar as lutas do lumpen como sendo "espontâneas" (talvez porque eles mesmos não ordenem as ações!), "desorganizadas", "caóticas e sem direção". Mas essas são apenas análises preconceituosas, feitas desde a perspectiva estreita da classe trabalhadora. Mas o lumpen age de qualquer modo, recusando-se a ser preso em uma camisa de força ou controlado pelas táticas ditadas pelas condições de vida e pela relação para com os meios de produção da classe trabalhadora.

O lumpen se encontra numa posição que torna muito difícil manifestar suas queixas contra o sistema. A classe trabalhadora tem a possibilidade de convocar uma greve contra a fábrica e o empregador e, através do mecanismo dos sindicatos, pode ter alguma mediação ou algum processo por meio do qual manifestar suas queixas. A negociação coletiva é o caminho para fora do poço da opressão e da exploração descoberto pela classe trabalhadora, mas o lumpen não tem

oportunidades para fazer qualquer negociação coletiva. O lumpen não tem um foco institucionalizado na sociedade capitalista. Ele não tem um opressor imediato, exceto talvez pela polícia porca com o qual se confronta diariamente.

Desse modo, as próprias condições de vida do lumpen determinam as assim chamadas reações espontâneas contra o sistema; e porque o lumpen está nessa condição extremamente oprimida, ele tem uma reação extrema contra o sistema como um todo. Ele se vê como sendo ignorado por todas as organizações, mesmo pelos Sindicatos, e mesmo pelos Partidos Comunistas que o desprezam, o menosprezam e consideram que ele é, nas palavras de Karl Marx, o pai dos Partidos Comunistas, "a camada da escória da sociedade"²²⁵. O lumpen é forçado a criar suas próprias formas de

225 Cleaver parece parafrasear a definição de lumpemproletariado que Marx oferece no Manifesto do Partido Comunista, como "putrefação passiva das camadas mais baixas da velha sociedade". Neste trecho, contudo, Marx admite que o lumpemproletariado "pode, às vezes, ser arrastado ao movimento por uma revolução proletária", embora "suas condições de vida" mais o predisponham para a reação. Cito de: Marx, K.; Engels, F.; Lênin, V. *Manifesto Comunista / Teses de abril*. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2017.

rebelião, consistentes com sua condição de vida e com sua relação com os meios de produção e com as instituições da sociedade. Isso é, atacar todas as estruturas ao seu redor, incluindo a reacionária ala à direita do proletariado, quando ela se intromete no caminho da revolução.

A análise falha que as ideologias da classe trabalhadora têm feito sobre a verdadeira natureza do lúmpen são largamente responsáveis pelo atraso no desenvolvimento da revolução em situações urbanas. Pode-se dizer que os verdadeiros revolucionários nos centros urbanos do mundo têm sido analisados como estando fora da revolução por alguns marxistas-leninistas.



WE WANT FREEDOM FOR ALL BLACK MEN HELD IN
FEDERAL, STATE, COUNTY AND CITY PRISONS AND JAILS

"Nós queremos liberdade para todos os homens pretos mantidos em prisões e cadeias federais, estaduais, nos condados e nas cidades."

25

**Uma carta de Huey para os irmãos e
irmãs revolucionárias sobre os
movimentos de libertação das
mulheres e de libertação gay**

Huey P. Newton

The Black Panther, v. 5, n. 8.

21 de agosto de 1970.

Ao longo dos anos mais recentes, fortes movimentos têm se desenvolvido entre mulheres e entre homossexuais, almejando sua libertação. Tem havido alguma incerteza sobre como lidar com esses movimentos.

Sejam quais forem suas opiniões pessoais e inseguranças sobre a homossexualidade e sobre os vários movimentos de libertação entre homossexuais e mulheres (e eu falo sobre os homossexuais e mulheres como grupos oprimidos), deveríamos tentar nos unir a eles de uma forma revolucionária. Eu digo "sejam quais forem suas inseguranças" porque, como sabemos muito bem, algumas vezes nosso primeiro instinto é querer dar um soco na boca de um homossexual e querer que a mulher fique quieta. Nós queremos dar um soco na boca do homossexual porque temos receio de que

nós sejamos homossexuais; e nós queremos bater na mulher, ou calá-la, porque temos a preocupação de que ela possa nos castrar ou tomar os colhões que podemos nem ter, para começar.

Devemos ter mais segurança em nós mesmos, e assim ter respeito e sentimentos para com todas as pessoas oprimidas. Não devemos ter um tipo de atitude racista, como a que os racistas brancos têm contra pessoas porque elas são pretas e pobres. Muitas vezes, a pessoa branca mais pobre é a mais racista, porque ela tem receio de que possa perder alguma coisa, ou descobrir alguma coisa que não tem; você representa algum tipo de ameaça para ela. Esse tipo de psicologia é o que percebemos funcionando quando vemos pessoas oprimidas e temos raiva delas por conta de seu tipo particular de comportamento, ou por seu tipo particular de desvio da norma estabelecida.

Lembrem-se, nós não estabelecemos um sistema de valores revolucionário; somente estamos no processo de estabelecê-lo. Eu não me lembro de termos jamais constituído um valor que afirme que um revolucionário deve dizer coisas ofensivas para homossexuais, ou que um revolucionário

deve se certificar de que mulheres não falem sobre seu próprio tipo particular de opressão. Na verdade, é, exatamente o oposto: nós afirmamos que reconhecemos o direito das mulheres de serem livres. Nós não temos falado de forma nenhuma sobre os homossexuais, e devemos nos referir ao movimento homossexual porque é algo real. E eu sei, através da leitura e através da minha experiência de vida, das minhas observações, que aos homossexuais não são concedidas liberdade e autonomia por qualquer um na sociedade. Talvez eles sejam as pessoas mais oprimidas na sociedade.

E o que fez com que sejam homossexuais? Talvez seja todo um fenômeno que eu não compreendo inteiramente. Algumas pessoas dizem que é a decadência do capitalismo²²⁶. Eu não sei se esse é o caso; duvido

226 Falando pouco mais de um ano após a Revolta de Stonewall, Huey Newton refuta frontalmente a visão da homossexualidade como decadência capitalista, comum a muitos pensadores comunistas ocidentais e reproduzida por Landon Williams em 14. **O capitalismo preto e o que ele significa**. Acerca da visão dos Panteras Negras sobre a homossexualidade, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra**.

bastante disso. Mas, seja qual for o caso, sabemos que a homossexualidade é um fato que existe, e devemos entendê-lo em sua forma mais pura: isso é, uma pessoa deveria ter a liberdade de usar o seu corpo da forma que quiser. Isso não significa endossar coisas na homossexualidade que nós não veríamos como revolucionárias. Mas nada diz que um homossexual não pode ser também um revolucionário. E talvez eu esteja agora introduzindo algo do meu preconceito, ao afirmar que "mesmo um homossexual pode ser um revolucionário". Muito pelo contrário, talvez um homossexual possa ser o mais revolucionário.

Quando temos conferências, convenções e manifestações revolucionárias, nelas deveria haver plena participação do movimento pela libertação gay e do movimento pela libertação das mulheres. Alguns grupos podem ser mais revolucionários do que outros. Nós não devemos usar as ações de uns poucos para dizer que são todos reacionários ou contrarrevolucionários, porque eles não são.

Nós devemos lidar com as facções exatamente como lidamos com qualquer outro

grupo ou partido que afirma ser revolucionário. Devemos tentar julgar, de algum modo, se eles estão operando de forma sincera, de uma forma revolucionária, desde a situação de uma opressão real. (E admitamos que, se se trata de mulheres, elas são provavelmente oprimidas.) Se fazem coisas que não são revolucionárias ou que são contrarrevolucionárias, então critiquemos aquela ação. Se sentimos que o grupo, em seu espírito, pretende ser revolucionário na prática, mas comete erros na interpretação da filosofia revolucionária, ou não compreende a dialética das forças sociais em operação, devemos criticar isso, e não criticá-los porque são mulheres tentando ser livres. E o mesmo é verdadeiro para homossexuais. Não devemos nunca dizer que um movimento inteiro é desonesto, eles estão apenas cometendo erros honestos. A amigos é permitido cometer erros. Ao inimigo não é permitido cometer erros, porque toda a sua existência é um erro, e nós sofremos por isso. Mas a frente de libertação das mulheres e a frente de libertação gay são nossos amigos, são aliados em potencial, e nós precisamos de tantos aliados quanto for possível.

Nós devemos estar dispostos a discutir as inseguranças que muitas pessoas têm sobre a homossexualidade. Quando digo “inseguranças”, eu me refiro ao medo de que eles sejam algum tipo de ameaça à nossa masculinidade. Eu posso entender esse erro. Devido ao longo processo de condicionamento que constrói a insegurança no homem norte-americano, a homossexualidade pode produzir certas inibições em nós. Eu mesmo tenho inibições sobre a homossexualidade masculina. Por outro lado, eu não tenho nenhuma inibição sobre a homossexualidade feminina. E isso é um fenômeno em si mesmo. Penso que isso provavelmente ocorre porque a homossexualidade masculina é uma ameaça para mim, talvez, e as mulheres não são uma ameaça.

Devemos ser cuidadosos sobre o uso de termos que podem afastar nossos amigos. Os termos “veado”²²⁷ e “frouxo”²²⁸ devem ser apagados do nosso vocabulário, e nós

227 No original: *faggot*.

228 No original, *punk* – termo que, até os anos 1960, era utilizado para designar um homem jovem e fraco que ocupava a posição de homossexual passivo, especialmente na prisão. Ver Dalzell, T.; Victor, T. *The New Partridge Dictionary of Slang and Unconventional English: J-Z*. Oxon: Routledge, 2006. p. 1558.

especialmente não devemos associar nomes normalmente designados para homossexuais a homens que são inimigos do povo, como Nixon²²⁹ ou Mitchell²³⁰. Homossexuais não são inimigos do povo.

Nós devemos tentar formar uma coalizão para trabalhar com grupos de libertação gay e de libertação das mulheres. Devemos sempre operar com as forças sociais da maneira mais apropriada. E essa é realmente uma parte significativa da população, tanto mulheres quanto o crescente número de homossexuais, com quem temos de lidar.

TODO O PODER PARA O POVO!

229 Sobre Richard Nixon, ver a nota 144, em **14. O capitalismo preto e o que ele significa.**

230 John Mitchell foi procurador-geral que, junto de Nixon e de J. Edgar Hoover, pôs em prática as medidas para destruir o Partido Pantera Negra. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**



Comunicado à imprensa, do Ministro da Defesa, sobre a captura de Angela Davis

Huey P. Newton

The Black Panther, v. 5, n. 16.

17 de outubro de 1970.

O Partido Pantera Negra acusa as autoridades reacionárias da Califórnia e dos Estados Unidos de usar Angela Davis como um bode expiatório. O judiciário tradicional é responsável pelo evento que teve lugar no tribunal de Marin²³¹, e a polícia é responsável pelo assassinato do juiz, de Jonathan Jackson, de William Christmas e de James McClain, bem como pelos ferimentos causados aos reféns. Para atrair a atenção das pessoas responsáveis, Angela Davis foi caçada, capturada e acusada de crimes pelos quais o

231 Angela Davis, James McClain, William Christmas e Ruchell MaGee eram ligados ao Partido Pantera Negra. Sobre esse episódio e sobre a morte de Jonathan Jackson — irmão mais novo de George Jackson, um dos “irmãos Soledad”, acusados de assassinar um guarda carcerário branco responsável pela morte três detentos negros —, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

reacionário sistema norte-americano é, de fato, culpado.

O evento não ocorreria se houvesse justiça nas cortes para o povo preto. A corte tem sido indiferente aos clamores por reparação das injustiças cometidas contra o povo preto, e continuam a agir no interesse do círculo dominante racista e capitalista. Isso fica nítido quando nós percebemos que o advogado de acusação no caso Marin é casado com a sobrinha do juiz que presidiu o caso. Por outro lado, Jonathan Jackson e os prisioneiros de guerra, William Christmas, James McClain e Ruchell MaGee foram motivados por seu desejo de justiça e liberdade. Nós sentimos que, quando todos os meios pacíficos foram esgotados, é direito do povo e é dever do povo dar outros passos que garantam justiça e liberdade.

Os guardas de San Quentin e a polícia de Marin County devem ser acusados pelos assassinatos dos camaradas Jackson, McClain e Christmas, e pelo assassinato do juiz. Nós constatamos que absolutamente ninguém deu importância ao fato de que 11 dos tiros disparados no incidente em Marin vieram das armas viciosas da polícia e do procurador distrital. É nítido que a

polícia da Gestapo²³² não estava interessada na preservação da vida humana. Suas primeiras preocupações eram a captura e o assassinato, e se acontecia de alguém sobreviver, isso seria um acidente, não seu interesse principal. Isso revela que a Gestapo não estava, de fato, interessada nas vidas de seus irmãos de classe, o juiz e o promotor distrital.

Então, parece que a insanidade absoluta varreu as costas da América. A razão não se encontra entre as fileiras do opressor. O fato mesmo de que a autoridade reacionária tem a audácia de acusar Angela Davis de um crime é indicativo da ausência de justiça e da ausência de raciocínio simples. Aqueles que são evidentemente culpados são absolvidos (para que sejam ilibados de responsabilidade e culpa). Aqueles que são vítimas e inocentes permanecem acusados.

O Partido Pantera Negra exorta o povo preto em particular, e pessoas oprimidas

232 Essa não é uma comparação metafórica: os Panteras Negras estavam convencidos de que as forças policiais empregavam táticas da polícia nazista nas comunidades negras. Discuto essa questão no texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

em geral, a se erguerem e fazerem o que for necessário para libertar Angela Davis. Angela Davis tem exemplificado a mais elevada expressão de interesse pelo povo. Nós, o povo, devemos mostrar nossa gratidão vindo em seu auxílio, neste momento de necessidade. Angela tem oferecido sua energia e devoção à causa popular, sem se importar com sua segurança pessoal, sem se importar com seu ganho pessoal. Ela tem se entregado de um modo livre e puro, um modo que oferece um exemplo para todas as pessoas. Neste momento, nós não podemos falhar para com Angela Davis.



"Somente o poder do povo pode libertar
prisoneiros políticos"

Arte revolucionária

Brad Brewer

The Black Panther, v. 5, n. 17.

24 de outubro de 1970.

A principal coisa sobre um artista revolucionário é que ele é, primeiro, um revolucionário. A questão que confronta pessoas pretas hoje não é se ele ou ela é "preto" ou "preta", mas se ele ou ela é revolucionário ou revolucionária. Temos muitos irmãos e irmãs que são artistas excepcionalmente bons, mas que não têm a política adequada para guiar seus pincéis. Como resultado, isso os leva a proclamar seus trabalhos "obras-primas", quando em poucas palavras nosso Ministro da Cultura, Emory²³³, inequivocamente afirma: "O povo é a obra-prima".

Com a política guiando o pincel, e a arma protegendo ambos, os artistas revolucionários pretos em potencial poderiam se livrar das tendências do nacionalismo cultural que muitas vezes

233 Sobre Emory Douglas, Ministro da Cultura do Partido Pantera Negra, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

aparecem em seus trabalhos²³⁴. Temos muitos irmãos e irmãs que têm a impressão de que, sobretudo e em primeiro lugar, eles são artistas. Escritores que afirmam que são, primeiro, escritores. O resultado são exemplos clássicos de arte pela arte. Uma coisa que não satisfaria as necessidades básicas do povo. E escritores que escrevem em função das artes e da retórica.

Contudo, quando você olha para a situação com a mente aberta, colocando no contexto a política adequada, você pode compreender que sua arte não poderia ser possivelmente maior do que a realidade para a qual são impelidas sua vida e a situação do seu povo.

A orientação pela política está (como você provavelmente percebe, a essa altura) constantemente sendo filtrada ao longo deste artigo. Por quê? Porque pessoas como

234 Sobre a oposição dos Panteras Negras ao nacionalismo cultural, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

Emory, Elaine Brown²³⁵, Eldridge Cleaver²³⁶ (um talentoso autor, editor, etc.) são, primeiro, revolucionários. Eles têm um entendimento nítido e preciso da situação política na qual eles e seu povo estão colocados. E, reconhecendo essa situação como sendo a de uma sociedade decadente, racista e capitalista, não há tempo para ser abstrato. Porque seus talentos estão direcionados no interesse da preparação para a revolução, eles não estão envolvidos em lidar com estilo de vida, mas em vez disso na projeção do futuro e na proposição de soluções.

Os ensaios, as músicas e a arte não se destinam a lidar com a sensibilidade, mas sim com nossa sobrevivência.

Há muitas formas de arte com as quais as pessoas podem se identificar. O problema é

235 Figura importante no Partido Pantera Negra, Elaine Brown chegou a ocupar os postos de Ministra da Informação (substituindo Eldridge Cleaver) e presidenta do partido (entre 1974 e 1977). Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

236 Sobre Eldridge Cleaver, Ministro da Informação do Partido Pantera Negra, ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

que, geralmente, elas não oferecem uma direção. O motivo é que pode ser algo abstrato mesmo começar a compreendê-las, ou que o contexto da imagem não poderia possivelmente ser relacionado com a situação do povo preto.

Emory lhe falará repetidamente sobre a necessidade urgente de uma união dos artistas revolucionários. Isso quer dizer: termos "gatos" que trabalham para as agências de publicidade dos porcos, mesmo irmãos que fazem o *layout*, imprimem, lidam com produção artística, qualquer um afiliado, vazando informações. Vamos pôr abaixo a arte contrarrevolucionária, então estaremos aptos a servir ao povo. Porque, quando se trata da questão "a quem a arte se destina?", é um fato definitivo que as revistas e jornais embranquecidos e lambedores de botas, de modo geral, não se destinam a nós.

Huey P. Newton²³⁷ uma vez disse, a partir da observação e da participação, que "a comunidade preta basicamente não é uma

237 Fundador e Ministro da Defesa do Partido Pantera Negra. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

comunidade leitora"²³⁸. Então, camaradas, vamos nos politizar, ser revolucionários e interpretar os ensaios de Huey, os escritos de Eldridge e os ensinamentos de Emory sobre a arte revolucionária, e colocar tudo isso em forma pictórica. Esse é um modo pelo qual podemos ter a certeza de que a senhorita Mae terá um lindo dia.

EDUCAR ATRAVÉS DA ARTE REVOLUCIONÁRIA!

238 Ver 4. O manejo correto de uma revolução.



Comunicado à imprensa: libertação das mulheres

The Black Panther, v. 5, n. 18.

31 de outubro de 1970.

Neste exato momento, em San Francisco, mulheres estão se fortalecendo para falar e agir em prol daquilo em que nós acreditamos.

Neste exato momento, Angela Davis²³⁹ está na prisão por tentar viver humanamente e eticamente em uma sociedade que esmaga a vida. Ela está sendo vitimizada e utilizada como bode expiatório, porque é uma mulher preta revolucionária. Ela tem sido perseguida por sua honestidade e força, por falar sobre suas crenças na universidade, por apoiar seu povo nas lutas na comunidade, nas cortes, nas forças armadas, nas cadeias e em todos os lugares onde irmãs e irmãos estão lutando contra a opressão.

239 Sobre Angela Davis e o episódio de Marin County, ver o texto **26. Comunicado à imprensa, do Ministro da Defesa, sobre a captura de Angela Davis** e o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

Neste exato momento, muitas mulheres estão sendo tiranizadas pelo poder de seus chefes, que as forçam a manter a linha.

Angela Davis não manteve a linha, e agora está sendo acusada pelos homicídios em Marin County. A responsabilidade por esses homicídios é daqueles que controlam um sistema que destrói vidas nos Estados Unidos e por todo o mundo.

Neste exato momento, 99% das mulheres estão trabalhando para homens em escritórios, em instituições e no lar, porque não há outras alternativas.

Como homens lutando para ter controle sobre nossas próprias vidas, nós tiramos força do exemplo de Angela Davis, nossa irmã. Ela encarna o crescimento como mulher, e o poder de uma raiva justa. Nós afirmamos sua coragem, beleza e feminilidade através de nosso próprio compromisso e ação.

Neste exato momento, em San Francisco, mulheres são dopadas, deitando-se, chorando, e estupradas devido a um sistema que as define como sendo subumanas.

Neste exato momento, Shellie Bursey²⁴⁰ está na Prisão de Santa Rita por ter se recusado a fazer o que o HOMEM lhe ordena, testemunhando contra o jornal do Partido Pantera Negra. Brenda Presley²⁴¹ lá em breve estará, pela mesma razão. Neste exato momento, milhares de nossas irmãs estão injustamente aprisionadas por lutar contra o que as oprime. Mulheres estão na cadeia por prostituição, consumo de drogas, furto e outros assim chamados crimes que são, para muitas, meios necessários para sobreviver nesta sociedade. 75% dessas mulheres são do terceiro mundo. Para libertá-las, devemos libertar umas às outras, trabalhando conjuntamente, como irmãs. Devemos expor o sistema opressor em que existimos, e em solidariedade devemos demandar igual respeito e tratamento para todas as pessoas. Clamamos o direito e aceitamos a responsabilidade e lutar, de todas as formas possíveis, por nossa liberdade. A libertação da mulher fica ao lado de Angela Davis, Shellie Bursey, Brenda Presley, Afeni Shakur, Joan Bird, Peggy

240 Shellie Bursey e Brenda Presley foram levadas a julgamento e condenadas à prisão por se recusarem a colaborar com uma investigação do FBI sobre o jornal dos Panteras Negras.

241 Ver a nota anterior.

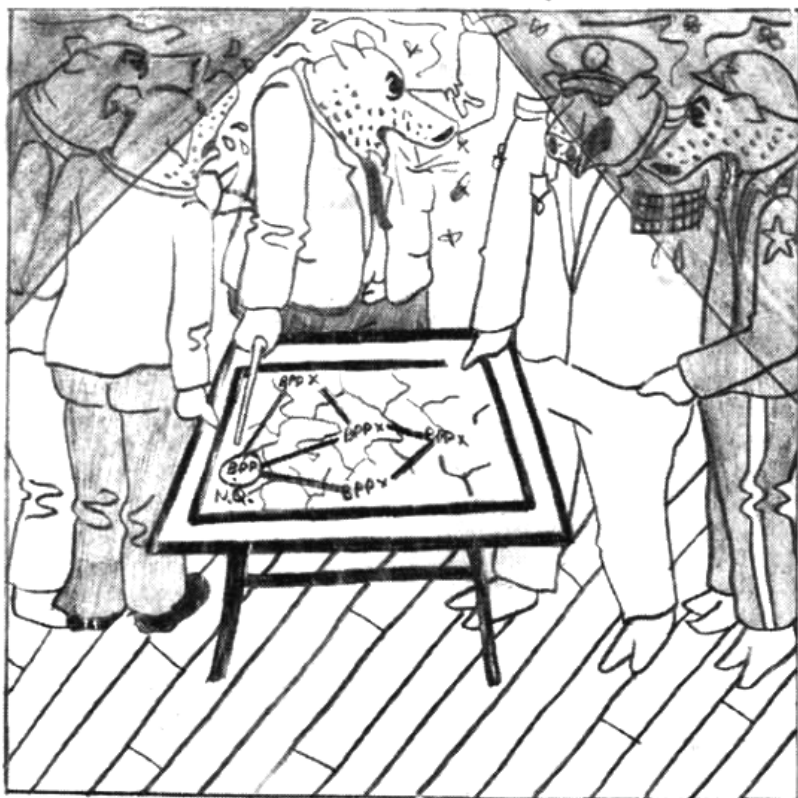
Hudgins, Erika Higgins²⁴², Thelma McGoran²⁴³, Leila Khaled²⁴⁴, Bernardette Devlin²⁴⁵. Nós falamos para todas as mulheres. Nós trabalhamos para que todas as mulheres possam enxergar a realidade de sua opressão, possam olhar para outras mulheres em busca de ajuda e apoio. A revolução nos libertará.

242 Todas as mulheres citadas até aqui foram Panteras Negras, encarceradas em algum momento por suas atividades políticas.

243 Thelma desempenhou um papel fundamental na absolvição dos *Siete de la Raza*, grupo de jovens latinos culpabilizados pelo homicídio do policial Joe Brodник, ferido por um tiro disparado pela arma do policial que o acompanhava, Paul McGoran, durante uma briga. Thelma testemunhou em defesa dos jovens latinos, inclusive acusando seu ex-marido, Paul, de violência doméstica e de comportamento abusivo como policial. O julgamento dos *Siete de la Raza* foi acompanhado pelos Panteras Negras, que os consideravam "heróis revolucionários".

244 Militante da Frente Popular para a Libertação da Palestina, famosa por ter participado dos sequestros de aviões em 1969 e 1970.

245 Militante feminista irlandesa que atuou na luta pelos direitos civis na Irlanda, famosa por sua participação na Batalha de Bogside, na qual os nacionalistas irlandeses enfrentaram os policiais britânicos. Quando visitou os Estados Unidos, em 1969, Devlin recebeu a chave da cidade do prefeito John Lindsay – e logo em seguida a ofereceu aos Panteras Negras.



Rumo a uma nova constituição

Huey P. Newton

The Black Panther, v. 5, n. 22.

28 de novembro de 1970.

Uma convenção constitucional é extremamente importante neste momento, porque nós devemos redefinir e elucidar nossas ações e nossos planos para o futuro, bem como tornar conhecida ao povo e ao mundo a justificação de nossa luta contra o capitalismo burocrático e o imperialismo norte-americano.

A luta pelos direitos civis é não mais do que uma extensão da Revolução Norte-Americana de 1776. Qualquer pessoa deve perceber isso, e com essa percepção nós chegaremos à conclusão de que aquelas coisas que foram obtidas pela população branca em 1776, separando-se e formando uma nação, em outras palavras, descolonizando-se da Inglaterra, obteve para eles a autonomia e também os direitos humanos que eles estavam buscando, naquele momento.

Eu enfatizo que foi em 1776 que as pessoas brancas da América obtiveram direitos humanos. Essa foi uma luta verdadeiramente

revolucionária. Infelizmente, pretos, por causa do racismo no país e pelo fato da escravidão, não foram incluídos nesses direitos. Então, depois disso nós tivemos o Movimento pelos Direitos Cívicos, a fim de obter esses direitos que os brancos haviam obtido em 1776. Uns duzentos anos passaram, e nós ainda não obtivemos esses direitos básicos.

Evidentemente, o país não foi revolucionado, embora tenha havido um movimento revolucionário. Ele não foi revolucionado simplesmente porque a produção não estava no estágio em que um desenvolvimento socialista fosse encorajado pelas outras forças. Em outras palavras, depois da separação da Inglaterra, o capitalismo democrático entrou em vigor. Havia muita terra para ser possuída e para ser cultivada. Este era basicamente um país agrícola, com muito pouca indústria. Então, as pessoas podiam competir umas com as outras de uma forma um pouco democrática. Um homem poderia ter a riqueza que ele conseguisse plantando o solo. E havia muito solo disponível. Evidentemente, eu enfatizo mais uma vez que os pretos não estavam incluídos nisso.

Conforme os anos passaram e a indústria do país amadureceu, as terras agrícolas foram centralizadas nas mãos de poucos. Isso apresentou novos problemas, especialmente quando os pretos não foram incluídos no primeiro estágio de desenvolvimento da era do capitalismo democrático. Em nossa época, por volta de 1970, o país não está apenas plenamente desenvolvido, está superdesenvolvido. A economia está desenvolvida, a indústria está superdesenvolvida. A classe dominante do país não investe mais seu capital excedente no país. Isso nos traz à era imperialista, em que os capitalistas estão agora investindo seu excedente nos países em desenvolvimento do terceiro mundo, a fim de obter lucro, porque não há lugar para expansão nesta economia madura.

Enquanto tudo isso está acontecendo, os pretos ainda estão lutando por direitos humanos básicos, o direito ao voto, o direito ao bem-estar econômico. Nós não podemos obter nossas liberdades políticas sem liberdade econômica. Nós não podemos ser integrados no sistema capitalista, porque mesmo se tivéssemos a riqueza ou o capital excedente para investir, não haveria mercado. Não há mercado fértil em que investir. Não dentro deste país.

Eu gostaria de retornar um pouco até o período de 1863, 1865, depois da Proclamação da Emancipação²⁴⁶ e da assim chamada Reconstrução²⁴⁷. O Gabinete de Libertos²⁴⁸ foi estabelecido durante a Reconstrução para cumprir um dos principais pontos defendidos no Congresso por Thadeus Stevens²⁴⁹, de que aos pretos seriam distribuídos quarenta acres e uma

246 Proclamação presidencial e ordem executiva do Presidente dos Estados Unidos, Abraham Lincoln, que entrou em vigor em 1 de janeiro de 1863, abolindo a escravidão em todo o território confederado, alcançando dez estados norte-americanos.

247 Designação que se refere ao período posterior à Guerra Civil dos Estados Unidos, o que envolveu uma reconstrução do Sul. Embora a chamada "Reconstrução radical" tenha oferecido mais espaço para a população negra, chegando mesmo a haver negros que obtiveram a vitória em eleições, forças reacionárias – inclusive a Ku Klux Klan – reestabeleceram o domínio dos brancos supremacistas.

248 O Gabinete de Libertos (*Freedmen's Bureau*) foi estabelecido em 1865, com a finalidade de proteger os negros e promover sua inclusão na sociedade estadunidense.

249 Membro da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, Thadeus Stevens alinhava-se com a facção radical republicana do Partido Republicano, opondo-se à escravidão e à discriminação contra os negros.

mula. Porque foi percebido que, sem terra, não haveria liberdade. Mas isso não ocorreu. Eu gostaria de enfatizar isso para demonstrar que a América comprometeu nossa liberdade repetidas vezes. O Compromisso Hayes de 1877²⁵⁰ devastou todo o período da Reconstrução e as poucas migalhas que havíamos ganhado durante aquele período.

Então, eu me refiro a uma época em que nós fomos excluídos da sociedade, nós fomos excluídos da igual proteção da lei e do respeito humano. E isso nos deixa com nada a perder, realmente, e tudo a ganhar, porque nós perdemos tudo. E, evidentemente, quando alguém perdeu tudo, nada lhe resta, a não ser a rebelião completa. A rebelião contra aquela força e aquelas condições que o despojaram de sua dignidade mesma como ser humano.

Quais são as alternativas? Concluimos que não há espaço para nós no sistema capitalista, devido à natureza superdesenvolvida do país. Vimos que, no

250 Acordo que levou à presidência o republicano Rutherford B. Hayes, em troca da retirada de tropas federais do Sul, o que foi considerado uma traição pelos republicanos negros, que perderam o poder naquela região.

que se refere à autonomia da nossa comunidade, em qualquer sentido, no que se refere ao autogoverno de nossas instituições, isso não pode existir sob o capitalismo; porque o capitalismo, o sistema capitalista é governado pela pequena classe dominante, aproximadamente 76 companhias que controlam toda a indústria e toda a riqueza deste país. São estas: General Motors, Ford, Chrysler, General Dynamics, Lockheed, Standard Oil, DuPont, Chase Manhattan Bank, Bank of America, e assim vamos até o fim da lista.

O único modo pelo qual nós podemos agora obter a liberdade é mudar o sistema que nos levou à escravidão. Fomos trazidos à escravidão para gerar lucro para os comerciantes de escravos e para os capitalistas. Então, questionamos o próprio sistema. Nós não apenas questionamos a ordem estabelecida, nós questionamos o próprio sistema.

Sentimos que o único modo pelo qual podemos obter a liberdade, neste momento, depois de observar e experienciar as condições do país, é ter uma representação proporcional em um regime intercomunalista.

Isso significa que as indústrias que são agora propriedade de um pequeno círculo dominante devem ser nacionalizadas, e a todos os grupos étnicos será assegurado um lugar em proporção a seu número no país, no nível administrativo e no nível dos trabalhadores. Qualquer coisa aquém disso seria comprometer novamente nossa liberdade, e não aceitaremos isso.

Na verdade, qualquer compromisso seria suicida. Seria o que eu chamo de suicídio reacionário. Aceitar um compromisso. Suicídio reacionário significa que as condições, as condições reacionárias, seriam a causa do nosso suicídio. Se nós permanecêssemos e não fizéssemos nada, isso seria um autoassassinato. Eu preferiria escolher o oposto, caso se torne necessário, o que seria um suicídio revolucionário. Um suicídio motivado pelo desejo de mudar o sistema, ou então morrer tentando mudar as condições reacionárias. Mas isso é liberdade de escolha. E eu escolheria isso pela geração que virá e escolheria isso por minha própria integridade, pela razão simples de que eu me recuso, nossa geração se recusa, a viver como escravos.

Então, nós estamos demandando uma Constituição que reflita a natureza étnica e plural da sociedade. Demandamos uma Constituição que nos garanta o direito de viver. Demandamos uma Constituição que tenha respeito pelo povo, uma Constituição que sirva o povo, em vez de uma Constituição que sirva à classe dominante.

Sabemos que neste país há certas instituições públicas que são supostamente estabelecidas pelo povo, mas que na verdade são estabelecidas pelo círculo dominante, que pretendem servir às necessidades básicas do povo. São a Seguridade Social, Seguro Desemprego, Bem-Estar Social, etc. A classe dominante estabelece essas agências públicas para subornar o povo com um pequeno exemplo de socialismo. Mas vemos que a classe dominante chega a utilizar os recursos sociais em sua própria vantagem. A classe dominante realmente utiliza os fundos públicos em uma escala gigantesca, para fomentar seus próprios interesses.

Um exemplo disso são os grandes barões das ferrovias que recebem subsídios. Em outras palavras, eles recebem auxílio do bem-estar social. Os grandes fazendeiros, como

o senador Eastland²⁵¹, recebem subsídios das instituições públicas do país, enquanto o povo, quando precisa de assistência social, é assediado, perseguido, chegando mesmo ao ponto de que, para obter o auxílio, as pessoas devem revelar com quem dormem à noite, enquanto Eastland e todos os outros recebem milhões de dólares a cada ano, ainda que não tenham que revelar qual foi a última mulher ou homem com quem dormiram. Penso que este é um bom exemplo de uma ditadura do povo: o que quero dizer com essas palavras não é que as pessoas abusarão de coisas que costumavam ser burguesas, mas simplesmente que as necessidades das pessoas serão levadas em consideração, e elas serão o foco primário, em todas as épocas, da atenção prestada. E nenhuma outra classe, nenhum outro conjunto de pessoas receberá os benefícios e a riqueza do país.

O povo preto deste país, depois de um longo período de sofrimento devido ao capitalismo e ao racismo, tem o direito de controlar exclusivamente as instituições da comunidade preta. Todos os outros

251 James Oliver Eastland, político democrata que se tornou um símbolo nacional estadunidense do apoio sulista à segregação racial.

grupos étnicos também controlarão suas comunidades, de forma cooperativa. E as empresas nacionais, o que eu chamo de empresas nacionais são aqueles grandes monopólios, serão nacionalizados, de modo que cada grupo étnico terá um representante nos vários conselhos.

Aqueles outros membros de grupos étnicos que vivem em nossas comunidades estarão aptos a participar de forma democrática, porque o racismo estará morto. Mas nós também manteremos o direito de ter essa representação proporcional, porque a confiança foi perdida devido ao racismo. Pessoas pretas perderam a fé — a fé neste país. E, como salvaguarda, ao menos teremos de ter controle exclusivo sobre nossas comunidades locais.

Se nós não pudermos promover essas coisas, então, evidentemente, estaremos aceitando o suicídio reacionário, ou o suicídio causado pelas condições reacionárias. Eu me coloco contra isso. Se tenho uma escolha, e eu tenho, e chega ao ponto onde há apenas uma escolha: aceitar o suicídio reacionário ou o suicídio revolucionário.

Escusado será dizer que os pretos estarão perfeitamente justificados ao declarar uma República ou um Território Livre, se

consideramos que não podemos, através de alguma coalizão mútua, promover esse tipo de sociedade plural que é por nós desejado. A única outra alternativa é declarar uma República e, como eu disse, enfrentar o exército covardemente imperialista, e então ou derrotá-lo ou sofrer o suicídio revolucionário, o que é glorioso simplesmente porque será nossa escolha, e nós não permaneceremos de pé e nos deixaremos assassinar, um a um. Assassinados de tantas formas, assassinados espiritualmente, assassinados pela falta daquilo que supre necessidades básicas — medicamentos, comida para as crianças, todas essas coisas que são tão básicas que não temos nem mesmo de argumentar se nos são devidas.

Como revolucionários, eu gostaria de apontar, para elucidar nosso catecismo, que nós temos sido completamente esmagados como membros desta assim chamada civilização. E, quando eu digo completamente esmagados, como revolucionários, nós temos não apenas rejeitado o lugar determinado pelo opressor, porque aqueles lugares que ele nos oferece são meramente migalhas, mas nós também rejeitamos o ordinário — e eu digo ordinário por falta de uma palavra

melhor — tipo de arranjos familiares que nos são oferecidos, porque também isso representa um compromisso. O que eu estou dizendo é que nós temos de nos comprometer a ter uma esposa, filhos, uma casa e algum tipo de emprego ou trabalho. Isso é um compromisso para pretos sulistas. É um compromisso para eles viver como qualquer homem tem o direito de viver, com uma família e suas pessoas amadas, porque o estado burguês estabelece as condições sob as quais você pode ter uma família, então eu aceitaria essa família sob condições que foram prescritas pelos capitalistas. Eu teria que aceitar as condições de pobreza, se eu vivo no Sul, eu teria que aceitar vermes nos estômagos das minhas crianças, a falta de comida, a falta de roupa. Se eu tenho que viver nas áreas urbanas do Harlem, eu tenho que aceitar, para ter uma família, um compromisso, e ter o tipo de família que é mordida por ratos, que dorme em moradias que são inadequadas pra seres humanos.

Então, como revolucionários, nós não apenas rejeitamos esses lugares determinados pelo opressor, nós também rejeitamos o normal — e quando eu digo “normal”, é novamente por falta de uma palavra melhor —, nós não podemos aceitar

mesmo o relacionamento primário daquele núcleo familiar. E nós estamos enfurecidos, porque não podemos aceitar essas coisas. Porque a cada homem isso é devido. Nós estamos enfurecidos, portanto nós somos abandonados em uma zona crepuscular, com ódio por todas aquelas condições e por aquelas pessoas que causam aquelas condições. Na verdade, nós temos sentimentos tão fortes que não iremos descansar, e não sentiremos que realizamos nosso trabalho até que tenhamos atacado e esmagado aquelas pessoas e aquelas condições que não nos permitirão ter nem mesmo as coisas básicas que cada homem na face da terra tem o direito de ter. Um lar, uma família e filhos. Para ter uma família nós temos que aceitar crianças que são infestadas pelo racismo, pelas condições do racismo, desde o momento em que se tornam conscientes. Então, é por isso que nós somos estritamente, como disse o Ministro da Informação, nós somos foras-da-lei, nós estamos fora mesmo da lei da humanidade, porque consideramos que temos sido desumanizados. Mas, porque temos sido desumanizados, nós nos tornamos pessoas muito perigosas, perigosas para aqueles que não deixarão que sejamos humanos.

E gostaria de adicionar que deve ser sempre lembrado, compreendido e percebido que nosso objetivo é esmagar o capitalismo norte-americano e o imperialismo norte-americano. Porque, sem isso, nós não podemos fazer nada.

TODO PODER PARA O POVO!



A revolução em nosso tempo de vida

Ericka Huggins

The Black Panther, v. 5, n. 28.

9 de janeiro de 1971.

Esta é apenas uma mensagem para todos os meus irmãos e irmãs na luta e para todas as pessoas amantes da liberdade, em qualquer lugar.

Sinto que deveria me comunicar com vocês, mas percebo que escrever é apenas uma comunicação parcial, que palavras nunca podem expressar a necessidade que todos temos de nos tornarmos educados no sentido mais pleno — de nos tornarmos cientes de todas as coisas ao nosso redor, as coisas que nos deprimem, reprimem e oprimem.

Eu sento e me pergunto quando/se as pessoas começarão a ver que nós não temos de ficar sentados e permitir que este país nos destrua economicamente, politicamente ou espiritualmente por mais tempo. Nós, os pobres e oprimidos, temos a habilidade de limpar o país da corrupção, de quebrar todas as barreiras que nos separam das comunidades do mundo em pensamento, em palavras, em interação. Nós devemos construir um novo mundo. Todas as outras

gerações passaram adiante essa responsabilidade, e é o momento de parar os relógios e nos apoderarmos do tempo. Mudar, destruir e reconstruir. É tempo de nós construirmos um mundo livre de egoísmo, racismo, nacionalismo estreito e do desejo de qualquer grupo de pessoas reclamar este mundo como seu. O universo pertence às pessoas – para viverem para criarem – umas para as outras.

A América²⁵², até agora, tem sido o NÚCLEO da reação negativa às lutas das pessoas do mundo. Esse núcleo negativo deve ser destruído antes que a dor purulenta da opressão mundial possa ser detida. Eu falo do governo canceroso da América, não de seu povo. O povo da América será quem mudará esse núcleo canceroso em uma ardente roda luminosa da qual as pessoas do mundo poderão receber amor, força e o conhecimento de que elas não mais precisarão temer a expressão da liberdade... da completa liberdade.

252 A grafia “América” não era exclusiva dos Panteras Negras; diversos ativistas políticos a adotavam para referir-se à designação na língua alemã (*Amerika*), assim sugerindo um elo entre o imperialismo estadunidense e o nazismo.

Nós não estaremos aptos a obter esse tipo de liberdade sem lutar por ela, dentro dos muros das prisões de nossas almas – atrás dos muros de segurança máxima (as prisões) e dos muros invisíveis de segurança mínima (as ruas).

Em cada dia, quando me sento na alegada corte de justiça em New Haven²⁵³, eu me entristeço pelas monótonas, frias, estreitas, muitas vezes racistas vidas das pessoas que desejam julgar Bobby e eu. Eu parto todos os dias enraivecida com o que a América fez para o seu povo; enraivecida com a apatia que está permitindo que a América continue com sua opressão e brutalidade; enraivecida com a trégua que a América convoca em 25 de dezembro de todos os anos, de modo que sua população robótica, que passou por uma lavagem cerebral, possa fazer as compras de Natal e as pessoas possam fingir que amam umas as outras. Eu fico enraivecida e entristecida, e meus pensamentos se concentram na necessidade de agirmos prontamente e começarmos a mudar antes que

253 Em 1969, Erika Huggins e Bobby Seale foram presos sob acusação de assassinar Alex Rackley. Ver o texto introdutório: **Por uma revolução antirracista: síntese histórica e trajetória ideológica do Partido Pantera Negra.**

seja tarde demais, antes que demasiados de
nós tenham sido julgados, presos, ou
sugados para o vácuo da apatia.

Comunicar para Educar para Libertar
Venceremos²⁵⁴!
Amor, Poder, Força

254 Assim no original.

Referências bibliográficas

Listo aqui apenas os livros consultados recorrentemente para elaboração do texto introdutório e das notas explicativas. Para referências de artigos de jornais (inclusive de *The Black Panther*), textos e obras utilizadas para fundamentar passagens específicas, consultar as notas de rodapé.

Abu-Jamal, Mumia. *We want freedom: a life in the Black Panther Party*. Cambridge: South End Press, 2004.

Bass, Paul; Rae, Douglas W. *Murder in the model city: The Black Panthers, Yale, and the redemption of a killer*. Nova Iorque: Basic Books, 2006.

Bloom, Joshua; Martin, Jr., Waldo E. *Black against empire: the history and politics of the Black Panther Party*. Oakland: University of California Press, 2013.

Brown, Elaine. *A taste of power: a black woman's story*. Nova Iorque: Anchor Books, 1994.

Churchill, Ward; Wall, Jim Vander. *Agents of repression: the FBI's secret wars against the Black Panther Party and the*

American Indian Movement. Cambridge: South End Press, 2002.

Cleaver, Eldridge. *Soul on ice*. Nova Iorque: Delta, 1999. [edição brasileira: *Alma no exílio*. Trad. Antônio Edgardo S. da Costa Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.]

_____. *Target zero: a life in writing*. Editado por Kathleen Cleaver. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2006.

Dixon, Aaron. *My people are rising: memoir of a Black Panther Party captain*. Chicago: Haymarket Books, 2012.

Forman, James. *The making of black revolutionaries*. Seattle: University of Washington Press, 1997.

Guy, Jasmine. *Afeni Shakur: evolution of a revolutionary*. Nova Iorque: Atria Books, 2004.

Haas, Jeffrey. *The assassination of Fred Hampton: how the FBI and the Chicago Police murdered a Black Panther*. Chicago: Lawrence Hill Books, 2011.

Hilliard, David. *Huey: spirit of the Panther*. Nova Iorque: Basic Books, 2008.

_____. (ed.). *The Black Panther Party: Service to the People Programs*. Albuquerque: University of New Mexico Press; Huey P. Newton Foundation, 2008.

Jeffries, Hasan Kwame. *Bloody Lowndes: Civil Rights and Black Power in Alabama's black belt*. Nova Iorque: New York University Press, 2010.

Jeffries, Judson L. (ed.) *The Black Panther Party in a city near you*. Athens: The University of Georgia Press, 2018.

Jones, Charles E. (ed.) *The Black Panther Party: reconsidered*. Baltimore: Black Classic Press, 1998.

Lazerow, Jama; Williams, Yohuru (eds). *In search of the Black Panther Party: new perspectives on a revolutionary movement*. Durham; Londres: Duke University Press, 2006.

Malloy, Sean L. *Out of Oakland: Black Panther Party internationalism during the Cold War*. Ithaca: Cornell University Press, 2017.

Newton, Huey P. *Revolutionary suicide*. Com a assistência de J. Herman Blake. Nova Iorque: Penguin Books, 2009.

Pharr, Wayne. *Nine lives of a Black Panther: a story of survival*. Chicago: Lawrence Hill Books, 2014.

Seale, Bobby. *Seize the Time: the story of the Black Panther Party and Huey P. Newton*. Baltimore: Black Classic Press, 1991.

Shakur, Assata. *Assata: an autobiography*. Chicago: Lawrence Hill Books, 1987.

Shames, Stephen; Seale, Bobby. *Power to the People: the world of the Black Panthers*. Nova Iorque: Abrams, 2016.

Smith, Jennifer B. *An international history of the Black Panther Party*. Nova Iorque: Garland Publishing, 1999.

Vincent, Rickey. *Party music: the inside story of the Black Panthers' band and how Black Power transformed Soul Music*. Chicago: Chicago Review Press, 2013.

Lista de imagens

Indico aqui o número do qual foram extraídas as imagens utilizadas para ilustrar a **antologia**, todas originalmente publicadas em *The Black Panther*.

- p. 147 — v. 1, n. 4. 3 jul. 1967.
- p. 151 — v. 2, n. 2. 4 mai. 1968.
- p. 160 — v. 2, n. 5. 7 set. 1968.
- p. 167 — v. 2, n. 7. 28 set. 1968.
- p. 180 — v. 2, n. 11. 2 nov. 1968.
- p. 185 — v. 4, n. 28. 13 jun. 1970.
- p. 203 — v. 2, n. 7. 28 set. 1968.
- p. 213 — v. 2, n. 8. 5 out. 1968.
- p. 217 — v. 2, n. 8. 5 out. 1968.
- p. 220 — v. 2, n. 9. 12 out. 1968.
- p. 225 — v. 2, n. 11. 2 nov. 1968.
- p. 232 — v. 2, n. 25. 9 mar. 1969.
- p. 235 — v. 2, n. 11. 2 nov. 1968.
- p. 241 — v. 3, n. 13. 19 jul. 1969.
- p. 268 — v. 2, n. 9. 19 out. 1968.
- p. 276 — v. 2, n. 28. 31 mar. 1969.
- p. 279 — v. 3, n. 13. 19 jul. 1969.
- p. 284 — v. 3, n. 19. 30 ago. 1969.
- p. 292 — v. 4, n. 5. 3 jan. 1970.
- p. 301 — v. 2, n. 11. 2 nov. 1968.
- p. 306 — v. 4, n. 16. 21 mar. 1970.
- p. 309 — v. 3, n. 32. 29 nov. 1969.
- p. 320 — v. 5, n. 1. 4 jul. 1970.
- p. 331 — v. 5, n. 14. 3 out. 1970.

p. 358 — v. 5, n. 28. 9 jan. 1971.
p. 366 — v. 4, n. 27. 6 jun. 1970.
p. 371 — v. 6, n. 8. 20 mar. 1971.
p. 377 — v. 2, n. 30. 20 abr. 1969.
p. 382 — v. 4, n. 28. 13 jun. 1970.
p. 397 — v. 7, n. 12. 13 nov. 1971.